

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO  
HUMANO**

**CIBELE BIEHL BOSSLE**

**A EMERGÊNCIA DO “FAZER CIENTÍFICO” NA FORMAÇÃO  
INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFRGS**

**PORTO ALEGRE**

**2014**

CIBELE BIEHL BOSSLE

**A EMERGÊNCIA DO “FAZER CIENTÍFICO” NA FORMAÇÃO  
INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFRGS**

Tese de Doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciências do Movimento Humano da  
Escola de Educação Física da  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga

PORTO ALEGRE

2014

## CIP - Catalogação na Publicação

Biehl Bossle, Cibele

A EMERGÊNCIA DO “FAZER CIENTÍFICO” NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFRGS / Cibele Biehl Bossle. -- 2014. 269 f.

Orientador: Alex Branco Fraga.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Educação Física. 2. Fazer Científico. 3. Pesquisa. 4. Análise Documental. 5. ESEF/UFRGS. I. Branco Fraga, Alex , orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cibele Biehl Bossle

**A EMERGÊNCIA DO “FAZER CIENTÍFICO” NA FORMAÇÃO  
INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFRGS**

Conceito final:

Aprovado em ..... de .....de.....

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos – PUCRS

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes – UFES

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

\_\_\_\_\_  
Orientador – Prof. Dr. Alex Branco Fraga – UFRGS

*Ao Fabiano,  
amor de toda minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Fabiano pelo cuidado, carinho, suporte emocional e incentivo imprescindíveis para que eu pudesse prosseguir.

Aos meus pais Nilda e Milton, pelo amor e dedicação em todos os momentos da minha vida.

Aos meus sogros Lena e Roberto, pelo estímulo constante e valioso apoio em relação a minha formação acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alex Branco Fraga, por sua competência teórica, sua preocupação com a minha formação qualificada e seus significativos ensinamentos durante todo o período do mestrado e do doutorado.

Ao grupo de estudos POLIFES pelos agradáveis momentos de convivência e pelas ricas trocas de experiências durante todo o percurso.

À Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos, à Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo e ao Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes, pela gentileza e disponibilidade em compor a banca avaliadora desse estudo e por suas preciosas considerações.

À Profa. Dra. Rosane Maria Kreuzburg Molina por suas generosas e valiosas contribuições na banca de qualificação desse estudo (in memoriam).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pelo financiamento do estudo.

Ao diretor da ESEF/UFRGS, Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho, por viabilizar os levantamentos por documentos empreendidos nos setores da Escola.

À equipe do CEME pelo acolhimento nas diversas vezes que eu visitei o acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

À equipe da Biblioteca Edgar Sperb, em especial à bibliotecária Dra. Ivone Job, pela imprescindível colaboração na busca por documentos.

Aos técnicos-administrativos Carla Santos Ferreira e Paulo Sefrin e ao funcionário chefe da manutenção da ESEF/UFRGS, Delmar Drozdowski, por me auxiliarem nas buscas no *container* da Escola.

Ao Prof. Dr. Clézio José Gonçalves dos Santos, chefe do Departamento de Educação Física, pelas informações, sugestões e contato com a Secretaria da Escola, que contribuíram com a busca por documentos na ESEF/UFRGS.

À equipe do PPGCMH, pela colaboração com o estudo e pela importante contribuição com a minha formação acadêmica.

À equipe da COMGRAD, pela disponibilidade em auxiliar no levantamento por documentos.

À equipe do LAPEX, pelas informações e contribuições relativas ao estudo.

À equipe da Biblioteca do Campus Central da UFRGS pela ajuda para localizar os Catálogos de Cursos de Graduação da UFRGS do ano de 1987.

Ao querido Humberto, pelo companheirismo, amizade, carinho e escuta em todos os momentos.

Às queridas alunas Nara, Regina, Ana, Luciane, Daniele, Rafaela, Sandra e Nadyr pelo apoio e carinho durante todo o percurso da formação *stricto sensu*.

*Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (FOUCAULT, 1984).*



## RESUMO

Este estudo objetivou compreender as condições de possibilidade para a emergência do “fazer científico” na formação inicial em Educação Física (EF) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS) e está apoiado na teorização de Michel Foucault (2008, 2007, 1997, 1979) e na análise documental proposta por André Cellard (2012). O processo de composição da empiria se deu ao longo de um ano e sete meses de levantamentos nas instalações da ESEF/UFRGS em busca de documentos referentes ao período foco desse estudo: 1970 a 1990. A materialidade documental resultante deste processo abrangeu livros de atas da ESEF/UFRGS, ata de fundação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, boletins da Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos, depoimentos do Centro de Memória do Esporte, documentos internos e externos à ESEF/UFRGS, entre outros. Adicionalmente foram utilizados como apoio os Catálogos de Cursos de Graduação da UFRGS de 1987 encontrados na Biblioteca Central da UFRGS e o marco regulatório educacional brasileiro disponível *on-line*. A análise empreendida partiu das formulações de Bracht (2013) sobre os fatores que levaram à incorporação do “fazer científico” pela EF nas décadas de 1970, 1980 e 1990, e do estudo de Mazo (2000a) que revela a contribuição do Laboratório de Pesquisa do Exercício para a mudança do perfil clássico do ensino na ESEF/UFRGS. A análise dos documentos permitiu visualizar um grande esforço pela valorização e pelo reconhecimento da EF para combater o que Bemvenuti (2010, p. 20) denominou de “menos valia” da EF. Foi possível encontrar ressonâncias desse esforço em todas as categorias de análise elencadas neste estudo: mudança do perfil docente provocada pela formação *stricto sensu* na Europa e nos EUA; elevação do *status* econômico por meio da valorização das Ciências do Esporte; inserção de disciplinas do “fazer científico” na alteração curricular da Escola em 1987; desvalorização gradativa das disciplinas “práticas”; implantação do mestrado na Escola; resistência dos professores pesquisadores contra o poder médico na ESEF/UFRGS. Todos esses elementos conectados tornaram possível visualizar a emergência do “fazer científico” sob a forma de duas disciplinas no currículo de 1987 da Escola, ponto de culminância de um processo de cientificação da EF que demarca, ao mesmo tempo, a assunção de um modelo técnico-científico e o declínio de um modelo técnico-esportivo. Por fim, a análise permitiu apontar as condições de possibilidade para a emergência de algo muito peculiar: um “fazer científico” assentado em uma racionalidade biomédica-desportiva, “arma” potente na luta pela mudança da imagem do professor de EF “prático” e “acrítico” para o *status* de professor-pesquisador.

**Palavras Chave:** Educação Física. Fazer Científico. Pesquisa. Análise Documental. ESEF/UFRGS.

## ABSTRACT

This study aimed at understanding the conditions that enabled the emergence of "scientific practice" in initial training in Physical Education (PE) of ESEF/UFRGS and is based on the theorization of Michel Foucault (2008, 2007, 1997, 1979) and on documental analysis proposed by André Cellard (2012). The process of composition of the empirically analyzed data took place over a one-year-and-seven-month period of surveys at the ESEF/UFRGS premises in search of documents related to the focus of this study period: 1970 to 1990. The resulting documental materiality covered minutes of ESEF/UFRGS, the founding minute of Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Brazilian School of Sports Science), bulletins of the Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos (Association of the Specialized in Physical Education and Sports), testimonials from the Centro de Memória do Esporte (Center of Sports Memory), internal and external documents of ESEF/UFRGS, among others. In addition, the 1987 UFRGS undergraduate catalogs found in the Central Library of UFRGS as well as the Brazilian educational regulatory framework available online were used as research support. The analysis undertaken stemmed from the formulations of Bracht (2013) on the factors that led to the incorporation of "scientific practice" by PE in the 1970s, 1980s and 1990s, and the study of Mazo (2000a) that reveals Laboratório de Pesquisa do Exercício's (Laboratory of Research Exercise) contribution to the change in the profile of education in classic ESEF/UFRGS. The analysis of the documents evidences the great effort that went into giving PE recognition and valuation to tackle what Bemvenuti (2010, p. 20) called PE's "worthlessness". Resonances of that effort were found in every category listed in this study analysis: changes in the teachers' profile caused by teacher training *sensu stricto* in Europe and the USA; economic status enhancement through the valuation of sports science; insertion of "scientific practice" disciplines in the 1987 ESEF/UFRGS curricular change; gradual devaluation of the "practice" disciplines; the deployment of the Masters Course at ESEF/UFRGS; resistance of teacher-researchers towards medical power at ESEF/UFRGS. All these connected elements evidenced the "scientific practice" emergence in the form of two disciplines in the 1987 ESEF/UFRGS curriculum, point of culmination of a process of scientification of PE, which marks at the same time, the assumption of a technical-scientific model and the decline of a technical-sports model. Finally, the analysis allowed to point out the conditions of possibility for the emergence of something very peculiar: a "scientific practice" based on biomedical sport rationality, which is a "powerful" weapon in the struggle to change the image of the "practical" and "uncritical" PE teacher into the status of a teacher-researcher.

Keywords: Physical Education. Scientific Practice. Research. Documentary Analysis. ESEF/UFRGS.

## RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender las condiciones de posibilidad para el surgimiento de "hacer ciencia" en la educación inicial en la Educación Física de ESEF/UFRGS y se apoya en la teoría de Michel Foucault (2008, 2007, 1997, 1979) y el análisis documental propuesto por André Cellard (2012). El proceso de composición del empirismo tomó un año y siete meses de levantamiento en las instalaciones de ESEF/UFRGS en busca por documentos relacionados con el período de estudio: 1970-1990. La materialidad documental resultante de este proceso incluyó los libros de actas de ESEF/UFRGS, acta de la fundación del Colegio Brasileño de Ciencias del Deporte, boletines de la Asociación de Especializados Educación Física y Deportes, testimonios del Centro de Memoria de Deportes, documentos internos y externos a ESEF/UFRGS, entre otros. Además, fueron utilizados los Catálogos Pregrado UFRGS 1987 que se encuentra en la Biblioteca Central de la UFRGS y marco regulatorio educativa brasileña disponible en línea. El análisis emprendido empezó por formulaciones de Bracht (2013) sobre los factores que llevaron a la incorporación de "hacer ciencia" por Educación Física en el 1970, 1980 y 1990, y el estudio de Mazo (2000a) que revela la contribución a la Laboratorio de Pesquisa do Exercício cambiar el perfil clásico de la enseñanza en ESEF/UFRGS. El análisis de los documentos permite la visualización de un esfuerzo importante por el aprecio y reconocimiento de Educación Física para combatir lo que Bemvenuti (2010, p 20) llamado "falta de valor" de Educación Física. Fue posible encontrar resonancias de esfuerzo en todas las categorías de análisis que figuran en este estudio: el cambio de perfil docente causado por la formación stricto sensu en Europa y los EE.UU.; elevación del nivel económico a través de la apreciación de Ciencias del Deporte; la inserción de las disciplinas de "hacer ciencia" en el cambio de curriculum escolar en 1987; devaluación gradual de las disciplinas "prácticas"; implementación de la Maestría en la Escuela; resistencia por parte de los profesores investigadores contra el poder de los médicos en ESEF/UFRGS. Todos estos elementos conectados permitido visualizar la emergencia de "hacer ciencia" en la forma de dos asignaturas em el currículo de la Escuela en 1987, punto de culminación de un proceso que demarca Educación Física scientifization, mientras que la asunción de un modelo técnico -científico y la decadencia de un modelo técnico-deportivo. Finalmente, el análisis permite señalar las condiciones de posibilidad para la emergencia de algo muy peculiar: un "hacer ciencia" sentado en racionalidad biomédico-deportivo, un "arma" potente en la lucha para cambiar la imagen del profesor de Educación Física "práctico" y "acrítico" a la condición de profesor-investigador.

**Palabras Clave:** Educación Física. Hacer Ciencia. Investigación. Análisis de documentos. ESEF/UFRGS.

**LISTA DE APÊNDICES**

<b>APÊNDICE A:</b> Locais de Busca por Documentos na ESEF/UFRGS.....	248
<b>APÊNDICE B:</b> Depoimentos do Acervo de Entrevistas do CEME.....	249
<b>APÊNDICE C:</b> Atas da ESEF/UFRGS.....	261
<b>APÊNDICE D:</b> Boletins da AEEFD.....	266

**LISTA DE ANEXOS**

<b>ANEXO 01 – Carta à Direção da ESEF/UFRGS.....</b>	<b>247</b>
--	------------

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Disciplinas do “fazer científico” na matriz curricular da ESEF/UFRGS no período de 1940 até 2010.....	23
<b>Tabela 02:</b> Bases de Dados Eletrônicos.....	44
<b>Tabela 03:</b> Documentos Encontrados.....	144

## LISTA DE SIGLAS

- ABE – Associação Brasileira de Educação.
- ABC – Academia Brasileira de Ciências.
- ACSM – *American College of Sports Medicine*.
- ADUSP - Associação dos Docentes da USP.
- AEEFD – Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos.
- ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.
- APEF – Associação dos Profissionais de Educação Física.
- ASEMA – Apoio Sócio Educativo em Meio Aberto.
- BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
- CAMEXT – Câmara de Extensão.
- CAMGRAD – Câmara de Graduação.
- CAMPESQ – Câmara de Pesquisa.
- CAMPG – Câmara de Pós-Graduação.
- CAPEs – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.
- CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.
- CE – Ciências do Esporte.
- CEDES – Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer.
- CEFD – Centro de Educação Física e Desportos.
- CEME – Centro de Memória do Esporte.
- CEO – Centro de Estudos Olímpicos.
- CELAFISCS - Centro de Estudos do Laboratório de Atividade Física de São Caetano do Sul.
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.
- CEPE – Centro de Pesquisa.
- CEP-PSICO – Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia.
- CES – Câmara de Educação Superior.
- CEUA – Comissão de Ética no Uso de Animais.
- CFE – Conselho Federal de Educação.

CNE – Conselho Nacional de Educação.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

COCEP – Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa.

COMCAR – Comissão de Carreira.

COMGRAD – Comissão de Graduação.

COMPESQ – Comissão de Pesquisa.

CONAES – Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior.

CONBRACE – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

CONICE – Congresso Internacional de Ciências do Esporte.

CP – Conselho Pleno.

DED/MEC – Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério de Educação e Cultura.

DEFI – Departamento de Educação Física.

DGR – Departamento de Ginástica e Recreação.

EF – Educação Física.

EFI – Educação Física.

ENEFD - Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra.

ESEF – Escola de Educação Física.

FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

FBMD – Federação Brasileira de Medicina Desportiva.

FIEP – Federação Internacional de Educação Física.

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos.

GT – Grupo de Trabalho.

GTT – Grupo de Trabalho Temático.

GEU – Grupo de Estudos sobre Universidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



IES – Instituição de Ensino Superior.

INEP – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais.

JUBEEF – Jogos Universitários Brasileiros de Estudantes de Educação Física.

LAPEX – Laboratório de Pesquisa do Exercício.

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LUME - Repositório Digital da UFRGS.

MEC – Ministério da Educação.

PET – Programa de Educação Tutorial.

POLIFES – Políticas de Formação em Educação Física e Saúde.

PPCU – Portal de Periódicos Científicos da UFRGS.

PPGCMH – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

PROPESP – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

PROPESQ – Pró Reitoria de Pesquisa.

PRUNI – Pró Reitoria da Comunidade Universitária.

REMAM – Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS.

RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

RBCM – Revista Brasileira de Ciências e Movimento.

RBEFE – Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.

RS – Rio Grande do Sul.

SEDETEC – Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico.

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

SciELO – *Scientific Electronic Library Online*.

SEF – Secretaria de Educação Fundamental.

SEM – Sistema Estadual de Museus.

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.

SNPG – Sistema Nacional de Pós-Graduação.

UENF – Universidade do Norte Fluminense.

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria.

UnB – Universidade de Brasília.

UNESCO – Organização das Nações Unidas.

UNESP – Universidade Estadual Paulista.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

URGS – Universidade do Rio Grande do Sul.

USAID – *United States Agency for International Development.*

USP – Universidade de São Paulo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>1. PESQUISA COMO EXPRESSÃO DO “FAZER CIENTÍFICO”.....</b>	<b>29</b>
1.1. PESQUISA E A FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE.....	45
1.2. PESQUISA NA UFRGS E NA ESEF/UFRGS.....	54
1.3. “FAZER CIENTÍFICO” NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA.....	70
<b>2. CIENTIFIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>85</b>
2.1. “FAZER CIENTÍFICO” NAS ALTERAÇÕES CURRICULARES DA ESEF/UFRGS.....	95
2.2. DISCIPLINAS DO “FAZER CIENTÍFICO” NA FORMAÇÃO INICIAL.....	105
<b>3. CAMINHOS DA GENEALOGIA “À MODA DE FOUCAULT”.....</b>	<b>112</b>
3.1. ANÁLISE DOCUMENTAL.....	118
3.2. COMPOSIÇÃO DOCUMENTAL.....	125
3.2.1. Levantamento Preliminar.....	125
3.2.2. Segunda Empreitada.....	133
3.3. MATERIALIDADE DOCUMENTAL.....	143
3.4. DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS.....	146
3.4.1. Atas.....	146
3.4.2. Boletins da AEEFD.....	153
3.4.3. Depoimentos do Acervo Virtual do CEME.....	156
3.4.4. Outros Documentos Internos.....	157
3.4.5. Outros Documentos Externos.....	159
<b>4. “ERA CIENTÍFICA DO ESPORTE”.....</b>	<b>163</b>

4.1. “Um Primo Rico, Um Primo Pobre” .....	174
4.2. “Mais Pesquisador e Menos Prático” .....	180
4.3. “Um Grande Avanço” .....	186
4.4. “Não Cabe à ESEF Formar Atletas” .....	192
4.5. “Jugo Médico” .....	198
4.6. “Sonho” do Mestrado.....	204
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>213</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>222</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo é oriundo de uma pesquisa<sup>1</sup> sobre os currículos de formação inicial em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS), que foi realizada pelo grupo de estudos e pesquisa *Políticas de Formação em Educação Física e Saúde* (POLIFES) em 2010, por ocasião dos 70 anos do início das atividades dessa Escola<sup>2</sup>.

O Núcleo UFRGS da Rede CEDES (Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer)<sup>3</sup>, composto por vários grupos de pesquisa e financiado pelo Ministério do Esporte, desenvolveu o Projeto *ESEF 70 Anos*<sup>4</sup>, que tinha como objetivo analisar o papel da ESEF/UFRGS no desenvolvimento da Educação Física, do Esporte e do Lazer nos âmbitos local, regional e nacional. O grupo POLIFES, do qual faço parte, encarregou-se de investigar os momentos significativos da história curricular dos cursos de Educação Física (EF) oferecidos pela Escola ao longo deste período. Para tanto, trabalhamos com análise documental a partir da remontagem das grades curriculares do período de 1941 até 2010. A reconstituição dessas grades curriculares foi realizada através de um levantamento das disciplinas oferecidas nesse

---

<sup>1</sup>Dois artigos oriundos deste estudo foram publicados: *Alterações Curriculares de uma Escola Septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em Educação Física da ESEF/UFRGS* (FRAGA et al, 2010) e *Percursos Distintos de Homens e Mulheres na Formação Superior em Educação Física: um estudo de caso a partir das alterações curriculares dos 70 anos de ESEF/UFRGS* (WACHS et al, 2014).

<sup>2</sup>No presente estudo utilizei o termo ESEF/UFRGS quando me referi ao período após a federalização dessa instituição, ESEF para o período anterior à federalização e Escola (com inicial maiúscula) como termo genérico, independente da época.

<sup>3</sup>Os Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer (CEDES) fazem parte de uma ação programática do Ministério do Esporte, gerenciada pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e do Lazer. Reúnem Instituições de Ensino Superior que compõem os núcleos da rede. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/sndel/esporteLazer/cedes/apresentacao.jsp>> Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>4</sup>PROJETO ESEF 70 anos. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/70anos/>> Acesso em: 11 jul. 2014.

período. Para recompor os últimos 40 anos foi realizada uma coleta de grande parte das grades curriculares disponíveis nos *Catálogos de Cursos de Graduação* na Biblioteca Central da UFRGS e nas páginas da universidade na internet. Porém, para remontar as grades curriculares dos períodos anteriores, foi necessário levantar o material disponível no acervo do CEME.

Esse levantamento nos permitiu sistematizar a investigação sobre currículos dentro do Projeto ESEF 70 anos em seis pontos de tensão<sup>5</sup> que se constituíram a partir de, e ao mesmo tempo mobilizaram, importantes alterações curriculares: currículos da ESEF e o marco regulatório educacional; vinculação das disciplinas aos diferentes departamentos; separação dos percursos curriculares de homens e mulheres; proporcionalidade entre disciplinas obrigatórias e eletivas; surgimento e expansão dos estágios obrigatórios; fortalecimento da pesquisa na formação inicial (FRAGA *et al*, 2010).

Cada um destes seis pontos foi trabalhado mais intensamente por um ou mais integrantes do grupo POLIFES. A tarefa que me coube foi o aprofundamento da investigação do sexto ponto de tensão: *O fortalecimento da pesquisa na formação inicial em Educação Física*. Para dar conta desta tarefa, organizei uma tabela com as alterações relacionadas às disciplinas que continham o termo *pesquisa* em seus títulos no currículo da ESEF/UFRGS durante os 70 anos, com base nas grades curriculares levantadas pelo POLIFES. A referida tabela segue abaixo:

---

<sup>5</sup> Optamos por denominar os achados de 'pontos de tensão' porque eles não surgiram no levantamento como "dados isolados à espera da coleta, mas como uma trama repleta de confluências na qual nos foi possível percorrer apenas alguns de seus fios" (FRAGA *et al*, 2010, p. 65).

Tabela 01: Disciplinas do “fazer científico” na matriz curricular da ESEF/UFRGS no período de 1940 até 2010.

ANO	DISCIPLINAS					
1940 até 1986	-----					
1987	Metodologia Pesquisa EF 3créd/eletiva	Seminário de Pesquisa EFI 3créd/eletiva				
1990	Metodologia Pesquisa EFI 3créd/eletiva	Seminário de Pesquisa EFI 4créd/eletiva				
1999	Metodologia Pesquisa em EFI 3créd/eletiva	Seminário de Pesquisa em EFI 4créd/eletiva	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva			
2000	Metodologia Pesquisa EFI 3créd/eletiva	Seminário Monografia 4créd/eletiva	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva			
2001	Metodologia Pesquisa EFI 4créd/obrigatória	Seminário Monografia 4créd/obrigatória	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva			
2002	Metodologia Pesquisa EFI 4créd/obrigatória	Seminário Monografia 4créd/obrigatória	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva	Atividades Complementares Pesquisa 4créd/eletiva		
2003	Metodologia Pesquisa EFI 4créd/obrigatória	Seminário Monografia I 4créd/obrigatória	Seminário Monografia II 4créd/obrigatória	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva	Atividades Complementares Pesquisa 4créd/eletiva	
2005	Metodologia Pesquisa EFI 4créd/obrigatória Bach/Licenc Nova/Licenc 04500	Seminário Monografia I 4créd/obrigatória Bach/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Seminário Monografia II 4créd/obrigatória Bach/ Licenc Nova/Licenc 04500	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva Bach/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Atividades Complementares Pesquisa 4créd/eletiva Licenc 04500	Pesquisa em Educação I 2créd/eletiva Licenc Nova
2006	Metodologia Pesquisa em EFI 4 créd/obrigatória Bach/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Trabalho Conclusão Curso I EFI 0créd/obrigatória Bach/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Trabalho Conclusão Curso II EFI 0créd/obrigatória Bach/Licenc Nova/ Licenc 04500	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva Bach/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Atividades Complement Pesquisa 4créd/eletiva Licenc 04500	Pesquisa em Educação I 2créd/eletiva Licenc Nova
2007	Metodologia Pesquisa em EFI 4créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Trabalho de Conclusão de Curso I EFI 0créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Trabalho de Conclusão de Curso II EFI 0créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva Bachar/Licenc Nova/ Licenc 04500	Atividades Complement em Pesquisa 4créd/eletiva Licenc 04500	Pesquisa em Educação I 2créd Licenc Nova eletiva/ Licenc 04500 obrigatória
2008	Metodologia Pesquisa em EFI 4créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/Licenc 04500	Trabalho de Conclusão de Curso I EFI 0créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Trabalho de Conclusão de Curso II EFI 0créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva Bachar/Licenc Nova/ Licenc 04500	Atividades Complement em Pesquisa 4créd/eletiva Licenc 04500	Pesquisa em Educação I 2créd Licenc Nova eletiva/ Licenc04500 obrigatória
2009 e 2010	Metodologia Pesquisa em EFI 4 créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/Licenc 04500	Trabalho de Conclusão de Curso I EFI 0créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Trabalho de Conclusão de Curso II EFI 0créd/obrigatória Bachar/ Licenc Nova/ Licenc 04500	Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 3créd/eletiva Bachar/Licenc Nova/ Licenc 04500	Pesquisa em Educação I 2créd Licenc Nova eletiva/ Licenc04500 obrigatória	

Analisando essa tabela foi possível visualizar que, nos 74 anos de existência da Escola, diversas disciplinas foram acrescentadas e outras tantas foram retiradas do currículo, mas somente em 1987, após 46 anos do início de funcionamento da ESEF/UFRGS, ocorreu a primeira inclusão de disciplinas contendo o verbete *pesquisa* em seus títulos na matriz curricular da Escola: *Metodologia da Pesquisa em Educação Física e Seminário de Pesquisa em Educação Física*. Porém um fato me chamou a atenção: essas duas disciplinas não tratavam somente do “saber científico”, ou seja, de conhecimentos advindos de pesquisas científicas, mas enfocavam também o “fazer científico”<sup>6</sup>. Esse detalhe foi percebido com a leitura das súmulas de todas as disciplinas do currículo da Escola do ano de 1987. As súmulas das outras disciplinas envolviam o estudo de métodos e técnicas de ensino de diversos esportes, de métodos de treinamento físico, das regras de arbitragem dos esportes, das teorias da Educação, da morfologia humana, das fases do desenvolvimento motor, das técnicas de mensuração do corpo humano, entre outras.

Diferente das demais, as súmulas das disciplinas *Metodologia da Pesquisa em Educação Física e Seminário de Pesquisa em Educação Física* abordavam os principais passos para a realização de pesquisas, a instrumentalização para a execução de investigações científicas. Essas disciplinas enfocavam, portanto, a formação para a pesquisa, a experiência de pesquisa na área da EF, ou seja, tratavam dos conhecimentos e habilidades necessários para que o futuro professor de EF pudesse “se fazer cientista”.

A partir de 1987, paulatinamente, outras disciplinas com o mesmo caráter foram acrescentadas, portanto o “fazer científico” foi ganhando força no

---

<sup>6</sup> Expressão usada por Bracht (2013).



currículo da ESEF/UFRGS. Esse movimento se torna mais instigante na medida em que analisamos o modelo de formação vigente na ESEF/UFRGS até a década de 1980. As disciplinas presentes no currículo da Escola daquela época eram essencialmente técnicas, voltadas para o esporte de rendimento e baseadas na ideia de que se “[...] tu sabes fazer, tu vais saber ensinar” (STIGGER, 2010a), modelo de formação comumente encontrado nas Instituições de Ensino Superior (IES) no período anterior a 1980 (DARIDO, 1995). Entretanto, a emergência de duas disciplinas do “fazer científico” na matriz curricular de 1987 indica um movimento de mudança no modelo de formação até então instituído na Escola.

A partir de 1987 parece ocorrer, portanto, uma descontinuidade na forma de pensar a formação do professor de Educação Física, de uma formação voltada para a prática esportiva para uma formação dirigida para o “fazer científico”. Passei, então, a questionar como havia sido possível essa mudança, que acontecimentos teriam proporcionado condições para que a mudança fosse possível, e a pensar, também, em como delinear uma investigação que privilegiasse essa temática.

A minha opção metodológica foi uma abordagem qualitativa, pois para Deslauriers e Kérisit (2012) a pesquisa qualitativa privilegia determinados temas, dentre eles o estudo do transitório, onde “não são mais apenas as regularidades que retêm a atenção, mas as crises que se estabelecem como indícios reveladores do momento em que a ordem social antiga não existe mais” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012, p. 131). Reeves, Albert, Kuper e Hodges (2008) pontuam que os pesquisadores qualitativos dependem das teorias extraídas das Ciências Sociais e Humanas para orientar o seu processo

de investigação. Para conduzir o trabalho investigativo nesta direção, busquei inspiração na teorização<sup>7</sup> de Michel Foucault (2008).

Apesar da resistência do próprio Foucault à localização do seu trabalho em uma determinada categoria teórica, Cheek (2000) o aponta como um dos teóricos mais influentes associados à teoria pós-moderna. Já Silva (1993) identifica Foucault entre os principais autores ligados ao pós-modernismo/pós-estruturalismo<sup>8</sup>. Nessa perspectiva, não há como simplesmente encaixar um problema em um trabalho já pensado, “é preciso pensar no tipo de questão que o aporte teórico escolhido/acolhido nos permite formular” (FRAGA, 2005, p. 20). Em função do vínculo teórico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho qualitativo, que se propôs **compreender as condições de possibilidade para a emergência do “fazer científico” na formação inicial em Educação Física da ESEF/UFRGS**. Este estudo está apoiado na seguinte questão: **De que modo o “fazer científico” emerge como disciplina na formação inicial em Educação Física da ESEF/UFRGS?**

Para contemplar a problematização proposta, realizei levantamentos nas instalações da Escola em busca de documentos que fizessem referência ao período compreendido entre 1970 e 1990, pois, para Bracht (2013), foi nesse

---

<sup>7</sup> Baseada no artigo de Alfredo Veiga-Neto (2009), intitulado *Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades*, optei por utilizar o termo “teorização” conectado ao pensamento de Foucault.

<sup>8</sup> Tomás Tadeu da Silva (1993) destaca que a distinção entre o pós-modernismo e o pós-estruturalismo é difícil de ser estabelecida. Para esse autor, “quando se fala de pós-modernismo/pós-estruturalismo, sem distinção entre as duas correntes de pensamento, fica fácil identificar suas principais figuras: Jean-François Lyotard, Jaques Derrida, Jean Baudrillard, Michel Foucault” (SILVA, 1993, p. 123). Entretanto, em entrevista publicada na revista *Currículo sem Fronteiras*, esse mesmo autor destaca que “todos esses rótulos – pós-estruturalista, pós-moderno, pós-crítico – são bastante problemáticos, sobretudo na medida em que pretendem abranger, sob seu inclusivo guarda-chuva, as mais diferentes teorias e perspectivas. Como toda classificação, eles têm a sua utilidade, sobretudo uma utilidade didática e cognitiva, mas também as suas desvantagens e limitações” (GANDIN; PARASKEVA; HYPOLITO, 2002, p. 10).

período que o “fazer científico”, e não somente o saber científico, passou a fazer parte do campo da EF de forma intensa e estrutural (BRACHT, 2013). A análise abrangeu livros de atas da ESEF/UFRGS, ata de fundação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)<sup>9</sup>, boletins da Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos (AEEFD), depoimentos coletados pelo Centro de Memória do Esporte (CEME)<sup>10</sup>, documentos da Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física, Regimento do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX)<sup>11</sup>, Histórico da ESEF/UFRGS, documentos sobre a incorporação da ESEF pela UFRGS, documentos enviados à ESEF/UFRGS por órgãos externos, entre outros. Utilizei como apoio os Catálogos de Cursos de Graduação da UFRGS do ano de 1987, encontrados na Biblioteca Central da UFRGS, e o marco regulatório educacional brasileiro. Para a realização da análise do material, além da inspiração na teorização de Michel Foucault, utilizei como ferramenta auxiliar a análise documental, tendo como base as orientações de Cellard (2012).

Este estudo está organizado em cinco capítulos. O primeiro aborda, conforme sinalizado em seu título, a *Pesquisa Como Expressão do “Fazer Científico”* e a garimpagem textual realizada na busca da produção científica na área de conhecimento da EF sobre a temática do estudo. Este capítulo contém três seções construídas a partir da produção científica levantada na garimpagem textual e o diálogo com autores como Bracht (2013), Fávero (2006), Mazo (2000a): *Pesquisa e a Função Social da Universidade, Pesquisa*

---

<sup>9</sup> O CBCE estava locado na ESEF/UFRGS nesse período. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/pesquisa/lapex>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

na UFRGS e na ESEF/UFRGS, *“Fazer Científico” na Educação Física Brasileira*.

O segundo capítulo, *Cientificação dos Currículos de Formação Inicial em Educação Física*, tem por objetivo dar visibilidade às relações de saber-poder que entrelaçam os currículos da EF brasileira, a partir de autores como Silva (1999) e Cherryholmes (1993). Esse capítulo está dividido em duas seções: *“Fazer Científico” nas Alterações Curriculares da ESEF/UFRGS e Disciplinas do “Fazer Científico” na Formação Inicial*.

O terceiro capítulo, *Caminhos da Genealogia “à Moda de Foucault”*, foi construído a partir da inspiração na teorização de Michel Foucault (2008, 2007, 1997, 1979) e aborda os caminhos metodológicos traçados para a construção do presente estudo. Esse capítulo está dividido em quatro seções, que envolvem a opção pelo apoio da Análise Documental de Cellard (2012), a descrição dos levantamentos realizados em busca dos documentos que compõem o objeto de análise, a listagem dos mesmos e a análise preliminar crítica dos documentos encontrados, que está dividida em cinco subseções: Atas, Boletins da AEEFD, Depoimentos do Acervo Virtual do CEME, Outros Documentos Internos e Outros Documentos Externos.

O quarto capítulo, intitulado *“Era Científica do Esporte”*, trata das categorias de análise que emergiram durante a leitura do material encontrado e está dividido em seis seções: *“Um Primo Rico, Um Primo Pobre”*, *“Mais Pesquisador e Menos Prático”*, *“Um Grande Avanço”*, *“Não Cabe à ESEF Formar Atletas”*, *“Jugo Médico”* e *“Sonho” do Mestrado*. O quinto capítulo expõe as considerações finais deste estudo.

## 1. PESQUISA COMO EXPRESSÃO DO “FAZER CIENTÍFICO”

*“Só conta a avaliação da produção científica. Pesquisa é a única coisa que dá status, dá dinheiro, viagens ao exterior”<sup>12</sup>.*

A afirmação acima foi proferida por uma representante da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES)<sup>13</sup>, agência brasileira de fomento à pesquisa, em 11 de março de 2013, no debate realizado pela Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP): *“Produtivismo: a que veio? A quem serve?”*. O produtivismo no campo acadêmico é definido como o fenômeno que geralmente deriva dos “processos oficiais ou não de regulação e controle, supostamente de avaliação, que se caracteriza pela excessiva valorização da quantidade da produção científico-acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade” (SGUISSARDI, 2010, p. 01). Luz (2005, p. 44) explica que os docentes dos programas de pós-graduação estão sendo “transformados de mestres do ensino em agentes produtores da ciência” e são avaliados pela quantidade de produtos que são capazes de extrair de seus projetos. “Quanto mais produtos, maior sua ‘produtividade’” (LUZ, 2005, p. 44). Esses docentes são levados a registrar sistematicamente a sua produção científico-acadêmica no seu Currículo Lattes<sup>14</sup>. Segundo Silva (2013) o produtivismo acadêmico não é

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<http://www.adusp.org.br/index.php/defesa-da-universidade/180-condicoes-de-trabalho/produtivismo/953-choque-de-visoes-antagonicas-marca-debate-sobre-produtivismo-academico>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

<sup>14</sup> O Currículo Lattes, disponibilizado pela Plataforma Lattes do CNPq, “se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e instituições de pesquisa do País”. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

exclusivo do Brasil, também faz parte da realidade Europeia e tem sido um incômodo para os cientistas dos países que a compõem<sup>15</sup>.

O produtivismo acadêmico vem ganhando centralidade nos estudos e debates entre profissionais de diversas áreas de conhecimento, em fóruns de discussão distintos (BIANCHETTI; VALLE, 2011, DAÓLIO, 2007; RODRIGUES, 2007; SGUISSARDI, 2006; LUZ, 2005, LOVISOLO, 2003; DIAS SOBRINHO, 2000). O debate realizado pela ADUSP foi um desses fóruns. Ao proferir a afirmação apresentada em epígrafe, a representante da CAPES criticou o fato de não existirem sistemas para avaliar o ensino na pós-graduação, sendo a produção científica a única forma de avaliação. Essa afirmação proporciona uma ideia da força da pesquisa no contexto dos programas brasileiros de pós-graduação neste momento histórico, sobretudo da produção científica decorrente da mesma.

De acordo com informações do endereço eletrônico oficial do governo brasileiro<sup>16</sup>, o Brasil figura em 13º lugar no ranking dos países com maior volume de produção científica do mundo. Grande parte dessa produção é proveniente de investigações científicas vinculadas a IES e financiadas por agências de apoio à pesquisa<sup>17</sup>. Essas agências fornecem recursos para o financiamento de bolsas de estudo em diversos níveis de formação, viagens, estágios e compra de equipamentos. Para que esse apoio se concretize, há

---

<sup>15</sup> No estudo *Universidade e Atividade de Pesquisa: limites e possibilidades na Potencialização da Responsabilidade Social e Política*, Silva (2013) realizou entrevistas com professores pesquisadores da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC-Portugal), que relataram as dificuldades encontradas no processo educativo e na atividade de pesquisa.

<sup>16</sup> Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/sobre/ciencia-e-tecnologia/fomento-e-apoio/producao-cientifica>>.

Acesso em: 26 jun. 2013.

<sup>17</sup> As principais agências de fomento à pesquisa científica desenvolvida em universidades e instituições brasileiras são a CAPES e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

também exigências a cumprir. Uma série de incentivos financeiros depende da produção científica oriunda das IES e as publicações em periódicos científicos conceituados conferem *status* acadêmico aos docentes, pesquisadores e estudantes. Sobretudo, a quantidade de publicações em revistas científicas bem ranqueadas no Qualis CAPES<sup>18</sup> condiciona a vinculação dos docentes das IES aos programas de pós-graduação, bem como a baixa produtividade científica pode levar ao descredenciamento dos mesmos da condição de docentes permanentes<sup>19</sup>.

Para Alves (2009), os programas de pós-graduação têm sido conduzidos e induzidos cada vez mais pelos órgãos de avaliação e fomento a serem espaços de aprendizagem para a pesquisa. Ainda para essa autora, por volta do início da década de 1990, a centralidade na formação de pesquisadores passou a receber mais força a partir da implantação de uma série de medidas indutoras pela CAPES:

[...] especialmente a introdução de um novo modelo de avaliação na pós-graduação, que preconiza a produção científica. A partir desse contexto, a pós-graduação *stricto sensu*<sup>20</sup>, passou a ser concebida como locus de pesquisa e uma das principais instâncias espaço-temporais responsável pela formação de pesquisadores. Ela inclui a responsabilidade por produzir e disseminar a cultura de pesquisa, bem como por desenvolver uma série de aprendizagens junto aos docentes pesquisadores. (ALVES, 2009, p. 5109)

---

<sup>18</sup>O Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

<sup>19</sup> Portaria CAPES nº 068, de 03 de agosto de 2004. Define, para efeitos da avaliação da pós-graduação realizada pela Capes, as categorias de docentes dos programas desse nível de ensino (BRASIL, 2004). Disponível em: <[https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria\\_CAPES\\_068\\_2004.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_CAPES_068_2004.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2014.

<sup>20</sup> A pós-graduação *stricto sensu* é definida “como curso regular que se superpõe à graduação, sistematicamente organizado, com o objetivo de desenvolver e aprofundar a formação científica ou cultural adquirida no âmbito da graduação” (MOROSINI, 2009, p. 130).

O sistema de avaliação da pós-graduação implantado pela CAPES visa, dentre outros objetivos, estabelecer o padrão de qualidade exigido dos cursos de mestrado e de doutorado e identificar os cursos que atendem a tal padrão<sup>21</sup>. Esse sistema abrange dois processos: a avaliação dos programas de pós-graduação e a avaliação das propostas de cursos novos de pós-graduação. A avaliação dos programas de pós-graduação envolve o acompanhamento anual e a avaliação trienal do desempenho de todos os programas e cursos integrantes do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Os resultados desse processo são expressos em notas que variam de "1" a "7" e fundamentam a determinação do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação (CNE/MEC) sobre quais cursos irão receber a renovação de reconhecimento, que passa a vigorar no triênio seguinte.

Mas não é somente em nível de pós-graduação que a pesquisa vem ganhando força, na formação inicial também. Parte significativa dos itens pontuáveis em avaliações de IES brasileiras está ligada à produção científica dos seus docentes. Essas avaliações são realizadas pelo Ministério da Educação (MEC) através do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES)<sup>22</sup>, que analisa as IES, os cursos e o desempenho dos estudantes. Os aspectos considerados no processo de avaliação do SINAES são: ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social, gestão da instituição

---

<sup>21</sup>Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/avaliacao-da-pos-graduacao>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

<sup>22</sup> As informações obtidas pelo SINAES são utilizadas para orientação institucional de estabelecimentos de ensino superior e para embasar políticas públicas. Os processos avaliativos do SINAES são coordenados e supervisionados pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES). A operacionalização é de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php/?id=12303&option=com\\_content](http://portal.mec.gov.br/index.php/?id=12303&option=com_content)>. Acesso em: 02 jan. 2014.



e corpo docente. A pesquisa é, portanto, um aspecto considerado relevante nessas avaliações. Os cursos de educação superior (graduação) passam por três tipos de avaliação: para autorização, para reconhecimento e para renovação de reconhecimento. Do resultado das avaliações depende, inclusive, a manutenção do funcionamento dos cursos.

É neste contexto que a pesquisa, e a produção científica dela decorrente, ganha destaque no conjunto das atividades acadêmicas pertinentes às IES e faz parte do dia-a-dia de pesquisadores, docentes, alunos e gestores em todo Brasil. A pesquisa também está intimamente conectada à temática central do presente estudo, pois pode ser entendida como expressão do “fazer científico”, ou seja, a parte visível e concreta de todos os esforços efetuados pelo pesquisador para a realização de uma investigação científica. Esses esforços também incluem a formação do pesquisador, a produção de conhecimento científico e a sua divulgação. A pesquisa decorre do “fazer científico” e o “fazer científico” se torna visível através da pesquisa. Essa relação é tão estreita que em alguns estudos os termos “*fazer científico*” e *pesquisa* parecem ser usados como sinônimos. Em função da inter-relação entre essas expressões, algumas delimitações quanto ao termo *pesquisa* passaram a ser necessárias no presente estudo.

Pesquisa é uma palavra de uso corrente e é definida de modo genérico em dicionários da língua portuguesa como ato de pesquisar, indagação, busca, inquirição, investigação, informação, análise, exploração (MICHAELIS<sup>23</sup>, 2009; PRIBERAM<sup>24</sup>, 2012). De maneira mais específica, no *Dicionário Crítico da*

---

<sup>23</sup>Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=pesquisa>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>24</sup>Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pesquisa>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

*Educação Física* (GONZALEZ; FENSTERSEIFER, 2005), Boufleuer (2005) apresenta três definições para o termo *pesquisa* relacionadas a atividades do espaço escolar ou acadêmico. A primeira definição é a de pesquisa como atividade de estudo escolar, a segunda é a de pesquisa como mero levantamento de informações e a terceira é a de pesquisa “entendida como uma investigação pela qual se elaboram explicações consistentes e justificadas de ‘fatos do mundo’, isto é, como construção de conhecimento mediante a aplicação de uma teoria e de um método” (BOUFLEUER, 2005, p. 321). Essa terceira definição remete ao entendimento de pesquisa de caráter científico<sup>25</sup>, que serve de referência para o presente estudo.

Quanto à metodologia empregada, as pesquisas são comumente entendidas como sendo de cunho qualitativo ou quantitativo. A pesquisa de caráter quantitativo está ligada, principalmente, às Ciências Naturais, onde são enfatizados “os atos de medir e de analisar as relações causais entre variáveis” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23). Para Turato (2005, p. 508), “o discurso das Ciências Naturais – a Física, a Química, a Biologia e as numerosas ciências derivadas, dentre elas as Ciências Médicas – mescla-se com o entendimento dos métodos quantitativos ou explicativos”. Nesse sentido, Santos (1999) destaca que os pesquisadores da área biomédica tradicionalmente trabalham sob o paradigma quantitativo e utilizam técnicas empregadas na bioestatística e da epidemiologia.

De acordo com Turato (2005), o pensamento científico moderno nasceu há quase quatro séculos com Galileu, o qual seria responsável por conferir

---

<sup>25</sup> Embora o conceito de pesquisa de caráter científico seja aquele que serve de referência para este estudo, utilizo somente a denominação *pesquisa*, pois esse é o verbete que consta nos nomes das disciplinas da matriz curricular da ESEF/UFRGS de 1987, bem como, nos documentos que compõem o corpo de análise.

autonomia à Ciência, diferenciando-a da filosofia e da religião e demarcando seu objeto, objetivo e método:

A ciência estabeleceu-se, desde então, no objeto específico das coisas da natureza, ou seja, no estudo das leis que enunciam as ligações dos fenômenos entre si, enquanto a filosofia deveria ocupar-se das questões ontológicas (do ser enquanto ser) e, por fim, a religião manteria as chamadas verdades religiosas como seu objeto (TURATO, 2005, p. 508).

Para Velozo (2010, p. 80), as Ciências Naturais procuram a neutralidade do conhecimento e “caminham na busca de leis que possam explicar a realidade de forma objetiva: as leis da natureza, que devem ter caráter universal, ou seja, devem ser generalizáveis”. Para Richardson (1999), o método quantitativo é caracterizado pela quantificação nas modalidades de coleta de informações, bem como no tratamento destas através de técnicas estatísticas, que envolvem percentual, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outras. Esses métodos são geralmente usados de maneira dedutiva: “as hipóteses são testadas e os resultados são interpretados a partir de uma teoria previamente estabelecida” (SANTOS, 1999, p. 402). Os métodos quantitativos vêm sendo usados para

descrever a distribuição de variáveis pré-determinadas numa população em estudo; determinar se (e até que ponto) variáveis previamente selecionadas apresentam uma relação de causa e efeito; estabelecer previsão; avaliar a eficácia, efetividade ou eficiência de uma intervenção (SANTOS, 1999, p. 402).

Assim, na pesquisa quantitativa são utilizados procedimentos padronizados, “com intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando, conseqüentemente, uma margem de segurança quanto às inferências” (RICHARDSON, 1999, p. 70).

Diferente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa é “uma atividade situada que localiza o observador no mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17) e envolve o estudo e a coleta de uma diversidade de materiais empíricos:

[...] – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Para Molina Neto (2004, p.112) “o termo qualitativo é empregado para sustentar um leque de técnicas de investigação centradas em procedimentos hermenêuticos”. A pesquisa qualitativa está ligada às Ciências Sociais e Humanas, que buscam “desnaturalizar as explicações sobre o real. Tendem a ser menos universalizantes e levar em conta outros fatores, como, por exemplo, a subjetividade e a não neutralidade do conhecimento que produzem” (VELOZO, 2010, p. 80).

Foucault (2007, p. 475) explica que as Ciências Humanas são um conjunto de discursos “que toma por objetivo o homem no que ele tem de empírico”. As Ciências Humanas emergiram no século XIX, pois até então o homem não existia como objeto da ciência (FOUCAULT, 2007):

O campo epistemológico que percorrem as ciências humanas não foi prescrito de antemão: nenhuma filosofia, nenhuma opção política ou moral, nenhuma ciência empírica, qualquer que fosse, nenhuma observação do corpo humano, nenhuma análise da sensação, da imaginação ou das paixões, jamais encontrou, nos séculos XVII e XVIII, alguma coisa como o homem; pois o homem não existia (assim como a vida, a linguagem e o trabalho) (FOUCAULT, 2007, p. 476).

O homem, isolado ou vivendo em sociedade, tendo se tornado objeto de ciência é um acontecimento na ordem do saber, que se produziu em uma redistribuição geral da *episteme* (FOUCAULT, 2007). Para Vilas Boas (2002) o conceito foucaultiano de *episteme* refere-se ao conjunto de pensamentos possíveis a uma determinada época, sendo que a *episteme* não é a mesma em todas as épocas, e, “nem tampouco, o produto de suas transformações progressivas; uma *episteme* constitui uma estrutura, um sistema localizado em um tempo, que se realiza nele, que se constitui nele” (VILAS BOAS, 2002, p. 36).

A partir do século XIX, portanto, o campo epistemológico fragmenta-se em três dimensões: a das ciências matemáticas e físicas que são dedutivas, lineares e verificáveis; a das ciências da linguagem, da vida, da produção e distribuição de riquezas, que estabelecem relações causais; e a ciência da reflexão filosófica, que define a formalização do pensamento (FOUCAULT, 2007). As Ciências Humanas estariam, ao mesmo tempo, excluídas e incluídas nessas dimensões, o que as torna muito difíceis de situar. Essa complexidade das Ciências Humanas também se reflete nas pesquisas e na produção científica que decorre delas. Diferente das Ciências Naturais, nas Ciências Sociais e Humanas, pesquisar é buscar conexões

com a dispersão dos acontecimentos em suas múltiplas direções, cartografando os movimentos que ali se afirmam; é abrir-se para o inusitado, desviar-se, surpreender e desconhecer; é positivar as múltiplas direções que os agenciamentos – conexões – podem imprimir aos corpos; é explorar devires que se insinuam (ARAGÃO; BARROS; OLIVEIRA, 2005, p. 25).

Para Minayo e Sanches (1993), do ponto de vista epistemológico, não há uma abordagem mais científica do que outra, nem mais importante. Dependendo da investigação empreendida, em alguns estudos elas podem até mesmo ser usadas de forma combinada, são as pesquisas chamadas quali-quantitativas ou quanti-qualitativas. Minayo e Sanches (1993) explicam que, em diversas circunstâncias, as abordagens qualitativas ou quantitativas se mostram insuficientes para dar conta de toda realidade observada e, nestes casos, ambas podem ser utilizadas como complementares. Para Serapioni (2000), a integração entre essas duas abordagens pode proporcionar uma maior riqueza de análises sobre os problemas estudados.

Independente da abordagem metodológica utilizada, a pesquisa pode ser entendida como uma expressão do “fazer científico”, porém é importante destacar que esse fazer não se limita somente ao uso da metodologia. Ribeiro (2003, p. 92)<sup>26</sup> destaca que “às vezes o fazer científico é restringido aos lugares comuns da metodologia” e acrescenta que “contemplar a metodologia é perder a dimensão do fazer científico” (RIBEIRO, 2003, p. 96). Entendendo que a produção e a divulgação de conhecimento também fazem parte deste fazer, passei, então, a analisar a produção científica na área da Educação Física especificamente a respeito da temática *fazer científico/pesquisa*.

---

<sup>26</sup> Ribeiro (2003) realiza algumas considerações sobre o fazer científico a partir da análise de modelos de ciência.

Analisar a produção científica de uma área de conhecimento é uma forma de sinalizar tendências dentro de um campo de pesquisa específico. Para tanto, realizei uma revisão de literatura em diversas bases de dados eletrônicos de revistas científicas brasileiras da área de conhecimento da EF, disponíveis *on-line*. Através do Portal da CAPES<sup>27</sup> acessei as revistas com melhor classificação no Qualis 2011: revista Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), revista Motriz, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE). Além dessas bases, acessei também a *Scientific Electronic Library Online – Brasil (SciELO Brasil)*.

Inicialmente eu havia pensado em usar o termo “fazer científico” como descritor para acessar as bases de dados eletrônicas, porém esse termo não se mostrou o mais apropriado para a busca de bibliografia sobre a temática do presente estudo. Quando usado entre aspas, o termo restringiu demais a busca nas bases de dados. Em contrapartida, quando usado sem as aspas, o termo *fazer científico* se mostrou abrangente demais, recuperando todos os estudos que traziam as palavras *fazer* e *científico* no interior dos seus textos<sup>28</sup>. Optei, então, por acessar as bases de dados a partir do descritor *pesquisa*, já que a pesquisa é entendida como expressão do “fazer científico” no presente estudo. Em alguns casos, a busca foi refinada com o uso dos termos “educação física” ou “currículo”<sup>29</sup>.

Na base de dados da revista Movimento encontrei 398 trabalhos através do uso do termo “pesquisa” em “todos” os campos. Refinei essa busca

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

<sup>28</sup> Em algumas bases de dados não havia diferença entre o uso ou não de aspas no termo pesquisado, o resultado obtido era o mesmo.

<sup>29</sup> Esses termos foram escolhidos porque também fazem parte das palavras-chave que definem o presente estudo.

acrescentando o termo “currículo” e recuperei 123 trabalhos. Na base de dados da RBCE encontrei 143 trabalhos a partir do termo “pesquisa” em “todos” os campos. Refinando com o termo “currículo” recuperei somente um trabalho. Analisei, então, os 143 trabalhos que havia encontrado.

Na revista *Motriz* localizei 500 estudos usando o termo “pesquisa” para acessar “todos” os campos. Refinei a busca acrescentando a palavra “currículo” e recuperei 365 trabalhos. Para refinar mais, coloquei os termos “pesquisa” e “currículo” no campo “texto completo” e recuperei 94 itens. Na RBEFE encontrei somente cinco artigos utilizando o termo “pesquisa” no campo “pesquisa de artigos – assunto”. Esta revista foi acessada através da base de dados do SciELO Brasil. Após a busca na RBEFE, continuei na base SciELO Brasil para acessar todo seu conteúdo. Na SciELO Brasil utilizei o termo “pesquisa” no campo “pesquisa de artigos” e encontrei 20.663 trabalhos. Refinei a busca adicionando o termo “educação física” e recuperei 34<sup>30</sup> estudos.

A partir da leitura do conjunto de trabalhos encontrados nas bases de dados, foi possível visualizar artigos de autores brasileiros e de outras nacionalidades (KIRK, 2010). Também foi possível perceber uma diversidade nos modos de abordar a temática *pesquisa*, contemplados nesses estudos. Alguns analisam a produção em periódicos científicos com ênfase em uma determinada disciplina ou conhecimento do currículo, como lazer, atividades de aventura, lutas, artes marciais (DE GÁSPARI, 2005, CORREIA; FRANCHINI, 2010, TEIXEIRA; MARINHO, 2010, entre outros).

---

<sup>30</sup> Entre estes 34 artigos, estão incluídos alguns trabalhos que já haviam sido encontrados em outras bases de dados eletrônicas.



Outros estudos tratam da inserção de disciplinas, conhecimentos ou temas transversais no currículo de formação inicial em Educação Física, como gênero, cultura corporal, esportes em geral, esportes de combate, futebol, lazer (MOLINA NETO, 1995, GONZALEZ, 2004, NEIRA, 2007; TRUSZ; NUNES, 2007, SILVEIRA *et al*, 2011, entre outros).

Também apareceram na garimpagem textual, artigos que discutem o currículo e a formação profissional na área de conhecimento da Educação Física, especialmente no que se refere às alterações curriculares de IES e/ou às implicações da divisão da formação inicial em Educação Física em dois cursos distintos: licenciatura e bacharelado (DARIDO, 1995, FRAGA *et al*, 2010, PRONI, 2010, entre outros).

Os estudos encontrados na garimpagem textual também tratam das contribuições de diversos grupos de pesquisa, analisam a produção científica na área de conhecimento da Educação Física e Ciências do Esporte em periódicos nacionais e internacionais, versam sobre a descrição e o uso de diversos tipos de metodologias de investigação. Os trabalhos também discutem o fazer científico da Educação Física e as concepções de ciência que circulam nessa área de conhecimento. Ainda nesta linha, alguns artigos tratam da constituição de entidades científicas como o CBCE e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação<sup>31</sup> (ANPED).

Outros estudos remetem também às discussões travadas entre intelectuais dessa área de conhecimento sobre a identidade da Educação Física brasileira (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2011, VELOZO, 2010, MOLINA

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.anped.org.br/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

NETO *et al*, 2006, FERON; SILVA, 2007, LIMA, 2000a, NÓBREGA *et al*, 2003, PARDO; RIGO, 2000, entre outros).

Diversos artigos relatando e analisando aspectos da história da ESEF/UFRGS foram localizados na base de dados da revista Movimento (GOELLNER *et al*, 2005, JOB; FREITAS, 2010, LYRA; MAZO, 2010, MAZO, 2000b, 2000c, 2000d, 2000e, 2005, REPPOLD FILHO; TORRES; CARDOSO, 2010, STIGGER *et al*, 2010b, TRUSZ; NUNES, 2007). Além destes, também foram encontrados estudos com ênfase na história da ESEF/UFRGS na revista Motriz (KAMINSKI; GOELLNER, 2010) e na RBCE (GOELLNER, 2003; MAZO, 2001). Também foram localizados na base de dados da RBCE diversos artigos enfocando o CBCE e sua história (BIANCHETTI, 2009, BRANDÃO, 2000, MEDEIROS; GODOY, 2009, NÓBREGA *et al*, 2003, FERON; SILVA, 2007).

Dentre os artigos encontrados nessa busca em bases de dados eletrônicos, destaco em especial os estudos de Darido (1995), Pardo e Rigo (2000) e Feron e Silva (2007) por sua aproximação com a temática do presente estudo. No artigo *Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física*, Darido (1995) discute a formação profissional em EF a partir dos modelos tradicional e científico. Esta autora aponta o distanciamento evidenciado entre a teoria e a prática na formação profissional voltada para o modelo científico.

No estudo *Educação Física como ciência: para sair do século XIX*, Pardo e Rigo (2000) discutem questões referentes à constituição da EF como um corpo de conhecimentos reunidos seja através de uma ciência, seja por meio de uma teoria científica para a EF ou ainda de outra ciência que subsidie a

prática da EF. Os autores abordam o debate referente ao processo de constituição das Ciências Humanas através de algumas contribuições de Merleau-Ponty e Michel Foucault.

Em *A igreja do “diabo” e a produção do conhecimento na Educação Física*, Feron e Silva (2007) realizam uma análise sobre a produção do conhecimento da EF a partir da década de 1970 no Brasil. Para os autores, esses estudos buscaram apontar possíveis rumos e conflitos que ainda permeiam a construção do campo científico da EF brasileira.

Do conjunto de artigos encontrados selecionei somente aqueles que apresentavam alguma contribuição para a discussão proposta no presente estudo. Na tabela abaixo relacionei as bases de dados, os respectivos endereços eletrônicos, a data de acesso e os artigos relevantes para este estudo.

Tabela 02: Bases de Dados Eletrônicos

Bases de Dados	Endereço Eletrônico	Data de Acesso	Artigos Relevantes
Revista Movimento	<a href="http://seer.ufrgs.br/Movimento/">http://seer.ufrgs.br/Movimento/</a>	01/03/2012	Goellner <i>et al</i> (2005), Job; Freitas (2010), Lyra; Mazo (2010), Mazo (2000b, 2000c, 2000d, 2000e, 2005), Reppold Filho; Torres; Cardoso (2010), Stigger <i>et al</i> (2010b), Trusz; Nunes (2007), Fraga <i>et al</i> (2010), Kirk (2010), Lupton (2003), Moreira; Tojal (2009), Ferreira (1997), Taffarel (1997), Frizzo (2008), Ferreira Neto (2003), Soares (2003), Palafox (1996), Lovisolo (1997), Barbosa-Rinaldi (2008), Gaya; Torres; Cardoso (1998).
RBCE	<a href="http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE">http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE</a>	01/03/2012	Goellner (2003), Mazo (2001), Molina Neto <i>et al</i> (2006), Feron; Silva (2007) Lima (2000a), Nóbrega <i>et al</i> (2003), Pardo; Rigo (2000), Vellozo (2010), Bianchetti (2009), Lovisolo (2003), Job (2006b), Oliveira (2004), Rodrigues (2007), Medeiros; Godoy (2009), Brandão (2000), Daólio (2007).
Revista Motriz	<a href="http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz">http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz</a>	02/03/2012	Kaminski; Goellner (2010), Pereira; Moreira (2008), Silva; Zamboni (2010), Proni (2010), Darido (1995).
RBEFE	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;lng=pt&amp;pid=1807-5509">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;lng=pt&amp;pid=1807-5509</a>	04/03/2012	Duca <i>et al</i> (2011), Nahas; Garcia (2010), Rosa; Leta (2011).
SciELO Brasil	<a href="http://www.scielo.br/?lng=pt">http://www.scielo.br/?lng=pt</a>	04/03/2012	Rosa; Leta (2010), Souza; Marchi Júnior (2011), Silva; Vellozo; Rodrigues Júnior (2008), Manoel; Carvalho (2011), Bombassaro; Vaz (2009).

Além de proporcionar uma ideia da produção científica na área de conhecimento da Educação Física, grande parte dos artigos encontrados nessa revisão de literatura em bases de dados eletrônicos de revistas científicas da área de conhecimento da EF foi usada como apoio para a construção do marco teórico do presente estudo, que engloba tanto o presente capítulo sobre a temática pesquisa (capítulo 1 e suas respectivas seções) quanto o capítulo sobre o tema currículo (capítulo 2 e suas seções).

## 1.1. Pesquisa e a Função Social da Universidade<sup>32</sup>

Durante a Conferência Mundial sobre Educação Superior, realizada em Paris, em nove de outubro de 1998<sup>33</sup>, a Organização das Nações Unidas (UNESCO) apresentou a *Declaração Mundial sobre a Educação Superior no século XXI: visão e ação*<sup>34</sup>. No preâmbulo dessa declaração havia a seguinte definição de educação superior:

[...] todo o tipo de estudos, treinamento ou formação para pesquisa em nível pós-secundário, fornecido por universidades ou outros estabelecimentos de ensino que são aprovados pelas autoridades competentes do Estado como centros de ensino superior<sup>35</sup> (UNESCO, 1998).

Chama a atenção na redação desta definição, a concomitância entre o ensino e a pesquisa, ou seja, entre a formação e a preparação para a pesquisa (CASTANHO, 2000). Essa definição da UNESCO coloca a pesquisa em uma posição central na universidade<sup>36</sup>. Fávero (2003, 2004) entende que, por suas funções, a universidade deve se constituir em um espaço de pesquisa e de produção do conhecimento e, ao mesmo tempo, em um lugar de socialização

<sup>32</sup> Nessa seção utilizei como referência autores que trabalham em um campo de investigação voltado aos estudos sobre universidade. Um exemplo é o Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU) da UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/geu/index.php?formulario=apresentacao&metodo=0&id=1>>. Acesso em: 31 mai. 2014.

<sup>33</sup> Essa definição também havia sido apresentada por ocasião da 27ª Conferência Geral da UNESCO Sobre Educação Superior, realizada em Paris, em novembro de 1993. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2000/10/01/o-gigante-que-pula-com-uma-perna-so/>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

<sup>34</sup> Tradução minha. A redação original que consta no documento da UNESCO (1998) é a seguinte: *Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción*.

<sup>35</sup> Tradução minha. A redação original que consta no documento da UNESCO (1998) é a seguinte: *[...] todo tipo de estudios, de formación o de formación para la investigación en el nivel postsecundario, impartidos por una universidad u otros establecimientos de enseñanza que estén acreditados por las autoridades competentes del Estado como centros de enseñanza superior* (UNESCO, 1998).

<sup>36</sup> Apesar de o ensino superior abranger tanto instituições públicas quanto privadas, o presente estudo trata especificamente da universidade pública.

do saber produzido. Para isso, essa autora defende a instituição universitária pensada como um “espaço aglutinador e multiplicador de conhecimento, tecnologia e cultura; espaço que deve ser marcado pela investigação científica e pela formação de profissionais mediante práticas educativas bem definidas” (FÁVERO, 2003, p. 254). Pelo exposto acima, a universidade parece desempenhar dois papéis distintos: a formação de profissionais e a formação de pesquisadores.

Porém, Guimarães (2002) destaca que inicialmente a universidade brasileira não tinha a pesquisa como uma de suas missões fundadoras. Esse autor aponta que provavelmente em apenas quatro universidades brasileiras a pesquisa tenha sido pensada como missão institucional inaugural: a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade do Norte Fluminense (UENF). Nas demais instituições “ela veio depois, com todas as dores dos implantes e dos corpos estranhos” (GUIMARÃES, 2002, p. 46). Esse autor ainda explica qual era a missão inaugural das demais instituições (dentre as quais incluiu a UFRGS, universidade foco do presente estudo, fundada em 1934):

Nossas muito recentes universidades foram inauguradas, a partir dos anos 20, com a missão precípua de institucionalizar o ensino de terceiro grau, até então disperso e desregulamentado em um punhado de escolas isoladas, algumas existentes desde o império. Essa foi a única tarefa delegada às novas instituições nas quais [...] a pesquisa não era sequer tolerada nos primeiros tempos. Nesse período, que durou até o final do Estado Novo<sup>37</sup> e talvez um pouco mais, os docentes que tinham vocação para a pesquisa a exerciam em institutos (paralelamente ao trabalho na universidade), ou mesmo em casa, quando tinham bens de família que permitissem essa opção (GUIMARÃES, 2002, p. 45).

---

<sup>37</sup> Estado Novo é o regime político brasileiro criado pelo presidente Getúlio Vargas, vigente de 1937 até 1945.

Esse quadro começa a mudar a partir dos anos 1950. Dentre os fatores que propiciaram essa mudança destaca a criação do Conselho Nacional de Pesquisa e da CAPES em 1951 e a Reforma Universitária de 1968. O Conselho Nacional de Pesquisa, atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi criado através da Lei n. 1.310 de 15 de janeiro de 1951<sup>38</sup>, com a finalidade de “promover e estimular o desenvolvimento da investigação científica e tecnológica em qualquer domínio do conhecimento” (BRASIL, 1951). As principais atividades atribuídas ao conselho foram o auxílio à pesquisa e a concessão de bolsas de estudo, sendo a metade dos seus recursos financeiros dirigida ao fomento das ciências biológicas, por ser uma das áreas científicas de maior tradição no Brasil até então (ROMANI, 1982).

Para Romani (1982, p. 01), a criação desse conselho se constituiu em um marco nas relações Estado-ciência e estabeleceu, “pela institucionalização do papel do Estado enquanto patrocinador direto de pesquisas, novo padrão de relacionamento pelo qual este assume explicitamente a condição e apoio da atividade de produção científica”. Esse autor esclarece que, embora o conselho tenha sido implantado somente na década de 1950, antes disso o desenvolvimento científico e tecnológico no país já estava relacionado ao Estado, seja de forma direta ou indireta, ao qual cabia a responsabilidade pela promoção do desenvolvimento de instituições científicas e tecnológicas no Brasil (ROMANI, 1982, p. 01).

---

<sup>38</sup> Cria o Conselho Nacional de Pesquisas, e dá outras providências (BRASIL, 1951). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L1310.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1310.htm)>. Acesso em: 13 mai. 2014.

Além do CNPq, também no ano de 1951 é criada a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, atual Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), através do Decreto nº 29.741<sup>39</sup>, com o objetivo de "assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país"<sup>40</sup>.

Para Guimarães (2002), a entrada da pesquisa na universidade ocorreu por ação da CAPES na pós-graduação a partir do início dos anos 1960 e consolidou-se somente no final da década de 1970. A CAPES vinculou a pós-graduação à estrutura das universidades através de políticas institucionais voltadas para ações de fomento e pelo modelo de avaliação dos cursos e, a partir daí, passaram a ser necessárias "estruturas universitárias capazes de dialogar com a agência, em particular as pró-reitorias de pós-graduação e também as câmaras de pós-graduação nos conselhos superiores" (GUIMARÃES, 2002, p. 45). Além da CAPES e do CNPq, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), criada em 1962 e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), criada em 1971, também se constituíram em agências de apoio à pesquisa e à pós-graduação (GUIMARÃES, 2002).

---

<sup>39</sup> Institui uma Comissão para promover a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BRASIL, 1951). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29741-11-julho-1951-336144-norma-pe.html>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em: 13 mai. 2014.



Outro marco importante para a pesquisa na universidade brasileira foi a Reforma Universitária, que ocorreu com a instituição da Lei n. 5.540 de 28 de novembro de 1968<sup>41</sup>. Rodrigues (2002) aponta essa reforma como a mais marcante reestruturação da universidade brasileira implementada pelo Estado. A Reforma Universitária foi estabelecida durante a gestão do presidente Artur da Costa e Silva, representante do governo militar, e atendeu às orientações da *United States Agency for International Development* (USAID) (NUNES; MOLINA NETO, 2005).

De acordo com Nunes e Molina Neto (2005) o Brasil passou a estabelecer acordos de intercâmbio de conhecimento com os Estados Unidos a partir da década de 1950, através do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a USAID, com o objetivo de fazer com que a educação brasileira acompanhasse o ritmo de desenvolvimento econômico do Brasil. As orientações da USAID visavam “a eficiência, a modernização, a flexibilidade administrativa e a formação de recursos humanos de alto nível para o desenvolvimento da nação” (NUNES; MOLINA NETO, 2005, p. 171).

Fávero (2006) comenta que no início do ano de 1968, a mobilização estudantil, por meio de intensos debates nas universidades e manifestações de rua, passou a exigir do Governo soluções para os problemas educacionais. Em resposta, através do Decreto nº 62.937<sup>42</sup>, de 02 de julho de 1968, o Governo criou o Grupo de Trabalho (GT) encarregado de estudar as medidas

---

<sup>41</sup> Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências (BRASIL, 1968b). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

<sup>42</sup> Dispõe sobre a instituição de grupo de trabalho para promover a reforma universitária e dá outras providências (BRASIL, 1968a). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62937-2-julho-1968-404810-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

necessárias para resolver a “crise da Universidade”<sup>43</sup> e a partir do relatório final desse GT é que passou a ganhar sentido viabilizar sob a forma de lei os princípios da Reforma Universitária (FÁVERO, 2006). Para Rothen (2008), a Lei da Reforma Universitária:

[...] é, por um lado, fruto das discussões que se realizavam sobre o modelo de universidade a ser adotado no país, discussões que nortearam a ação do CFE na fase jurisprudencial, como na elaboração dos Decretos-Lei n. 53/1966<sup>44</sup> e n. 252/1967<sup>45</sup>, por outro, fruto da vontade dos militares, mediante uma legislação centralizadora, de imporem à sociedade civil um consenso sobre o modelo de universidade e diminuïrem as resistências internas das universidades ao regime militar" (ROTHEN, 2008, p. 471).

É importante ressaltar que o debate em torno do modelo de universidade a ser adotado no Brasil já adquiria destaque na década de 1920<sup>46</sup> pela atuação da Associação Brasileira de Educação (ABE) e da Academia Brasileira de Ciências (ABC), sendo que também eram recorrentes nesse debate questões sobre as funções da universidade brasileira, a concepção de universidade e a autonomia universitária (FÁVERO, 2006). As funções da universidade também foram objeto de discussão da 1ª Conferência Nacional de Educação, realizada em 1927, em Curitiba/PR, a partir da tese apresentada por Amoroso Costa,

---

<sup>43</sup> Grifo da autora.

<sup>44</sup> Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências (BRASIL, 1966). Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto.lei:1966-11-18:53>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

<sup>45</sup> Estabelece normas complementares ao Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, e dá outras providências (BRASIL, 1967). Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=117229>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

<sup>46</sup> O presente estudo enfoca o debate em torno do modelo de universidade a ser adotado no Brasil especificamente a partir do século XX. Para compreensão do que “constituía o espírito do século XIX quanto a um projeto de educação superior” ver o estudo de Bastos (2014), intitulado: *Intelectuais e Universidade: O Ensino Superior no Congresso de Instrução Pública (Rio de Janeiro, 1883-1884)*. Disponível em: <<http://forodeeducacion.com/ojs/index.php/fde/article/viewFile/337/263>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

intitulada *As Universidades e a Pesquisa Científica* (FÁVERO, 2006). Mas é a partir da Reforma Universitária que o “modelo de Instituição de Ensino Superior (IES) passa a ser a universidade e esta é definida como a instituição produtora de conhecimento, via pesquisa” (MOROSINI, 2009, p. 128).

Dentre as medidas propostas pela Reforma Universitária, que visavam o aumento da eficiência e da produtividade da universidade, Fávero (2006) destaca a extinção da cátedra e substituição pelo sistema departamental, o vestibular unificado e classificatório, o ciclo básico, o sistema de créditos e de matrícula por disciplina, a carreira do magistério e a pós-graduação. A departamentalização encontrou resistências desde a implantação da reforma, e o departamento, sendo entendido como unidade de ensino e pesquisa, passou a ser, com frequência, “um espaço de alocação burocrático-administrativa de professores, tornando-se, em alguns casos, elemento limitador e até inibidor de um trabalho de produção de conhecimento coletivo” (FÁVERO, 2006, p. 34).

Além destas medidas, destacam-se dentre as inovações da reforma a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, o desenvolvimento da pesquisa na universidade, a instituição de programas de pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado, a unidade de patrimônio e de administração, a unidade de funções de ensino e de pesquisa, os exames vestibulares classificatórios, a organização por semestres, a flexibilidade na organização do currículo, a reestruturação administrativa, a perda de autonomia e o controle externo das Faculdades (NUNES; MOLINA NETO, 2005, CHAMLIAN, 2003, ROTHEN, 2008).

Para Chamlian (2003), o estabelecimento da indissociabilidade entre ensino e pesquisa como princípio norteador para o desenvolvimento da

universidade brasileira acabou transformando os professores universitários em professores pesquisadores. Essa autora pontua que a partir da reforma os cursos de pós-graduação passaram a desempenhar “duas funções importantes para a universidade: o desenvolvimento da pesquisa e a formação de seus quadros docentes” (CHAMLIAN, 2003, p. 44).

Nos últimos anos a pesquisa ganhou grande visibilidade na universidade brasileira, fato que vem gerando tensão entre aqueles professores que trabalham na graduação visando à formação de profissionais e aqueles que fazem pesquisa e trabalham com a formação de novos pesquisadores (GUIMARÃES, 2002). Guimarães (2002) explica essa tensão:

A parte da universidade que dá aulas para formar profissionais queixa-se de as atividades de pesquisa serem cada vez mais excluídas do conjunto da vida universitária. Na outra ponta, a parte da universidade que faz pesquisa e forma novos pesquisadores queixa-se das incompreensões do “baixo-clero” quanto ao papel motor e vital da pesquisa, para a universidade e para o país. A essas “partes”, devemos agregar mais uma, recente, uma terceira ponta da corda, que opõe a pesquisa e o ensino de graduação na academia às florescentes atividades de extensão e prestação de serviços. Essa tensão vem sendo estimulada no país pela contenção de recursos públicos para a universidade durante a década passada<sup>47</sup> (GUIMARÃES, 2002, p. 46).

Neste sentido, a partir da revisão realizada por Hattie e Marsh (1996), Nunes (2012) comenta as três abordagens distintas encontradas nos estudos que enfocam a relação entre ensino e pesquisa: os que mostram uma relação negativa entre ensino e pesquisa, os que apontam uma relação positiva entre ensino e pesquisa e, ainda, os que entendem que não há relacionamento entre o ensino e a pesquisa. Os estudos que abordam a relação negativa apontam que: os docentes que dispensam muito tempo com atividades de pesquisa

---

<sup>47</sup> Década de 1990.

sacrificam o tempo dedicado ao ensino, as atividades de ensino e pesquisa exigem qualidades totalmente distintas dos profissionais e os incentivos destinados ao ensino e à pesquisa são diferentes (NUNES, 2012). Enquanto a sociedade não valoriza a docência, “a pesquisa, além de ser mais prestigiosa, é considerada mais lucrativa. Frente a essa realidade, o incentivo para focar suas ações na pesquisa seriam maiores que os incentivos para a sala de aula” (NUNES, 2012, p. 65). Este autor lembra ainda que no Brasil, ao contrário do que acontece em relação à pesquisa, inexistem fundações de apoio ao ensino.

Quanto à abordagem positiva sobre o ensino e a pesquisa evidenciada na revisão de Hattie e Marsh (1996), Nunes (2012) comenta a existência de estudos que demonstram que, tanto pesquisadores quanto professores, entendem que a pesquisa é fundamental para o bom desempenho docente, e há também aqueles que argumentam que os atributos necessários ao bom pesquisador são os mesmos do bom professor. Por fim, a abordagem que visa apontar a inexistência de relação entre ensino e pesquisa é justificada pelo argumento de que pesquisa e ensino têm objetivos diferentes e que o funcionamento de ambos de modo independente levaria a um melhor aproveitamento de recursos e a uma melhora da qualidade (NUNES, 2012). Independentemente da abordagem usada é evidente o tensionamento gerado pela ideia da indissociabilidade entre ensino e pesquisa nas universidades nos últimos anos.

## 1.2. Pesquisa na UFRGS e na ESEF/UFRGS

Apesar de não estar incluída entre as universidades brasileiras que tiveram a pesquisa como missão fundadora (GUIMARÃES, 2002), a UFRGS vem ampliando sua estrutura em torno da pesquisa. De acordo com a página eletrônica da UFRGS<sup>48</sup>, no ano de 2014 a Universidade<sup>49</sup> contava com um conjunto de aproximadamente 14 mil pessoas envolvidas em atividades de pesquisa científica e tecnológica, contando todos envolvidos, incluindo alunos de graduação e pós-graduação, técnicos de laboratório, docentes e visitantes. As pesquisas desenvolvidas nessa instituição são divulgadas à população através do Portal da Pesquisa<sup>50</sup>.

A UFRGS possui mais de 700 grupos de pesquisa registrados, que atuam em todas as áreas de conhecimento, em pesquisa básica ou aplicada. Além disso, conta com a Pró Reitoria de Pesquisa (PROPESQ)<sup>51</sup>, o Centro de Pesquisa (CEPE)<sup>52</sup>, a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (SEDETEC)<sup>53</sup>, o Parque Científico e Tecnológico da UFRGS<sup>54</sup>, as Comissões

---

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/pesquisa-e-inovacao/apresentacao>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

<sup>49</sup> O termo “Universidade” com letra inicial maiúscula está sendo utilizado nessa seção para fazer referência à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/portaldapesquisa/pp/portaldapesquisa/index.php>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/propesq/>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>52</sup> O CEPE é um órgão técnico, com funções deliberativa, normativa e consultiva sobre ensino, pesquisa e extensão, é composto pela Câmara de Pesquisa (CAMPESQ), Câmara de Extensão (CAMEXT), Câmara de Graduação (CAMGRAD) e Câmara de Pós-Graduação (CAMPG). Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cepe/http://www.ufrgs.br/cepe/campesq/>>. Acesso em: 09 mai. 2014. A Câmara de Pesquisa é o órgão que propõe as diretrizes e normas específicas da pesquisa na Universidade. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cepe/campesq/>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>53</sup> A SEDETEC tem como objetivo fornecer à sociedade as condições necessárias à valorização e transferência do conhecimento científico e tecnológico gerado pela UFRGS. A SEDETEC é a instância responsável por intermediar os processos de transferência de tecnologia, bem como de gerenciar a propriedade intelectual da Universidade. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sedetec/>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>54</sup> O Parque Científico e Tecnológico da UFRGS caracteriza-se como um mecanismo de transferência do conhecimento instalado na Universidade para o benefício da sociedade no âmbito das tecnologias e da inovação. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/parque/>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

de Pesquisa<sup>55</sup>, três Comitês de Ética em Pesquisa<sup>56</sup>, 34 bibliotecas<sup>57</sup>, o Repositório Digital da UFRGS (LUME)<sup>58</sup> e o Portal de Periódicos Científicos da UFRGS (PPCU)<sup>59</sup>. Esse portal é um canal de divulgação da produção científica que reúne informações sobre as 44 revistas científicas de diferentes áreas de conhecimento editadas na própria UFRGS ou em parceria com a Universidade<sup>60</sup>.

Destaco ainda o Salão UFRGS<sup>61</sup>, realizado anualmente e organizado pela PROPESQ que articula as atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade em um único grande evento. Esse evento propicia a oportunidade de percorrer espaços que apresentam e discutem novos conhecimentos produzidos na pesquisa científica, nas práticas docentes e na interação com a comunidade. Durante esse evento acontece o Salão de Iniciação Científica (SIC), que está na sua XXV edição e constitui-se em um espaço para divulgação, promoção e acompanhamento dos trabalhos de iniciação científica desenvolvidos por alunos de graduação da UFRGS e de outras IES<sup>62</sup>.

---

<sup>55</sup> As Comissões de Pesquisa acompanham e avaliam a execução dos planos, programas e projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito de cada unidade, bem como encaminha os projetos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ou à Comissão de Ética no uso de Animais (CEUA), se necessário. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/propesq/iniciacao-cientifica/compesqs/comissoes-de-pesquisa-ufrgs>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>56</sup> Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP-PSICO), Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA). Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/pesquisa-e-inovacao/comites-de-etica>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>57</sup> Uma biblioteca no Campus Central e 33 em unidades da UFRGS. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufrgs.br/sbu.htm>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>58</sup> O LUME é o portal de acesso às coleções digitais produzidas no âmbito da Universidade. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/apresentacao>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>59</sup> No estudo intitulado *Revistas Científicas da UFRGS: resgatando o passado para pensar o futuro*, Ferreira, Mattos e Job (2010) utilizaram dados das revistas científicas vinculadas ao PPCU.

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/periodicos/periodicos-1>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/salaoufrgs/>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/propesq1/sic2013/index.php>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

Toda essa organização tem possibilitado o incremento da pesquisa desenvolvida na UFRGS e a visibilidade da produção científica que decorre dela. De acordo com Brambilla e Stumpf (2012), nos últimos anos a publicação científica de autores vinculados à UFRGS tem aumentado consideravelmente, passando de 512 artigos em 2000 para 9.250 em 2009, sendo que a maior parte está registrada em língua inglesa e em periódicos de impacto.

Esse é um breve panorama da configuração da pesquisa na UFRGS, à qual também está vinculada a ESEF/UFRGS. No ano de 2014 a Escola conta com uma estrutura organizada e voltada para o incremento da pesquisa, composta pelo PPGCMH<sup>63</sup>, o LAPEX, o CEME, a Comissão de Pesquisa (COMPESQ)<sup>64</sup>, o Centro de Estudos Olímpicos da ESEF/UFRGS (CEO)<sup>65</sup>, o Centro Olímpico, a Revista Movimento, a Biblioteca Edgar Sperb<sup>66</sup> e o Programa de Educação Tutorial da Educação Física (PET)<sup>67</sup>. Para chegar a essa estrutura foi preciso trilhar um longo percurso.

O LAPEX, instituído em 1973, foi um dos laboratórios de pesquisa em Medicina e Ciências do Esporte financiado pelo Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério de Educação e Cultura (DED/MEC) e criados nas Escolas de EF das principais universidades federais (MAZO, 2000e). O LAPEX foi o terceiro laboratório do exercício criado no Brasil, vindo após os laboratórios da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade de São Paulo (USP) (MAZO; PEREIRA, 2006, CARVALHO, 2001).

---

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgcmh/site/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/pesquisa/compesq>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

<sup>65</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceo/>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bibesef>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://www.esef.ufrgs.br/new/pet.php>>. Acesso em: 21 mar. 2014.



No Regimento do LAPEX constam os seguintes objetivos<sup>68</sup>: proporcionar e incentivar pesquisas de natureza pura e aplicada, relacionados com problemas de Educação Física e áreas afins; proporcionar estágios a alunos e egressos da UFRGS ou de outras instituições, nacionais e estrangeiras; colaborar, mediante a realização de convênio ou outros instrumentos formais, com outras unidades da UFRGS e outras instituições públicas ou entidades privadas, na realização de cursos e pesquisas; prestar serviços, remunerados ou não, compatíveis com o seu campo de ação.

O LAPEX é entendido como um marco da pesquisa na ESEF/UFRGS (MAZO, 2000b, JOB, 2006a, JOB; FREITAS, 2010, REPPOLD FILHO; TORRES; CARDOSO, 2010). Para Mazo (2000b, p. 94) o “Laboratório, enquanto o primeiro núcleo de pesquisa da ESEF, interferiu, significativamente, nos rumos da formação do professor de Educação Física”.

Depoimentos coletados pelo CEME<sup>69</sup> convergem sobre a importância do LAPEX para a pesquisa na ESEF/UFRGS. De acordo com Petersen (2008), a ênfase para a pesquisa aconteceu com o Laboratório. De Rose (2007, p. 9) pontua que “a pesquisa começou com o LAPEX. [...] pode ser que alguém fizesse alguma pesquisa anterior, mas nesse caso era um esforço isolado. Como instituição, a pesquisa surge com o LAPEX”. De acordo com Gaya (2008, p. 2) “o LAPEX na realidade trouxe essa nova visão da pesquisa, da preocupação com a pesquisa”. Para Moraes (2007, p. 12) “as primeiras ideias de pesquisa vieram daí, do LAPEX”.

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/pesquisa/lapex#>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

<sup>69</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas#>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

Para Molina Neto (2008, p. 6) a pesquisa começa com “o início do LAPEX, com a medição das dobras cutâneas [...] era a moda científica da época”. Essa moda científica se refletia nas investigações desenvolvidas no Laboratório, já que, de acordo com o médico Jorge Pinto Ribeiro, ex-coordenador do Laboratório, a “orientação do LAPEX desde o início foi de desenvolvimento da área biológica da Educação Física com um enfoque particular voltado para a fisiologia do exercício e a medicina do esporte<sup>70</sup>. Essa era a vocação original do LAPEX” (MAZO, 2000c, p. 38).

A coordenação do LAPEX ficou sob a responsabilidade de médicos desde sua fundação até o fim da década de 1980 (MAZO, 2000b). Os médicos centralizaram a administração e as atividades de pesquisa, sendo que a principal justificativa era de que eles “tinham uma formação científica mais sólida para gerenciar e conduzir a pesquisa realizada no Laboratório” (MAZO, 2000e, p. 94). A permanência dos médicos na coordenação do LAPEX foi garantida pelo regulamento do Laboratório, elaborado pelo médico Eduardo Henrique De Rose, que assegurava que o cargo de coordenador só poderia ser ocupado por um médico que fosse funcionário da Escola (MAZO, 2000b).

No final da década de 1980, após discussões sobre mudanças no regulamento do Laboratório, a exigência de ser médico para assumir o cargo de coordenador foi substituída pela obrigatoriedade de possuir o título de doutor (MAZO, 2000b). É importante destacar que não foi somente na gestão

---

<sup>70</sup> Além da designação de Medicina do Esporte, a bibliografia utilizada no presente estudo apresenta também as denominações: Medicina Desportiva e Medicina Esportiva.

do LAPEX que os médicos estiveram presentes, a direção da Escola<sup>71</sup> também ficou a cargo do médico Eduardo De Rose, de 1991 até 1992<sup>72</sup>.

A força da Medicina no LAPEX é visível no artigo intitulado *Produção Científica do LAPEX*, no qual Mazo (2000d) proporciona um panorama das publicações do Laboratório de 1973 até 1998. As revistas científicas da área da Medicina eram o destino da produção científica proveniente das pesquisas realizadas no LAPEX. Cito como exemplo a *Revista de Medicina do Esporte* e a *Archivos de la Sociedad Chilena de Medicina del Deporte*, revistas nas quais o Laboratório publicou seus artigos nos primeiros anos (MAZO, 2000d).

Na época de sua implantação, a coordenação do LAPEX ficou a cargo do médico Eduardo Henrique De Rose, que, aos poucos, foi constituindo a sua equipe através da contratação de outros médicos e de oferecimento de estágio não remunerado para alunos que se destacassem no curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFRGS e para alunos da Medicina (MAZO, 2000b). Porém, a maioria dos alunos da Escola não tinha acesso ao Laboratório, o que contribuía para que o LAPEX fosse considerado elitista. Petersen (2008, p. 17) relata que foram “cinco ou seis alunos convidados para trabalhar no laboratório e que eram alunos, vamos dizer assim, que faziam pesquisa e o resto nem entrava no laboratório”. Apesar do Laboratório se apresentar em muitos momentos da sua história como uma unidade estranha ao cotidiano da Escola, “é inegável sua contribuição no âmbito da pesquisa” (MAZO, 2000a, p. 95).

---

<sup>71</sup> Não foi somente na ESEF/UFRGS que a direção ficou a cargo de um médico. Esse fato também ocorreu na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), na qual os médicos desfrutavam de espaço e prestígio (MELO, 1996).

<sup>72</sup> Listagem dos Diretores da Escola e seus respectivos períodos de mandato. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/70anos/pessoaDiretor.php>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

Os estagiários da ESEF/UFRGS que atuavam no LAPEX começaram receber uma formação científica paralela à oferecida no curso de Licenciatura, o que tornou complicada a relação com alguns professores, pois a Escola não possuía tradição de pesquisa e seu corpo docente era marcado pela formação voltada para a prática (MAZO, 2000b). Os pesquisadores do LAPEX foram integrados ao corpo docente do curso de Licenciatura em Educação Física em 1978, mediante sua contratação pela UFRGS (MAZO, 2000b). Para essa autora, a integração destes pesquisadores ao corpo docente da Escola aos poucos foi trazendo um novo perfil para a formação do profissional do curso de EF.

Na década de 1980 muitos professores da ESEF/UFRGS saíram do país para cursar mestrado e doutorado nos Estados Unidos da América e na Europa, alguns deles através de um convênio entre a CAPES, o DED/MEC e universidades americanas (MAZO, 2000b). Molina Neto, Muller e Amaral (2003, p. 76) explicam que esses lugares eram procurados “exatamente por estarem ligados a uma forte tradição de pesquisa no campo das ciências naturais, viés conceptual pelo qual a educação física brasileira buscou sua cientificidade”.

O DED/MEC sustentou financeiramente o Laboratório até 1980, mas após esse período, a manutenção do LAPEX passou a ocorrer através de auxílio financeiro a projetos encaminhados a agências de fomento à pesquisa, como CNPq, CAPES e FINEP, bem como, de serviços oferecidos à comunidade (MAZO, 2000b, JOB, 2006a).

No final da década de 1980, houve uma gradativa abertura do LAPEX aos professores e alunos da graduação, grupos de pesquisa foram constituídos

e foi ampliada a realização de reuniões científicas, seminários e cursos de atualização (MAZO, 2000b). O primeiro grupo de pesquisa<sup>73</sup> em Educação Física no Brasil foi formado na UFRGS em 1986 (DUCA *et al*, 2011).

De acordo com Reppold Filho, Torres e Cardoso (2010), a partir da década de 1970 a ESEF/UFRGS passou a desenvolver diversas iniciativas voltadas à internacionalização da pesquisa. Para os autores, o LAPEX<sup>74</sup> tem desempenhado um papel fundamental para o incentivo da colaboração internacional em relação à pesquisa, promovendo visitas e estágios de pesquisadores da Escola a instituições de vários países e, do mesmo modo, estimulando visitas, palestras e cursos de pesquisadores estrangeiros na ESEF/UFRGS, além de estágios para profissionais de diversos países da América Latina.

Para Mazo (2000a), o LAPEX proporcionou suporte técnico-científico para que o Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano pudesse ser criado em 1989 na Escola. Molina Neto, Muller e Amaral (2003, p. 78) pontuam que na década de 1970 a Escola “demonstrando vocação para a pós-graduação” implantou cursos de especialização, que se consolidaram e se tornaram referência no RS, principalmente depois do início do funcionamento do LAPEX. Além do Mestrado, a partir do ano de 2000, o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da ESEF/UFRGS passou a funcionar também com o Doutorado.

---

<sup>73</sup> Grupo de Pesquisa em Atividades Aquáticas e Terrestres, vinculado à ESEF/UFRGS. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0192409BA8ZLW0>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

<sup>74</sup> Em comemoração ao quadragésimo aniversário do Laboratório, foi realizada no dia 15 de junho de 2012, nas instalações do Seminário do LAPEX, a Palestra “40 anos LAPEX/ESEF/UFRGS”, que reuniu expoentes da pesquisa na área da EF e revisitou a história do Laboratório. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=n6oVe52P5mM>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

De acordo com informações do endereço eletrônico do PPGCMH<sup>75</sup>, o programa visa formar docentes e pesquisadores com capacidade para atuar no planejamento, execução e avaliação do ensino, da extensão e da pesquisa; articular a formação dos pesquisadores com o ensino da graduação e a orientação de alunos de iniciação científica, oferecendo-lhes oportunidades para socializar e aprofundar o conhecimento produzido na atividade de pesquisa; consolidar a ESEF/UFRGS, como um centro de excelência científica e acadêmica, no cenário nacional e internacional; produzir conhecimentos relevantes no âmbito de projetos de pesquisa básica e aplicada, que ofereçam às comunidades docentes e de especialistas, alternativas concretas para suas ações nas diferentes demandas em que as Ciências do Movimento Humano ganham relevância social.

O PPGCMH reúne um corpo docente com formação em linhas de pesquisa diversas, formando profissionais de diferentes matizes disciplinares, dentre elas a Educação Física, a Medicina, a Fisioterapia, a Nutrição, a Psicologia, a Sociologia. Os estudos desenvolvidos no PPGCMH estão focados em duas áreas de concentração: *Movimento Humano, Cultura e Educação e Movimento Humano, Saúde e Performance*. A primeira reúne duas linhas de pesquisa: *Representações Sociais do Movimento Humano e Formação de Professores e Prática Pedagógica*. E a segunda abarca quatro linhas de pesquisa: *Atividade Física e Saúde, Atividade Física e Performance, Neuromecânica do Movimento Humano e Desenvolvimento da Coordenação e do Controle Motor*. O PPGCMH trabalha com pós-graduação em nível de especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

---

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgcmh/site/sobre/apresentacao>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

A ESEF/UFRGS conta com 30 grupos de pesquisa<sup>76</sup> cadastrados no CNPq e certificados pela Universidade nos quais atuam professores pesquisadores da Escola. Destes, dezoito grupos de pesquisa<sup>77</sup> estão vinculados ao PPGCMH e são compostos por professores doutores credenciados no programa, estudantes de pós-doutorado, doutorado, mestrado e iniciação científica, bem como pesquisadores convidados, provenientes de instituições públicas e privadas, tanto de âmbito nacional quanto internacional. Estudos diversos vêm envolvendo o PPGCMH e a sua respectiva produção científica (JOB; FREITAS, 2010, JOB, 2006b, TORRES; GAYA, 2006, MOLINA NETO; MULLER; AMARAL, 2003, entre outros). Destaco que os estudos encontrados sobre o PPGCMH foram realizados principalmente por docentes e estudantes de graduação e pós-graduação da Escola.

No artigo *O Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS: a visão dos estudantes sobre o seu processo de formação profissional* Molina Neto, Muller e Amaral (2003) buscaram a compreensão do significado do PPGCMH no cotidiano dos profissionais que através dele cursaram o Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Os autores perceberam que os estudantes buscavam no Mestrado complementar suas vidas profissionais já em andamento, além de obter a titulação mínima exigida para o exercício do magistério no ensino superior. Ainda para esses autores foram relevantes para a vida cotidiana dos estudantes as experiências anteriores ao curso, as relações estabelecidas pelos estudantes, a construção do conhecimento e a ascensão profissional que a titulação representa.

---

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMPESQ/Grupos-de-Pesquisa-da-ESEF.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgcmh/site/pesquisa/grupos>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

O estudo intitulado *A produção científica referenciada à Educação Física escolar do PPGCMH/UFRGS* (TORRES; GAYA, 2006) objetivou traçar um perfil da produção científica sobre a EF escolar em relação à aplicabilidade do conhecimento produzido, às opções e pressupostos metodológicos. Para tal os autores elegeram como locus de análise a produção científica do PPGCMH no período de 1992 a 2002. A análise indicou que a prática científica encontra-se dissociada da prática pedagógica; há dicotomia entre técnicas qualitativas e quantitativas; há carência de “uma reflexão epistemológica que dê conta da complexidade dos problemas que emergem da prática pedagógica” (TORRES; GAYA, 2006, p. 339).

Em *A colaboração na produção de artigos dos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da ESEF da UFRGS entre 2007 a 2009: análise de rede social*, Job e Freitas (2010) buscaram mostrar, através da análise de rede social, uma representação dos hábitos de colaboração estabelecidos entre os docentes do PPGCMH da ESEF/UFRGS, no período compreendido entre 2007 e 2009, com dados dos documentos de avaliação da CAPES relacionados à publicação de artigos no período. As autoras apontam que, mesmo havendo uma boa produtividade docente individual, a rede colaborativa ainda está em construção, com poucas ligações entre os professores.

O estudo *Análise bibliométrica das teses de uma comunidade científica em Educação Física com uso do método indiciário*, de Job (2006b), objetivou analisar as características das fontes de informações usadas pelos doutores do PPGCMH da ESEF/UFRGS, expressas nas citações das teses defendidas no programa nos anos de 2003 e 2004. De acordo com a autora “as citações



forneem insumos empíricos que possibilitam investigar o estado atual e as tendências de pesquisa de uma comunidade, de uma área ou de um campo científico” (JOB, 2006b, p. 201). A autora pontua que o estudo evidenciou características de ciência interdisciplinar, usando indicadores científicos tanto da área das ciências médicas como das ciências Sociais e Humanas.

As pesquisas desenvolvidas no PPGCMH são registradas institucionalmente pela COMPESQ. Essa comissão foi criada em 1999, com os objetivos de estimular a pesquisa na área de conhecimento da EF na Escola; coordenar o desenvolvimento das políticas de pesquisa da ESEF/UFRGS em consonância com as finalidades das demais instâncias político-administrativas e científico-acadêmicas da Unidade; apoiar as atividades de pesquisa já consolidadas e favorecer o surgimento de novas iniciativas. Cabe também à COMPESQ intensificar as relações cooperativas dessa comunidade pesquisadora com a comunidade externa, tanto no âmbito da Universidade quanto no universo dos demais agentes sociais, além de divulgar a produção científica da Escola<sup>78</sup>.

Uma importante via de divulgação de pesquisas científicas sobre temas relacionados à Educação Física em interface com as Ciências Humanas e Sociais é a revista Movimento, uma publicação da própria ESEF/UFRGS<sup>79</sup>. Essa revista foi criada em 1994 com caráter multidisciplinar e em 2003, após um processo de especialização, passou a publicar somente artigos da área sociocultural e pedagógica (STIGGER *et al*, 2010b). Professores e funcionários da Escola compõem o corpo editorial, além de um vasto conselho de

---

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/pesquisa/compesq>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento%22>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

avaliadores *ad hoc*<sup>80</sup> responsáveis pela avaliação dos manuscritos enviados para publicação. A Movimento está presente nas bases de dados SPORTDiscus<sup>81</sup>, LAPTOC<sup>82</sup>, REDALYC<sup>83</sup> e Portal da CAPES<sup>84</sup> e seu conceito é A2 no Qualis CAPES da Educação Física e da Educação.

No artigo intitulado *Revista Movimento: análise dos sentidos e da repercussão de um periódico que "se faz" no campo da Educação Física brasileira*, Stigger *et al* (2010b) destacam que essa revista emergiu em um momento em que a EF consolidava o debate sociocultural sobre seus fazeres e saberes. Os autores pontuam que a revista se constitui na relação com as tensões do campo da pós-graduação brasileira em EF, “com os conflitos acerca de diferentes concepções de ciência que existem nesse universo, e com as repercussões disso nos debates sobre a qualidade dos periódicos e dos pesquisadores” (STIGGER *et al*, 2010b, p. 122). Os autores ainda destacam os vínculos estabelecidos entre a revista e a pós-graduação:

[...] se, por um lado, são os pesquisadores das sociais que atuam na pós-graduação que fazem a revista Movimento, por outro, é a revista Movimento que - ao oferecer espaço para publicações das sociais - contribui para que esses pesquisadores (e suas linhas) se mantenham na pós-graduação (STIGGER *et al*, 2010b, 148-149).

Para o apoio às pesquisas de docentes e alunos da graduação e pós-graduação da Escola e comunidade em geral há o CEME, implantado em 1997

<sup>80</sup> *Ad hoc* significa “para esta finalidade”, “para isso” ou “para este efeito”. É uma expressão latina, geralmente usada para informar que determinado acontecimento tem caráter temporário e que se destina para aquele fim específico. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/ad-hoc/>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://www.ebscohost.com>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/larrp/laploc.html>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

<sup>84</sup> Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

na ESEF/UFRGS. O CEME “apresenta-se como um local de recuperação, preservação e organização de arquivos, coleções e conjuntos documentais diversos (fontes documentais escrita e oral) reunidos sob o critério do valor histórico e informativo” (MAZO, 2001, p. 156). O Centro integra a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS (REMAM) e o Sistema Estadual de Museus (SEM).

Para Goellner (2003, p. 199) o CEME vem dirigindo “sua intervenção para o desenvolvimento de pesquisa histórica, para a realização de exposições e oficinas temáticas bem como para a organização e divulgação de seu acervo bibliográfico, documental, iconográfico e de artefatos”. Essa autora destaca a relevância do CEME para as “pesquisas sobre a historiografia das práticas corporais e esportivas e sua aproximação com a saúde, a educação e o lazer” (GOELLNER, 2010, p. 527).

De forma mais específica, ligado aos estudos olímpicos, há o CEO, que publica periodicamente livros e artigos com o propósito de divulgar a produção nas diferentes áreas do conhecimento envolvidas com o Movimento Olímpico no Brasil. O CEO foi instituído em 2008 com a criação do Grupo de Estudos Olímpicos na ESEF/UFRGS. A partir do ano de 2006 o grupo passou a ser designado Centro de Estudos Olímpicos, abrangendo diversos núcleos de pesquisa da Escola e tendo por objetivo a produção e disseminação de conhecimento na área dos Estudos Olímpicos<sup>85</sup>. O CEO está localizado no Centro Olímpico da Escola.

---

<sup>85</sup>Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceo/centro.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

O Centro Olímpico<sup>86</sup> é um órgão auxiliar da UFRGS<sup>87</sup> e tem a função de apoiar e proporcionar o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade. É composto pela sala de musculação e pelo Centro Natatório, no qual estão localizadas as piscinas da Escola. De acordo com Carvalho (2010, p. 07), nas instalações do Centro Natatório “são ministradas aulas dos cursos de graduação em Educação Física e nele se constata o espaço fundamental que impulsiona a elaboração de pesquisas e artigos científicos”.

Para o desenvolvimento de trabalho com os alunos dos cursos de graduação há o Programa de Educação Tutorial (PET). O PET é formado por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação nas IES do Brasil<sup>88</sup>. Esse programa foi criado em 1979 por uma iniciativa da CAPES, visando à formação acadêmica dos bolsistas e tendo como marco fundamental a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BREUNIG *et al*, 2009). Em 1991, foi criado um grupo PET na ESEF/UFRGS, que tem promovido uma melhoria da graduação na Escola, integrando a comunidade discente, docente e extra-universitária e contribuindo com uma formação mais próxima da realidade social (BREUNIG *et al*, 2009). O PET ESEF/UFRGS<sup>89</sup> realiza atividades de ensino, como a

---

<sup>86</sup> A estrutura que compõe a UFRGS está dividida em vários campus localizados em diferentes bairros da cidade de Porto Alegre/RS, contando também com um campus na cidade de Tramandaí/RS (Campus Litoral Norte). A ESEF/UFRGS está situada no Campus Olímpico, que fica no bairro Jardim Botânico da cidade de Porto Alegre. O Centro Olímpico localiza-se no Campus Olímpico.

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/propeq1/publicacoes/grupos2008/auxiliares.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

<sup>88</sup> Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12223&Itemid=481](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12223&Itemid=481)>. Acesso em: 26 mai. 2014.

<sup>89</sup> Os estudos de Teixeira (1998) e Goellner *et al* (2002) também enfocam o PET da ESEF/UFRGS.

colaboração nas apresentações dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), e desenvolve pesquisas dentro de padrões científicos para publicação.

Para prover informações e documentos necessários às atividades de ensino, pesquisa e extensão da Escola há a Biblioteca Edgar Sperb. Essa biblioteca é pública e seu acervo é especializado em EF, Fisioterapia, Dança, Ciências do Esporte e Ciências do Movimento Humano. A biblioteca foi incluída na estrutura da Escola em 1945, mas ainda não havia recebido o nome de Edgar Sperb. Isso só ocorreu em 1971, quando a Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos (AEEFD)<sup>90</sup>, também criada em 1945, mudou sua sede para a ESEF. Essa associação tinha uma pequena biblioteca que recebeu o nome de Edgar Sperb<sup>91</sup> e, por ocasião da sua mudança para a ESEF, doou livros e outros materiais à Escola. Houve, então, a junção da biblioteca da ESEF com a da associação e o nome Edgar Sperb foi mantido<sup>92</sup>.

Além de apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, a biblioteca visa preservar a produção intelectual, científica, cultural e artística dos servidores da Escola; facilitar o uso, acesso e recuperação das informações estejam elas disponíveis nos formatos impressos ou eletrônicos;

---

<sup>90</sup> Gutierrez (2008) esclarece que a atual Associação dos Profissionais de Educação Física (APEF) é a antiga Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos (AEEFD).

<sup>91</sup> Esse nome foi escolhido para homenagear o médico Edgar Luís da Silva Sperb que fundou o Centro Acadêmico da ESEF. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/bibeseef/a-biblioteca/historico>>. Acesso em: 03 mai. 2014.

<sup>92</sup> Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/bibeseef/a-biblioteca/historico>>. Acesso em: 03 mai. 2014.

participar de todas as fases de elaboração e publicação da revista Movimento; registrar e preservar obras de caráter histórico da área de EF e esportes<sup>93</sup>.

A ESEF/UFRGS vem construindo, portanto, uma estrutura própria para o desenvolvimento do “fazer científico”. Por se tratar de uma unidade da UFRGS, a Escola está vinculada aos órgãos de pesquisa da Universidade.

### **1.3. “Fazer Científico” na Educação Física Brasileira**

Esta seção tem por objetivo apresentar o modo de pensar e fazer ciência que circulava na Educação Física brasileira nas décadas 1970, 1980 e 1990<sup>94</sup>, pois, para Bracht (2013, p. 19), é nesse período que ocorre a configuração da EF como um campo acadêmico e o “fazer científico’ (e não apenas o saber científico) passa a ser parte desse campo de forma mais intensa e estrutural”.

Bracht (2013) aponta vários fatores que levaram à incorporação do “fazer científico” pela EF, dentre eles está o Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil (1971)<sup>95</sup> realizado por Lamartine Pereira da Costa, que assinalou a necessidade da pesquisa para o avanço da EF e do esporte no Brasil. Em função deste diagnóstico, o Governo Federal do Brasil delineou uma nova política para a EF e o esporte no país, que foi direcionada para aprimorar as condições físicas da população em geral e, principalmente, elevar o nível técnico das equipes esportivas nacionais, pois os atletas brasileiros não se

---

<sup>93</sup> Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/bibeseef/a-biblioteca/acervo> >. Acesso em: 03 mai. 2014.

<sup>94</sup> Essa temática se justifica pela busca do entendimento da configuração do campo da EF no momento histórico em que a pesquisa emerge como disciplina na formação inicial em Educação Física na ESEF/UFRGS.

<sup>95</sup> Disponível em: <<http://cev.org.br/comunidade/ef-esporte/debate/o-diagnostico-educacao-fisica-desportos-brasil-1971-esta-ar/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

destacavam em competições internacionais, em comparação com os bem sucedidos atletas oriundos de países que desenvolviam pesquisas relacionadas ao campo esportivo (MAZO, 2000e). Como resultado desta nova política, foram criados laboratórios de pesquisa em Medicina e Ciências do Esporte, financiados pelo DED/MEC, nas Escolas de Educação Física das principais universidades federais (MAZO, 2000e).

Além desses acontecimentos, Bracht (2013) ainda cita o desenvolvimento das Ciências do Esporte, a participação da EF no sistema de pós-graduação brasileiro e sua inserção nas universidades, como fatores que levaram à incorporação do “fazer científico” pela EF. Esse autor também chama a atenção para o *status* que a ciência possui em nossa cultura e a legitimidade que a Educação Física foi adquirindo por estar vinculada ao discurso científico (BRACHT, 2000). O autor pontua ainda que até aproximadamente a década de 1960 o discurso no âmbito da EF era marcado pelo viés pedagógico, porém, a partir desse momento, passou a ganhar espaço uma nova onda cientificista decorrente do desenvolvimento do fenômeno esportivo após a Segunda Guerra Mundial (BRACHT, 1999). Betti (1996) também aponta os anos 1960 como o ponto de emergência das propostas de cientificação da Educação Física.

Para Lima (2000a), a EF brasileira passou, nos anos 1980 e 1990, por, pelo menos, duas “crises de identidade” distintas, sendo a primeira uma crise político-ideológica. No livro *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”*, publicado no início da década de 1980, Medina (1983) conclamava a área para o autoquestionamento:

A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo (MEDINA, 1983, p. 35).

Na década de 1980 a produção do campo da EF passou a dar destaque a temas como a crítica ao papel conservador da escola e da EF, a crítica ao paradigma da aptidão física, a necessidade de articulação de um projeto político-pedagógico ao projeto histórico da classe trabalhadora, entre outros (LIMA, 2000a). A primeira crise pode ser interpretada, portanto, como resultado do questionamento sobre a função sócio-política da EF na sociedade brasileira (LIMA, 2000a).

Já a segunda crise decorre da primeira e é resultado de preocupações de ordem epistemológica, como o estatuto científico e a produção de conhecimento (LIMA, 2000a). A Educação Física brasileira passa, então, de uma crise ideológica na década de 1980 para uma crise epistemológica na década de 1990 (LIMA, 2000a). Embates históricos e questionamentos a respeito da identidade epistemológica da EF vêm acontecendo entre pesquisadores e estudiosos da EF brasileira.

A participação da EF no sistema de pós-graduação brasileiro e sua inserção nas universidades (apontada por Bracht (2013) como um dos fatores que levaram à incorporação do “fazer científico” pela EF) levou à “revelação clara e inequívoca da sua fragilidade em termos de conteúdo, evidenciando a insipiência enquanto uma área de conhecimento” (TANI, 1996, p. 09). Assim, em função da importância e do “*status* que a ciência goza na sociedade e



principalmente no meio acadêmico, a EF coloca como meta tornar-se ela própria uma ciência” (BRACHT, 1999, p. 31). E, caso isso acontecesse, os professores de EF poderiam, finalmente, “dizer-se ‘cientistas’, poderiam dizer-se pertencentes a um campo científico” (BRACHT, 1999, p. 31).

Importantes revistas científicas da área da EF publicaram os debates que vinham ocorrendo sobre este tema. A RBCE (volume 14, número 3)<sup>96</sup> publicou artigos envolvendo a temática: *Que ciência é essa? Memórias e tendências*, que enfocava as “condições históricas do desenvolvimento da pesquisa na Educação Física e Esportes do Brasil” (KUNZ, 1993, p. 108). Dentre os artigos publicados, destaque: *Educação Física/Ciências do Esporte; que Ciência é Essa?* (BRACHT, 1993), *Pelos Meandros da Educação Física* (CASTELLANI FILHO, 1993), *A Ciência e a Técnica nas Sociedades Industriais Modernas: uma reflexão sobre a Educação Física* (SOUZA, 1993), *Pós-Graduação em Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil: uma contribuição ao debate* (CARVALHO, 1993). Nos artigos da RBCE foram discutidos os pontos problemáticos, evidenciados nos últimos 15 anos, para o desenvolvimento da Educação Física/Ciências do Esporte (EF/CE) no Brasil, dentre eles, a delimitação do objeto de estudo da EF, a identidade epistemológica da área, a produção científica da EF, a necessidade de reflexões sobre a pós-graduação em EF/CE.

Na sua primeira edição, a revista Movimento publicou na seção *Temas Polêmicos* a discussão sobre a temática *Mas afinal, o que é Educação*

---

<sup>96</sup> Essa RBCE adiantava, na forma de artigos, as palestras e conferências de convidados do VIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte que iria ocorrer em Belém do Pará nos dias 06 a 10 de setembro de 1993.

*Física?*<sup>97</sup>, inaugurada pelos artigos de Gaya (1994) e Taffarel e Escobar (1994). Esses artigos introduziram um debate acalorado, contemplado nas edições seguintes da revista Movimento, do qual participaram Bracht (1995), Santin (1995), Ghiraldelli Jr. (1995), Lovisolo (1995), Da Costa (1996), Palafox (1996), dentre outros. No debate estabelecido discutiu-se a identidade da EF em uma tentativa de defini-la ora como ciência, ora como filosofia, disciplina escolar, projeto pedagógico, entre outros. Ao focar a EF como ciência, emergiram discussões e divergências sobre uma série de “novos nomes” para substituir “Educação Física”, já que essa designação não mais parecia dar conta de defini-la. Cinesiologia, Ciência da Motricidade Humana, Ciência do Movimento Humano, Cineantropologia, Filosofia da Corporeidade foram alguns desses “novos nomes” defendidos por autores brasileiros, alguns deles apoiados em estudos europeus<sup>98</sup>.

A revista Motriz também fomentou as discussões com a publicação do artigo *Educação Física sim, por que não?* de Pessoa Filho (1995), na seção *Ponto de Vista*. Esse autor comenta que, por falta de uma identidade científica própria, a EF:

---

<sup>97</sup> Em 2011 a seção *Temas Polêmicos* da Revista Movimento foi revisitada no Painel Literário realizado durante o XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte (XVII CONBRACE/IV CONICE) do qual participaram os professores Valter Bracht, Adroaldo Gaya, Celi Taffarel e Hugo Lovisolo (VELOZO; ALMEIDA; GOMES, 2013).

<sup>98</sup> O livro intitulado *Para uma epistemologia da motricidade humana*, de Manuel Sérgio (1994) está entre as obras mais citadas.

[...] perdeu-se nessa tentativa de formulação de conceitos específicos para as questões emergentes do seu amplo campo de atuação na sociedade. Pois, na ânsia e na onda da produção de conhecimento, emprestou saberes e métodos das mais diversas e até adversas Ciências, realizando uma verdadeira miscelânea epistemológica. Tudo isso em prol da "bandeira" recém erigida do Estudo do Homem em Movimento (PESSÔA FILHO, 1995, p. 138).

Este autor advoga ainda a favor da “Educação Física”, ou seja, a favor daquilo que já estava enraizado social, cultural e intelectualmente na sociedade brasileira (PESSÔA FILHO, 1995).

A revista *Motus Corporis*<sup>99</sup> também publicou artigos dos pesquisadores Tani (1996), Betti (1996), Lovisolo (1996) que discutiram a legitimidade, as limitações, a metodologia, o objeto de estudo, os dualismos na discussão acadêmica da Educação Física. Em *Cinesiologia, Educação Física e Esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica*, Tani (1996) retoma as discussões estabelecidas nos 15 anos anteriores e pontua que a ampla reflexão sobre a identidade da EF deu “origem a uma fase de turbulências em que aspectos como preparação profissional, atuação profissional, identidade acadêmica, pesquisa e pós-graduação foram questionados e discutidos” (TANI, 1996, p. 12). Esse autor reforça o uso do termo Cinesiologia, já defendido em outra obra de sua autoria (TANI, 1989), para denominar a área de conhecimento, a qual teria como objeto de estudo o movimento humano, com foco no “estudo de movimentos genéricos (postura, locomoção, manipulação), e específicos do esporte, exercício, ginástica, jogo e dança” (TANI, 1996, p. 26). Esse fato mostra que não havia consenso entre aqueles que pensavam

---

<sup>99</sup>Motus Corporis é uma revista de divulgação científica do mestrado e doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho, que tem por objetivos “viabilizar e ampliar o debate acadêmico em torno de questões fundamentais de interesse para a pesquisa em educação física no Brasil e no mundo”. Disponível em: <[http://www.mundoeducacaofisica.com/revistas\\_cientificas/books/21/index.html](http://www.mundoeducacaofisica.com/revistas_cientificas/books/21/index.html)>. Acesso em: 11 jul. 2014.

“cientificamente” a EF e que os questionamentos e as discussões travadas na década de 1980 estavam longe de ser encerrados.

No artigo intitulado *Por uma Teoria da Prática*, Betti (1996) comenta os dualismos que envolveram a discussão acadêmica no âmbito da Educação Física na década de 1980: EF *versus* esporte, esporte *versus* jogo, teoria *versus* prática, e aponta que:

A sofisticação teórica dos últimos anos superou alguns idealismos e ingenuidades da década de 80, mas gerou uma nova “macro-dicotomia”, que detecto na divisão dos atuais discursos sobre a Teoria da Educação Física em duas grandes matrizes: uma, que vê a Educação Física como área de conhecimento científico; outra, que a vê como prática pedagógica (BETTI, 1996, p. 73).

Esse autor comenta as discussões travadas por autores como Bracht (1993), Tani (1989), Lovisolo (1995), entre outros e aponta as fragilidades tanto dos argumentos apresentados por aqueles que defendiam a matriz científica, quanto daqueles que acreditavam na matriz pedagógica. Já no estudo *Hegemonia e Legitimidade nas Ciências dos Esportes*, Lovisolo (1996) aborda a busca da EF pela sua identidade, por valorização e por legitimidade:

Qual é a ciência da qual somos seus praticantes, torna-se uma pergunta carregada de efeitos pessoais e globais para o conjunto da área profissional. A questão da hegemonia está assim fortemente amarrada com a questão da identidade. É quase como se fosse afirmado: sem objeto ou ciência própria não existimos, não somos, não temos unidade e, sobretudo, não estaremos num pé de igualdade com as ciências existentes, seremos portanto menores ou inferiores, não alcançaremos nem a autonomia nem o esclarecimento (LOVISOLO, 1996, p. 62).

Não estava claro, portanto, qual era a “ciência praticada pela EF”, mas parecia haver a certeza de que para adquirir legitimidade, reconhecimento pela

sociedade, e hegemonia, ligada à identidade da área, era preciso uma ciência própria. Na esteira de Lovisolo (1996), Betti (2005, p. 184) comenta que a “proposição da Educação Física como uma disciplina científica na segunda metade do século XX pode ser compreendida como uma estratégia de sobrevivência da área no interior da universidade”. É importante destacar que esses autores, embora enfocassem essa discussão, não defendiam tal proposição.

Apesar de ter sido uma temática amplamente abordada, os questionamentos acerca da identidade epistemológica da EF parecem não ter se esgotado, pois, algum tempo depois, a RBCE dedicou uma edição especial para a temática *Epistemologia e Educação Física*, na qual Bracht (2000), Fensterseifer (2000), Pardo e Rigo (2000), Tani (2000) e Lima (2000b) retomaram alguns pontos discutidos.

Em *Educação Física & Ciência: Cenas de um casamento (in)feliz*, Bracht (2000) traz à tona uma série de questões que vinham tomando conta dos debates e discute os contornos do campo acadêmico da Educação Física. Este autor entende esses contornos como algo dinâmico, fruto de lutas e tensões em torno da definição de seu objeto, da concepção de ciência a ser adotada, da legitimidade das problemáticas de investigação.

Pardo e Rigo (2000, p. 47) entendem a EF “como um campo de conhecimentos nascidos e constituídos no cruzamento das mais diversas áreas, o que a coloca numa permanente situação de nebulosidade”. A EF “vive de uma relação de empréstimo de referenciais teórico metodológicos das diferentes áreas do saber” (VELOZO, 2007, p. 3) e não possui um objeto de estudo definido nos “moldes da ciência clássica, mas um conjunto de saberes

relacionado ao sujeito que se movimenta” (MOLINA NETO; MOLINA, 2003).

Daólio (2007) aborda a difícil delimitação da EF e como isso se reflete nas pesquisas da área:

Como é sabido, as pesquisas em educação física partem de referenciais teóricos provindos de várias e diferentes concepções científicas, tanto em relação ao método utilizado para a aproximação do fenômeno investigado como em relação à própria construção do objeto de pesquisa. Uma rápida consulta junto aos programas de pós-graduação em educação física, especificamente os nomes de suas áreas de concentração e linhas de pesquisa, permite comprovar a diversidade de teorias, abordagens e referenciais, indo da sociologia do esporte à bioquímica do exercício, da biomecânica à pedagogia do esporte, da filosofia às teorias do treinamento esportivo (DAÓLIO, 2007, p. 51-52).

A EF pode ser entendida, portanto, como uma área de conhecimento que se debate na tentativa de delimitar o seu espaço e compreender as diversas concepções de ciência que circulam em seu campo acadêmico. Um privilegiado canal de discussão sobre a EF brasileira e sua produção de conhecimento é o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Como já destacado anteriormente, Bracht (2013) aponta o desenvolvimento das Ciências do Esporte como um dos fatores que conduziram à incorporação do “fazer científico” pela EF. Esse autor também estabelece uma conexão entre as Ciências do Esporte e o CBCE, quando destaca que “o CBCE é produto e produtor da ideia de cientificação da Educação Física, via as Ciências do Esporte” (BRACHT, 1998, p. 15).

Fundado em 1978, o CBCE é uma entidade científica criada por médicos e professores de EF para sanar a “falta de reflexão do profissional em Educação Física sobre a pesquisa na área de Ciências do Esporte” (ATA DE

FUNDAÇÃO DO CBCE, 1978<sup>100</sup>). Para Feron e Silva (2007), os fatores que levaram à criação do CBCE foram: a necessidade de assumir uma postura teórica cientificista na EF e a necessidade de afirmar um discurso científico próprio.

Paiva (1994) destaca que o Centro de Estudos do Laboratório de Atividade Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS) foi o “berço”<sup>101</sup> do CBCE, e explica que os desacordos entre um grupo de pesquisadores da Federação Brasileira de Medicina Desportiva (FBMD) levou à fundação do colégio. De acordo com Malina, Azevedo e Oliveira (2007), o CBCE foi criado como “um ‘braço’ do *American College of Sports Medicine*<sup>102</sup>” (ACSM) e seu nome em inglês era *Brazilian College of Sciences Sports*. O ACSM, fundado em 1954, é uma entidade norte-americana que atua na área da Medicina e Ciências do Esporte.

Em 1979, o CBCE lançou a RBCE, cujas publicações refletem as pesquisas que vem sendo desenvolvidas no campo da Educação Física no Brasil e as concepções de ciência que historicamente compuseram esta área de conhecimento. O CBCE também é responsável pela realização do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), um evento científico nacional realizado a cada dois anos. Os seis primeiros anos do CBCE e os três primeiros CONBRACE foram marcados pela influência médica, pela formulação de hipóteses e configuração de problemáticas de pesquisa com base no aporte das Ciências Naturais, havendo somente uma tímida presença das Ciências Humanas (SOARES, 2003).

---

<sup>100</sup>Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/ata-fundacao-cbce/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>101</sup>Grifo da autora.

<sup>102</sup>Disponível em: <<http://www.acsm.org/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

Paiva (1994, p. 114) aponta que a iniciativa das primeiras gestões do CBCE era “de ‘elevar’ a profissão de educação física à condição de ciências do esporte” e cita a publicação do editorial da RBCE, volume 2, número 2, de 1981, para ilustrar essa afirmação:

[...] o professor de EF não pode mais ser representado como o homem forte e de boa vontade que “distraía” os alunos entre a aula de biologia e matemática. Que frustrava-se ao ver seus pedidos de compras de aparelhos de ginástica serem preteridos pela aquisição de sofisticados microscópios eletrônicos candidatos à poeira, pela falta de uso dos laboratórios das antigas escolas. Hoje, mais do que nunca, ele está envolvido no processo global de formação sócio-cultural do nosso jovem; hoje, ele deve associar seu apito e seu cronômetro ao trabalho de laboratório de fisiologia do exercício; hoje, ele é o responsável pelo surgimento de atletas e pelo desenvolvimento de sua potencialidade; em resumo, ele hoje não é mais o “professor de ginástica”, mas o mestre em ciências do esporte (CBCE, 1981, p. 04).

A ideia de substituição da condição desvalorizada de professor de ginástica pelo *status* de mestre em Ciências do Esporte que trabalha no laboratório de Fisiologia do Exercício perdurou durante os primeiros anos do CBCE. Os autores que publicaram neste período eram pessoas que exerciam cargos de direção nessa entidade ou ligadas ao CELAFISCS (PAIVA, 1994).

Esse panorama só começou a mudar na metade dos anos 1980 e ganhou visibilidade nos CONBRACE realizados a partir de 1985, que revelaram a “emergência de abordagens construídas pelas ciências humanas para a pesquisa em EF/CE” (SOARES, 2003, p. 139). Fraga (2005) destaca que em 1985:



[...] a teorização crítico-pedagógica acerca dos conteúdos da educação física e dos esportes ganhava visibilidade no CONBRACE daquele ano, avolumava-se com o processo de abertura democrática no Brasil e começava a reforçar um movimento que acabaria “desmedicalizando” o CBCE (FRAGA, 2005, p. 117).

O processo de “desmedicalização” do CBCE, ou seja, a tomada dessa entidade científica pelos professores de EF havia começado. De acordo com Paiva (1994), em 1985, Laércio Elias Pereira, um professor de EF, chegou à presidência dessa entidade até então dominada por médicos ligados ao esporte. Porém, essa autora ressalta que as práticas científicas orientadas pelos fundadores do CBCE prosseguiram.

Após quase 10 anos de sua fundação, o CBCE “promove uma das mais significativas guinadas políticas de sua história, elege em 1987 uma mulher<sup>103</sup>, professora de educação física, mestre em ciências do movimento humano com ênfase em pedagogia” (FRAGA, 2005, p. 118). Em função disso, o CELAFISCS “‘tirou o time de campo’ e estabeleceu novas bases de apoio para o trabalho que vinha desenvolvendo dentro do CBCE”, através do lançamento da Revista Brasileira de Ciências e Movimento (RBCM) e da revitalização do Simpósio de Ciências do Esporte em São Caetano do Sul (FRAGA, 2005, p. 118).

A RBCE refletiu esse movimento. De acordo com Souza e Souza Neto (2006), inicialmente a RBCE foi uma revista influenciada pela Medicina, pois o modelo vigente de ciência na área da EF era pautado nas chamadas ciências positivistas, mas assumiu, posteriormente, um perfil sócio-político, demonstrando comprometimento com as grandes questões da sociedade

---

<sup>103</sup> Nesta passagem, Fraga (2005) se refere à professora Dra. Celi Nelza Zulke Taffarel.

brasileira. A RBCE se constituiu em um importante fórum de discussão sobre a produção científica da área da EF.

Diversos estudos vêm sendo produzidos com o enfoque no CBCE e nas publicações na RBCE (PAIVA, 2006, 1994, VELOZO; ALMEIDA; GOMES, 2013, DAMASCENO, 2013, BIANCHETTI, 2009, BRACHT, 2009, 1998, ALMEIDA, 2009, MEDEIROS; GODOY, 2009, MALINA; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2007, CARVALHO; LINHARES, 2007, SOUZA; SOUZA NETO, 2006, NÓBREGA *et al*, 2003, entre outros). Alguns desses estudos já foram aqui abordados, destaco ainda os seguintes.

Além do livro *Ciência e Poder Simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte* (PAIVA, 1994), já abordado neste texto, Paiva (2006) proporciona um apanhado histórico sobre o CBCE e os principais acontecimentos que envolveram essa entidade científica no *Atlas do Esporte no Brasil* (DA COSTA, 2006) intitulado *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE* (PAIVA, 2006).

No livro *A educação física na formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, Damasceno (2013) aborda as disputas políticas e teóricas que moveram o CBCE nos seus 30 anos de existência. Esse autor comenta que essas disputas são decorrentes de visões distintas de ciência, sociedade, educação, saúde, EF e esporte, “que afetaram historicamente a composição da organização estrutural e política da entidade tal como a conhecemos nos dias atuais” (DAMASCENO, 2013, p. 12).

No artigo *10 anos de Colóquios de Epistemologia da Educação Física do CBCE*, Velozo, Almeida e Gomes (2013) remontam as atividades que

envolveram seis Colóquios organizados pelo Grupo de Trabalho Temático (GTT) Epistemologia do CBCE e destacam que esses eventos têm cumprido um importante papel no fomento da atividade epistemológica no campo da EF. Esse artigo integra livro *Epistemologia, Ensino e Crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física* (GOMES; ALMEIDA; VELOZO, 2013).

No artigo *30 Anos do CBCE: os desafios para uma associação científica*, Bracht (2009, p. 33) destaca que, apesar do CBCE não ter sido originalmente concebido como uma associação unicamente ligada ao campo da EF ou como uma entidade científica que representa essa área de conhecimento, no seu percurso histórico constituiu-se “num agente social importantíssimo desse campo no Brasil”. Esse autor pontua ainda a importância do CBCE como protagonista no/do campo e o reconhecimento obtido pela entidade por suas ações ao longo dos anos (publicação de uma revista científica, a realização dos COMBRACE, representação na esfera das políticas públicas, entre outras).

Em *Desafios (políticos) para uma associação científica: o CBCE em debate*, Almeida (2009) destaca que a discussão sobre política e ciência se confunde com a própria história do CBCE e aponta as iniciativas dessa entidade para o seu fortalecimento e qualificação para enfrentar os desafios decorrentes da política científica em curso no Brasil. Essas iniciativas passam pela instituição de um GTT dedicado à Pós-Graduação, a organização do Fórum Nacional Permanente de Pós-Graduação em Educação Física, a escolha como temática central do XV CONBRACE/II CONICE a “Política científica e a produção do conhecimento em educação física”, a edição do livro

de mesmo título de autoria de Carvalho e Linhares (2007) e a publicação de dois volumes da RBCE sobre essa temática.

Os estudos destacados acima proporcionam uma ideia da importância do CBCE para a constituição da identidade da EF brasileira, bem como para a pesquisa e a produção de conhecimento nessa área. Além disso, Soares (2003, p. 125-126) entende o CBCE como “um lugar possível da memória; um lugar que permite pensar [...] a emergência e a visibilidade das muitas histórias da Educação Física/Ciências do Esporte”.

Este capítulo apresentou a pesquisa como expressão do “fazer científico”, temática intimamente ligada ao presente estudo. O próximo insere também o tema *currículo* nessa discussão, já que o “fazer científico” emerge na formação inicial em EF na Escola a partir da alteração curricular ocorrida no ano de 1987 e é visualizada em um local específico: o currículo da ESEF/UFRGS.

## 2. CIENTIFIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo tem por objetivo dar visibilidade às relações de saber-poder que entrelaçam os currículos da EF brasileira, mais especificamente à concepção de ciência que era privilegiada na formação em EF no período foco do presente estudo (1970 a 1990). E dar visibilidade a relações de saber-poder é um movimento analítico característico de pesquisas realizadas em uma perspectiva pós-crítica de currículo, enfoque no qual este estudo de doutorado se sustenta.

Para Paraíso (2004) os efeitos combinados das correntes teóricas conhecidas como pós-estruturalismo e pós-modernismo expressam-se naquilo que se convencionou chamar de teorias pós-críticas em educação. Essa autora explica que as produções e invenções das teorias pós-críticas “têm pensado práticas educacionais, currículos e pedagogias que apontam para a abertura, a transgressão, a subversão, a multiplicação de sentidos e para a diferença” (PARAÍSO, 2004, p. 284-285). Nessa perspectiva o currículo é um local privilegiado

onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados (SILVA, 1996, p. 23).

O currículo também é o resultado de uma seleção, já que, dentre todas as opções disponíveis, seleciona-se os conhecimentos que vão constituí-lo daqueles que não vão (SILVA, 1999). A questão central é saber quais conhecimentos devem ser ensinados, ou seja, quais conhecimentos são

considerados importantes a ponto de fazer parte do currículo. Para Silva (1999), selecionar e privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder<sup>104</sup>.

O currículo pode ser pensado como um lócus de disputas, onde diferentes interesses conflitam e determinadas forças privilegiam um tipo de subjetividade ou identidade, fazendo com que um conhecimento, tido como verdadeiro, seja selecionado em detrimento de outros. Para Silva (1999), destacar uma determinada identidade ou subjetividade como sendo a ideal, dentre as múltiplas possibilidades, é uma operação de poder.

Neira e Nunes (2009, p. 177) explicam que, na perspectiva de Michel Foucault, “o poder é interdependente do conhecimento (o saber), pois o saber está imbricado no modo como se estrutura e regula o comportamento daqueles que se encontram submetidos ao poder”. Os saberes se organizam, portanto, para “atender a vontade de um poder” (VEIGA-NETO, 2007, p. 117) e funcionam como condutores desse poder.

Para Santos (1993a), Foucault tem oferecido grande contribuição para análises e estudos desenvolvidos no campo do currículo. “Ao trabalhar com a relação entre poder e conhecimento, Foucault oferece sugestivos *insights* para a compreensão do processo de constituição de conhecimento escolar” (SANTOS, 1993a, p. 73). Essa autora aborda diversos trabalhos no campo do currículo que se apoiam na teorização foucaultiana (KNIGHT, 1990, CHERRYHOLMES, 1993, WEXLER, 1987, SANTOS, 1993b, HOSKIN, 1990, WALKERDINE, 1984). Destes, destaco o trabalho de Cherryholmes (1993) pelas possibilidades de uso na presente estudo.

---

<sup>104</sup> No caso específico do presente estudo, o conhecimento selecionado para compor o currículo de EF na ESEF/UFRGS, no ano de 1987, foi o “fazer científico”.

Para Cherryholmes (1993, p. 165) é importante compreender “como o poder molda o discurso curricular e porque certas matérias são privilegiadas em detrimento de outras”. Isso é possível na medida em que olhamos “para o currículo como uma construção histórica, imbricada em relações de poder constituídas em momentos sociais específicos” (MENDES, 2005, p. 41).

Cherryholmes (1993) propõe questionar quais interesses estão sendo atendidos pelo discurso curricular e quais estão sendo excluídos, além de pensar quais categorias são valorizadas e dominantes e quais são excluídas. Esse autor aponta ainda que a análise pós-estrutural sugere dispendar atenção não somente aos tópicos que estão à vista, mas também “às condições históricas e às estruturas sociais através das quais os tópicos são constituídos, reconstituídos e legitimados” (CHERRYHOLMES, 1993, p. 166). Esse tipo de análise tem sido particularmente contemplado na área de conhecimento da Educação brasileira, que tem como fórum privilegiado de discussão a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) (PARAÍSO, 2004).

Já na área de conhecimento da EF brasileira, estudos envolvendo o tema currículo podem ser identificados como relativamente recentes. Para Mendes (2005), até meados da década de 1990, os debates no campo do currículo ainda se apresentavam insatisfatórios e careciam de ampliação, mas a partir dessa década a produção do campo do currículo no Brasil passou a se expandir. Diversos autores passaram a analisar essa produção em diferentes enfoques (DARIDO, 1995, PAIVA; ANDRADE FILHO; FIGUEIREDO, 2006, AZEVEDO; MALINA, 2004, entre outros).

No artigo *Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física*, Darido (1995) discute a formação profissional em EF a partir de dois modelos distintos: o modelo tradicional e o modelo científico. Esta autora denomina de *currículo tradicional* aquele que privilegia a formação profissional a partir da experiência, dando ênfase especialmente às disciplinas esportivas, e de *currículo científico* aquele que privilegia as disciplinas de cunho teórico-científico.

Betti e Betti (1996) também abordam esta temática e chamam de currículo tradicional-esportivo aquele que enfatiza as disciplinas denominadas "práticas" na formação em EF, especialmente as esportivas. De acordo com os autores, esse modelo consolidou-se na década de 1970 no Brasil. Já o currículo que valoriza as disciplinas teóricas é chamado pelos autores de currículo de orientação técnico-científica. Esse modelo emergiu no Brasil na metade dos anos 1980 e se consolidou no início da década de 90 (BETTI; BETTI, 1996).

A partir da análise de trabalhos que discutiram questões relacionadas à formação na área da EF (MEDINA, 1983, COSTA, 1985, CARMO, 1982, MOREIRA, 1991, DAÓLIO, 1993), Darido (1995) destaca que esses estudos apontavam que a formação em EF nas décadas de 1970 e 1980 se dava de maneira acrítica, com forte ênfase na formação esportivista ligada ao alto rendimento e voltada para a seleção dos mais habilidosos. Enfim, que os profissionais eram "formados na perspectiva do saber fazer para ensinar" (DARIDO, 1995, p. 124).

Paiva, Andrade Filho e Figueiredo (2006) também abordam essa temática no artigo *Formação inicial e currículo no CEFD/UFES* e proporcionam



um panorama dos estudos que discutem problemas relacionados à formação profissional em EF realizados nos anos 1970, 1980 e 1990. Esses autores pontuam que os estudos realizados nas décadas de 1970 e 1980:

Denunciaram o processo de formação profissional acrítico, a-histórico e acientífico; a fragmentação do conhecimento; a dicotomia entre teoria e prática; a importação de modelos teóricos de forma descontextualizada e acrítica; a organização curricular com base na formação esportiva calcada no paradigma da aptidão física, dentre outros. Vários deles preocuparam-se com análises de currículos específicos de cursos e com a enfática discussão licenciatura/generalista versus bacharelado/especialista (PAIVA; ANDRADE FILHO; FIGUEIREDO, 2006, p. 216).

As denúncias realizadas na produção científica da década de 1980 motivaram um clima de reformas e revisões e colocaram a temática curricular no centro das atenções (PAIVA; ANDRADE FILHO; FIGUEIREDO, 2006). Para tentar escapar deste modelo de formação esportivista e acrítico, a partir da metade da década de 1980,

algumas instituições de ensino superior implementaram novas propostas curriculares procurando formar o aluno numa perspectiva mais ampla. Assim, a formação profissional em Educação Física voltou-se da prática das modalidades esportivas para teoria. Na verdade o que houve foi uma valorização do conhecimento científico derivado das ciências exatas como base para as tomadas de decisão do profissional (DARIDO, 1995, p. 124).

Esse conhecimento científico era apoiado em uma visão específica de ciência. Souza e Silva (1990) proporciona o entendimento dessa visão/concepção ao abordar as implicações epistemológicas das dissertações produzidas nos mestrados em Educação Física do Brasil. A autora analisa as dissertações produzidas até o ano de 1987 nos mestrados da USP, da UFSM e da UFRJ e aponta que:

[...] o entendimento dominante de ciência nas pesquisas analisadas está atrelado aos princípios da quantificação e matematização dos fenômenos; da análise e descrição dos mesmos segundo parâmetros estatísticos; da descontextualização e isolamento dos fenômenos ou fatos para sua "experimentação" ou observação mais "objetiva"; da "imparcialidade" e "neutralidade" do pesquisador, entre outras características que apontam para uma visão de ciência voltada para a vertente positivista (SOUZA E SILVA, 1990, p. ix).

A vertente positivista é orientada pela tentativa de “constituir seu objeto, pautar seus métodos e elaborar seus conceitos à luz das ciências naturais, procurando dessa maneira chegar à mesma objetividade e ao mesmo êxito nas formas de controle sobre os fenômenos estudados” (COSTA, 1997, p. 46). Portanto, a partir da metade da década de 1980, a formação em EF passou da ênfase na prática para a teoria, valorizando o conhecimento científico apoiado nas Ciências Naturais.

Para Betti e Betti (1996) o modelo técnico-científico acompanhou as mudanças conceituais e epistemológicas da EF. Esse modelo recebeu “influência da concepção que vê a Educação Física como área do conhecimento (disciplina acadêmica) ou ciência, que seria responsável pela produção de conhecimentos científicos sobre o ‘homem em movimento’” (BETTI; BETTI, 1996, p. 11). Silva *et al* (2009) explicam as implicações dessa mudança:

O modelo teórico fundamentado nos moldes científicos levou o profissional de Educação Física a buscar subsídios especializados e a valorizar tais conhecimentos. Os cursos tiveram um aumento significativo de disciplinas teóricas com uma valorização destas em relação às chamadas disciplinas práticas ou técnicas, mais ligadas às práticas corporais. Esta visão mais academicista contribuiu para um distanciamento entre o saber científico e o saber fazer e, mais, nesse momento não focalizou suas preocupações para a práxis pedagógica. Além do reforço à dicotomia teoria e prática, ampliou-se a dualidade formação e intervenção (SILVA *et al*, 2009, p. 07).

O distanciamento entre a teoria e a prática no modelo científico de currículo também é apontado por Darido (1995). Auxiliada pelas ideias de Lawson (1990), a autora destaca as características da produção de conhecimento de vertente positivista como possíveis complicadoras da relação teoria e prática na formação em EF:

pesquisas realizadas em situações artificiais, geralmente em situação de laboratório, emprego de tarefas distantes do contexto real, busca de uma fundamentação teórica generalizadora, o negligenciamento do contexto de trabalho do profissional e a fragmentação do conhecimento (DARIDO, 1995, p. 126).

Estas características impediriam que os conhecimentos produzidos fossem organizados de forma a auxiliar a prática do profissional em Educação Física. O modelo técnico-científico é reforçado na Resolução CFE n. 3, de 16 de junho de 1987<sup>105</sup> (BRASIL, 1987d). Para Azevedo e Malina (2004) a reforma curricular que ocorreu a partir dessa Resolução, foi decorrente de discussões realizadas no período de 1978 a 1986. Esses autores comentam o contexto das discussões:

Tal período foi marcado em termos político-econômicos, especialmente, pelo processo de abertura política e desgaste do governo militar, pondo fim a 21 anos de ditadura, e também pelo agravamento das crises econômicas e a decorrente inflação desenfreada, recessão, deteriorização dos serviços públicos, corrupção etc. Diante desses fatos, a oposição política fortaleceu-se, os trabalhadores organizaram-se fazendo surgir sindicatos e associações, como a de professores e especialistas em educação. Um novo contexto delineou-se gradativamente, fomentando o debate sobre os problemas da educação brasileira em diversos seminários promovidos no decorrer desse período, além da política de governo de incentivo à pós-graduação (AZEVEDO; MALINA, 2004, p. 136).

---

<sup>105</sup> Disponível em: <<http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/1990/Res0387-cfe.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

A Resolução CFE n. 3/87, entre outros pontos, previa o aumento da carga horária mínima para o curso de Educação Física, concedia maior autonomia às IES para formulação dos projetos curriculares e instituía a divisão da formação em EF em licenciatura e bacharelado (FRAGA *et al*, 2010, AZEVEDO; MALINA, 2004, SOUZA NETO *et al*, 2004, BENITES; SOUZA NETO; HUNGER, 2008). De acordo com essa Resolução os currículos dos cursos de EF seriam elaborados pelas IES com o objetivo de “possibilitar a aquisição integrada de conhecimentos e técnicas que permitam uma atuação nos campos da Educação Escolar (pré-escolar, 1º, 2º e 3º graus) e Não-Escolar<sup>106</sup> (academias, clubes, centros comunitários, condomínios etc.)” (BRASIL, 1987d). Para Silva *et al* (2009, p. 08), é possível perceber neste processo de fragmentação da formação em EF “o reforço e a consolidação de um discurso cientificista, com fortes marcas biomédicas”.

Souza Neto *et al* (2004, p. 124) apontam que, embora a justificativa para a criação do bacharelado (e a manutenção da licenciatura) fosse o mercado de trabalho, “o que de fato estava em jogo era a introdução de um novo modelo curricular, denominado de “técnico-científico”, como proposta de superação de um currículo centrado mais nos conteúdos gímnico-desportivos”. Com isso, passava a haver duas concepções distintas de profissionais de EF, com formações específicas “desencadeando um grande debate, em termos de intervenção, área de atuação e perspectivas de formação, obtendo um redimensionamento no próprio mercado de trabalho que até então não fazia

---

<sup>106</sup> O termo “não-escolar” era usado para se referir à atuação em Educação Física fora do âmbito escolar, antes da regulamentação da profissão.

distinção entre os profissionais” (BENITES; SOUZA NETO; HUNGER, 2008, p. 347).

A divisão na formação em EF desencadeou também a produção de diversos artigos, tanto defendendo a separação quanto questionando a dicotomia licenciado *versus* bacharel. No artigo *Educação Física na UNESP de Rio Claro: Bacharelado e Licenciatura*, Barros (1995) aponta a Resolução CFE n. 3/1987 como um marco de transformação da Educação Física e discute suas repercussões para a área. Esse autor defende que a divisão da formação em EF possibilita o aprofundamento do conhecimento na área de interesse do aluno, garantindo tanto a competência profissional quanto a qualidade dos serviços prestados à sociedade.

Por outro lado, no artigo intitulado *Licenciado e/ou bacharelado: alguns entendimentos possíveis*, Carmo (1988) aponta as inconsistências do Parecer CNE/CES 215/87 no que diz respeito à titulação de licenciado e de bacharel. As inconsistências apontadas por esse autor passam pela incapacidade do redator do Parecer em distinguir as disciplinas que caberiam ao bacharelado e à licenciatura; pelo reforço de uma visão compartimentalizada e fragmentada do conhecimento; pela separação da EF em formações distintas a exemplo de áreas de conhecimento como a Química, Física ou Biologia, onde o bacharel atua somente com a pesquisa. Carmo (1988) também destaca a argumentação do Parecer CNE/CES 215/87 de que ao bacharel caberia a pesquisa e que o currículo dos cursos de EF, mesmo nas áreas pedagógicas e esportivas, precisariam apresentar aspectos formativos científicos mediante a possibilidade de conhecer e desenvolver pesquisas. O bacharelado seria, então, o curso formador de pesquisadores na área da EF.

A temática bacharelado/licenciatura em EF também é discutida por Mendes (2005). No artigo *O campo do currículo e a produção curricular na Educação Física nos anos 90*, esse autor analisa 20 artigos publicados em periódicos científicos brasileiros, que tratam do tema *Currículo do Curso de Educação Física*. Essa revisão proporciona uma ideia do campo da produção do currículo no período entre 1987 a 1996. Dentre os variados assuntos tratados nos artigos, Mendes (2005) destaca questões específicas sobre as reformas curriculares: a separação entre disciplinas teóricas e práticas; a dificuldade de integração entre as disciplinas do currículo; a relação entre currículo e formação profissional; a necessidade de reformas nos currículos dos cursos de EF; a divisão da formação em licenciatura e bacharelado.

Mendes (2005) pontua que os autores dos artigos analisados criticam a maior atenção e *status* conferidos ao bacharelado por ser voltado à pesquisa, e apontam que a licenciatura é deixada em segundo plano por ser voltada ao ensino. Silva *et al* (2009) explicam a desvalorização dos professores de EF que irão atuar no sistema oficial de ensino, em função do vínculo com a educação e a pedagogia. Em contrapartida, os autores apontam uma valorização daqueles que irão atuar no mercado de trabalho das academias de ginástica e do treinamento esportivo, “que se amparam num conjunto de conhecimentos produzidos, majoritariamente, de uma perspectiva reducionista de ciência e de forma descolada da intervenção profissional” (SILVA *et al*, 2009, p.08).

Essas tensões e disputas em relação à formação em EF foram sendo transportadas também para o currículo de ensino superior em EF da ESEF/UFRGS e são abordadas na seção que segue.

## 2.1. “Fazer Científico” nas Alterações Curriculares da ESEF/UFRGS

Ao longo de sua história, a ESEF/UFRGS passou por diversas alterações curriculares, sendo elas de maior ou menor impacto para a Escola. Essa seção tem por finalidade dar visibilidade a essas alterações, sobretudo à alteração de 1987, que incluiu as disciplinas do “fazer científico” no currículo da Escola. Além disso, procurei mostrar as modificações do currículo da Escola no que se refere especificamente à inclusão de outras disciplinas dessa mesma natureza na formação inicial em EF, que foram ocorrendo após 1987.

No artigo *Alterações curriculares de uma escola septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em Educação Física da ESEF/UFRGS* (FRAGA *et al*, 2010)<sup>107</sup> analisamos a relação entre os cursos de formação superior em Educação Física oferecidos pela Escola de 1940 até 2010 e os correspondentes atos normativos educacionais. Percebemos que a pressão exercida pelo marco regulatório educacional sobre os cursos da ESEF/UFRGS foi mais intensa em três momentos: a federalização da Escola em 1970, as alterações curriculares de 1987 e a divisão do curso de EF em licenciatura e bacharelado em 2005. Além desses momentos, uma nova reestruturação curricular foi realizada no ano de 2012, em decorrência de discussões que envolveram a comunidade da ESEF/UFRGS desde 2010.

A primeira grande mudança no currículo da Escola se deu com a federalização da ESEF. A incorporação da Escola à estrutura da UFRGS refletiu na estrutura curricular do curso de EF daquele período. No artigo *Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até*

---

<sup>107</sup> Artigo publicado por integrantes do grupo POLIFES, do qual faço parte.

a *federalização*, MAZO (2005) proporciona uma ideia da constituição da ESEF antes da federalização, no período em que estava sob a tutela do Estado, portanto o período em que a ESEF ainda não havia sido incorporada pela UFRGS. Essa autora refere que a ESEF foi a primeira instituição que formou professores de EF no Estado do Rio Grande do Sul:

A ESEF também foi responsável pela formação dos professores pioneiros nas instituições de ensino superior, que foram fundadas a partir do início da década de 70 no Estado. A presença expressiva de militares e médicos no corpo docente pioneiro da ESEF demonstra que predominava a influência militar e médico-higienista no perfil dos professores e, conseqüentemente, na formação dos alunos (MAZO, 2005, p. 160).

Essa autora explica que os militares ministravam as disciplinas de práticas esportivas, enquanto os médicos eram responsáveis pelas disciplinas teóricas. Mazo (2005, p. 160) aponta ainda que o “número significativo de médicos entre os primeiros professores sugere a busca de uma formação do professor de Educação Física voltada para a manutenção da saúde física e biológica<sup>108</sup>”. Nos primeiros anos, portanto, a ESEF era uma instituição estadual, com forte influência militar e médica. De acordo com Nunes e Molina Neto (2005) era do interesse do Governo do Estado do Rio Grande do Sul que a ESEF passasse a ser responsabilidade do Governo Federal, pois o Governo do Estado tinha dificuldades de fornecer as condições materiais necessárias para o funcionamento da Escola.

---

<sup>108</sup> A primeira grade curricular do Curso Normal da ESEF oferecia as seguintes disciplinas teóricas: Anatomia e Fisiologia Humanas, Biometria, Cinesiologia, Fisioterapia, Higiene Aplicada, Socorros de Urgência, Traumatologia Desportiva e Fisiologia Aplicada (MAZO, 2005).



O processo de federalização da Escola se deu na esteira da implantação da Reforma Universitária de 1968<sup>109</sup> (FRAGA *et al*, 2010). Tanto essa Reforma quanto a federalização da Escola acarretaram em profundas mudanças estruturais na ESEF. O curso passou a ser distribuído em semestres, novas disciplinas foram acrescentadas ao currículo, algumas disciplinas passaram a ser ministradas por outras unidades da Universidade e, além disto, a Escola passou a oferecer disciplinas para toda a UFRGS em decorrência da obrigatoriedade da EF para todos os cursos de graduação instituída pelo Decreto-Lei n. 705/ 1969<sup>110</sup> (FRAGA *et al*, 2010).

A Reforma Universitária de 1968 estabeleceu a indissociabilidade entre ensino e pesquisa como princípio norteador para o desenvolvimento da universidade brasileira<sup>111</sup>. Porém, apesar da relação entre o processo de federalização da Escola e a Reforma Universitária, o “fazer científico” ainda não podia ser visualizado no currículo da Escola nesse período. Essa interpretação é possível a partir da leitura da tabela 01 (p. 23), que mostra as disciplinas do “fazer científico” na matriz curricular da ESEF/UFRGS no período de 1940 até 2010.

Embora tenha produzido significativas alterações na organização e na estrutura da Escola, a federalização não parece ter atingido os diferentes segmentos da ESEF. No artigo *ESEF 70 anos: o processo de federalização*

---

<sup>109</sup> A Reforma Universitária foi apresentada no capítulo 1, seção 1.1. Pesquisa e a Função Social da Universidade.

<sup>110</sup> Esse Decreto-Lei alterou a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, que passou a vigorar com a seguinte redação: "Será obrigatória a prática da educação física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior" (BRASIL, 1969). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/De10705.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10705.htm)>. Acesso em: 05 mar. 2014.

<sup>111</sup> Conforme apresentado no capítulo 1.

*sob o olhar discente*, Goellner *et al* (2010) analisam o processo de federalização da Escola sob o olhar dos alunos que se graduaram na primeira turma formada sob o regime federal de ensino em 1970. As autoras apontam que essa turma de alunos vivenciou a federalização de forma peculiar, pois, ao mesmo tempo em que estavam vivendo o processo por dentro, muitos alunos se mantiveram afastados dele. Essas autoras também destacam que muitos professores da Escola também tiveram pouco conhecimento sobre a federalização e pouco envolvimento nesse processo:

Os silêncios, os cuidados, a tentativa de "neutralidade" política marcou o processo de transição da ESEF, sob o julgo do Estado do Rio Grande do Sul para a União, período tenso que durou aproximadamente um ano, haja visto que o decreto data de outubro de 1969 e a oficialização do processo veio ocorrer em setembro de 1970 (GOELLNER *et al*, 2010, p. 23).

A perspectiva dos professores da Escola em relação ao processo de incorporação da ESEF à UFRGS é enfocada no estudo de Nunes e Molina Neto (2005), intitulado *O processo de federalização da ESEF/UFRGS sob a perspectiva dos professores: o estudo de um caso*. Para os autores, o processo de federalização da ESEF possibilitou alterações significativas na estrutura da Escola, trouxe uma sensível melhora no *status*, na valorização e no reconhecimento do profissional de EF formado por essa instituição, mas não trouxe grande impacto sobre os professores do período (NUNES; MOLINA NETO, 2005). A Escola continuava a contar com a presença de militares e médicos no corpo docente.

Uma grande reformulação curricular ocorreu no ano de 1987 e foi baseada em discussões acumuladas pela comunidade da Escola desde o início da década de 1980 (FRAGA *et al*, 2010). Dentre as alterações curriculares de

1987 estava a inclusão das disciplinas do “fazer científico”: *Metodologia da Pesquisa em Educação Física e Seminário de Pesquisa em Educação Física*. A reformulação curricular de 1987 é, portanto, um acontecimento relevante para este estudo. É importante ressaltar que a inclusão das referidas disciplinas não foi a única alteração ocorrida neste ano. O curso superior de Educação Física da ESEF/UFRGS passou por uma grande reformulação em 1987, que gerou impacto na matriz curricular da Escola<sup>112</sup>.

A reformulação curricular em 1987 promoveu, além das mudanças macroestruturais na Escola desencadeadas pela implantação da licenciatura ampliada, uma série de modificações nas matrículas das disciplinas do curso de EF (FRAGA *et al*, 2010). Antes dessa implantação os estudantes do curso de EF cursavam praticamente as mesmas disciplinas, porém depois de 1987 o número de disciplinas eletivas aumentou consideravelmente e os alunos passaram a ter a possibilidade de optar pelas disciplinas eletivas que melhor lhes conviesse, desde que cumprissem 74 créditos obrigatórios e 117 eletivos. “Essa configuração gerava uma situação inusitada: todos obtinham a mesma titulação, mas poucos percorriam a mesma trajetória curricular” (FRAGA *et al* 2010 p. 80).

A reformulação curricular da ESEF/UFRGS de 1987 acompanhou as discussões que estavam acontecendo entre intelectuais da área da EF brasileira (já enfocadas na seção 1.3. “*Fazer Científico*” na *Educação Física Brasileira*), que resultaram na Resolução CFE n. 3/1987 (AZEVEDO; MALINA, 2004, FRAGA, *et al*, 2010, PAIVA; ANDRADE FILHO; FIGUEIREDO, 2006).

---

<sup>112</sup> Wachs (2013) também discute as alterações do currículo da Escola na tese intitulada *Funções sanitárias projetadas nos currículos da Educação Física: estudo a partir da disciplina de Higiene no ensino de graduação*.

Um dos requisitos da Resolução n. 3/1987 atendidos pela Escola foi o aumento da carga horária do curso de três para quatro anos letivos, distribuídos em oito semestres, que impactou tanto a grade curricular quanto a infraestrutura da Escola (FRAGA *et al*, 2010).

O ponto mais emblemático da Resolução CFE n. 3/1987 foi a instituição da divisão do curso de EF em bacharelado e licenciatura, porém, mesmo com a possibilidade de instituir o bacharelado, a comunidade da ESEF/UFRGS optou por manter somente o curso de licenciatura em caráter generalista (FRAGA *et al*, 2010). Três estudos realizados por alunos e um docente da Escola envolviam a reestruturação curricular da ESEF/UFRGS de 1987 (GAYA; BAUER *et al*, 1988, GAYA; GRIN, 1988, GAYA; SIMCH *et al*, 1988) e foram apresentados no 9º Simpósio Nacional de Ginástica realizado em Pelotas, no ano de 1988. Esses estudos tratam da perspectiva dos discentes sobre as disciplinas do currículo do curso de Educação Física da ESEF/UFRGS que estava sendo implantado (GAYA; SIMCH *et al*, 1988), discutem os fatores estruturais e organizacionais que envolvem esse currículo (GAYA; GRIN, 1988) e comparam a proposta curricular da Escola com a proposta curricular do MEC (GAYA; BAUER *et al*, 1988).

Após analisarem as duas diferentes propostas curriculares, Gaya, Bauer *et al* (1988) concluem o estudo apontando que, embora os currículos se apresentassem de forma semelhante, o currículo da ESEF/UFRGS possuía um leque de opções superior à sugestão do MEC no seu Parecer CNE/CES 215/87<sup>113</sup>. Conforme descrito anteriormente, esse parecer argumentava que a

---

<sup>113</sup> Parecer CNE/CES n. 215, de 11 de março de 1987. Dispõe sobre a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo (BRASIL, 1987c). Disponível em: <[http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra\\_lei.asp?ID=59](http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=59)>. Acesso em: 11 jul. 2014.

pesquisa caberia ao bacharel. A Escola resistiu, portanto, à implantação do bacharelado indicada pelo parecer do MEC e implantou a sua própria alteração curricular. A Escola não incluiu o “bacharel pesquisador” nas alterações curriculares de 1987, mas acrescentou as duas disciplinas do “fazer científico”, em caráter opcional<sup>114</sup>, na formação inicial em EF. Nos anos seguintes, a ESEF/UFRGS foi incluindo outras disciplinas do “fazer científico” no currículo.

Às disciplinas de *Metodologia da Pesquisa em Educação Física* e *Seminário de Pesquisa em Educação Física* somou-se, em 1999, a disciplina de *Metodologia da Pesquisa Bibliográfica*. No ano seguinte, a disciplina de *Seminário de Pesquisa em Educação Física* foi retirada e substituída pelo *Seminário de Monografia*. Em 2001, essa disciplina e a de *Metodologia da Pesquisa em Educação Física* tornaram-se obrigatórias no currículo, estabelecendo um marco importante para o “fazer científico” na formação inicial em EF da ESEF/UFRGS. Em 2002 passou a ser oferecida a disciplina de *Atividades Complementares em Pesquisa*<sup>115</sup>. Em 2003, a disciplina de *Seminário de Monografia* deu lugar às disciplinas de *Seminário de Monografia I* e *II*. Aos poucos, portanto, o “fazer científico” foi ganhando força no currículo da Escola, mesmo sem a divisão da formação em bacharelado e licenciatura.

A resistência da Escola à separação da formação em EF durou até o ano de 2004<sup>116</sup>, quando ocorreu mais uma grande reformulação curricular da

---

<sup>114</sup> As disciplinas de caráter opcional eram “cursadas pelo aluno de acordo com suas preferências pessoais, porém, obedecendo as regras pré-estabelecidas pela Comissão de Carreira relativamente ao número de créditos necessários” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 32).

<sup>115</sup> Essa disciplina foi retirada da grade curricular no segundo semestre de 2008.

<sup>116</sup> Em 2002 haviam sido instituídas as Resoluções CNE/CP 01/2002 (BRASIL, 2002a) e 02/2002 (BRASIL, 2002b) que “desautorizaram a tese de formação em licenciatura plena generalista, já que, a partir de suas orientações, não era possível mais, a nenhum curso,

ESEF/UFRGS, (implantada em 2005), que dividiu o curso de EF em duas habilitações distintas: bacharelado e licenciatura. Depois de sustentar por muito tempo a formação em EF em única nomenclatura,

a ESEF acabou se inclinando mais fortemente em favor da divisão quando foi homologada a Resolução n. 7/2004 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 31 de março de 2004<sup>117</sup>, que instituiu as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em EF (FRAGA *et al*, 2010, p. 80).

A Escola dividiu a formação inicial em EF nas habilitações bacharelado e licenciatura (que optei por chamar de licenciatura “nova”), mas manteve a licenciatura ampliada<sup>118</sup> (04500)<sup>119</sup> para os alunos que já estavam cursando. As disciplinas do “fazer científico” passaram a ser ofertadas para as três modalidades de curso, com exceção de *Atividades Complementares em Pesquisa*, que só continuou a compor a grade da licenciatura 04500. Também em 2005, passou a ser oferecida a disciplina *Pesquisa em Educação I*, mas somente para a licenciatura “nova”, em caráter eletivo. Em 2006, as disciplinas *Seminário de Monografia I e II* foram substituídas por *Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II*.

---

sobrepor/conjugar a formação de bacharéis e licenciados” (PAIVA; ANDRADE FILHO; FIGUEIREDO, 2006, p. 217).

<sup>117</sup> A Resolução CNE/CSE n. 7/2004 (BRASIL, 2004) não traz o termo "bacharel", mas "graduado". Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

<sup>118</sup>“Licenciatura ampliada” foi o termo empregado pelo campo da Educação Física para se referir aos currículos de licenciatura que reuniam em único curso o que a Resolução n. 03/1987 previa em dois: bacharelado juntamente com licenciatura (SOUZA NETO *et al*, 2004). É importante não confundir com “licenciatura plena”, que se refere à formação de docentes para a educação básica em nível superior em todas as áreas, que na Lei n. 5692/1971 foi usada para se diferenciar da “licenciatura curta”, com duração menor e certificação específica para atuação no ensino de primeiro grau. Portanto, o termo “licenciatura ampliada” só faz sentido no contexto específico da Educação Física (FRAGA *et al*, 2010).

<sup>119</sup> Essa era a numeração que identificava a licenciatura em EF na relação de cursos da UFRGS, antes das alterações citadas acima.

Em 2007/2 a disciplina de *Pesquisa em Educação I* passou a ser oferecida também para a licenciatura 04500, porém em caráter obrigatório. Em 2009 e 2010 foram oferecidas cinco disciplinas: *Metodologia da Pesquisa em EFI* (obrigatória para o bacharelado, a licenciatura “nova” e a licenciatura 04500), *Trabalho de Conclusão de Curso I e II* (obrigatórias para os três cursos), *Metodologia da Pesquisa Bibliográfica* (eletiva para os três cursos) e *Pesquisa em Educação I* (eletiva para as licenciaturas<sup>120</sup>). Conforme exposto acima, a “hipertrofia” do “fazer científico” continuou acontecendo em todos os currículos de EF da Escola<sup>121</sup>, portanto, acabou não sendo uma exclusividade do bacharelado.

Desde a grande alteração curricular de 2004, o movimento estudantil da Escola vinha protagonizando diversas mobilizações contrárias à divisão da formação na área da EFI em licenciatura e bacharelado<sup>122</sup>. As discussões foram se tornando mais intensas, o que levou a comunidade da ESEF/UFRGS a realizar uma nova reestruturação curricular. No ano de 2010 foram definidos os contornos de um novo currículo que permitisse a entrada na habilitação licenciatura via vestibular e a opção para habilitação em bacharelado em duas possibilidades extravestibulares: permanência e ingresso de diplomados<sup>123</sup>.

---

<sup>120</sup> Em 2011, a licenciatura 04500 foi extinta.

<sup>121</sup> No ano de 2009, os cursos de Licenciatura em Dança e Bacharelado em Fisioterapia também passaram a ser oferecidos na Escola.

<sup>122</sup> A separação do curso de EFI em bacharelado e licenciatura vem sendo alvo de muitas críticas e debates na área da EFI. Essa temática também vem sendo enfocada em artigos como: *Divisão da formação em educação física: "crônica de uma morte anunciada"* (FRIZZO, 2010) e *Formação de professores de Educação Física da ESEF/UFRGS: balanço após cinco anos da divisão do curso* (FILIPPINI; DIEHL; FRIZZO, 2010).

<sup>123</sup> O estudante que ingressa nesse novo desenho cursa as disciplinas da licenciatura e do bacharelado desde o primeiro momento do curso e, quando o estudante completar 75% das disciplinas da carga horária do bacharelado, ele pode solicitar a permanência no curso do bacharelado. Já o ingresso de diplomados é realizado quando licenciados em EF solicitam o ingresso no bacharelado sem prestar o vestibular.

Esse novo currículo visa proporcionar aos egressos maiores possibilidades de atuação, “sem deixar de contemplar as exigências do campo profissional contemporâneo e as diretrizes para a formação superior da área” (FRAGA *et al*, 2010 p. 63). O novo currículo foi concluído em 2011, passou a ser implantado a partir de 2012 e ainda se encontra em fase de adaptação em 2014.

O “fazer científico” recebeu destaque nesse novo currículo, no qual há um Eixo da Formação Específica (comum a todos os cursos de EF), que inclui o Núcleo Pesquisa em Educação Física. A fim de que os estudantes adquiram as habilidades relativas à produção do conhecimento científico, o Núcleo Pesquisa em Educação Física é composto pelas disciplinas *Pesquisa em Educação Física I, Pesquisa em Educação Física II, Trabalho de Conclusão de Curso I, Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física Escolar, Metodologia da Pesquisa Bibliográfica e Estatística aplicada à Educação Física*<sup>124</sup>. Desde a reformulação de 1987, paulatinamente as disciplinas do “fazer científico” foram ganhando força e destaque nos currículos dos cursos de Educação Física na Escola, independentemente da modalidade bacharelado/licenciatura.

---

<sup>124</sup> Projeto Pedagógico do Curso Educação Física habilitação Licenciatura (p. 21). Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD\\_EFI/ppc\\_licenciatura.pdf](http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD_EFI/ppc_licenciatura.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2014. Projeto Pedagógico do Curso Educação Física habilitação Bacharelado (p. 18). Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD\\_EFI/ppc\\_bacharelado.pdf](http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD_EFI/ppc_bacharelado.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2014.



## 2.2. Disciplinas do “Fazer Científico” na Formação Inicial

Apesar da pesquisa na formação inicial de professores se constituir em uma temática recorrente na área de conhecimento da Educação, ainda são escassos os estudos sobre esse tema na EF (SOARES JÚNIOR, 2010). No artigo intitulado *Sobre a Relação Ensino-Pesquisa na Formação Inicial em Educação Física*, Vaz (2008) defende a associação da pesquisa ao ensino na EF e pontua que problemáticas de ensino podem se constituir em importantes objetos de investigação nessa área de conhecimento. Esse autor pontua ainda que a “prática de investigação como tarefa de professores e professoras de Educação Física deve ser exercitada ainda no período de formação inicial universitária” (VAZ, 2008, p. 84).

No artigo intitulado *A pesquisa na formação inicial dos professores de Educação Física*, Soares Júnior e Borges (2012) analisam o lugar da pesquisa no currículo de um curso de formação inicial de professores de EF para a Educação Básica. Os autores constataram que há uma indicação de inclusão da pesquisa em todas as disciplinas do curso de licenciatura em EF da instituição investigada e que existe, inclusive, uma intenção de articulação entre a pesquisa e o processo de ensino.

Em outro artigo, *A pesquisa no currículo de um curso de formação inicial dos professores de Educação Física*, Soares Júnior (2011) apresenta os resultados de uma investigação realizada para a dissertação de mestrado intitulada: *O lugar da pesquisa no currículo da formação inicial dos professores da Educação Física* (SOARES JÚNIOR, 2010). Esse estudo se insere no debate sobre a formação docente e trata de disciplinas que possuem uma

indicação específica de inclusão da pesquisa no Projeto Político-Pedagógico<sup>125</sup> (PPP) de um curso de formação inicial de professores de Educação Física para a Educação Básica. Além do PPP, esse autor buscou a indicação de inclusão da pesquisa por meio dos títulos e/ou ementas das disciplinas do curso.

A leitura dos dois últimos artigos foi muito importante para o presente estudo, pois me auxiliou a delimitar a forma de perceber a inclusão do “fazer científico” no currículo de 1987 da ESEF/UFRGS. Inicialmente eu havia percebido essa inclusão com a “aparição” das duas disciplinas que continham o termo pesquisa em seus títulos: *Metodologia da Pesquisa em Educação Física* e *Seminário de Pesquisa em Educação Física*. Mas restavam ainda algumas dúvidas: seriam somente essas duas disciplinas do currículo de 1987 que tratavam da instrumentalização dos alunos para fazer pesquisas? As outras disciplinas não discutiam as concepções de ciência e pesquisa e os modos de se fazer investigações científicas?

Para não correr o risco de incluir e/ou excluir disciplinas do rol das “formadoras de pesquisadores” somente por seus títulos, li as súmulas<sup>126</sup> de todas as disciplinas ofertadas no curso de EF no ano de 1987 que constam no volume 03 do *Catálogo dos Cursos de Graduação da UFRGS 1987: Docentes/Disciplinas*. Em 1987 foram oferecidas 78 disciplinas, 48 vinculadas

---

<sup>125</sup> O Projeto Político Pedagógico “constitui-se em um documento produzido como resultado do diálogo entre os diversos segmentos da comunidade escolar a fim de organizar e planejar o trabalho administrativo-pedagógico, buscando soluções para os problemas diagnosticados. O PPP, além de ser uma obrigação legal, deve traduzir a visão, a missão, os objetivos, as metas e as ações que determinam o caminho do sucesso e da autonomia a ser trilhado pela instituição escolar”. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/ppp>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

<sup>126</sup> Optei pela leitura das súmulas e não do PPP, pois somente após a implantação da LDBEN n. 9.394/96 passou a ser possível aos estabelecimentos de ensino “elaborar e executar sua proposta pedagógica” (BRASIL, 1996). Assim, no ano de 1987 ainda não havia PPP disponível.

ao Departamento de Desportos (EFI 1) e 30 ao Departamento de Ginástica e Recreação (EFI 2).

Com a leitura das súmulas foi possível perceber que o currículo de 1987 da Escola contava tanto com disciplinas técnico-esportivas, quanto com disciplinas “teórico-científicas” (DARIDO, 1995). As súmulas dessas disciplinas envolviam o estudo de métodos e técnicas de ensino de diversos esportes, de métodos de treinamento físico, das regras de arbitragem dos esportes, das teorias da Educação, da morfologia humana, das fases do desenvolvimento motor, das técnicas de mensuração do corpo humano, entre outras. Cito como exemplo a súmula da disciplina de Fisiologia do Exercício (EFI 105): “Estuda os mecanismos de adaptação ao exercício físico agudo e crônico sob a influência do meio ambiente” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987a, p. 173).

Já as súmulas das disciplinas *Metodologia da Pesquisa em Educação Física* e *Seminário de Pesquisa em Educação Física* proporcionavam a descrição de duas disciplinas teórico-científicas que, além de se valerem de conhecimentos produzidos pela ciência - o “saber científico” -, enfocavam também a formação para a pesquisa - o “fazer científico”. A súmula de *Metodologia da Pesquisa em Educação Física (EFI 205)* trazia o seguinte texto: “A disciplina visa introduzir os conceitos básicos de ciência, identificar os tipos de pesquisa e seus principais passos. Destaca a importância da pesquisa em Educação Física, em suas diferentes áreas de abrangência” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987a, p. 178). E a súmula de *Seminário de Pesquisa em Educação Física (EFI 218)* apresentava o seguinte

texto: “Oportunizar aos discentes, experiência de pesquisa na área de Educação Física e desportos, através da participação em projetos em andamento” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987a, p. 179).

Depois de ler as súmulas de todas as disciplinas ficou claro que somente as duas disciplinas destacadas inicialmente tratavam do “fazer científico” na formação inicial em EF da ESEF/UFRGS no ano de 1987. Contudo, não estou afirmando que nas outras disciplinas do curso de EF não fossem discutidos ou utilizados conhecimentos produzidos em pesquisas científicas. Ou seja, não estou assegurando que outras disciplinas do currículo de EF da ESEF/UFRGS do ano de 1987 não enfocassem o “saber científico” (BRACHT, 2013, p. 19) produzido em pesquisas.

Além do exposto acima, ainda precisava delimitar se o “fazer científico” havia emergido na formação inicial da ESEF/UFRGS em 1987 sob a forma de disciplina e/ou de componente curricular. Para elucidar essa dúvida e delimitar melhor o estudo passei a buscar o conceito de componente curricular (pois esse me parecia ser o termo mais adequado naquele momento), porém essa não se mostrou ser uma tarefa fácil.

Os dicionários eletrônicos da língua portuguesa trazem definições restritas sobre o verbete componente curricular. Muitos desses dicionários nem mesmo possuem uma definição desse termo em seu banco de dados, como o Dicionário Informal<sup>127</sup>, o Dicionário Nossa Língua Portuguesa<sup>128</sup> e o Dicionário

---

<sup>127</sup> Dicionário Informal. Disponível em:

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/componente%20curricular/>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

<sup>128</sup> Dicionário Nossa Língua Portuguesa. Disponível em:

<<http://www.nossalinguaportuguesa.com.br/dicionario/componente+curricular/>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

On-Line Significado de Palavras<sup>129</sup>. O Dicionário Babylon apresenta uma definição que trata como sinônimos os verbetes *disciplina acadêmica* e *componente curricular*. “chamamos de componente curricular a matéria ou disciplina acadêmica que compõe a grade curricular de um determinado curso de um determinado nível de ensino”<sup>130</sup>.

Diversos autores oferecem como tema central de seus estudos a discussão sobre um determinado componente curricular, mas não se atêm especificamente ao conceito desse termo. Outros conceituam o próprio componente que é foco do estudo, como por exemplo: a “prática como componente curricular” (HOEPERS, 2012, REAL, 2012), a “Educação Física escolar como componente curricular” (MARTINS; FENSTERSEIFER, 2009) ou a “Dança como componente curricular” (NASCIMENTO; KLEE, 2012). Encontrei um possível conceito do termo no estudo *O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física na cultura escolar: o que é um componente curricular?*, de Souza Júnior (2001). Para esse autor:

[...] um componente curricular é, no sentido de matérias de ensino, não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno (SOUZA JÚNIOR, 2001, p. 83).

Esse autor não restringe o termo componente curricular ao sinônimo de disciplina ou matéria e também não o trata como somente uma disciplina

---

<sup>129</sup> Dicionário On-Line Significado de Palavras. Disponível em: <<http://www.significadodepalavras.com.br/componente+curricular>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

<sup>130</sup> Dicionário Babylon 10. Disponível em: <[http://dicionario.babylon.com/componente\\_curricular/](http://dicionario.babylon.com/componente_curricular/)>. Acesso em: 22 mar. 2014.

isolada e estanque que foi registrada na grade curricular. Aproxima-se do entendimento de Souza Júnior (2001) o conceito de componente curricular presente no Parecer CES/CEE n. 89/11<sup>131</sup> da Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná:

Define-se componente curricular como disciplina e demais atividades acadêmicas (complementares, estágio, monografia e TCC) visualizado pela matriz curricular, com carga horária definida e que traduza o projeto político-pedagógico do curso ofertado, a fim de que tenha eficiência e validade (BRASIL, 2011, p. 03).

É possível perceber que este tipo de entendimento/conceito começa a ganhar visibilidade na Educação brasileira a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996<sup>132</sup>, e no documento que formaliza os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Nestes documentos é perceptível a influência do psicólogo espanhol César Coll, coordenador da reforma educacional espanhola e consultor do MEC, que apresenta o ensino pautado no desenvolvimento de competências<sup>133</sup> (COLL, 1989, 1994a, 1994b, 1996, COLL *et al*, 1992, 1998, COLL, MARTÍN; MAURI; MIRAS *et al*, 1993, COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1995). Portanto, de acordo com estas referências, a expressão componente curricular adquire materialidade a partir de um ensino pautado no desenvolvimento de competências e não se aplica ao marco

<sup>131</sup> Parecer CES/CEE n. 89/11. Disponível em: <[http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Pareceres%202011/CES/pa\\_ces\\_89\\_11.pdf](http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Pareceres%202011/CES/pa_ces_89_11.pdf)>. Acesso em 31 mar. 2014.

<sup>132</sup> Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 04 abr. 2014.

<sup>133</sup> Competência no âmbito da Educação pode ser definida como “a intervenção eficaz diante de uma situação-problema real por meio de ações nas quais se mobilizem, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais” (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 189).

regulatório educacional brasileiro anterior ao ano de 1996. A partir desta constatação, passei a pensar a emergência do “fazer científico” como *disciplina* da formação inicial em EF da ESEF/UFRGS. A leitura das súmulas de 1987 consolidou o uso de “disciplina”, pois é esse o termo que consta no texto das mesmas.

Após abordar as temáticas “pesquisa como expressão do ‘fazer científico’” e “currículo” nos capítulos 1 e 2 do marco teórico, passo ao capítulo que trata dos caminhos metodológicos traçados para a construção do presente estudo.

### 3. CAMINHOS DA GENEALOGIA “À MODA DE FOUCAULT”

Este estudo buscou compreender as condições de possibilidade para a emergência do “fazer científico” na formação inicial em Educação Física da ESEF/UFRGS, através do referencial teórico de Michel Foucault. Fischer (2012, p. 99) sugere que é possível encontrar em Foucault uma “saudável inspiração para pensar de outra forma os modos pelos quais temos feito escolhas temáticas, teóricas e metodológicas”. A opção metodológica deste estudo foi traçar o caminho da genealogia inspirada na teorização de Foucault, por isso a expressão-título deste capítulo, “À Moda de Foucault”, foi tomada de empréstimo do artigo de Hermano Roberto Thiry-Cherques (2010): *À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação*.

Para Thiry-Cherques (2010, p. 223), a “abordagem genealógica deriva de uma convicção que Foucault toma de Nietzsche<sup>134</sup>: a de que o que aconteceu só pode ser compreendido em termos do presente”. Segundo Giacóia Júnior (2003, p. 16), o procedimento genealógico para Nietzsche “consiste em reconstruir as condições de surgimento, transformação, deslocamento de sentido e desenvolvimento dos supremos valores de nossa civilização”. Portanto, como método de investigação, cabe à genealogia nietzscheana desvendar as circunstâncias de surgimento desses valores (GIACÓIA JÚNIOR, 2003).

---

<sup>134</sup> No presente estudo, não houve a pretensão de discutir em profundidade as relações entre a genealogia proposta por Friedrich Nietzsche e por Michel Foucault, somente localizar a vinculação de Foucault à teorização de Nietzsche.



Em *Sobre as Maneiras de Escrever a História* (FOUCAULT, 2008, p.63) Foucault refere-se a uma “metodologia complexa da descontinuidade”. Nessa metodologia, a descontinuidade é um dos elementos fundamentais da análise histórica, pois “o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” (FOUCAULT, 1997, p. 6). Assim, Foucault (1997) propõe uma forma de análise histórica, onde o importante não é a busca da origem, da cronologia contínua dos acontecimentos, mas a incidência das interrupções, a dispersão e a descontinuidade dos fatos, as meticulosidades e os acasos.

Para Faé (2004), Foucault entende a genealogia como uma trabalhosa atividade de investigação, “que procura os indícios nos fatos desconsiderados, desvalorizados e mesmo apagados pelos procedimentos da história tradicional, na busca da confirmação de suas hipóteses” (FAÉ, 2004, p. 413). Porém, Foucault também deixa claro que a genealogia não se opõe à história, opõe-se à busca da origem:

A genealogia não pretende recuar no tempo para estabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é mostrar que o passado está ainda ali, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, após ter imposto a todos os obstáculos de percurso uma forma esboçada desde o início (FOUCAULT, 2008, p. 265).

A genealogia, portanto, não procura a linearidade dos fatos. Nardi (2005) aponta que a pesquisa genealógica tem, ao contrário, o intuito de “produzir rupturas na lógica da linearidade, do desenvolvimento e da comensurabilidade que marca(ra)m a racionalidade científica moderna, começando pelo

questionamento do que é a ‘verdade’” (NARDI, 2005, p. 1046). Foucault (2008) propõe buscar a proveniência dos acontecimentos, situar os acidentes, os desvios, as inversões, os erros que fizeram emergir aquilo que tem valor para uma determinada época, o que é tido como verdadeiro.

Para Foucault (2008, p. 265) a proveniência permite “reencontrar sob o aspecto único de um caráter ou de um conceito a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram”. Ao contrário da conduta normalmente estabelecida por uma perspectiva histórica linear, a genealogia de Foucault recusa a causalidade e valoriza o acontecimento (VILAS BOAS, 2002).

Lamas e Silva (2010) destacam que Foucault questiona constantemente a proveniência e a emergência dos acontecimentos históricos e pontuam que a emergência não é o ponto final do acontecimento, é o momento no qual as “rupturas e sutilezas se concretizam em um processo de normalização que grosseiramente representa o surgimento de determinado elemento histórico” (LAMAS; SILVA, 2010, p. 112).

Para Vilas Boas (2002) a preocupação fundamental de Foucault na genealogia é a articulação entre saber, poder e verdade e o objetivo de seu trabalho histórico é justamente explicar o modo como se produz a verdade. A verdade não se opõe ao poder, não existe fora dele ou sem ele; pelo contrário, o discurso tido como verdadeiro é portador de poder (FOUCAULT, 2007). Para explicar essa relação, Foucault (2007) enumera cinco características historicamente importantes da “economia política” da verdade em nossas sociedades:

(...) a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que a produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”) (FOUCAULT, 2007, p.13).

Assmann e Nunes (2007) esclarecem que a tarefa do genealogista é tentar determinar a emergência da “verdade”, procurando reconstruir aquilo que propiciou seu aparecimento. Ou seja, reconstruir as condições históricas de possibilidade para a emergência e permanência do que é tido como verdadeiro para uma sociedade. Para Machado (2007), Foucault pretende:

[...] explicar o aparecimento de saberes a partir de condições de possibilidades externas aos próprios saberes, ou melhor, que, imanentes a eles – pois não se trata de considerá-los como efeito ou resultante -, os situam como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente política. É essa análise dos saberes, que pretende explicar sua existência e suas transformações situando-os como peças de relações de poder ou incluindo-os em um dispositivo político, que utilizando um termo nietzschiano Foucault chama “genealogia” (MACHADO, 2007, p. 167).

Através do questionamento das condições de possibilidade, das modalidades e da constituição dos “objetos” e dos domínios, Foucault (2007):

Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. E isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história (FOUCAULT, 2007, p. 07).

Entendendo que a emergência “se produz sempre em um determinado estado das forças” (FOUCAULT, 1979, p. 23), e que não há alguém diretamente responsável por ela, ou seja, “ninguém pode se autoglorificar por ela” (FOUCAULT, 1979, p. 24), o genealogista procura mostrar a luta entre essas forças, um confronto entre forças sempre desiguais. Imbuídos desta tarefa, pesquisadores vêm construindo estudos que operam com a genealogia nas diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Essa não parece ser uma tarefa fácil, pois em seus estudos, Foucault utiliza uma metodologia nebulosa, difícil de ser identificada.

Thiry-Cherques (2010) aponta que a metodologia foucaultiana é variável e afirma que não há como esquematizá-la ou imitá-la:

Difícilmente se poderia falar de um único procedimento de pesquisa que tenha sido repetido por Foucault. Seu legado epistemológico é de outra natureza. Desdobra-se em três dimensões: a do dever para com a verdade, acima e além dos compromissos com métodos e filiações ideológicas; a do esforço analítico exaustivo, sem pressupostos e sem fronteiras; e a da busca de um olhar novo sobre os temas e as teorias (THIRY-CHERQUES, 2010, p. 216).

Veiga-Neto (2009) discute, inclusive, a pertinência ou não de se aplicar os conceitos de método e teoria no âmbito do pensamento de Foucault, defendendo, para tal, o emprego do termo *teorização*. Esse autor esclarece que a genealogia:

[...] pode ser entendida não como um conjunto de procedimentos técnicos para executar descrições, análises e problematizações, mas como uma *techné* de fundo, uma *techné* que informa — para usar a expressão do filósofo — um “modo de ver as coisas” que estão em determinadas práticas e suas relações com outras práticas — sejam elas discursivas ou não-discursivas. Trata-se, isso sim, de uma *techné* que consiste numa forma muito singular de escutar a história (VEIGA-NETO, 2009, p. 90).

Portanto, no presente estudo, não houve a presunção de realizar uma genealogia tal qual Foucault apresentou em livros como, por exemplo, *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (FOUCAULT, 1987), mas trabalhar inspirada em suas ideias, até mesmo porque Foucault não apresenta um caminho metodológico comum a todos as suas obras. Machado (2007) explica que não há uma unidade metodológica nos escritos de Foucault, seus livros são sempre diferentes uns dos outros. Porém, Araújo (2013, p. 126) comenta que “seria leviano afirmar que não há método em Foucault. O mais prudente seria, então, dizer que o método foucaultiano é de outra ordem, diferentemente do convencional”.

Com a intenção de compreender como os estudos que se apoiam na genealogia de Foucault estão sendo construídos e, principalmente, como os autores estão lidando com esse “método não convencional”, realizei uma busca no endereço eletrônico do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior<sup>135</sup> (CAPES) e encontrei 13<sup>136</sup> estudos (VEIGA-NETO, 1996, BRUNO, 2006, SCHULER, 2003, FRANKLIN NETO, 2006, SILVA, 2008a, CESAR, 2004, MORAIS, 2008, KLEIN, 2010, SANTOS, 2009, CUNHA, 2003, ZILIANI, 2004, BORDINI, 2009, SILVEIRA, 2008). Essa busca foi realizada por ocasião da construção do projeto que precedeu o presente estudo e revelou, dentre as teses e dissertações encontradas, um volume de estudos que utilizam a genealogia inspirada na

---

<sup>135</sup> Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>136</sup> Em uma busca anterior nesta base de dados eletrônica, eu havia localizado 245 estudos, entre teses e dissertações, usando os termos “genealogia” e “Foucault” no campo “assunto”. Para refinar essa busca, acrescentei também o termo “currículo”, o que restringiu o número de estudos para 13, entre teses e dissertações. Essa busca apontou um volume de produção com ênfase na genealogia de inspiração em Foucault na área de conhecimento da Educação, pois, mesmo sendo vinculados a IES diferentes, todos os estudos encontrados estavam ligados a essa área.

teorização de Foucault e empregam outros recursos metodológicos de apoio, tais como: entrevista semiestruturada, entrevista aberta e semidireta, filmagem, observação participante, coleta de relatos informais, análise documental, dentre outros.

De acordo com Thiry-Cherques (2010, p. 216), podemos aprender a partir da prática investigativa de Foucault que “diferentes objetos e diferentes investigações determinam adaptações, mudanças, análises fragmentárias”. Ao exemplo das teses e dissertações encontradas, o presente estudo também se valeu de uma adaptação, que consistiu em usar uma ferramenta metodológica auxiliar para a genealogia inspirada em Foucault. Essa ferramenta é a Análise Documental, baseada no estudo de André Cellard (2012)<sup>137</sup>, e foi utilizada na análise dos documentos encontrados. A Análise Documental será abordada na seção que segue.

### **3.1. Análise Documental**

Para Foucault (2007, p. 15) “a genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos”. No presente estudo, os “pergaminhos” são os documentos que foram levantados nas instalações da ESEF/UFRGS. O material encontrado foi tratado como um único objeto de análise, pois para Foucault (2008, p. 64) “há a possibilidade de analisar como um objeto um conjunto de materiais que foram depositados no decorrer dos tempos sob a forma de signos, de traços, de instituições, de práticas, de obras, etc”.

---

<sup>137</sup> A inclusão da Análise Documental como ferramenta metodológica auxiliar para a genealogia foi sugerida pela banca de qualificação do projeto de pesquisa que precedeu o presente estudo.

O material levantado conta com documentos como: livros de atas da ESEF/UFRGS, ata de fundação do CBCE, boletins da AEEFD, depoimentos do acervo virtual do CEME, documentos da Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física, Regimento do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX)<sup>138</sup>, Histórico da ESEF/UFRGS, documentos sobre a incorporação da ESEF pela UFRGS, documentos enviados à ESEF/UFRGS por órgãos externos, entre outros. Para apreciação dos documentos encontrados, foi utilizada a Análise Documental como ferramenta auxiliar à genealogia.

Para Foucault (1997, p. 07), o documento não é mais para a história essa “matéria inerte através da qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações”. Cellard (2012, p. 295) pontua que “o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social”.

Com a intenção de compreender como os estudos que utilizam a análise documental estão sendo construídos e a sua possível vinculação com a genealogia de Foucault, realizei uma busca por esses trabalhos no endereço eletrônico da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>139</sup> e do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>140</sup>.

---

<sup>138</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/pesquisa/lapex>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>139</sup> Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>140</sup> Estão disponíveis no Banco de Teses da CAPES informações bibliográficas das dissertações de mestrado e das teses de doutorado defendidas em todo o Brasil a partir de 1987, fornecidas diretamente à CAPES pelos programas de pós-graduação. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

No BDTD utilizei os termos *análise documental* no campo *procurar* e encontrei 3.536 resultados. Refinei a busca com o termo *genealogia* e recuperei oito estudos, entre teses e dissertações. A fim de recolher um número maior de resultados, refiz a busca nessa base de dados usando os termos *análise de documentos* e *genealogia* e também recuperei oito estudos (alguns deles já encontrados na busca anterior e outros novos). Do total de trabalhos<sup>141</sup> encontrados no BDTD, dez estão relacionados com a genealogia de Michel Foucault (BANDEIRA, 2006, BASTOS, 2009, BAUTHENEY, 2011, NASCIMENTO, 2011, OLIVEIRA, 2009, RAMOS, 2007, RAMOS, 2012, SANTOS, 2002, SILVA, 2008b, SOUZA, 2010).

No Banco de Teses da CAPES utilizei os termos *análise documental* e *genealogia* no campo *assunto* e recuperei 28 itens, alguns deles já encontrados em buscas anteriores e outros que não tratavam da genealogia de Foucault. Localizei 10 novos estudos nessa base de dados eletrônica que se referem à análise documental e à genealogia de Foucault (ANGELI, 2006, BARDINI, 2007, BORDINI, 2009, CRUZ, 2011, HOENISCH, 2003, SCHULER, 2009, MAMANI, 1993, RABELO, 2011, SILVA, 2008a, ZILIANI, 2004).

Essa busca apontou a produção de áreas de conhecimento como Psicologia, História, Enfermagem, Direito, Educação Ambiental, porém a área que apresentou maior volume de estudos encontrados foi a Educação. A partir da análise do conjunto de estudos levantados é possível destacar que, mesmo fazendo menção ao uso da análise documental, muitos estudos não citam a bibliografia utilizada sobre essa ferramenta metodológica, não fica claro, portanto, quais autores e obras estão dando suporte ao estudo. Outros autores

---

<sup>141</sup> Em alguns estudos o termo genealogia estava relacionado ao estudo do parentesco.



somente comunicam que vão analisar documentos e partem diretamente para a análise, sem maiores comprometimentos com detalhes metodológicos. Em alguns estudos os termos *análise documental* e *pesquisa documental* são usados como sinônimos. Há ainda aqueles que utilizam a análise de conteúdo de Bardin<sup>142</sup> (2006) para apoiar a investigação.

Não foi possível, portanto, identificar um “modelo” de análise documental usado pelos autores de forma frequente. Os estudos encontrados empregam diversos “modos de usar” a análise documental aliada à genealogia de Foucault. Entretanto, é perceptível o esforço empreendido pelos autores para a realização de uma análise pormenorizada dos documentos. Foi possível perceber, ainda, que alguns estudos combinam e articulam a arqueologia e a genealogia foucaultianas como instrumentos de interpretação, conectados à análise documental. Diversos estudos utilizam outros recursos metodológicos além da genealogia e da análise documental, como: observação, diário de campo, entrevista narrativa, entrevista semiestruturada, questionário, entre outros.

Do conjunto de trabalhos encontrados, destaco a seguir aqueles que ofereceram aspectos com maior possibilidade de emprego nesse estudo:

*O discurso da vulnerabilidade social e os processos de constituição dos sujeitos asemantizáveis*, no qual Rose Meri Santos da Silva (2008b) problematiza o processo de construção dos discursos que nomeiam e constituem determinadas crianças e/ou adolescentes como sujeitos em vulnerabilidade social, e, para tanto, analisa Constituições Brasileiras,

---

<sup>142</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.

documentações infraconstitucionais, legislações trabalhistas e documentos de implementação das instituições ASEMA (Apoio Sócio Educativo em Meio Aberto). Essa autora realiza uma detalhada exposição sobre o cuidado necessário com o tratamento dos documentos sob a ótica de Foucault.

Na tese de doutorado intitulada *Um estudo genealógico da constituição curricular do curso de licenciatura integrada em Química/Física da Unicamp (1995 a 2011)*, Tacita Ansanello Ramos (2012) busca compreender os discursos que constituíram o conceito de integração curricular desse curso e como essa noção esteve presente e permeou os embates desde o início de sua elaboração até a atualidade. Essa autora descreve e analisa minuciosamente cada documento, contemplando a detalhada apreciação requerida para a genealogia de Foucault.

Destaco também a construção e o desenho do estudo genealógico de Douglas Casarotto de Oliveira (2009) intitulado *Uma genealogia do jovem usuário de crack: mídia, justiça, saúde, educação*, no qual o autor analisa documentos relativos à situação de um adolescente envolvido com a droga crack, coletados junto ao Juizado Regional da Infância e Juventude de Santa Maria, aos serviços de saúde do município que atendem usuários de crack e reportagens de um jornal de circulação local que acompanhou o caso.

É importante pontuar que uma revisão em bases de dados eletrônicas permite localizar marcos teórico-metodológicos e perceber como os autores se posicionam sobre o tema em fontes consideradas confiáveis, mas não recobre tudo o que já foi produzido, pois há uma grande quantidade de estudos que não estão indexados em bases de dados eletrônicos, além daqueles que só

estão disponíveis no formato impresso, portanto não são visíveis à revisão de literatura eletrônica (FRAGA *et al*, 2010).

Após a apreciação metodológica dos estudos encontrados na busca em bases de dados eletrônicas, optei por trabalhar com a análise documental baseada em Cellard (2012) em função do posicionamento desse autor em relação à abordagem de Foucault sobre a desconstrução e a reconstrução dos dados dos documentos (FOUCAULT, 1997)<sup>143</sup>. A partir dos argumentos de Foucault, Cellard (2012) aponta que o pesquisador desconstrói, tritura o seu material, e depois passa a reconstruí-lo a partir do encadeamento de ligações entre a problemática do pesquisador e as observações extraídas de documentação.

A análise documental “constitui, geralmente, uma empreitada de muito fôlego” (CELLARD, 2012, p. 306) e apresenta vantagens e desvantagens metodológicas, pois ao mesmo tempo em que elimina parcialmente a influência ou a intervenção do pesquisador sobre outra pessoa participante do estudo, o documento é, também, um instrumento que o pesquisador não domina e não tem como exigir dele informações adicionais. Em um estudo que utilize entrevistas, por exemplo, o pesquisador pode repetir ou reformular perguntas ao entrevistado, esclarecer dúvidas e solicitar precisões suplementares, já na análise documental isso não ocorre, pois “é impossível transformar um documento; é preciso aceitá-lo tal como ele se apresenta, tão incompleto, parcial ou impreciso que seja” (CELLARD, 2012, p. 299).

Cellard (2012) aconselha ao pesquisador que trabalha com documentos a adoção de alguns cuidados para superar possíveis armadilhas antes de

---

<sup>143</sup> Essa opção foi sugerida pela banca avaliadora por ocasião da qualificação do projeto de pesquisa que precedeu este estudo.

analisar em profundidade o material, dentre eles estão: não se precipitar sobre o primeiro conjunto de documentos encontrado, esgotar todas as pistas possíveis em busca de informações; consultar os trabalhos de outros pesquisadores que trabalharam com objetos de estudo semelhantes; demonstrar flexibilidade para modificar pressupostos e realizar novas interpretações desencadeadas pelo exame minucioso de documentos. Esse autor propõe, ainda, como primeira etapa da análise documental, uma análise preliminar crítica do documento, que engloba o exame do contexto social global, ou seja, a conjuntura política, econômica, social e cultural que possibilitou a produção do documento e na qual estava inserido seu autor e aqueles a que se destinava; a averiguação da identidade do autor do documento, seus interesses e em nome de quem ele se expressa; o questionamento do porque deste documento ter sido conservado ou publicado e não outros; a verificação da procedência do documento, sua credibilidade e representatividade; a consideração da natureza do texto, seus conceitos-chave e sua lógica interna.

Após a análise preliminar crítica, o próximo passo é debruçar-se sobre a análise propriamente dita, reunindo todos os elementos encontrados e conectando-os à problematização inicialmente proposta. Nesta fase a flexibilidade também é um fator importante, pois as descobertas e surpresas que aguardam o pesquisador podem obrigá-lo a modificar ou enriquecer o problema inicial (CELLARD, 2012). A análise documental proposta no presente estudo foi realizada associando “a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, paciência” (FOUCAULT, 2008, p. 260), portanto, em congruência com a genealogia inspirada em Foucault.

### **3.2. Composição Documental**

O levantamento do material para análise foi realizado em dois momentos. Um primeiro levantamento, de caráter preliminar, foi realizado com o objetivo de apontar possíveis fontes de materiais e documentos à banca de qualificação do projeto de pesquisa que precedeu o presente estudo. Em um segundo momento, após a qualificação do projeto de pesquisa, realizei uma nova busca, que incluiu o retorno aos locais já visitados e a exploração de novos locais, bem como a seleção e acréscimo de novos materiais. Esses dois momentos destinados à obtenção de documentos e materiais serão descritos a seguir. Os locais visitados durante os dois levantamentos realizados nas instalações da Escola podem ser visualizados no Apêndice A: Locais de Busca por Documentos na ESEF/UFRGS (p. 248).

#### **3.2.1. Levantamento Preliminar**

À medida que este estudo investigou as condições de possibilidade para a emergência do “fazer científico” na formação inicial em EF da ESEF/UFRGS, em um determinado momento histórico, minha opção foi buscar documentos que fizessem referência a esse momento, ou seja, ao período compreendido entre 1970 e 1990, no qual o “fazer científico” passa a fazer parte do campo da EF (BRACHT, 2013).

Já que este estudo enfocou uma Instituição de Ensino Superior específica – a ESEF da UFRGS – optei por realizar um levantamento preliminar dos documentos e materiais disponíveis pelas instalações desta Escola. Este

levantamento foi realizado de março a junho de 2012. Como já comentei na seção 1.2. deste estudo, a estrutura física da ESEF/UFRGS voltada para o incremento da pesquisa é composta pelo LAPEX, PPGCMH, COMPESQ, revista Movimento, CEME, CEO, Centro Olímpico, PET e Biblioteca Edgar Sperb.

Incluí no primeiro levantamento por documentos o LAPEX, o PPGCMH, a revista Movimento, o CEME, e a Biblioteca Edgar Sperb. A COMPESQ, o CEO e o PET foram excluídos porque são órgãos relativamente recentes na ESEF/UFRGS. A COMPESQ foi criada em 1999, o CEO em 2008 e o PET em 1991, ou seja, após o período que é foco deste estudo (de 1970 até 1990). O Centro Olímpico foi descartado do levantamento porque ainda não havia sido alçado a órgão auxiliar pela UFRGS em 1987 (ano da emergência do “fazer científico” na formação inicial em EF da ESEF/UFRGS), portanto a pesquisa ainda não fazia parte das suas funções.

Escolhi a Biblioteca Edgar Sperb da ESEF/UFRGS como ponto de partida para o levantamento preliminar porque em seu acervo há uma sala reservada aos documentos e materiais históricos da ESEF/UFRGS. Essa sala está localizada à direita de quem entra na biblioteca, atrás da sala das bibliotecárias. É uma sala ampla, repleta de estantes de prateleiras cobertas de livros, revistas, periódicos, fotos, materiais diversos e documentos antigos. A sala tem uma porta de acesso e muitas janelas em uma das laterais. As janelas têm persianas para reduzir a luminosidade sobre o acervo, mas permitem a entrada de luz indireta e alguma ventilação.

O acesso aos documentos da área reservada ao acervo histórico da ESEF/UFRGS foi realizado através das bibliotecárias, que me receberam muito bem e se colocaram à disposição para me auxiliar. Devido à antiguidade dos documentos, a manipulação deste material foi feita através do uso de luvas e máscaras descartáveis disponibilizadas pelas bibliotecárias. Para evitar depredação, não foi possível retirá-los do seu local de armazenamento para fazer cópias. Optei, então, por fotografar um a um, salvá-los e catalogá-los em pastas no meu computador pessoal.

Dentre os materiais disponíveis no acervo histórico da biblioteca, encontrei alguns números do Boletim da Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul. Esses boletins me chamaram a atenção por conter frases como “estamos na era científica do esporte” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975b, p. 08) e notícias gerais sobre a ESEF/UFRGS.

A Biblioteca Edgar Sperb abriga ainda a revista Movimento, que ocupa uma pequena sala. Ao longo da sua trajetória, a revista Movimento vem publicando edições especiais reunindo artigos científicos que relatam e analisam aspectos da história da ESEF/UFRGS, portanto relevantes para o presente estudo. Essas edições foram acessadas através do endereço eletrônico da revista e salvas no meu computador. Boa parte dos artigos que constavam nessas edições acabaram compondo as referências bibliográficas deste estudo.

O segundo local escolhido para a busca de material foi o Centro de Memória do Esporte (CEME). O CEME está localizado no segundo andar do prédio administrativo da ESEF/UFRGS e dispõe de quatro salas: uma sala da coordenação, uma sala dividida pela equipe técnico-administrativa, bolsistas e pesquisadoras, uma sala de exposições e uma sala para armazenamento do seu acervo concreto, além de um Acervo Digital disponível on-line. Fui bem recebida pela equipe técnico administrativa, pela coordenadora e pelas bolsistas e pesquisadoras que atuavam no CEME naquele período.

O levantamento preliminar no CEME foi realizado em duas etapas e contou com o auxílio de funcionárias da equipe técnico administrativa. Em um primeiro momento, procurei por material relevante no endereço eletrônico do Acervo Digital do CEME<sup>144</sup>. Através desse endereço acessei o Projeto Garimpendo Memórias<sup>145</sup>, que visava preservar e divulgar a memória do Esporte, da Educação Física, do Lazer e da Dança no Brasil através de entrevistas realizadas com pessoas que testemunharam acontecimentos relacionados à estruturação de diversas práticas corporais e esportivas no contexto brasileiro e internacional. Essas entrevistas foram transcritas e transformadas em documentos pelo pessoal do CEME e podem ser utilizadas como material de pesquisa. O projeto contava com diversos depoimentos disponíveis on-line e divididos nas seguintes categorias: Dança, Educação

---

<sup>144</sup>Disponível em:<<http://www.esef.ufrgs.br/ceme/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>145</sup>Disponível em:<<http://www.esef.ufrgs.br/ceme/projetos/garimpendo/index.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2012.



Física, Esporte, Lazer, Memória da ESEF e Programa Segundo Tempo<sup>146</sup>. Com a ajuda das bibliotecárias da Escola, acessei os depoimentos e selecionei aqueles que tinham relevância para o presente estudo, através do uso das palavras chave: história, LAPEX, pesquisa, ESEF.

Num segundo momento, realizei a busca por documentos na sala de armazenamento do acervo concreto CEME. É uma sala estreita, sem janelas, possui somente uma porta de acesso, é iluminada por lâmpadas fluorescentes e comporta diversas estantes de prateleiras e arquivos de metal. Nas prateleiras estavam arquivadas várias pastas contendo material antigo diverso já organizado, relacionado ou não com a história da ESEF/UFRGS, fotos, plantas arquitetônicas da Escola, registros de grau, atas, livros de matrícula, registros de presença dos alunos, entre outros.

A equipe do CEME me indicou o uso de luvas e de máscaras descartáveis durante a manipulação do material. Iniciei a busca pelas pastas destinadas aos documentos da ESEF/UFRGS. Como essas pastas estão dispostas por assunto, optei por aquelas que estivessem relacionadas à temática do presente estudo: Graduação; Diretrizes Curriculares; Associação dos Especializados em Educação Física/APEF; Plantas, atas, contratos 1980/1990. Os documentos encontrados foram fotografados, salvos e arquivados em pastas no computador para análise posterior. Foram necessárias várias visitas ao CEME até a conclusão desta segunda etapa.

Fui então informada por uma funcionária que trabalhava no CEME naquela ocasião, Carla Ferreira, que talvez existisse material relevante

---

<sup>146</sup> O Programa Segundo Tempo é vinculado ao Ministério dos Esportes. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

guardado em *containers* localizados nos fundos do terreno da Escola, longe dos prédios e das salas de aula. São diversos *containers* numerados, dispostos lado a lado, com pouca iluminação, somente uma porta de acesso, sem um sistema de ventilação, o que dificulta uma respiração de qualidade em seu interior. Esses *containers* estão repletos de pastas dispostas em estantes de prateleiras e servem de “arquivo morto” para os documentos antigos da Escola, já que a mesma não possui lugar disponível para guardá-los. O acesso a estes *containers* foi realizado por intermédio da funcionária do CEME e dos funcionários do setor de manutenção da ESEF/UFRGS.

Conforme indicado pelos funcionários, encontrei material no *container* de número 415. Esse *container* havia sido recentemente organizado pelos funcionários de manutenção, o que facilitou muito a busca. Duas pastas foram retiradas com o consentimento dos funcionários, levadas à sala do CEME e examinadas: a pasta *Atas 1970 – 1996* e a pasta *CONSUN – COCEP 1981 – 1996*. Os documentos relevantes também foram fotografados, salvos e arquivados no meu computador pessoal para análise posterior.

Mesmo apresentando data posterior a 1987, considerei relevante a Circular n. 11/92 do Conselho Universitário da UFRGS encontrada nas pastas do *container* 415, pois me esclareceu que o Conselho Único na Unidade (CONSUN) substituiu o Conselho Departamental e a Congregação. Isto me levou a incluir no levantamento o Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985, o Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993, o Livro de Atas do Departamento de Ginástica e Recreação 1976-1986 e o Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992, todos encontrados no CEME.

Na sala do CEME havia ainda a documentação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte<sup>147</sup> (CBCE), que foi cedida em regime de comodato pela diretoria da entidade, visando preservar e divulgar aspectos relacionados à sua história. Sobre o CBCE encontrei a Ata de Fundação da entidade de 02 de novembro de 1978<sup>148</sup> e diversas publicações da RBCE relacionadas à temática proposta neste estudo. A ata foi arquivada como documento e as publicações usadas como referências bibliográficas.

O local seguinte selecionado para a busca por documentos foi o Laboratório de Pesquisa do Exercício da ESEF/UFRGS, por sua ligação com a temática deste estudo. O Laboratório está localizado no prédio do Centro de Excelência Esportiva. Esse prédio tem dois pisos e comporta uma secretaria, o laboratório, uma sala de seminário e diversos gabinetes docentes. Fui informada na secretaria do LAPEX que não havia documentos antigos disponíveis no prédio, pois já tinham sido transferidos para o CEME. Encontrei somente bibliografias fazendo referência ao Laboratório, como o Relatório Anual do LAPEX de 1986 (MAZO, 2000b), o livro *Atlas do Esporte no Brasil* de Lamartine Pereira da Costa<sup>149</sup> (2005) e a Edição Especial no ano de 2000 da revista Movimento dedicada à história do LAPEX, que foram usadas como referências bibliográficas para o presente estudo.

Dando continuidade à busca por documentos e materiais, passei ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da

---

<sup>147</sup> Durante o XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), realizado em 2003 em Caxambu (MG), o CBCE transferiu para o CEME o seu acervo histórico. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/ceme/site/acervo/7\\_Colegio\\_Brasileiro\\_de\\_Ciencia\\_do\\_Esporte](http://www.ufrgs.br/ceme/site/acervo/7_Colegio_Brasileiro_de_Ciencia_do_Esporte)>. Acesso em: 23 jul. 2014.

<sup>148</sup> Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/221/Ata%20de%20Funda%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=3&locale=en>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

<sup>149</sup> Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

ESEF/UFRGS. O PPGCMH estava localizado naquele período no segundo andar do prédio administrativo da Escola, junto ao CEME, e era constituído pela Comissão de Pós-Graduação, uma secretária, duas assistentes de administração e um representante discente. Conversei com o coordenador substituto do PPGCMH naquele período, o professor Dr. Alex Branco Fraga, e recebi a informação de que os documentos antigos sobre o PPGCMH estariam arquivados no CEME. O PPGCMH foi instituído em 1989 e os documentos anteriores a essa data seriam aqueles que se referem à Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado, que constavam nas atas da Escola que estão arquivadas no CEME (e já faziam parte do material levantado para o presente estudo).

Em relação ao PPGCMH, encontrei nesse levantamento preliminar dois artigos publicados na RBCE (MOLINA NETO; MULLER; AMARAL, 2003, JOB, 2006b), um estudo publicado na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (TORRES; GAYA, 2006), um artigo da revista Movimento (JOB; FREITAS, 2010) e uma Dissertação de Mestrado (JOB, 2006a)<sup>150</sup>, que foram usados como referências bibliográficas.

Conforme recomendado por Cellard (2012), afim de não me precipitar sobre o primeiro conjunto de documentos encontrados, após a qualificação do projeto de pesquisa que precedeu a este estudo retornei aos locais preliminares de busca para um novo levantamento e o registro das informações, que serão descritos a seguir.

---

<sup>150</sup>Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7771>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

### 3.2.2. Segunda Empreitada

De modo a contemplar um detalhado inventário e uma apreciação pormenorizada, o novo levantamento e os registros foram realizados durante o período compreendido entre setembro de 2012 e dezembro de 2013, embora tenham sido necessárias algumas visitas complementares aos locais de busca, de janeiro a abril de 2014, para confirmar informações. Foram retiradas 723 fotos nesse novo levantamento.

Minha primeira impressão antes de iniciar o novo levantamento foi de que estaria meramente repetindo o levantamento preliminar, porém esse segundo olhar sobre os documentos me mostrou diversos detalhes que haviam passado despercebidos. Somente depois de analisar como um todo o conjunto inicial de documentos é que pude perceber esses detalhes e ajustar o foco da investigação naquilo que realmente seria importante para o estudo. Destaco, portanto, a relevância da recomendação de Cellard (2012) de não se lançar de forma definitiva sobre o primeiro conjunto de documentos encontrados.

Meu primeiro passo nessa segunda empreitada foi acessar novamente os depoimentos que compõem o Acervo Digital do Centro de Memória do Esporte, pois o endereço eletrônico do CEME havia sofrido modificações em seu formato, passando a contar com um acervo maior de entrevistas. Foi criado o *Acervo de Entrevistas sobre Esporte e Educação Física*<sup>151</sup>, originário do projeto Garimpendo Memórias, que contava naquele período com 250 depoimentos distribuídos em 28 grupos organizados por temática. Optei por

---

151

Disponível em: [http://www.ufrgs.br/ceme/site/noticia/36\\_CEME\\_apresenta\\_as\\_iniciativas\\_de\\_acesso\\_livre\\_a\\_informacao\\_cientifica](http://www.ufrgs.br/ceme/site/noticia/36_CEME_apresenta_as_iniciativas_de_acesso_livre_a_informacao_cientifica)>. Acesso em: 23 jul. 2014.

acessar os grupos que tivessem relação com a temática do estudo: *Educação Física, Escola de Educação Física (UFRGS), Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*.

Diferente da seleção realizada no levantamento preliminar, eu optei pela leitura de todos os depoimentos disponíveis em cada grupo selecionado a fim de contemplar o maior número de informações possível. Do total de depoimentos disponíveis, 59 foram salvos no meu computador pessoal para uma apreciação pormenorizada. Após a leitura, a título de organização pessoal, elaborei uma tabela onde fui colocando o nome do entrevistado, a função que desempenha ou desempenhou (docente, diretor, auxiliar administrativo, discente, etc.), a data da entrevista, o projeto ao qual estava vinculado e as informações relevantes de cada depoimento (APÊNDICE B, p. 249). A elaboração desta tabela exigiu um trabalho exaustivo de leitura e registro, já que a extensão dos depoimentos variava de 10 a 49 páginas cada um. Dos 59 depoimentos selecionados, 29 traziam informações relevantes para o presente estudo.

Os depoimentos do Acervo Digital do CEME trazem a seguinte observação em seu texto:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.
--

Após o quadro acima há, nos depoimentos, a referência a ser citada, conforme o exemplo abaixo:

---

SOBRENOME, Nome. <i>Nome Sobrenome (depoimento, ano)</i> . Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, ano.
--

Em acordo com essa solicitação do CEME, todos os depoimentos utilizados no presente estudo foram citados na listagem de referências e na tabela de Depoimentos do Acervo de Entrevistas do CEME (APÊNDICE B, p. 249). No Acervo Digital do CEME também está disponível a relação dos docentes<sup>152</sup>, dos técnicos administrativos<sup>153</sup> e dos diretores<sup>154</sup> da ESEF/UFRGS e o período em que trabalharam na Escola, o que facilitou muito a localização temporal dos personagens citados nos depoimentos do CEME e da função que desempenharam.

O passo seguinte foi retornar à sala do acervo concreto do CEME, reler os documentos encontrados no levantamento preliminar, selecionar o que havia de relevante para o estudo, bem como, acrescentar novos documentos ao corpo de análise. Novamente fui bem recebida pela equipe técnico administrativa, pela coordenadora do CEME naquele período, a professora Dra. Silvana Vilodre Goellner, pelas bolsistas e pesquisadoras que lá atuavam.

Novamente, também, a equipe do CEME me indicou o uso de luvas e de máscaras descartáveis durante a manipulação do material antigo. As luvas foram utilizadas com o objetivo de evitar a depredação dos documentos e a máscara como forma de prevenção de possíveis alergias cutâneas,

---

<sup>152</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/70anos/pessoaDocente.php>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

<sup>153</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/70anos/pessoaTecAdministrativo.php>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

<sup>154</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/70anos/pessoaDiretor.php>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

respiratórias e intoxicações causadas por pó, ácaros, mofo ou bolor que possivelmente estariam acumulados nos materiais. A própria equipe do CEME me forneceu as máscaras e luvas descartáveis em todas as minhas visitas ao acervo. Mesmo tomando essas precauções, ocorreram sensações como tonturas, olhos secos, tosse, dores de cabeça e dificuldades para respirar durante as minhas estadas mais longas no CEME. Em função disso, reduzi o tempo de permanência no acervo ao máximo de uma hora e 30 minutos ou até aparecerem os primeiros sinais de intoxicação. Isto alongou o período de visitas ao CEME, pois em diversos momentos os sinais começavam com menos de uma hora de exposição.

Em maio de 2013 ocorreu um fato que me levou a parar de ir ao CEME por várias semanas: como sentia secura e desconforto nos olhos usei por diversas vezes um colírio oleoso, o qual causou “espinhas” dentro das minhas pálpebras, sensações de muito incômodo e consequentes consultas ao médico oftalmologista. Recebi do médico a indicação de lavagem dos olhos com produtos especiais, uso de compressas quentes e medicamentos. Retornei ao CEME somente após o término do tratamento indicado pelo médico. Em outras ocasiões, quando o clima estava muito abafado (o que tornava difícil a respiração na sala do acervo), a equipe do CEME me disponibilizou uma mesa na sala de exposições para a leitura dos documentos.

As fotos dos documentos que haviam sido realizadas durante o levantamento preliminar ficaram pouco visíveis, pois a máquina fotográfica usada naquela ocasião era antiga e não possuía uma resolução de imagens que permitisse uma leitura de qualidade. Munida de uma nova máquina



fotográfica, com melhor resolução e auto ajuste de imagem, refiz as fotos. Em algumas ocasiões foi preciso fotografar o mesmo documento diversas vezes, pois a iluminação da sala do acervo do CEME produzia sombras nos documentos, o que dificultava a visualização dos mesmos. No total, realizei 492 fotos no CEME durante o novo levantamento. As fotos foram salvas em meu computador pessoal e organizadas em pastas de acordo com os documentos a que se referiam e as datas em que foram realizadas.

Para auxiliar a busca e a organização das informações utilizei também um diário de notas, onde passei a registrar a data da busca, o título e a data do documento, o trecho relevante do documento (ou um resumo do trecho), a página na qual estava localizado o trecho, o número da foto correspondente ao trecho do documento. Esse diário também foi usado para anotar as minhas impressões sobre documentos que poderiam estar relacionados, bem como o andamento das buscas.

Assim, iniciei a nova busca no CEME pela leitura dos livros de atas relacionados com o período relevante para este estudo: *Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985*, *Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993*, *Livro de Atas do Departamento de Ginástica e Recreação 1976-1986*, *Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992* e *Livro de Atas da COMCAR 1971-1977*. Após a leitura das atas e apoiada pelas anotações do diário e pelas respectivas fotos, organizei uma tabela com a data de cada ata, o livro onde foi registrada e as informações relevantes de cada uma (APÊNDICE C, p. 261). A elaboração dessa tabela exigiu muito tempo e diversos retornos às pastas de fotos do meu

computador, já que foi necessária a leitura dos cinco livros de atas (que totaliza 436 páginas, além de 273 atas encadernadas<sup>155</sup>), porém me ajudou a visualizar melhor as informações relevantes de cada ata.

Os boletins da AEEFD do RS (encontrados no levantamento preliminar, tanto no CEME quanto na Biblioteca Edgar Sperb) também foram fotografados novamente. Após a leitura e seleção dos boletins que continham informações relevantes, a título de organização pessoal, conforme já havia realizado com os depoimentos do Acervo Digital do CEME e com as atas da ESEF/UFRGS, elaborei uma tabela onde fui colocando o número do boletim, a data, o redator, o local onde foi encontrado e as informações relevantes de cada boletim (APÊNDICE D, p. 266). A elaboração desta tabela exigiu muito tempo e paciência já que um grande número de boletins foi encontrado (27 números na Biblioteca e duas pastas em formato de arquivo repletas de boletins no CEME<sup>156</sup>), porém se mostrou bastante útil para tornar mais ágil o processo de análise. Na biblioteca encontrei também os Anais do 9º Simpósio Nacional de Ginástica realizado em 1988, que contém trabalhos relevantes para o estudo (GAYA; BAUER *et al*, 1988, GAYA; GRIN, 1988, GAYA; SIMCH *et al*, 1988).

---

<sup>155</sup> O *Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985* possui 100 páginas, o *Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993* contém 100 páginas, o *Livro de Atas do Departamento de Ginástica e Recreação 1976-1986* tem 38 páginas escritas e o *Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992* tem 198 páginas. O *Livro de Atas da COMCAR 1971-1977* não está numerado, mas contém 273 atas encadernadas.

<sup>156</sup> Nessas pastas em formato de arquivo também estavam armazenados boletins informativos da Associação dos Professores de Educação Física do Estado da Guanabara, da Associação dos Professores de Educação Física do Rio de Janeiro, da Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo e da Divisão de Educação Física da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Além disso, havia informativos do Órgão Oficial da AEEFD do RS, intitulados Antinoüs, datados da década de 1940.

Esses trabalhos foram usados como referências bibliográficas. O total de 144 fotos foi realizado na Biblioteca Edgar Sperb.

Nesse novo levantamento incluí também dois novos locais de busca nas instalações da Escola, a Comissão de Graduação da Educação Física (COMGRAD/EFI)<sup>157</sup> e o Departamento de Educação Física (DEFI)<sup>158</sup>, pois são órgãos administrativos que trabalham em conjunto na organização curricular da Escola. À COMGRAD cabe organizar os currículos dos Cursos de Educação Física, acompanhar a vida acadêmica dos alunos, orientar e planejar a trajetória dos alunos na Escola no que compete à orientação sobre matrícula, currículos, estágios, aproveitamento de créditos, diplomação e organização da apresentação dos trabalhos de conclusão de curso<sup>159</sup>. A COMGRAD e o DEFI são responsáveis pela organização dos horários das disciplinas dos Cursos de EF.

Na COMGRAD conversei com o coordenador naquele período, o professor Dr. Fabiano Bossle, e com os técnicos-administrativos que trabalhavam neste setor, que me receberam muito bem. A COMGRAD estava localizada no andar térreo do prédio administrativo, possuía uma sala ampla onde trabalhavam quatro funcionários, a coordenação e um representante discente.

Os funcionários me indicaram um armário da sala da COMGRAD onde poderia haver documentos antigos. O material deste armário estava organizado

---

<sup>157</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/graduacao/educacao-fisica/comgrad>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>158</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/graduacao/corpo-docente>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>159</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/graduacao/educacao-fisica/comgrad>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

em pastas etiquetadas de acordo com o seu conteúdo. Em uma pasta com a etiqueta “Atas da COMGRAD”, eu encontrei algumas atas das reuniões da antiga Comissão de Carreira da Educação Física (COMCAR), órgão anterior à COMGRAD<sup>160</sup>. De acordo com o Guia Acadêmico da UFRGS do ano de 1987, cabia às COMCAR “acompanhar a execução dos cursos de graduação, sendo responsáveis pela organização e planejamento dos mesmos” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 21). Dentre as atas disponíveis, havia 20 atas das reuniões da COMCAR de 1986 e 1987, respectivamente o ano anterior e o ano de implantação das alterações na matriz curricular da Escola (que incluíram as duas disciplinas do “fazer científico” na formação inicial em EF), portanto relevantes para este estudo.

As atas da COMCAR foram fotografadas, totalizando 40 fotos, e arquivadas em uma pasta no meu computador pessoal. Após a leitura das atas realizei o mesmo procedimento efetuado com os livros de atas da ESEF/UFRGS encontrados no CEME, ou seja, anotei na tabela de Atas da ESEF/UFRGS (APÊNDICE C, p. 261) a data da ata, onde foi registrada e as informações relevantes de cada uma.

Passei então ao Departamento de Educação Física (DEFI)<sup>161</sup>, localizado ao lado da COMGRAD, onde contatei o professor Dr. Clézio José Gonçalves dos Santos, chefe de departamento naquele período. Na ocasião em que contatei o chefe de departamento, o DEFI contava com 43 professores efetivos e oito professores substitutos, atendendo alunos dos cursos de Licenciatura e

---

<sup>160</sup> De acordo com Moura (2008, p. 510), na “década de 1970, a Reforma Universitária criou as Comissões de Carreira - COMCAR (hoje Comissões de Graduação)”. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/historiarp.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

<sup>161</sup> O DEFI foi criado em julho de 2001.

Bacharelado em Educação Física, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Fisioterapia<sup>162</sup>. O Departamento funcionava em uma sala de porte médio, onde trabalhavam o chefe de departamento, sua substituta e três secretárias.

A minha intenção ao contatar o DEFI era encontrar algum documento que fizesse referência às disciplinas de *Metodologia da Pesquisa em Educação Física* e *Seminário de Pesquisa em Educação Física*. O chefe do DEFI me recebeu muito bem, informou que não haviam documentos antigos armazenados na sala do Departamento e me sugeriu procurar os planos de ensino das disciplinas em pastas armazenadas no *container* que guarda os documentos antigos da ESEF/UFRGS. Para que eu pudesse retornar ao *container*, o DEFI entrou em contato com a Secretaria da Escola. O funcionário da Secretaria Paulo Sefrin comunicou a minha visita ao funcionário chefe da manutenção responsável pelos *containers*, Delmar Drozdowski. Com o auxílio desse funcionário, retornei então ao *container* n. 415 em busca de pastas que pudessem conter os planos de ensino das disciplinas. Dessa vez o material armazenado no *container* apresentava sinais de deterioração pela ação do calor e de goteiras, muitas pastas estavam inutilizadas, havia muito pó sobre as pastas em melhor estado e uma grande quantidade de caixas e equipamentos espalhados pelo chão (o que dificultava o acesso aos documentos). Procurei informações sobre as disciplinas nas pastas datadas de 1987 e de períodos relacionados, mas não encontrei as informações de que pretendia.

Não satisfeita com o resultado da busca no *container* 415, retornei à biblioteca Edgar Sperb e conversei com a bibliotecária Dra. Ivone Job sobre a

---

<sup>162</sup> Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/site/graduacao/corpo-docente>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

minha dificuldade de encontrar informações sobre as disciplinas de 1987. Ela me sugeriu procurar o Guia Acadêmico da UFRGS de 1987 na Biblioteca Central da UFRGS e entrou em contato por telefone com a bibliotecária deste setor, que informou que havia material disponível sobre os guias acadêmicos de 1987. Diante dessa notícia, dirigi-me à Biblioteca Central, que está situada no Campus Centro da UFRGS<sup>163</sup>, no térreo da Reitoria.

Na Biblioteca Central, com o auxílio das bibliotecárias, encontrei os volumes 1 e 3 do Catálogo dos Cursos de Graduação da UFRGS do ano de 1987. O volume 3, intitulado *Guia Acadêmico Educação Física 045.0*, continha informações sobre a estrutura administrativa e acadêmica da UFRGS. Finalmente, no volume 1, intitulado *Docentes/Disciplinas*, encontrei as súmulas de todas as disciplinas da UFRGS do ano de 1987, inclusive as da EF. Retirei 47 fotos do texto dos catálogos encontrados, que foram usados como referência bibliográfica.

Para não ficar restrita ao universo da Escola e das entidades que de alguma forma tem relação com ela (como o CBCE, a RBCE e a revista Movimento) ou, no máximo, à instituição UFRGS, incluí documentos de um universo mais amplo, de “fora dos muros da Escola”. Esses documentos também foram encontrados durante os levantamentos e são relacionados ao CNPq, à FAPERGS, ao DED/MEC, à SBPC e à Sociedade de Medicina Desportiva. Também utilizei como apoio, a consulta ao Marco Regulatório Educacional Brasileiro.

---

<sup>163</sup>O Campus Centro está localizado na Av. Paulo Gama, n. 110, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Destaco que a busca, o manuseio e o registro fotográfico dos documentos nas instalações da ESEF/UFRGS, foram realizados mediante autorização do diretor da Escola, o professor Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho. A carta de autorização encontra-se em anexo (ANEXO 01, p. 247). É importante destacar que não foram usadas informações privilegiadas na presente investigação, nada foi dito em foro íntimo, todos os documentos utilizados são públicos e estão disponíveis para pesquisa.

### **3.3. Materialidade Documental**

Para Oliveira (2009), na análise genealógica inspirada em Foucault, os materiais são abordados como uma dispersão, de modo a reduzir os efeitos de hierarquização das fontes de pesquisa e seus discursos. Portanto, é importante ressaltar que os documentos relacionados nesta seção foram dispostos somente com o objetivo de listá-los, sem a pretensão de colocá-los em ordem de importância.

Devido ao grande número de documentos recolhidos<sup>164</sup> (atas, boletins, depoimentos, ofícios, relatórios, circulares, etc.), pareceu-me necessário organizá-los a fim de facilitar a análise propriamente dita. Para tanto, elaborei uma tabela geral, destacando o título do documento, sua descrição e data, o local onde foi encontrado, quem o emitiu, a quem se dirigia e algumas observações.

---

<sup>164</sup> Destaco que a leitura de um documento muitas vezes me remeteu à busca e à leitura de outro documento ou material relacionado que também passou a compor o estudo.

Tabela 03: Documentos Encontrados

Documento	Descrição/Data	Local onde foi encontrado	Quem emitiu	A quem se dirigia	Observações
Depoimentos do Acervo de Entrevistas sobre Esporte e Educação Física do CEME	59 depoimentos recolhidos pelo CEME no período de 2002 até 2012	Repositório Digital do CEME	CEME	Especialistas e público em geral	Encontrei informações relevantes em 28 depoimentos:
Boletins da AEEFD do RS	27 Números disponíveis do período de 1965 até 1979	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/ UFRGS	AEEFD do RS	Professores, Profissionais e Graduandos de EF associados à AEEFD.	Encontrei informações relevantes em 18 boletins.
Boletins da AEEFD do RS	Números disponíveis de 1948 até 1981 (muitos eram idênticos aos encontrados na Biblioteca)	CEME	AEEFD do RS	Professores, Profissionais e Graduandos de EF associados à AEEFD.	Encontrei informações relevantes em 04 boletins.
Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985	Atas de 1968 até 1985.	CEME	Congregação ESEF/UFRGS	ESEF/UFRGS	Encontrei informações relevantes em 11 atas.
Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS Início 05/07/1985 Fechada 22/11/1993	Atas de 1985 até 1993.	CEME	Congregação ESEF/UFRGS	ESEF/UFRGS	Li as atas de 1985 até 1990. Encontrei informações relevantes em 16 atas.
Livro de Atas do Departamento de Ginástica e Recreação 1976-1986	Atas de 16/03/1976 até 20/04/1986	CEME	Departamento de Ginástica e Recreação	ESEF/UFRGS	Não encontrei informações relevantes nesse documento.
Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992	Atas de 08/03/1983 até 17/09/1992.	CEME	Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/ UFRGS	ESEF/UFRGS	Encontrei informações relevantes em 29 atas.
Livro de Atas da COMCAR 1971-1977	273 Atas de 25/01/1971 até 21/12/1977	CEME	COMCAR	ESEF/UFRGS	Encontrei informações relevantes em 05 atas.
Atas da COMCAR	20 Atas dos anos de 1986 e 1987	COMGRAD	COMCAR	ESEF/UFRGS	Encontrei informações relevantes em 03 atas.
Ata de 02 de novembro de 1978 do CBCE.	Fundação do CBCE.	Endereço eletrônico do CBCE.	CBCE	Associados do CBCE	Disponível em: < <a href="http://www.cbce.org.br/upload/ATA%20DE%20FUNDACAO%20DO%20CBCE.doc">http://www.cbce.org.br/upload/ATA%20DE%20FUNDACAO%20DO%20CBCE.doc</a> >. Acesso em 22 jul. 2014.
UFRGS/ESEF/DGR Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física (1985)	Relatório da primeira reunião em 28 de março de 1985.	CEME	DGR	ESEF/UFRGS	
UFRGS/ESEF/DGR Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física (1985)	Relatório de reuniões do período de abril e maio de 1985.	CEME	DGR	Congregação da ESEF/UFRGS	
Regimento do Laboratório de Pesquisa do	Regimento composto por 12 artigos	CEME	Não está datado	ESEF/UFRGS	



Exercício - LAPEX					
Histórico da ESEF/UFRGS	Pesquisa do professor Washington Gutierrez concluída em 1971	Repositório Digital CEME	Professor Washington Gutierrez	ESEF/UFRGS	
Ofício ESEF n. 232/62	Relata o interesse da Escola pela sua incorporação pela UFRGS.	CEME	Dr. Gaspar Martins	Reitor da UFRGS	
Ofício ESEF n. 136/63.	Reitera o pedido do Ofício ESEF n. 232/62.	CEME	Dr. Gaspar Martins	Reitor da UFRGS	
Relatório do DGR de 29 de abril de 1983	Relatório sobre o Curso de Especialização em Lazer e Recreação de 1982.	CEME	Dra. Lanea Gaelzer	Diretor da ESEF/UFRGS Professor Alduíno Zílio.	
Resolução n. 46/88 UFRGS	Regras para progressão funcional. 1988	Container 415	UFRGS	UFRGS	
Circular n. 11/92 do Conselho Universitário da UFRGS	Decisões do Conselho Universitário sobre o novo estatuto da UFRGS.	Container 415	Conselho Universitário da UFRGS	ESEF/UFRGS	
CNPq - Programa de Formação de Recursos Humanos e Fomento à Pesquisa –1987	Bolsas no País e no Exterior, Auxílios, Fomento à Pesquisa, Calendário de 1987.	CEME	CNPq	UFRGS	
Comunicado da Sociedade de Medicina Desportiva (1987)	Convite para o VIII Congresso Brasileiro de Medicina Desportiva e II Simpósio Internacional de Medicina Desportiva	CEME	Sociedade de Medicina Desportiva	ESEF/UFRGS	Data dos eventos: maio de 1987.
Ofício-Circular n. 034/87-DP (21 de maio de 1987)	Institui incentivos salariais para docentes que tivessem obtido titulação de mestre ou doutor.	CEME	UFRGS	UFRGS	
Ofício-Circular n. 54/87 GAB/DEDMEC/RS	Programa Conjunto de Produção Científica na Área de EF e Desportos.	CEME	DED/MEC	ESEF/UFRGS	Informações sobre o programa.
Circular SBPC/RS 05/87	Informa sobre o programa "Ciência às Seis e Meia".	CEME	SBPC/RS	UFRGS	(25 de agosto de 1987)
Ofício-Circular n. 85/87 FAPERGS	Apresentação do Programa de Fomento à Pesquisa para o ano de 1988	CEME	FAPERGS	UFRGS	(16 de novembro de 1987)
Estudos e Proposta sobre a reformulação do Estatuto da UFRGS	Seção 3: "A Universidade como Centro de Pesquisa".	CEME	UFRGS	UFRGS	(outubro 1987)

A consulta aos estudos de outros pesquisadores que trabalharam com objetos de estudo semelhantes é recomendada por Cellard (2012) para a realização da Análise Documental. Portanto, a bibliografia encontrada durante os levantamentos realizados em busca de documentos (principalmente nos

acervos da Revista Movimento e da RBCE) foi consultada e está listada nas referências.

### **3.4. Descrição dos Documentos**

Conforme proposto por Cellard (2012), antes de me debruçar sobre a análise propriamente dita, reunindo todos os elementos encontrados e conectando-os à problematização proposta, realizei inicialmente uma análise preliminar crítica dos documentos encontrados nos levantamentos, bem como sua descrição, que está exposta a seguir.

#### **3.4.1. Atas**

Durante as buscas por documentos nas instalações da ESEF/UFRGS encontrei no acervo do CEME o *Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985*, o *Livro de Atas da Congregação ESEF UFRGS 1985-1993*, o *Livro de Atas do Departamento de Ginástica e Recreação 1976-1986* e o *Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992*, todos redigidos à mão livre. Encontrei também um livro encadernado que reúne 273 atas datilografadas da *COMCAR 1971-1977*. Optei por tratar cada livro como um único documento, apesar de cada um abranger diversas atas. Essa opção se justifica pelo fato de que as atas estavam inter-relacionadas, os assuntos não se extinguíam em uma única ata, voltavam diversas vezes à pauta para novas discussões e encaminhamentos, como “capítulos” de uma mesma (e extensa) história.

O *Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985* foi redigido entre os anos de 1968 e 1985, portanto corresponde ao período no qual foi instituído o regime de governo militar no Brasil (1964-1985). Além disso, envolve tanto o período anterior à Federalização da ESEF, quanto os esforços da Escola em se adequar ao modelo federal de universidade após a Federalização, bem como o período anterior às alterações na matriz curricular da formação inicial em EF de 1987.

Encontrei informações relevantes em 11 atas desse livro: N° 131/72, Reunião Conjunta da Congregação e Conselho Departamental de 09/03/1977, Reuniões da Congregação de 19/03/1980, de 31/03/1980, de 28/08/1981, de 07/11/1983, de 21/11/1984, de 26/11/1984, de 18/01/1985, de 21/05/1985, de 27/05/1985.

As atas do referido livro relatavam as reuniões dos membros da Congregação e do Corpo Docente da ESEF, um grupo composto por docentes da Escola, um presidente e “acadêmicos” ou “representantes estudantis”. A presidência da Congregação era desempenhada pelo diretor da Escola. A ata era lavrada por um secretário administrativo da própria ESEF/UFRGS, presente na reunião (mas sem poder de voto), e aprovada pelo grupo na reunião seguinte.

A Congregação tinha poder de decisão sobre vários assuntos, como: indicação de nomes para banca examinadora de concursos para professores, criação de comissão de estudos para implantação do mestrado em EF, criação de comissão de estudos para implantação do novo currículo do curso de Licenciatura em EF, formação da comissão encarregada por analisar o projeto de regimento interno do LAPEX, exame de projetos, entre outros. A partir de

1985, começam a aparecer nas atas da *Congregação e do Corpo Docente 1968-1985* os estudos sobre as alterações na matriz curricular do curso de Licenciatura em EF, que seriam concretizadas em 1987.

No *Livro de Atas da Congregação ESEF UFRGS 1985/1993* havia informações relevantes em 16 atas: Reunião da Congregação de 05/07/1985, de 16/08/1985, de 11/11/1985, de 22/09/1986, de 29/04/1987, de 25/05/1987, de 05/06/1987, de 04/08/1987, de 11/11/1987, de 02/06/1988, de 11/07/1988, de 02/08/1988, de 30/09/1988, de 09/12/1988, de 16/12/1988, de 25/09/1989.

O *Livro de Atas da Congregação ESEF UFRGS 1985/1993* foi redigido, conforme indica o seu título, entre os anos de 1985 e 1993, portanto em um cenário político diferente do livro anterior, após o fim do regime de governo militar no Brasil<sup>165</sup>. Nas atas desse período constam as discussões sobre as alterações na matriz curricular da Escola de 1987, que incluíram as duas disciplinas do “fazer científico”. Os membros do grupo que participava das reuniões da Congregação nesse período eram docentes, representantes discentes, o presidente (diretor da Escola) e representantes técnico-administrativos. Em algumas atas há também a menção a professores convidados para reuniões.

Nas reuniões da Congregação ESEF UFRGS 1985/1993 eram tratados assuntos como: relato de andamento das atividades da Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado em EF, relatório da Comissão de Estudos para a criação de um Departamento de Ciências do Esporte, relatório da Comissão de implantação do novo currículo do Curso de Licenciatura em EF, estudo do

---

<sup>165</sup> Em 1985 se instaura a Nova República, marcada pela eleição indireta de um presidente civil, a abertura política e a democratização. Tancredo Neves é eleito presidente, mas vem a falecer antes de tomar posse. Seu vice, Itamar Franco, assume a presidência do Brasil.

regimento interno do LAPEX, extinção dos testes físicos para ingresso na Escola, intercâmbios e convênios entre a Escola e instituições internacionais, publicação de revista científica pela Escola, saída de professores para cursar o doutorado no exterior, entre outros.

O *Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS* compreende as reuniões realizadas no período de 1983 até 1992. Diferente das reuniões da Congregação, as reuniões que constam no *Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992* não eram presididas pelo diretor da Escola, mas pelo chefe do Departamento<sup>166</sup>. As reuniões eram realizadas na sala dos professores da Escola.

Os assuntos tratados nas reuniões do Colegiado do Departamento de Desportos passavam pela leitura de ofícios-circulares de órgãos da Universidade e da diretoria da ESEF/UFRGS, regimento interno do LAPEX, concursos para provimento de cargos docentes, afastamento dos professores para estudo ou congressos no Brasil ou no exterior, aprovação de projetos de pesquisa encaminhados por professores, comunicação de artigos enviados para publicação em revistas nacionais e internacionais, avisos sobre congressos, comunicação sobre o desenvolvimento de pesquisas, monitoria de disciplinas, entre outros.

Encontrei informações relevantes nas seguintes atas: n. 146 (05/04/1983), n. 147 (19/04/1983), n. 149 (24/05/1983), n. 150 (01/06/1983), n. 155 (16/08/1983), n. 156 (19/08/1983), n. 167 (16/09/1984), n. 168 (26/10/1984), n. 170 (12/11/1984), n. 171 (26/11/1984), n. 181 (02/07/1985), n.

---

<sup>166</sup> Na ata de n. 152, de 24/06/1983 há a inclusão de um membro discente no Colegiado.

183 (03/10/1985), n. 185 (27/11/1985), n. 218 (30/12/1987), n. 227 (11/10/1988), n. 233 (13/03/1989), n. 246 (05/12/89), n. 247 (22/12/1989), n. 248 (28/12/1989), n. 249 (09/04/1990), n. 251 (20/04/1990), n. 246 (05/12/1989), n. 247 (22/12/1989), n. 248 (28/12/1989), n. 249 (09/04/1990), n. 251 (20/04/1990), n. 252 (27/04/1990), n. 258 (11/12/1990), n. 261 (20/12/1990).

No Livro de Atas do Departamento de Ginástica e Recreação 1976-1986 constam as reuniões entre 16 de março de 1976 e 21 de abril de 1986. Esse era o livro de atas que mais me causava expectativa, pois havia a informação na súmula da disciplina de *Metodologia da Pesquisa em Educação Física* de 1987/1 de que essa disciplina era vinculada ao Departamento de Ginástica e Recreação. Porém não encontrei informações relevantes nesse livro de atas.

O Livro de Atas do DGR 1976-1986 era destinado ao “registro das atas do Departamento de Ginástica e Recreação, referentes à sessão de estudos das disciplinas EFI 201 – Rítmica I, feminina – EFI 207 – Rítmica II, feminina – EFI 208 – Rítmica III feminina – EFI Rítmica I masculina – EFI 225 – Rítmica IV masculina e feminina da Escola Superior de Educação Física da UFRGS, iniciadas no 1º Semestre de 1976”<sup>167</sup> (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1986).

No *Livro de Atas da COMCAR 1971-1977* estão registradas as 273 reuniões realizadas entre 25 de janeiro de 1971 até 21 de dezembro de 1977. Encontrei informações relevantes nas seguintes atas: Atas n. 01, n. 02, n. 03, n. 04 e n. 212. Além do Livro de Atas da COMCAR 1971-1977 encontrado no CEME, há também as atas das reuniões da COMCAR encontradas na

---

<sup>167</sup> Essa informação estava escrita na folha de rosto do Livro de Atas do DGR 1976-1986.

COMGRAD do curso de EF. Essas atas foram redigidas em 1986 e 1987, respectivamente no ano anterior e no ano de implantação das alterações na matriz curricular da Escola. As atas também eram datilografadas separadamente, mas não estavam encadernadas, somente arquivadas em uma pasta. Das 20 atas disponíveis, encontrei informações relevantes em três delas: n. 02/87, n. 03/87, n. 06/87.

Compunham a COMCAR o coordenador e o vice, docentes e um representante discente. Há também a menção a professores convidados para reuniões, como o chefe do Departamento de Ginástica e Recreação e o chefe do Departamento de Desportos. Os assuntos tratados nas reuniões dessa comissão passavam pelo aproveitamento, equivalência e dispensa de disciplinas, ingresso extravestibular, revalidação de diploma, trancamento de matrícula e pedidos de alunos para transferência de turno, currículo do curso superior de EF, inclusão de disciplinas no currículo, comunicados da Universidade (Portarias e Ofícios da UFRGS), carga horária e pré-requisitos do currículo, número de vagas, pedidos de licença e substituição de professores, disciplinas ministradas por outras unidades da UFRGS, entre outros.

É importante destacar que vários estilos de escrita, tanto no que se refere à grafia quanto ao conteúdo, podem ser notados na redação das atas da Escola. Dependendo de quem registrou os acontecimentos há um maior ou menor detalhamento das informações, dos personagens, do que foi proferido e de quem o fez. Alguns redatores somente registraram o assunto e o que foi decidido sobre o mesmo: **Ficou decidido que...** (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1993, p. 03). Outros proporcionaram uma pista do que houve, tal como: **“O assunto, por ser polêmico, gerou várias**

**intervenções**” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1985, p. 93). Outros ainda descreveram os argumentos usados em discussões, porém de forma genérica, sem citar nomes, tal como: **“Foi comentado que...”** (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1993, p. 41). Em contrapartida, algumas vezes aparecem os nomes dos arguidores, mas sem citar os seus argumentos: **“Fizeram o uso da palavra os professores Cunha, Eichenberg e Guimarães, pela ordem”** (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1985, p. 95). Alguns descreveram de forma pormenorizada a discussão estabelecida, quem participou da mesma e os argumentos utilizados para defender sua posição. Por fim, ainda há aqueles que acrescentaram ao texto as suas próprias impressões: **“Diante da emoção que possuía o orador...”** (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 72). Portanto, em diversos momentos durante a leitura dos livros, fica claro o quanto a pessoa responsável por redigir a ata (secretário/técnico administrativo) pode influenciar o detalhamento do registro da história. Além disso, é importante salientar que as atas eram redigidas pelos secretários, mas passavam pela aprovação do grupo. A ata da reunião anterior estava sujeita à aprovação na reunião seguinte.

Além das atas da Escola, há ainda a ata de fundação do CBCE datada de 02 de novembro de 1978, que está disponível no endereço eletrônico dessa instituição<sup>168</sup>. Essa ata inicia com o seguinte destaque: “(\*) os documentos pessoais da ata original estão omitidos nesta versão”. Esse destaque evidencia um cuidado em preservar detalhes sobre as pessoas que estiveram nessa

---

<sup>168</sup> Disponível em:

<<http://www.cbce.org.br/upload/ATA%20DE%20FUNDACAO%20DO%20CBCE.doc>>. Acesso em 22 jul. 2014.



reunião. Em função disso, optei por respeitar esse cuidado e não incluí a ata original entre os documentos analisados. Utilizei, portanto, somente a versão disponibilizada no endereço eletrônico do CBCE.

Estava prevista nessa ata toda a organização da entidade, ou seja, seu estatuto, que envolvia os seus objetivos; a eleição da diretoria (que teria mandato de dois anos) composta por um presidente, um presidente-eleito, três ou mais vice-presidentes, um tesoureiro e um secretário-executivo; a divisão dos membros nas categorias de pesquisador emérito, pesquisador, benemérito, honorário, efetivo e estudante; os direitos e deveres dos membros; a convocação de assembleias gerais; a criação e organização de Secretarias Regionais e seus respectivos objetivos; bem como, a administração de fundos de patrimônios. Essa ata foi analisada minuciosamente por Paiva (1994), portanto usei essa autora como apoio bibliográfico tanto em relação à ata de fundação, quanto na seção que aborda o CBCE (seção 1. 3.).

#### **3.4.2. Boletins da AEEFD**

Os Boletins da AEEFD do RS foram encontrados em dois locais distintos: na Biblioteca Edgar Sperb e no CEME. Na biblioteca havia 27 números disponíveis do período compreendido entre 1965 até 1979 e no CEME havia duas pastas em formato de arquivo repletas de boletins com números disponíveis de 1948 até 1981.

Dos 27 números disponíveis na biblioteca, encontrei informações relevantes nos seguintes boletins: n. 01 de 1966, n. 03 de 1967, n. 02 de 1968,

n. 04 e 05/06 de 1969, n. 02 e 04/05 de 1970, n. 01/02 e 03/04 de 1972, n. 01/02 e 03/04 de 1973, n. 04 de 1974, n. 08 de 28/04/1975, n. 08 de 23/05/1975, n. 10 e 12 de 1975, n. 03 de 1976, n. 01 de 1977. Nas pastas do CEME encontrei informações relevantes nos seguintes boletins<sup>169</sup>: n. 07 de 1965, n. 01 de 1970, n. 07 de 1975, n. 01 de 1978.

Esses boletins foram emitidos pela AEEFD e endereçados aos professores, profissionais e graduandos de Educação Física. Essa associação foi fundada em 20 de dezembro de 1945 com o objetivo de constituir “uma entidade de classe que reunisse professores, técnicos e médicos especializados em educação física e desportos do Rio Grande do Sul” (LICHT, 2005, p. 01). Os redatores dos boletins relativos ao período pesquisado eram, na maioria, professores da Escola.

Os boletins traziam notícias gerais da Escola, de congressos e cursos de aprimoramento no Brasil e no exterior, da saída de professores de EF e médicos da Escola para realização de formação no exterior, dos Jogos Universitários Brasileiros de Estudantes de Educação Física (JUBEEF), de livros e revistas ligados à área, de convênios entre a UFRGS e outras instituições, do Código de Ética do Educador Físico-Esportivo-Recreativo, da Federação Internacional de Educação Física (FIEP), do LAPEX, dos movimentos para implantação do mestrado na Escola, do falecimento de professores, dos esforços para a criação do Conselho Nacional e dos Conselhos Regionais dos Titulados em EF, dos aniversariantes do mês, dos casamentos de colegas, entre outras.

---

<sup>169</sup> No CEME havia muitos boletins idênticos aos encontrados na Biblioteca Edgar Sperb.

Os boletins da AEEFD serviam de veículo de informação sobre o que estava acontecendo na área da EF. Também eram usados como uma forma de chamar a “classe” da EF para lutar por suas reivindicações junto ao Conselho Federal de Educação. Cito como exemplo o Boletim AEEFD n. 12 de 1975, que trazia a seção intitulada “Noticiário do Front”, na qual havia a seguinte frase: “Na presente edição já estamos apresentando algum noticiário dessa gente boa que luta com ideal no “front” da educação de nosso povo” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975d, p. 01).

Um permanente esforço pela valorização da EF, e consequente valorização da AEEFD, é perceptível em quase todos os boletins analisados. São recorrentes frases como: “[...] não esqueça que todos têm, por ética profissional, a obrigação de prestigiar sua associação de classe” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1974, p. 01). Os boletins também foram diversas vezes usados para “botar para fora” os problemas da Escola, principalmente no que diz respeito à falta de verbas e infraestrutura (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS n. 08, 28/04/1975b). Outras vezes os boletins foram utilizados para “lavar a roupa suja” entre personagens, mesmo que nem sempre ficasse explícita qual a desavença entre eles ou, até mesmo, quais eram as pessoas envolvidas (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975c).

Os boletins eram utilizados ainda como um meio de informação das recentes descobertas científicas, bem como de recomendação da melhor forma

de trabalho na área da EF. Um exemplo é o Boletim da AEEFD n. 01 de 10 de março de 1977, que traz as Conclusões da 7ª Câmara do IV Encontro Nacional de Professores de Educação Física, dentre elas a "Orientação e Controle de um Programa de Condicionamento Físico para Coronariopatas e Sedentários com Elevado Número de Riscos Coronarianos: Rotina Indicada" (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1977, p. 06).

### **3.4.3. Depoimentos do Acervo Virtual do CEME**

Os depoimentos selecionados no Repositório Digital do CEME estão vinculados a diversos projetos e pesquisas desenvolvidas na Escola, tratam de vários assuntos e foram realizados em momentos distintos. Estes depoimentos estão disponíveis on-line e são dirigidos a especialistas e ao público em geral. As entrevistas aos depoentes foram realizadas por pesquisadores, docentes e estudantes da ESEF/UFRGS vinculadas aos projetos e pesquisas. A maioria dos depoentes é composta por pessoas envolvidas de alguma forma com a Escola: docentes aposentados e ativos, diretores, coordenadores de setores diversos, alunos egressos que cursaram EF em momentos diferentes, funcionários e técnicos administrativos.

Dos 59 depoimentos recolhidos pelo CEME no período de 2002 até 2012, encontrei informações relevantes em 28 deles. Esses depoimentos são datados de 2004, 2005, 2007, 2008, 2010 e 2012, mas trazem informações sobre o período que é o foco deste estudo: 1970 até 1990. Os depoimentos selecionados são os seguintes: Adriana Alves (2005), Adroaldo Cezar Araujo

Gaya (2008), Alberto Reinaldo Reppold Filho (2008), Alberto Ramos Bischoff (2007), Antônio Barbosa Rangel (2008), Arno Black (2007), Cláudio Luiz Garcia (2005), Edson Bemvenuti (2010), Eduardo Henrique De Rose (2007), Francisco Camargo Netto (2010), Helena Alves D'Azevedo (2010), Henrique Felipe Bonnet Licht (2008), Jayme Werner dos Reis (2010), Jorge Pinto Ribeiro (2012), Lino Castellani Filho (2012), Lúcia Maria Nery Rosito (2010), Luiz Fernando Martins Krueel (2010), Luiz Fernando Ribeiro Moraes (2007), Marco Paulo Stigger (2010a), Mário Cesar Cassel (2005), Mário Roberto Generosi Brauner (2004), Mauro Marczwski (2010), Paulo Gilberto de Oliveira e Elizabeth Teresinha D'andrea de Oliveira (2008), Ricardo Demétrio de Souza Petersen (2008), Rosalia Pomar Camargo (2007), Vera Lúcia da Silva Oliveira, Vera Maria Ferreira e Maria Alice Garcia Kroeff (2010), Vicente Molina Neto (2008), Washington Gutierrez (2008). Alguns depoimentos, mesmo contendo informações relevantes, foram descartados porque o entrevistado não deixou claro o período em que ocorreu o fato relatado ou não o descreveu com clareza.

#### **3.4.4. Outros Documentos Internos**

Essa seção compõe os documentos encontrados nas buscas realizadas nas instalações da ESEF/UFRGS (além dos citados anteriormente) que foram redigidos por órgãos da Escola e endereçados à própria Escola ou aos seus departamentos internos, bem como, os documentos emitidos pela Escola à UFRGS. Esses documentos estão datados do período de 1962 até 1985. Mesmo não fazendo parte do período delimitado para este estudo, incluí dois

documentos datados da década de 1960 por entender que seu conteúdo traria informações valiosas para a análise. Os “outros documentos internos” que compõem o estudo são os seguintes:

- Ofício ESEF n. 232/62. Documento relativo ao período anterior à Federalização da ESEF, que relata o interesse da Escola pela sua incorporação pela UFRGS. Enviado pelo diretor da Escola, Dr. Ruy Gaspar Martins, e endereçado ao Reitor da UFRGS.

- Ofício ESEF n. 136/63. Documento também relativo ao período anterior à Federalização da ESEF, que reitera o pedido do Ofício ESEF n. 232/62. Enviado pelo diretor da Escola, Dr. Ruy Gaspar Martins, e endereçado ao Reitor da UFRGS.

- Regimento do Laboratório de Pesquisa do Exercício - LAPEX. O regimento é composto por 12 artigos. Não está datado, mas é possível que seja do ano de 1972 ou do primeiro semestre de 1973, pois projeta o início das atividades do Laboratório para o segundo semestre de 1973.

- Histórico da ESEF/UFRGS. Pesquisa realizada pelo professor Washington Gutierrez concluída em 1971. O documento relata os principais acontecimentos históricos relativos à Escola até 1971, foi emitido pelo professor Washington Gutierrez e endereçado à Escola.

- Relatório do DGR de 29 de abril de 1983 sobre o Curso de Especialização em Lazer e Recreação de 1982. Além da entrega do relatório, verifica a viabilidade de realizar na Escola novo curso da mesma natureza e evidencia a “intensão de ampliar as realizações da ESEF a nível de Pós-Graduação”

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1982). Emitido pela coordenadora do curso, professora Lanea Gaelzer e dirigida ao diretor da ESEF/UFRGS Professor Alduíno Zílio.

- UFRGS/ESEF/DGR Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física (1985) - Relatório da primeira reunião da Comissão, realizada em 28 de março de 1985. Emitido pelo DGR e endereçado à ESEF/UFRGS.

- UFRGS/ESEF/DGR Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física (1985). Relatório das reuniões do período de abril e maio de 1985. Emitido pelo DGR e endereçado à Congregação da ESEF/UFRGS.

#### **3.4.5. Outros Documentos Externos**

Durante as buscas por material, selecionei diversos documentos que não foram redigidos por órgãos internos da Escola (além dos boletins da AEEFD, citados anteriormente). Esses documentos foram enviados para a Escola por órgãos governamentais, pela UFRGS e por entidades vinculadas ou não à Universidade, no período entre 1987 e 1992.

- Resolução n. 46/88 UFRGS. Esse documento aponta as regras para progressão funcional e os seguintes Itens para avaliação dos docentes: 1) produção científica, técnica, artística ou literária; 2) atividades docentes em

sala de aula; 3) encargos de administração acadêmica. Emitido pela UFRGS e endereçado à UFRGS.

- Circular n. 11/92 do Conselho Universitário da UFRGS. Decisões do Conselho Universitário sobre o novo estatuto da UFRGS. Instituição do Conselho Único na Unidade (extintos Conselho Departamental e Congregação). Emitido pela UFRGS e endereçado à ESEF/UFRGS.

- Ofício-Circular n. 54/87 GAB/DEDMEC/RS - Informa que INEP e Secretaria de EF e Desportos iriam desenvolver um Programa Conjunto de Produção Científica na Área de EF e Desportos. O programa se referia a estudos, pesquisas, divulgação da produção e realização de seminários. O ofício foi emitido pela Delegacia do MEC/RS e disponibilizado para conhecimento dos professores da Escola em 04/09/1987.

- Circular SBPC/RS 05/87. O documento datado de 25 de agosto de 1987 informa sobre o programa “Ciência às Seis e Meia”. Esse programa foi uma iniciativa da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) com apoio da FINEP, CNPq, Colégio Júlio de Castilhos e UFRGS, que visava aproximar da população os cientistas brasileiros e suas pesquisas. A circular foi emitida pelo SBPC/RS e endereçada à UFRGS.

- Ofício-Circular n. 85/87 FAPERGS. Apresentação do Programa de Fomento à Pesquisa (16 de novembro de 1987). O Ofício-Circular apresenta o Programa de Fomento à Pesquisa para 1988, destinado a diversas áreas de conhecimento, incluindo as Ciências da Saúde. Descreve as modalidades custeadas pelo Programa de Fomento à Pesquisa (1988): projeto de pesquisa;



promoção de reunião científica, simpósio, conferência e curso; contratação de especialista e pesquisador visitante; comparecimento a congresso, simpósio, seminário e curso; auxílio à publicação e divulgação de trabalho. O ofício-circular foi enviado pela FAPERGS e endereçado ao diretor da Escola, Mario Cesar Cassel.

- CNPq - Programa de Formação de Recursos Humanos e Fomento à Pesquisa – 1987. O documento tratava de Bolsas no País e no Exterior, Auxílios, Fomento à Pesquisa, Calendário de 1987. Emitido pelo CNPq e endereçado à UFRGS.

- Comunicado da Sociedade de Medicina Desportiva (1987). Esse documento convidava para o VIII Congresso Brasileiro de Medicina Desportiva e II Simpósio Internacional de Medicina Desportiva, em maio de 1987. Endereçado à ESEF/UFRGS.

- Ofício-Circular UFRGS n. 034/87-DP. Esse documento, datado de 21 de maio de 1987, instituía incentivos salariais para docentes que tivessem obtido titulação de mestre ou doutor. Emitido pela UFRGS e endereçado para a UFRGS.

- Estudos e Proposta sobre a Reformulação do Estatuto da UFRGS. Esse documento é datado de outubro de 1987 e projeta o novo estatuto da Universidade. Emitido pela UFRGS e endereçado à UFRGS.

É importante destacar que nem todas as informações contidas nesses “outros documentos internos e externos” foram usadas nas categorias de análise do presente estudo, mas ajudaram a esclarecer dúvidas que foram

aparecendo no decorrer das análises. Após a descrição dos documentos encontrados nos levantamentos, passo para o capítulo de análise.

#### 4. “ERA CIENTÍFICA DO ESPORTE”

De posse de todos os documentos descritos no capítulo anterior passei à leitura minuciosa dos seus trechos mais significativos. Aos poucos o estudo foi se desenhando e se tornando mais visível. Dentre o material selecionado, o Boletim da AEEFD n. 8, de 28/04/1975 chamou especialmente a minha atenção. Esse boletim reproduzia a aula inaugural do curso de Técnica Desportiva<sup>170</sup>, que apresentava o seguinte título: “Alguns Aspectos da Problemática da Educação Física na UFRGS”. Essa aula foi proferida pelo então diretor da ESEF/UFRGS, Jacintho F. Targa, que destacou, dentre outros assuntos, os obstáculos que os estudantes encontrariam em sua vida laboral:

Encontrareis muitos obstáculos por parte de pessoas que ainda não compreenderam o valor social e moral dos esportes. Dialogai com eles. Tratai de conquistá-los, pois com certeza vos serão muito úteis para difundir idéias positivas, uma vez que estejam convencidos de sua validade. É preciso que não cruzeis os braços e vos caleis diante das incompreensões alheias. Tendes que ser combativos e para isso é preciso armar-se dos conhecimentos científicos [...]” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975b, p. 08).

De acordo com a fala do diretor, os conhecimentos científicos seriam as “armas” para usar no “combate” pela valorização do esporte. O teor do discurso do diretor da Escola parece tratar especificamente o esporte como a atividade laboral do professor de EF, passando a ideia de que “esporte” e “EF” eram entendidos como sinônimos. Nesse sentido, Bracht (1999, p. 60) destaca que “ao contrário da Medicina, a EF ainda tem o agravante de ter que justificar a

---

<sup>170</sup> Curso de especialização (pós-graduação *lato sensu*) desenvolvido na Escola e oferecido para professores de EF no ano de 1975.

sua importância social. Daí ela passa a ser confundida com o esporte, que é um fenômeno que lhe empresta prestígio”.

Em seguida, o diretor enuncia: “Estamos na era científica do esporte” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975b, p. 08)<sup>171</sup>. Essa frase parece anunciar um novo momento, que rompe com a lógica anterior. É possível pensar que o diretor apontava, em 1975, a passagem da “era técnica”, pautada pela formação voltada à prática das modalidades esportivas (DARIDO, 1995), para a “era científica do esporte”, calcada pela valorização de conhecimentos científicos pela área de conhecimento da EF.

Seguindo o texto da fala do diretor, é possível perceber quais eram os conhecimentos científicos a serem usados como “armas” no “combate” à desvalorização do esporte: “Até o fim deste mês estarão em Porto Alegre as maiores autoridades do mundo em pesquisas científicas, participando do Congresso Internacional de Medicina do Esporte”. (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975b, p. 08).

A partir do exposto acima, é possível pensar que os conhecimentos da “era científica do esporte” eram aqueles ancorados na Medicina do Esporte. Esses conhecimentos ajudariam a valorizar o esporte e, por conseguinte a EF. Assim, “armados” dos conhecimentos da “era científica do esporte”, os professores de EF poderiam lutar pela valorização da área e por seu próprio

---

<sup>171</sup> A frase “estamos na era científica do esporte” chamou minha atenção durante as buscas por material na sala da biblioteca reservada aos documentos e materiais históricos da ESEF/UFRGS e me levou a incluir os boletins da AEEFD na relação de documentos analisados nesse estudo.

reconhecimento no ambiente de trabalho. Nesse sentido, Faria, Machado e Bracht (2012) sinalizam a condição de “segunda classe” que a EF enfrentava (e ainda enfrenta) nas escolas. Esses autores apontam que essa condição “implica que a luta por reconhecimento se constitua num elemento fundamental da construção das identidades dos professores da área [...]” (FARIA; MACHADO; BRACHT, 2012, p. 120).

É possível pensar, portanto, que a “era científica do esporte” se constituiu em uma via de valorização da área, uma tentativa de quebrar a imagem do professor de EF como um professor de segunda categoria, que só ensinava a jogar bola e não precisava pensar. Essa imagem desvalorizada aparece com muita força nos documentos encontrados em diferentes setores da Escola. Em um depoimento concedido em conjunto ao CEME, Vera Lúcia da Silva Oliveira, Vera Maria Ferreira e Maria Alice Garcia Kroeff (2010) comentam o preconceito que havia em relação ao professor de EF na época em que foram alunas da Escola (período a partir de 1968). As palavras de Vera Maria Ferreira ilustram esse preconceito:

O preconceito era grande. Ainda hoje o professor de EF é considerado como aquela pessoa que não teve capacidade de fazer outro curso. [...]. Então vai cursar EF. Também se ouvia na época, que tinha músculo na cabeça. Enquanto os outros tem cérebro, ele tem músculo...Esse tipo de coisa. [...] só para concluir a ideia: em 1976 eu fui procurar um mestrado em educação para fazer uma reflexão sobre a EF. O meu tema era a EF. O tema não foi aceito. Ou seja, não era importante. Aí eu pensei: ‘Bom, eu vou provar que sou gente para entrar’. Então eu fiz pedagogia. [...] Infelizmente para ter autoridade para falar de EF, tive de estar referendada pelo curso de Pedagogia, só aí vem o reconhecimento [...] (OLIVEIRA, FERREIRA, KROEFF, 2010, p. 13-14).

Essa imagem desprestigiada do professor de EF, um “descerebrado”, que tinha somente “músculo na cabeça”, também é descrita por Bemvenuti (2010) em depoimento ao CEME:

Até na época tinha como até hoje tem, vamos dizer assim, isso ainda é preservado, aquela imagem do professor e da professora de EF como alguém que a parte intelectual não se desenvolve. Só se desenvolve músculo. [...] antigamente, o profissional de Educação Física não pensava. Até hoje vocês devem passar por isso. Vocês andam por aí e dizem que tem Anatomia, os caras se admiram: ‘O que? Anatomia em EF?’. Tem lá Psicologia, Sociologia...’Isso não existe em EF. Para que? Para ensinar os outros a jogar bola, não preciso disso (BEMVENUTI, 2010, p. 08).

Ainda de acordo com Bemvenuti (2010), o preconceito e o desprestígio da Educação Física estiveram presentes inclusive no processo de federalização da ESEF:

[...] “havia certa resistência da UFRGS acolher a EF porque, por tradição, a EF era um curso técnico, antigamente. Depois passou para Escola Superior e esse nosso “ESEF” que temos aí é justamente por isso: frisar o Superior. Então, como iriam trazer a EF? Só iria desprestigiar os outros cursos. Tinha certa resistência tanto por alunos como pela própria Reitoria e professores” (BEMVENUTI, 2010, p 15).

Os documentos encontrados no CEME fortalecem essa sensação de resistência da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS)<sup>172</sup>, à incorporação da ESEF. No Ofício ESEF n. 232/62, endereçado ao Reitor da URGS, o então diretor da Escola, Dr. Ruy Gaspar Martins, relata o interesse que havia por parte da ESEF que a Universidade estudasse a possibilidade e a conveniência

---

<sup>172</sup> URGS é a antiga designação da UFRGS. Apesar de ter sido federalizada em 1950, a UFRGS só passou a incorporar o termo “Federal” em seu nome após a Reforma Universitária de 1968. Os Ofícios ESEF n. 232/62 e ESEF n. 136/63 fazem referência à “Universidade do Rio Grande do Sul”.

de incorporá-la. Esse documento também descreve as sucessivas tentativas de comunicação que a Escola havia realizado com a URGS para este fim desde 1961, sem muito sucesso. Esse é também o assunto tratado no Ofício ESEF n. 136/63, que, presumindo que o ofício anterior havia sido “extraviado” já que não tinha sido respondido, reitera ao Reitor da URGS o pedido de notícias sobre a solicitação de incorporação da ESEF feito em 1962.

Também foi realizado um apelo pela federalização da ESEF através do envio de um ofício ao Secretário de Educação. O teor desse ofício foi apresentado no Boletim AEEFD n. 07 de 24/10/1965:

Segundo exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Escola deveria ser transformada em Autarquia ou Fundação. O colendo Conselho Estadual de Educação opinou por fundação. O sonho real de todos, entretanto, é a Federalização. Continuam os entendimentos com a Universidade do Rio Grande do Sul para sua agregação. Encarecemos a V. Excia. a necessidade de um apoio nesse sentido e empenho na continuação das obras da Escola paralisadas há três (3) anos (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1965, p. 01).

Os Boletins da AEEFD informam que os esforços para a federalização da Escola já vinham de períodos anteriores a 1961. O Boletim da AEEFD n. 05/06 de 1969 faz referência a um período de 15 anos de tentativas: “Finalmente, depois de quase uma quinzena de anos de luta, a nossa Escola foi federalizada e integrada na Universidade Federal do R. G. S” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1969b, p. 06). Já o Boletim da AEEFD n. 04/05 de 1970 aponta um período ainda mais extenso:

Finalmente, em consequência do decreto de federalização em outubro de 1969, passou a nossa Escola a integrar a UFRGS, em 16 de Setembro, tendo sido feita a entrega da mesma pelo Exmo. Sr. Governador do Estado ao Magnífico Reitor Prof. Dr. Eduardo Faraco, com a honrosa presença do Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, Senador Jarbas Passarinho. Foi uma linda festa, com belas demonstrações dos alunos da ESEF. Mais uma vez nossos parabéns à ESEF! Abre-se assim um novo capítulo de nossa Escola, que já completou 30 anos... e que há mais de vinte vinha pleiteando sua federalização” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1970, p. 04).

No *Histórico da Escola de Educação Física da UFRGS* (1971), o professor Washington Gutierrez aponta que em 1949 já haviam iniciado as tratativas para a federalização da Escola, porém sem resultados efetivos. A resistência da Universidade à incorporação da ESEF por mais de 15 ou 20 anos parece refletir a falta de valorização da EF, conforme já enfatizado no depoimento de Bemvenuti (2010). Nas primeiras atas do Livro de Atas da COMCAR 1971-1977 encontradas no CEME, ou seja, no início do período de incorporação da ESEF pela Universidade, fica explícita também a preocupação da Escola em “enquadrar-se nas determinações da Universidade” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1977, p. 02) para a concreta efetivação da sua federalização.

O desprestígio da EF não ficou restrito somente ao processo de federalização da Escola. Conforme o documento “Estudos e Proposta sobre a Reformulação do Estatuto da UFRGS”, datado de outubro 1987, a UFRGS vislumbrava tornar-se um centro de pesquisas<sup>173</sup>. Mesmo com esse objetivo, a Universidade não deu visibilidade à ESEF/UFRGS no Guia Acadêmico<sup>174</sup> de

---

<sup>173</sup> A seção 3 desse documento enfocava especificamente “A Universidade como Centro de Pesquisa”.

<sup>174</sup> Esse guia foi encontrado na Biblioteca do Campus Central da UFRGS durante as buscas por material para o presente estudo. Essas buscas estão descritas no capítulo 3, seção 3.2.



1987, no que diz respeito à pesquisa. Dentre outras informações, esse guia trazia toda a estrutura administrativa da UFRGS em 1987, na qual foi possível observar que já havia uma organização institucional em torno da pesquisa, que incluía a Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP), o Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa (COCEP), as Comissões de Pós-Graduação e os Órgãos Auxiliares.

Cabia à PROPESP “estimular e acompanhar as atividades de pesquisa, assim como também coordenar e supervisionar as atividades de ensino e pós-graduação” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 18). O COCEP era um órgão com função normativa, deliberativa e consultiva responsável pela supervisão das atividades de ensino e pesquisa (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b). As Comissões de Pós-Graduação possuíam as funções de: “dirigir e coordenar as atividades docentes e de pesquisa, elaborar o projeto de orçamento para o curso e executar as tarefas ligadas ao programa de pós-graduação de sua responsabilidade” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 21). Já os órgãos auxiliares tinham “atribuições supletivas<sup>175</sup> de ensino, pesquisa e extensão”<sup>176</sup> (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 17). Além disso, haviam os institutos especializados, que se destinavam a cumprir objetivos especiais de ensino e

---

<sup>175</sup> Termo usado com o sentido de “complementares”.

<sup>176</sup> Eram órgãos auxiliares da UFRGS: Biotério e Jardim Botânico (Instituto de Biociências), Centro de Ecologia (Instituto de Biociências), Centro de Estudos e Pesquisas em Administração (Faculdade de Ciências Econômicas), Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Faculdade de Ciências Econômicas), Centro Integrado de Educação Primária e Média (Faculdade de Educação), Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica (Instituto de Geociências), Centro de Investigação de Gondwana (Instituto de Geociências), Centro de Linguística Aplicada (Instituto de Letras), Centro de Pesquisas em Odontologia Social (Faculdade de Odontologia), Estação Experimental Agrônoma (Faculdade de Agronomia), Hospital de Clínicas Veterinárias (Faculdade de Veterinária), Observatório Astronômico (Instituto de Física) e Serviço de Pesquisa e Preparação Profissional (Faculdade de Direito) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 17).

pesquisa: Instituto de Ciências e Tecnologia de Alimentos e Instituto de Pesquisas Hidráulicas.

Esse era o “formato UFRGS” voltado para a pesquisa no ano de 1987. É interessante observar que o Centro Olímpico da ESEF/UFRGS não aparece como um órgão auxiliar da Universidade no Guia Acadêmico, mas como um órgão suplementar vinculado à Pró Reitoria da Comunidade Universitária (PRUNI). A PRUNI tinha por objetivo “desenvolver atividades universitárias no campo da assistência social, além de promover a integração da comunidade universitária” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 18). Assim, diferente dos órgãos auxiliares, que visavam o ensino, a pesquisa e a extensão, os órgãos suplementares desempenhavam “atividades de natureza técnica, cultural e assistencial” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, p. 17). Portanto, o Centro Olímpico da ESEF/UFRGS não parecia possuir o “prestígio” de um órgão de ensino-pesquisa-extensão, era considerado um órgão técnico pela UFRGS em 1987<sup>177</sup>. O Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) nem mesmo aparece relacionado na estrutura da UFRGS no Guia Acadêmico do ano de 1987. O LAPEX aparece somente no *Catálogo de Cursos de Graduação - Docentes/Disciplinas UFRGS 1987*, na parte destinada a descrever a Escola Superior de Educação Física<sup>178</sup> e vinculado ao Departamento de Desportos (EF 1).

---

<sup>177</sup> De acordo com Cassel (2010), o Centro Olímpico só foi alçado à categoria de órgão auxiliar em 14 de dezembro de 1988.

Medeiros (2008, p. 86) comenta que “a valorização profissional é um tema sempre presente nas discussões firmadas entre profissionais da Educação Física”. Para Lovisolo (1996), o desejo de valorização da profissão exige esforços. “Exige, sobretudo, abandonar o autocastigo verbal e agir. Profissionais de muitos campos fizeram e continuam a fazer esforços para valorizar suas profissões, a história e o próprio presente apresentam-nos exemplos de seus agires” (LOVISOLO, 1996, p. 67).

Um grande esforço para valorizar a EF já podia ser notado nos Boletins da AEEFD, que traziam à tona diversas vezes a preocupação com o aumento do prestígio da Educação Física. No Boletim da AEEFD n. 02 de 1968 consta a seguinte afirmação: “É preciso que nossas Escolas e entidades de classe se unam com as ideias de renovação que estejam mais de acordo com as necessidades atuais do País, para que a Educação Física seja cada vez mais prestigiada” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1968, p. 03). O Boletim da AEEFD n. 04 de 1969 apresenta notícias sobre o IV Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física, cujo local de realização ainda não havia sido definido, dentre elas o seguinte relato: “Parece que um dos temas principais do mesmo será ‘A valorização da Educação Física e dos Desportos’” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1969, p. 06). No Boletim da AEEFD n. 05/06 de 1969 estão

---

<sup>178</sup> Em função do novo Regimento Geral da UFRGS, a Escola Superior de Educação Física passou a denominar-se Escola de Educação Física a partir de 30 de janeiro de 1996. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/esef/70anos/linhaTempo.php>>. Acesso em: 09 jul. 2014.

listadas as sugestões apresentadas pela AEEFD do RS para o Plano Nacional de Educação Física, Desportos e Recreação, sendo a segunda sugestão:

Estimular os educandários a realizarem campanhas de valorização da Educação Física para os pais de alunos e a comunidade em geral, por meio de palestras, cartazes, artigos nos periódicos locais, de modo a criar uma conscientização da necessidade da mesma, não só para a saúde, como também para o melhor sucesso nos estudos e na vida prática (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1969b, p. 01).

Conforme abordado na seção 1.3., a preocupação com a valorização e a legitimidade da EF esteve também presente nas discussões travadas entre intelectuais da área nos anos de crise de identidade da EF brasileira.

A partir do exposto acima é possível destacar que o desprestígio, ou nas palavras de Bemvenuti (2010, p. 20), a “menos valia” da EF, perpassa os documentos analisados neste estudo, reaparecendo em diversos momentos. É reproduzida repetidas vezes e, ao mesmo tempo, sofre transformações. Durante a leitura dos documentos emergiram ressonâncias dessa “menos valia” da EF, que proporcionaram a construção de seis categorias de análise. Essas categorias foram nomeadas com trechos ou expressões encontradas nos próprios documentos. São elas: “Um Primo Rico, Um Primo Pobre”, “Mais Pesquisador e Menos Prático”, “Um Grande Avanço”, “Não Cabe à ESEF Formar Atletas”, “Sonho” do Mestrado e “Jugo Médico”.

Além das categorias destacadas acima, cheguei a iniciar a construção de uma categoria sobre o LAPEX, pois a sua implantação parece ter desempenhado um papel de grande influência na promoção da ideia da pesquisa conectada ao professor de EF na Escola. Porém, depois de ler

minuciosamente os documentos encontrados e a bibliografia disponível sobre essa temática, percebi que estaria somente reproduzindo os estudos já realizados por MAZO (2000a, 2000b, 2000c, 2000d, 2000e)<sup>179</sup>. Esses estudos foram descritos na seção 1.2. *Pesquisa na UFRGS e na ESEF/UFRGS* e sinalizam a força do Laboratório como núcleo de pesquisa na Escola. Sustentada pelos estudos dessa autora, passei a entender o LAPEX como um dos acontecimentos que teriam possibilitado a emergência do “fazer científico” no currículo de formação inicial em EF da ESEF/UFRGS. A partir daí, segui na construção das categorias de análise que emergiram da leitura dos documentos encontrados.

Durante a construção das categorias procurei o “diálogo” entre os materiais encontrados já que, segundo Cellard (2012), não há como exigir informações adicionais de um documento, é preciso aceitá-lo mesmo que incompleto. Assim, as dúvidas que surgiram foram sendo esclarecidas com a leitura de outros documentos, que se completavam, dando um caráter de maior veracidade às informações. Para Oliveira (2009, p. 30), nesse processo é importante “valorizar as diferentes vozes que falam sobre o assunto”.

Para permitir o diálogo entre essas “diferentes vozes” utilizei as informações relevantes das atas, boletins, depoimentos, outros documentos internos e outros documentos externos, contidas nas tabelas que construí durante a leitura desses materiais. Mas também foi necessário o retorno às imagens digitalizadas dos documentos para complementar as informações das tabelas. As categorias de análise são apresentadas a seguir. Destaco que os

---

<sup>179</sup> Em função disto, utilizei os relatos sobre o LAPEX encontrados nos depoimentos do CEME para compor a seção 1.2. do marco teórico.

trechos retirados dos documentos analisados neste estudo foram reproduzidos conforme sua redação original, sem adequações às mudanças ortográficas que ocorreram após sua elaboração. Em relação aos trechos dos depoimentos do CEME usados nas categorias de análise, destaco que dados básicos de identificação dos depoentes, como o nome e a função que desempenhavam, estão listados no Apêndice B (p. 249).

#### **4.1. “Um Primo Rico, Um Primo Pobre”<sup>180</sup>**

A “era científica do esporte” se constitui em uma possibilidade de vencer as dificuldades orçamentárias enfrentadas pela Escola. Em um primeiro momento não pensei que as dificuldades financeiras da ESEF/UFRGS pudessem ter alguma relação com a temática deste estudo. Apesar de o repasse de verbas da Universidade para a Escola, a distribuição de recursos entre os órgãos da própria ESEF/UFRGS e a frequente carência de dinheiro para projetos, reparos e manutenção de equipamentos se constituírem em assuntos recorrentes nas atas, boletins e depoimentos, eu ainda não havia percebido uma conexão. Continuei analisando os documentos e desconsiderando os problemas orçamentários que envolveram a história da Escola.

Mazo (2005) faz referência à falta de recursos da ESEF no período anterior a sua federalização e comenta que a Escola dependia totalmente das associações esportivas para a manutenção de suas atividades até o começo

---

<sup>180</sup> Expressão usada por Marco Paulo Stigger (2010a, p. 09) em seu depoimento ao CEME.

da década de 1960. Somente no ano de 1963 a ESEF conquistou um espaço próprio para a construção de futuras instalações, através da doação de um terreno pelo governo do Estado do RS, porém as primeiras instalações eram precárias em função da escassez de recursos financeiros (MAZO, 2005). De acordo com Nunes e Molina Neto (2005), neste período a “Escola era um ‘peso’ para o governo estadual”, que tinha dificuldades em fornecer recursos para sustentá-la.

Ainda sobre esse período, Mazo (2005) aponta que a Escola, mesmo já contando com uma extensa área física, não possuía salas de aula suficientes para realizar as atividades teóricas, nem espaços adequados para as práticas esportivas. Para essa autora, os “problemas de infraestrutura, inclusive, dificultavam a promoção de eventos que a Escola procurava realizar para afirmar-se no cenário esportivo e educacional do Estado do Rio Grande do Sul” (MAZO, 2005, p. 157). De acordo com Marczwski (2010), na época em que foi aluno, os professores diziam que a federalização iria mudar a Escola para melhor e uma das razões seria a questão material, pois teriam verbas maiores repassadas pela Universidade. Mas os problemas orçamentários da ESEF continuaram mesmo após a federalização.

Em diversos momentos o repasse de verbas entrou em cena e foi alvo de disputas entre os personagens da ESEF/UFRGS, seus docentes, diretores e técnicos administrativos. Nos depoimentos do CEME aparecem diversas vezes questões envolvendo a Escola *versus* o Centro Olímpico no que diz respeito à distribuição de recursos financeiros (BISCHOFF, 2007, CASSEL, 2010, RANGEL, 2008, REIS, 2010, KRUEL, 2010, STIGGER, 2010a, ROSITO, 2010, D’AZEVEDO, 2010). Bischoff (2007, p. 07) relata que o Centro Olímpico “tinha

uma situação privilegiadíssima em função de recursos financeiros e a Escola como um todo, tinha uma situação bem delicada. As instalações da Escola eram bem críticas [...]”<sup>181</sup>.

Em relação ao Centro Olímpico, Rangel (2008, p. 14) também comenta:

[...] eles tinham muito programa de extensão, coisa que eles arrecadavam bastante dinheiro e tinham recursos próprios também da Reitoria. Eles tinham dinheiro e a Escola não tinha. Então um órgão, hierarquicamente abaixo da Escola, tinha mais recursos que a própria Escola (RANGEL, 2008, p. 14).

Ainda, de acordo com Kruehl (2010), o Centro Olímpico tinha uma dotação orçamentária bem maior que a da Escola. Reis (2010, p. 17) se refere ao Centro Olímpico como a “galinha dos ovos de ouro”, pois era uma excelente fonte de renda, em razão da verba arrecadada com a realização de projetos de extensão junto à comunidade. Cassel (2010) explica essa diferença orçamentária entre Escola e Centro Olímpico e os problemas que isto gerava:

[...] o Centro Olímpico embora estivesse junto no mesmo espaço aqui, nos dez hectares aqui da Escola, ele pertencia a PRUNI<sup>182</sup>, era órgão suplementar a PRUNI. Então havia sempre um cotejo, uma briga entre direção da Escola e direção do Centro Olímpico, não se entendiam [...] (CASSEL, 2010, p. 13).

As diferenças orçamentárias entre a Escola e o LAPEX também trouxeram tensões para a ESEF/UFRGS. Mazo (2000b) explica que apesar de estar vinculado ao Departamento de Desportos, o LAPEX funcionava de forma independente e os recursos financeiros oriundos do Governo Federal eram

---

<sup>181</sup> Isso se refere ao período anterior a 1988.

<sup>182</sup> Pró- Reitoria da Comunidade Universitária.



destinados especificamente para o LAPEX. Na Edição Especial no ano de 2000 da revista Movimento dedicada à história do LAPEX, o médico Jorge Pinto Ribeiro proporciona uma ideia do contraste entre a Escola e o Laboratório:

[...] havia, inclusive, um contraste muito grande: a ESEF era um descampado, um banhado, praticamente, uma pobreza fantástica, uma escola que tinha sido transformada em escola federal recentemente, fisicamente muito pobre; e o LAPEX era um laboratório de primeiro mundo (MAZO, 2000c, p. 37).

De Rose aponta problemas em relação a esse contraste desde a inauguração do Laboratório:

O LAPEX tinha uma verba específica do LAPEX: ela não vinha para a Escola, não é? Isso criou muito problema para o LAPEX; porque, evidentemente, imagina, era uma Escola pobre, não tinha material nenhum, e de repente tinham duas salinhas com um milhão e meio de dólares para montar, quer dizer, foi uma confusão tremenda (MAZO, 2000c, p. 24).

Em depoimento ao CEME, De Rose (2007) comenta que havia “até os anos 80 [...] uma certa animosidade entre a Escola e o LAPEX, e é muito fácil de tu entender, porque o LAPEX ganhava um rio de dinheiro”. De Rose (2007) acrescenta que, algumas vezes, as necessidades materiais da Escola eram supridas pelo orçamento do Laboratório, pois a Escola recebia pouco dinheiro.

As expressões “primo pobre” e “primo rico”, título desta categoria de análise, apareceram algumas vezes nos depoimentos do CEME. O “primo rico” identificava o órgão ou instituição que recebia maior repasse de verbas em detrimento do “primo pobre”, sempre desprestigiado. Por vezes, “primo rico” foi uma expressão usada para fazer referência ao Centro Olímpico e, em outros

momentos, foi também utilizada para se referir ao LAPEX. Portanto, o “primo rico” mudava, mas o “primo pobre” era sempre a Escola.

Além disso, Petersen (2008, p. 16) comenta as dificuldades também enfrentadas pela Escola em relação ao suporte dado pela UFRGS: “Porque antes era assim, queimava a lâmpada na escola, tinha que mandar pedir para a universidade e aí tu entrava na fila. Demorava às vezes um mês, dois meses, três meses, para vir alguém trocar as lâmpadas”.

Nos Boletins da AEEFD aparecem relatos de embates entre Escola *versus* órgãos federais em relação aos recursos financeiros. Conforme já destacado no início desse capítulo, o Boletim da AEEFD n. 8 de 28/04/1975 (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975b) expõe a aula inaugural do Curso de Técnica Desportiva, na qual o diretor da Escola informa as dificuldades enfrentadas pela ESEF/UFRGS e pela própria Universidade em relação ao repasse de verbas por órgãos federais como o DED/MEC:

Acontece que a Universidade está estrangulada, com um orçamento que dá apenas para as suas necessidades mínimas de funcionamento, não podendo portanto dispor de verbas próprias para isso. É o dilema em que ela se encontra (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975b, p. 04).

Apesar de todos esses documentos e bibliografias relatarem as dificuldades orçamentárias da Escola, somente após a leitura da Ata da Reunião da Congregação de 11/11/1985, esse assunto emerge de forma mais significativa no processo de análise do presente estudo. Na referida ata, a

obtenção de um maior repasse de recursos é utilizada como justificativa para a criação de um Departamento de Ciências do Esporte na Escola:

A Comissão de Estudos para criação de um departamento de Ciências do Esporte apresentou relatório. O professor Cunha, na qualidade de porta-voz da Comissão, disse que a maioria dos membros entendia que se devesse criar um departamento de Ciências do Esporte. O professor Guimarães reforçou dizendo que no último seminário promovido pela Escola houve manifestação de um deputado federal – Hermes Zanetti – dizendo que haveria repasse de recursos maiores à Escola se a mesma criasse um departamento de Ciências do Esporte. O presidente disse que há interesse do Ministério da Educação em fazer de Porto Alegre um “centro de excelência” em pesquisas de ciências do esporte. [...] Os membros da Congregação discutiram bastante o assunto e finalmente deliberaram que: o Regimento Interno do Laboratório<sup>183</sup> voltasse a ser analisado pela Congregação e que, uma vez aprovado, fosse enviado ao Ministério da Educação como argumento de que na Unidade já existe toda uma estrutura física, incluindo-se recursos humanos, necessária à criação de um departamento de Ciências do Esporte. Independente disto a Escola afirmaria que está providenciando um departamento de Ciências do Esporte (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1993, p. 06).

Para uma instituição que vinha constantemente lutando contra a falta de recursos, a perspectiva de ampliação de verbas é um fator de grande impacto. É compreensível, portanto, que o maior repasse de verbas para a Escola pela eventual criação de um Departamento de Ciências do Esporte tenha desencadeado uma grande movimentação por parte dos integrantes da Congregação para a aceleração da criação desse departamento. Esse acontecimento também parece ter apressado o processo de aprovação do Regimento Interno do LAPEX, já que a existência do Laboratório seria usada como argumento de que a estrutura física necessária para a criação do departamento já existia.

---

<sup>183</sup> LAPEX.

É possível pensar, portanto, que o vislumbre de uma melhoria na situação econômica da Escola tenha, de certa forma, estimulado a ideia da ciência na ESEF/UFRGS, mais especificamente das Ciências do Esporte. É importante destacar também que era especificamente o enfoque científico em torno do esporte que traria recursos para a Escola, não o pedagógico ou o técnico-esportivo.

#### **4.2. “Mais Pesquisador e Menos Prático”<sup>184</sup>**

A “era científica do esporte” se materializa na gradativa mudança de perfil do professor da Escola. A mudança de um professor com conhecimento mais técnico ligado ao esporte, para um conhecimento mais intelectual (GARCIA, 2005). Moraes (2007) aponta que, no início dos anos 1970, época em que ele foi aluno, os professores da Escola eram pouco reflexivos sobre a sua prática: “Era uma prática do desporto, era uma repetição do desporto, uma repetição do treinador. Se faz, se executa, mas não se reflete sobre ela, sobre qual é a importância dela” (MORAES, 2007, p. 06).

Molina Neto (2008, p. 10) comenta que, no período em que foi aluno<sup>185</sup> da ESEF/UFRGS, os professores eram “pessoas que dominavam muito bem as especificidades das suas disciplinas. Então assim, o professor de natação era um exímio nadador, o professor de ginástica era um exímio ginasta”. Garcia (2005, p. 10) complementa: “Era raro o professor que tinha o curso de

---

<sup>184</sup> Expressão usada por Camargo Neto (2010, p. 08) em seu depoimento ao CEME.

<sup>185</sup> Foi aluno na Escola de 1972 até 1975 e iniciou suas atividades como docente da ESEF/UFRGS em 1990.

mestrado, então, mais um traço do perfil do professor, poucos deles tinham especialização inclusive, a maioria deles tinha só o curso de graduação”. Mas esse perfil foi mudando gradativamente. Molina Neto (2008, p. 13) aponta que a mudança de perfil dos professores acompanhou “as mudanças que a educação física foi sofrendo em nível nacional. Então isso tudo que a literatura, da história da educação física, da reflexão crítica que foi feita nos anos 80<sup>186</sup>, que se passou, aconteceu aqui na Escola de Educação Física”.

Esse perfil foi mudando também com a saída de professores para estudar no exterior:

Houve uma política de incentivo à pós-graduação, então, o que começou a acontecer, por exemplo, eu me lembro que no final da década de 70, quando o professor Alduíno e o professor Arno assumiram a Escola, como diretor e vice, respectivamente...Por que eles assumiram? Eles vieram da Alemanha com curso de mestrado, que até então era uma coisa fora do comum (GARCIA, 2005, p. 11).

A passagem exposta acima parece passar a ideia de que o professor pesquisador, com mais formação em nível de pós-graduação, também passou a ser considerado um professor com maior legitimidade para assumir os postos hierarquicamente mais altos da Escola. A titulação de mestre ou doutor parecia agregar um *status* que transcendia o reconhecimento acadêmico, passando a significar também competência administrativa.

Mazo (2000b) aponta a Universidade de Colônia na Alemanha e as Universidade de Boston, Iowa e Vanderbilt nos Estados Unidos como alguns dos locais onde os professores da Escola buscaram formação em nível de pós-graduação, na década de 1980. O retorno de professores do exterior com título

---

<sup>186</sup> Temática discutida na seção 1.3. “Fazer Científico” na Educação Física Brasileira.

de mestrado e/ou doutorado parece ter impactado o corpo docente da Escola. O professor da ESEF/UFRGS passa a pensar a pesquisa e a produção de conhecimento também como uma atribuição do professor de Educação Física. Passa, então, a constar nos documentos encontrados na Escola a apresentação de trabalhos e artigos científicos decorrentes de pesquisas realizadas pelos mesmos. No boletim AEEFD n. 01/02 de 1972 (p. 01), há o relato de um trabalho apresentado pelo professor Jacintho F. Targa no Congresso Científico do Desporto dos Jogos Olímpicos de Munique de 1972, de título *Motor-training in Physical Education in School*. No mesmo ano aparece outro trabalho apresentado pelo mesmo autor também no Congresso Científico do Desporto dos Jogos Olímpicos de Munique de 1972, intitulado *Aprendizagem Motora na Educação Física Desportiva das Escolas* (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1972).

As atas da COMCAR seguem essa mesma linha de divulgação dos trabalhos científicos. Na ata da COMCAR n. 212 de 1976 há o registro de um trabalho intitulado *Avaliação diagnóstica para os candidatos às escolas de Educação Física*, apresentado pelo professor Jacintho F. Targa no Congresso Internacional de Educação Física de Jivaskila, Finlândia<sup>187</sup> (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1977). Mas é a partir de 1983 que começam a aparecer nas atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS (1983-1992) relatos frequentes sobre artigos e pesquisas realizadas por professores da Escola, a maioria desenvolvida no ano de 1982.

---

<sup>187</sup> No Boletim da AEEFD n. 03 de 27/08/1976 (p. 05) também há um relato sobre a apresentação desse trabalho.

A ata n. 146 de 05/04/1983 do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS (1983-1992) apresenta a seguinte narrativa: “Professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães encaminha cópia de um artigo que foi submetido para publicação no periódico americano ‘Swimming<sup>188</sup> Technique’” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 01). A ata n. 147 de 19/04/1983 expõe que o “Colegiado aprova projeto encaminhado pelo professor Luiz Biazus, título: Estudo Comparativo de Testes Ergométricos pelo Método ‘On Line’ com Indivíduos Sedentários” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 01). A ata n° 149 de 24/05/1983 continua nesse sentido e refere que o professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães enviou artigo científico intitulado *A Mechanical Analysis Of The Grab Starting Technique In Swimming*<sup>189</sup> para a revista *Medicine and Science In Sports* para possível publicação. A ata n° 155/83 de 16/08/1983 traz a informação de que o Colegiado aprovou “projeto de pesquisa encaminhado pelo professor Acely Stroscher Escobar com o título Projeção do filme com referência de correção Pré-Prática na Aprendizagem de uma Habilidade de Voleibol” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 06). Na ata n° 156 de 19/08/1983 há o relato do encaminhamento de cópia do artigo *Determinação de Lactato Através de “Método Micrométrico”*, submetido pelo professor Luiz Biazus à publicação em uma revista da área da Medicina do Esporte. Na ata n° 167 de 16/09/1984 aparece a comunicação realizada pelo professor Escobar de que teria apresentado “o relatório da pesquisa realizada na ESEF e aprovada pelo Colegiado do Departamento de título: Um instrumento de

---

<sup>188</sup> Essa é uma das muitas palavras encontradas nas atas cuja grafia apresenta difícil compreensão para o leitor.

<sup>189</sup> Título confirmado com a leitura do artigo de Mazo (2000c), pois a grafia contida na ata estava difícil de entender.

medida para avaliar a aprendizagem do arremesso à cesta em basquetebol” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 12). Na ata nº 168 da reunião de 26/10/1984 o “professor Adroaldo comunica que terminou a pesquisa sobre Prática Desportiva” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 13).

Conforme o exposto acima, os artigos e pesquisas que começavam a ser realizados por professores da Escola apresentavam uma forte influência da Medicina, bem como o enfoque na abordagem fisiológica, biomecânica e biométrica e, portanto, ligados às Ciências Naturais. Muitos desses professores eram vinculados ao LAPEX e, assim como o Laboratório, realizavam pesquisas nos padrões da “moda científica da época” (MOLINA NETO, 2008, p. 06), ou seja, de abordagem quantitativa, ligadas a uma racionalidade biomédica.

Para Luz (2007, p. 16), o modelo biomédico é o “modelo hegemônico no ensino das profissões da área da saúde, inclusive na educação física, que dificulta o acesso a outras percepções e concepções do corpo e do movimento humanos”. Essa autora explica que a EF sofre uma grande influência dos “saberes da área médica, buscando durante o século XX legitimação científica, preferencialmente no campo biomédico, como todos os saberes relativos ao corpo, aliás, dada a autoridade e o poder discursivo desse campo” (LUZ, 2007, p. 12).

Além do exposto acima, em diversas atas também aparecem pedidos de redução de carga horária para os professores que realizassem atividades de pesquisa. Cito como exemplo as Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992 de n. 150 (01/06/1983), n. 196



(09/07/1986), n. 218 (30/12/1987) e n. 227 (11/10/1988). Esses pedidos eram comumente aceitos pelo Colegiado, evidenciando que as atividades de pesquisa começavam a ganhar espaço e valorização em relação às atividades de docência.

Essa valorização também ocorria via Universidade e fica evidente no texto do Ofício-Circular n. 034/87-DP (21 de maio de 1987), no qual a UFRGS instituiu incentivos salariais para docentes que tivessem obtido titulação de mestre ou doutor. Além disso, nas Regras para Progressão Funcional, instituídas pela Resolução n. 46/88 UFRGS, a produção científica é o primeiro item para avaliação dos docentes. Mas nem todos os professores da Escola incorporaram o papel de pesquisadores. Para Moraes (2007), há uma visível divisão entre o corpo docente da ESEF/UFRGS:

Tem gente que está envolvida diretamente com a pós-graduação, aí tem que fazer pesquisa, tem que publicar, então, eu diria que nós ainda nos dividimos, entre os que fazem pesquisa e os que não fazem pesquisa, os que publicam e os que não publicam [...] (MORAES, 2007, p. 13).

Essa divisão parece ter gerado uma tensão entre os professores e a separação entre docentes da graduação e docentes da pós-graduação. De acordo com Brauner (2004), o foco da Escola passou a ser dirigido para pós-graduação e não mais para a graduação:

[...] a escola teve um 'boom' aí de capacitação dos professores, no início dos anos 90. [...] E o que tem acontecido com o pessoal que volta, normalmente eles mudam de área, eles ficam com o pé muito longe da graduação, voltam, fazem seus projetos e até é uma maneira de crescer profissionalmente, academicamente, mas cada vez mais a graduação está em mãos de professores substitutos [...] (BRAUNER, 2004, p. 15).

Essa divisão entre pós-graduação e graduação, já abordada no primeiro capítulo deste estudo, é um traço marcante da universidade brasileira, destacada por vários autores (NUNES, 2012, GUIMARÃES, 2002, CHAMLIAN, 2003, NOGUEIRA, 1989), que resulta, dentre outros fatores, do tensionamento gerado pela ideia da indissociabilidade entre ensino e pesquisa instituída pela Reforma Universitária de 1968. A valorização da pesquisa nas universidades trouxe “uma enorme desvalorização da atividade docente” (NOGUEIRA, 1989, p. 36). Isso mostra que a pesquisa passou a agregar *status* ao professor-pesquisador e, na ESEF/UFRGS, ao professor de EF que se dedicava ao “fazer científico”.

#### 4.3. “Um Grande Avanço”<sup>190</sup>

A “era científica do esporte” se materializa no novo currículo da Escola implantado em 1987, a partir do acréscimo de duas disciplinas do “fazer científico”: *Metodologia da Pesquisa em Educação Física* e *Seminário de Pesquisa em Educação Física*. A ata da reunião da Congregação de 18/01/1985 traz o relato da criação da Comissão de Estudos para Implantação do Novo Currículo do Curso de Licenciatura em EF, da qual fariam parte Francisco Camargo Netto, Acely Stroher Escobar, Antônio Carlos Stringhini Guimarães, Dina Santiago Correa e um acadêmico a ser designado (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1985, p. 94).

---

<sup>190</sup> Expressão usada por Gaya (2008, p. 13) em seu depoimento ao CEME, ao se referir ao currículo implantado em 1987 na Escola.

Na ata da reunião conjunta da Congregação e do Conselho Departamental da ESEF/UFRGS, realizada em dezesseis de dezembro de 1988, o presidente (e diretor da Escola) Mário Cesar Cassel relatou, dentre as realizações de seu mandato, que a alteração do currículo do curso de Licenciatura em EF, concretizado em 1987, “colocou a Escola à frente da quase totalidade de co-irmãs pelo Brasil afora” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1993, p. 49).

Segundo Cassel (2005, p. 12), o novo currículo era mais aberto e apresentava disciplinas optativas. Gaya (2008) complementa:

Quando houve a primeira modificação de currículo, foi uma discussão ampla aqui na Escola, com os estudantes, os professores, várias assembleias, várias reuniões, que se fez a primeira modificação do currículo [...]. Essa foi a primeira vez que surgiram cadeiras opcionais/eletivas, o aluno podia escolher as cadeiras. Foi a primeira grande mudança de currículo, e esse movimento eu acho que nunca mais teve outro igual, tamanho envolvimento, os debates... [...] Muito debate! Realmente foi feito coletivamente esse currículo, foi um grande avanço para aquela época [...] (GAYA 2008, p. 13).

O depoimento de Camargo Neto (2010) converge com o entendimento de Gaya (2008) e descreve minuciosamente a alteração realizada, bem como, a transição que foi feita do currículo de 1966 para o de 1987:

O currículo de 66 foi mudado em 87. Em 87 também a transição foi muito bem feita, já com a participação dos novos professores que são os doutores atuais. Mas houve uma mudança bem interessante sem trauma também. [...] naquela época a Escola estava estruturada da seguinte maneira: tinha a direção, o colegiado da instituição, tinha dois departamentos e, nessa época, nós tínhamos o que chamávamos de currículo mínimo, em 66. Tinha as disciplinas básicas obrigatórias a serem desenvolvidas na Escola. Envolvia ginástica, natação, higiene, anatomia, fisiologia, uma série de disciplinas obrigatórias. Nós tínhamos um hall de disciplinas obrigatórias. Podendo ter mais algumas disciplinas fora aquelas. E, quando houve a reforma, o objetivo era tirar essa obrigatoriedade e ter

um currículo único para o Brasil todo. O objetivo era respeitar as características regionais. Então se manteve uma estrutura em 87 que dava a oportunidade que o aluno fizesse uma série de disciplinas inovadoras que foram criadas, implantadas, sem perder também algumas daquelas do passado. Inclusive, essa transição foi muito interessante porque também o aluno não ficou prejudicado. Teve reconhecido aquilo que já tinha feito. Ele não tinha que fazer de novo, só foi se adaptando ao novo currículo. [...] foi feito com muita tranquilidade e realmente facilitou muito para a faculdade de Educação Física. Outro aspecto era que, na época, era formar muito mais o professor atleta. E depois passou a se formar um professor generalista, com objetivo de um bom atendimento, mais amplo. Esse foi uma das grandes vantagens desse novo currículo e foi muito bem feito pelos professores, esses que colaboraram bastante (CAMARGO NETO, 2010, p. 08-09).

Uma das justificativas para essa nova configuração do currículo seria a de que os alunos não se formavam por não conseguir realizar disciplinas esportivas obrigatórias como natação e salto com vara (CASSEL, 2005, p. 12). Assim, a formação do “professor atleta” não era mais o foco do novo currículo. O depoimento de Reppold Filho (2008) ao CEME, relativo ao período em que foi aluno da ESEF/UFRGS, permite o entendimento de que os movimentos para alteração do currículo vinham ocorrendo durante toda a década de 1980 e que a alteração também era uma preocupação do corpo discente:

Era a reformulação do currículo dos cursos que acabou culminando com a nova legislação em 87, isso foi durante todos os anos 80 e os estudantes estavam muito preocupados com as questões do currículo. Isso era muito importante para nós (REPPOLD FILHO, 2008, p. 07).

A leitura dos depoimentos do CEME leva a pensar de que a transição para o novo currículo de 1987 ocorreu com tranquilidade internamente na Escola, porém com a leitura das atas da Escola é possível perceber que alguns ajustes foram necessários. Ajustes em relação às novas disciplinas aparecem

no Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993. Na Reunião da Congregação de 04/08/1987 há o seguinte relato:

O professor Zílio, coordenador da Comissão de Carreira em Educação Física, sugeriu a realização de uma reunião geral do corpo docente com o intuito de analisar a implantação do novo currículo, levantamento de eventuais problemas surgidos com disciplinas e sugestões visando a resolução dos mesmos. [...] O professor Guimarães alertou a Congregação para a necessidade de reestudo na sistemática empregada pela Escola no desenvolvimento dos cursos de pós-graduação "lacto sensu". Argumentou que muito dos conteúdos desenvolvidos pelos cursos de especialização agora, com a implantação do novo currículo a partir desse ano, estavam sendo ministrados nas novas disciplinas do curso de Licenciatura em Educação Física e que portanto havia a necessidade de compatibilização entre a Licenciatura e as especializações (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL 1993, p. 19).

De acordo com o exposto acima, as novas disciplinas acrescentadas ao currículo passavam a oferecer ao curso de licenciatura os conteúdos tratados na pós-graduação *lato sensu*. Além da necessidade de ajustes entre as disciplinas do curso de licenciatura e das especializações, destaco que o novo currículo parece ter aproximado a graduação dos conhecimentos desenvolvidos na pós-graduação.

Já em âmbito externo alguns pontos geraram dificuldades maiores e controvérsias. A ata n. 06/87 da COMCAR, de 14 de setembro de 1987, traz relatos sobre os problemas suscitados pela implantação do novo currículo dos cursos de Licenciatura em Educação Física no que se refere à visão do MEC:

O coordenador relatou sua participação numa reunião na Delegacia Regional do MEC sobre problemas na implantação do novo currículo dos cursos de Licenciatura em Educação Física. Esclareceu ter ficado com a ideia de que os membros da Delegacia do MEC entendem que as escolas de Educação

Física devem optar por Bacharelado ou Licenciatura e que as escolas da grande Porto Alegre deviam buscar um acordo de tal forma que duas oferecessem Licenciatura e outras duas Bacharelado. Na ocasião o professor Alduíno manifestou-se contrário a ideia e entendeu que cada instituição deveria fazer aquilo que melhor atendesse aos seus interesses, inclusive oferecendo Licenciatura e Bacharelado se julgasse oportuno. [...] O prof. Alduíno falou da reunião de coordenadores de COMCARs e chefes de departamentos como Grupo de Trabalho das Licenciaturas da UFRGS realizada na Reitoria para uma tomada de posição sobre as ideias existentes no CFE quanto a uma possível alteração de currículo em todos os cursos de Licenciatura do Brasil (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987e, p. 02-03).

O entendimento da Delegacia Regional do MEC sobre a opção das escolas de Educação Física por bacharelado ou licenciatura, relatado na ata da COMCAR n. 06/87, está relacionado à Resolução CFE n. 3/1987, de 16 de junho de 1987. Conforme já foi discutido no capítulo 2, essa resolução instituía, entre outros pontos, a divisão da formação em Educação Física em Licenciatura e Bacharelado. A alteração curricular de 1987 da ESEF/UFRGS aconteceu na esteira das discussões que culminaram nessa resolução. A Escola resistiu à separação e manteve somente a licenciatura, mas acrescentou ao currículo as disciplinas do “fazer científico”, que visavam à formação de pesquisadores<sup>191</sup>. É possível pensar que essas disciplinas estavam relacionadas ao bacharelado, pois de acordo com o Parecer

---

<sup>191</sup> O ano de 1987 também parece ter sido efervescente em relação à pesquisa em outras instâncias além da Escola. Em 1987 a ESEF recebeu: comunicado do CNPq sobre o Programa de Formação de Recursos Humanos e Fomento à Pesquisa; convite da Sociedade de Medicina Desportiva para o VIII Congresso Brasileiro de Medicina Desportiva e II Simpósio Internacional de Medicina Desportiva; Ofício-Circular n. 034/87-DP instituindo incentivos salariais para docentes com titulação de mestre ou doutor; Ofício-Circular n. 54/87 GAB/DEMEC/RS informando sobre o Programa Conjunto de Produção Científica na Área de EF e Desportos; Circular SBPC/RS 05/87 informando sobre o programa “Ciência às Seis e Meia”; Ofício-Circular n. 85/87 FAPERGS apresentando o Programa de Fomento à Pesquisa. Além destes, a ESEF/UFRGS recebeu uma comunicação sobre os Estudos e Proposta sobre a Reformulação do Estatuto da UFRGS, cuja terceira seção continha o seguinte título: “A Universidade como Centro de Pesquisa”.

CNE/CES 215/87, a pesquisa seria atribuição do bacharel em EF (CARMO, 1988).

No período anterior a 1987, os conhecimentos selecionados para compor o currículo da ESEF/UFRGS, bem como de outras IES, visavam uma formação essencialmente técnica, esportivista e ligada ao alto rendimento (DARIDO, 1995). Esses conhecimentos pareciam atender à perspectiva do “saber fazer para ensinar”, apontada por Darido (1995, p. 124), posicionando o futuro professor de Educação Física como um tipo de sujeito constituído para reproduzir os conhecimentos adquiridos na sua formação inicial a fim de dar conta da demanda da sua atividade laboral.

É possível pensar, então, que a emergência da pesquisa como disciplina do “fazer científico” indica uma descontinuidade na forma de pensar a formação do professor de Educação Física. Os conhecimentos sobre pesquisa selecionados para integrar o currículo da ESEF/UFRGS, a partir de 1987, passam a posicionar o futuro professor de Educação Física também como pesquisador e a constituí-lo como um sujeito do tipo que toma decisões profissionais apoiado em conhecimentos científicos.

#### 4.4. “Não Cabe à ESEF Formar Atletas”<sup>192</sup>

A “era científica do esporte” se materializa na desvalorização progressiva das disciplinas práticas no currículo da ESEF/UFRGS. Pouco a pouco as disciplinas de enfoque técnico-esportivo foram perdendo espaço para disciplinas teóricas, consideradas mais “intelectuais”. No depoimento concedido ao CEME, Arno Black (2007) proporciona uma ideia de como era a formação na ESEF quando foi aluno:

(...) “nós não éramos treinados para sermos professores, nós éramos treinados para ser atletas e não professor. A gente dominava tudo (...) judô, boxe, ataque e defesa, basquete, vôlei, atletismo, natação, tênis e ginástica, ginástica olímpica, essas coisas, dominava tudo, quer dizer, não tinha dificuldade. Agora ensinar é outra coisa, ensinar. E, nós não éramos ensinados para ensinar, nós éramos treinados para repetir, nós éramos repetidores daqueles que nos fizeram” (BLACK, 2007, p. 27-28).

Essa formação para ser atleta tinha início já na seleção dos alunos para o curso de EF através de testes físicos. Marczwski (2010), aluno da ESEF antes da federalização, aponta que as provas práticas “eram uma sequência daquilo que seria cobrado nas futuras aulas e relata que “a diferença que a gente sente hoje é que tínhamos que entrar quase como atletas, o atleta era bem vindo na ESEF na ocasião” (MARCZWSKI, 2010, p. 14). Camargo Neto (2010) pontua a minúcia exigida nos testes físicos e o peso que representavam para o ingresso no curso:

[...] existia a prática, a prova prática para ingressar na Faculdade. Quem não passasse nessa prova ficaria de fora, não fazia nem o vestibular escrito. [...] Por exemplo, numa

---

<sup>192</sup> Trecho da frase proferida por Mário César Cassel, que consta na página 73 do Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992).



prova de natação: quem não cruzasse aquela piscina de 25 metros em 30 segundos, mais ou menos isso, não seria aprovado. Então, quem fizesse 30 segundos e 5 décimos ficaria de fora. [...] quem não arremessasse a pelota com a mão direita e esquerda também não seria aprovado. E assim por diante. Veja bem quantas coisas se fazia na época, erradamente, no intuito de qualificar melhor o quadro de alunos. Mas é uma aberração (CAMARGO NETO, 2010, p. 08).

Oliveira, Ferreira e Kroeff (2010), que ingressaram como alunas na ESEF em 1968, acrescentam:

[...] entramos numa Escola que nos requisitou enquanto atletas, porque os testes físicos que fizemos em várias modalidades nos pediam um índice, senão não conseguíamos entrar. E um índice em tudo. Não tínhamos que ser bom em alguma coisa. Tínhamos que ser bom em tudo. Tínhamos que nadar, parar e flutuar em uma piscina, que saltar, parece que um metro e dez. Tínhamos que saltar em distância, correr, arremessar, ir para o vôlei, mostrar habilidade no basquete, e por aí vai... (OLIVEIRA, FERREIRA, KROEFF, 2010, p. 14).

Garcia (2005) reforça as afirmações acima e aponta como era o perfil do aluno da ESEF nos anos 1970:

O perfil do aluno, era um perfil de aluno mais voltado ao esporte. Quase todos eles praticavam dois ou três esportes. Quem não praticasse dois ou três esportes, não entrava na Escola, porque tinham testes físicos. Esses testes se compunham de teste de atletismo, de salto até, mas tinha também teste de toque de bola. Por exemplo tinha testes para saber movimentos básicos de vôlei, de basquete, de futebol. Tu tinha que saber natação inclusive, tu tinha que saber nadar pelo menos um estilo dos dois: crawl ou costas. Então, não era qualquer aluno que entrava aqui. Tu tinha que ter um perfil esportivo (GARCIA, 2005, p. 08).

Molina Neto (2008), atualmente docente da ESEF/UFRGS, comenta o perfil do aluno quando ingressou na Escola, para cursar EF, em 1972:

E era aquele perfil assim do sujeito que tinha alguma afinidade com o esporte. Era um sujeito que já tinha uma vivência esportiva em algum lugar, em alguma instituição e que então, vinha para a Escola de Educação Física para legitimar esse perfil que ele já tinha e adquirir um pouco mais. Naquela época, a gente era preparado para ser técnico desportivo, ir para as escolas formar times [...] (MOLINA NETO, 2008, p. 09).

Molina Neto (2008) comenta também que sentiu a mudança do perfil do aluno da Escola quando ingressou como professor em 1990: “quando eu comecei a dar aula aqui, a gente já via alguns alunos com muita informação, com um nível cultural bastante alto, não só aquele vinculado à cultura esportiva, mas com outras possibilidades” (MOLINA NETO, 2008, p. 10). Para Reppold Filho (2008), houve uma mudança de interesse da prática para a teoria, que se refletiu nas instalações e no material da própria Escola:

[...] a gente deu mais ênfase na questão teórica e a criação de espaços para aulas teóricas foi muito importante, a própria preocupação com a biblioteca já expressa isso também. Quer dizer, uma preocupação com uma formação intelectual maior do que se tinha antes e, não há dúvida, uma redução do próprio currículo da quantidade das aulas práticas. Eu poderia retratar isso, inclusive no próprio material. Acho que o nosso material hoje, no geral, para os esportes, talvez não seja mais em tanta quantidade e com tanta diversidade talvez como nós tivéssemos antes, porque antes, por exemplo: arco, aros, bastões, aquelas bolas, todos aqueles materiais para atletismo, isso era muito importante porque a prática desempenhava um papel fundamental para nós. Então a gente precisava ter quase que um material para cada duas pessoas ou quase individual e depois isso passou a assumir um papel menor, a tal ponto que várias práticas que a gente fazia naquela época, por exemplo, salto com vara, arremesso de martelo, essas coisas, acho que elas nem existem mais no nosso currículo enquanto práticas sistematizadas. (REPPOLD FILHO, 2008, p. 14).

De acordo com o exposto por Reppold Filho (2008), a estrutura física da Escola foi se modificando para acolher as aulas teóricas e, em contrapartida, as aulas técnico-esportivas (chamadas aulas práticas) foram perdendo espaço.

O depoimento de Helena Alves D’Azevedo (2010) ilustra a progressiva perda de força das disciplinas técnico-esportivas e demonstra que essa mudança não foi vista de forma positiva por todos os integrantes da Escola:

Eu acho que a natação foi muito forte na ESEF até o fim da década de 1980 e ela veio caindo. [...] acho que foi na direção do Guimarães, que eles decidiram que a natação se tornaria eletiva. Eu quase morri, me deu uma dor aqui [...] Tornou-se eletiva, só fundamentos e o fundamentos era para ensinar os quatro estilos e agora a gente sabe que só ensina dois. Então, vai tudo diminuindo e acho que é isso que faz ficar tão pobre (D’AZEVEDO, 2010, p. 18-19).

Marczwski (2010) também aponta problemas oriundos da redução de espaço das disciplinas técnico-desportivas na formação do aluno da ESEF/UFRGS:

Eu às vezes percebo, ele vai apitar uma partida e não sabe apitar, ele não sabe segurar um apito, mas como é que a ESEF não ensinou ele? Não ensinou a regra do jogo? Eu acho que fugiu um pouquinho essa área, e entrou para uma área mais acadêmica da pesquisa, da busca do novo, nós não, nós tínhamos que saber a regra toda do basquete, toda do vôlei [...] (MARCZWSKI, 2010, p. 13).

Ainda nesse sentido, Paulo Gilberto de Oliveira e Elizabeth Teresinha D’andrea de Oliveira (2008, p. 29), em depoimento prestado em conjunto ao CEME, relatam como era a Escola na sua experiência como alunos “era exageradamente prática. [...] A nossa parte teórica ficou devendo muito”. E continuam: “Hoje em dia, a parte prática é muito menor, é mínima. Eu tive, por exemplo, atletismo, judô, remo, natação, basquete, vôlei, futebol, boxe, todos os esportes praticamente a gente tinha. A parte teórica era menor” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008, p. 07). Por fim, complementam apontando que: “A Escola

começou a ser muito teórica. Terminaram muito as matérias práticas” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008, p. 28). É perceptível que o entendimento de “aulas teóricas” e de “área acadêmica da pesquisa” se confunde nos depoimentos dos entrevistados do CEME e talvez sejam compreendidas como sinônimas.

A progressiva perda de força das disciplinas técnico-esportivas já estava refletida na extinção das provas práticas para ingresso na Escola. Na ata de 05/06/1987 do Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993 há o relato de uma discussão entre os professores sobre a continuidade ou não dos testes práticos para o ingresso na Escola. De acordo com Cassel (2010) em 1988, depois de muito debate, foram extintas as provas práticas, pois se perdia muitos alunos já que essas provas aconteciam antes das provas teóricas e eram eliminatórias<sup>193</sup>. Além disto, Petersen (2008) aponta que os testes físicos não tinham nenhum embasamento científico, era cobrado o que os professores da época julgavam necessário. Camargo Neto (2010) também relata os debates que resultaram no fim da prova prática para ingresso na ESEF e justifica essa decisão:

Se forjava um indivíduo que fosse um Adonis, um Atlas, um super-homem, vamos dizer assim. Professor de educação física tinha que ser realmente um atleta. Essa era a ideia. Mas o corpo era muito mais valorizado na época. O professor de educação física tinha que vender saúde, vender a ideia da profissão dele através do próprio corpo. Esquecia que podia vender a mesma ideia através da inteligência, do bom trabalho, de uma boa formação cultural (CAMARGO NETO, 2010, p. 22).

---

<sup>193</sup> A ata da Reunião da Congregação de 02/06/1988 traz o relato da votação do relatório final da comissão de estudos sobre os testes físicos. O resultado dessa votação foi favorável à extinção dos testes (UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL, 1993, p. 25).

Contrastando com o período comentado acima por Camargo Neto, na ata de n. 249 de 09/04/1990 do Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992 há um relato que demonstra uma profunda mudança nessa ideia de formação de “professores atletas” na ESEF/UFRGS. Diante das reclamações dos alunos em relação ao excesso de exercícios de aulas práticas ministradas por um professor da Escola, o professor Cassel pontuou: “apesar da filosofia diferenciada em cada modalidade esportiva, não cabe à Escola Superior de Educação Física formar ‘atletas’ o que seria encargo das academias” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 73). Paulatinamente, a formação do professor de EF “atleta” deixava de ser o foco do currículo da Escola.

No artigo intitulado *A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS*, Trusz e Nunes (2007) criticam a “tendência de desaparecimento dos esportes de combate”<sup>194</sup> no currículo do curso de EF da Escola. Para os autores, o ápice de disciplinas de esporte de combate no currículo do curso de EF ocorreu através da Resolução CFE 03/87, quando havia quatro esportes de combate presentes no curso (Judô, Caratê, Esgrima e Capoeira) em um total de 12 disciplinas. Apesar desse acréscimo de disciplinas em 1987 e de haver espaço físico para o desenvolvimento das mesmas, essas disciplinas não tiveram força para sua manutenção no currículo e foram perdendo espaço gradativamente.

Trusz e Nunes (2007) também pontuam que existe uma tendência de todas as disciplinas de ordem prática (os esportes) diminuírem no currículo da Escola, não só os de combate. Ao contrário disto, as disciplinas do “fazer

---

<sup>194</sup> Esse é o título da seção 5 (p. 196) do artigo de Trusz e Nunes (2007).

científico”, também instituídas em 1987, foram recebendo mais espaço no currículo da Escola. De duas disciplinas opcionais do curso de licenciatura em EF no ano de 1987 passou, em 2012, para sete disciplinas que compõem o Núcleo Pesquisa do Eixo da Formação Específica<sup>195</sup>.

A partir do exposto acima, é possível destacar que o “fazer científico” foi ganhando força e espaço a ponto de se manter no currículo da Escola e apresentar um considerável aumento no número de disciplinas desde a sua emergência na matriz curricular do ano de 1987<sup>196</sup>. Este fato demonstra que, dentre todas as opções disponíveis, os conhecimentos relacionados ao “fazer científico” foram selecionados em detrimento de outros, considerados menos importantes.

#### 4.5. “Jugo Médico”<sup>197</sup>

A “era científica do esporte” se materializa na tentativa de “resgatar a Educação Física para os profissionais de Educação Física” (BRAUNER, 2004, p. 10) e livrá-los do domínio médico na Escola, através da ruptura com as relações de poder até então estabelecidas. Autores como Medeiros (2008) e Silva *et al* (2009) discutem a subjugação da Educação Física à Medicina e outras áreas de conhecimento.

---

<sup>195</sup> Conforme descrito na seção 2.1. “Fazer Científico” nas Alterações Curriculares da ESEF/UFRGS.

<sup>196</sup> Esses dados podem ser visualizados parcialmente na tabela 01: Disciplinas do “fazer científico” na matriz curricular da ESEF/UFRGS no período de 1940 até 2010 (p. 23).

<sup>197</sup> Expressão usada por Black (2007) em seu depoimento ao CEME.

O peso do poder médico na Escola é evidenciado no depoimento de Black (2007):

[...] a primeira grande mudança na ESEF, foi quando nós nos desvencilhamos dos médicos. Os médicos mandavam na ESEF quando eu fui aluno, os médicos dominavam aqui [...] o primeiro grande passo que a ESEF deu para crescer foi se desvencilhar do jugo médico. Havia só médicos, médicos e médicos aqui, todos... Não eram maus professores, mas atrapalhava a ESEF como ESEF, como uma Escola ligada ao esporte e a educação e todas essas coisas (BLACK, 2007, p. 18-19).

Mas a ideia de se desvencilhar dos médicos não era nova, já vinha de muito tempo. Na Ata da Reunião Conjunta da Congregação e Conselho Departamental de 09/03/1977 há um relato que esboça o descontentamento com o espaço que a Medicina Desportiva vinha conquistando:

O prof. Bugre pediu a palavra e expôs sua idéia de que a Medicina Desportiva estaria tomando conta dos esportes com suas técnicas de condicionamento, etc... À Educação Física caberia a ginástica de colegiais, os jogos estudantis, etc... e os esportes estariam passando cada vez mais para as mãos da Medicina Desportiva (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1985, p. 42).

O depoimento de Brauner (2004) converge com o relato encontrado nesta ata e demonstra que o movimento de tomada de poder da Escola pelos professores de EF parece ter sido construído aos poucos:

Desde muito tempo, a Escola teve algumas divisões políticas, já faz muito tempo que existe toda uma resistência contra os médicos e nós tivemos aqui médicos importantes como professores, alguns chegaram a exercer cargos administrativos. Quem criou o laboratório aqui, o LAPEX, foi o De Rose que chegou à direção; alguns militares também foram diretores, alguns médicos foram diretores, então, eu acho que o professor Bugre Lucena, foi um dos pioneiros no movimento de tentar resgatar a Educação Física para os profissionais de Educação Física (BRAUNER, 2004, p. 10).

O relato do médico De Rose (2007) converge com o depoimento de Brauner (2004) e evidencia o descontentamento do professor Bugre Lucena com a presença dos médicos na Escola:

E, dentro sempre de um comportamento ético, mas de uma diferença de opinião normal, comum e corrente, o meu grande problema na Escola foi o professor Bugre Lucena, que era vice-diretor, era uma cara muito sincero, muito bacana e ele dizia: 'Não, médico comigo não tem vez!' E me chutava de todo jeito que podia, abertamente, não era uma coisa assim política, era uma posição dele, pessoal dele, que eu respeito (DE ROSE, 2007, p. 08).

Embates entre médicos e professores de EF também aparecem nos boletins da AEEFD, mesmo que de uma forma mais branda. No Boletim AEEFD de n. 03/04 de 1973 há o relato de “Notícias do II Congresso de Medicina Desportiva e I Jornada Internacional de Medicina Desportiva” no qual a Escola foi representada por médicos e professores de EF. Nesse boletim há a seguinte afirmação: “Registramos com satisfação que foi um conclave que conseguiu reunir os interesses de médicos e professores de EF” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1973, p. 04). A necessidade de registrar essa afirmação com tanta satisfação em um boletim da AEEFD passa a sensação de que a “reunião de interesses” não era um fato comum entre professores de EF e médicos.

Esse descompasso de interesses parece ter incluído, além dos professores de EF, os técnicos administrativos e os estudantes da Escola, que



também pareciam compartilhar da ideia de destituir o poder médico da Escola. Em depoimento ao CEME, Reppold Filho (2008) comenta a luta política travada na ESEF/UFRGS para desbancar os médicos do poder, inclusive através da constituição de chapa para eleição de diretor da Escola:

[...] participaram técnicos, participaram estudantes e participaram professores e nós tínhamos um projeto que era um projeto coletivo de instituição. E esse talvez tenha sido, na minha experiência particular, a experiência mais rica política que eu pude participar na minha trajetória na ESEF, foi a constituição desse grupo para configurar a ESEF de outra maneira (REPPOLD FILHO, 2008, p. 24).

Essa reconfiguração da Escola também incluía a pós-graduação. A Ata nº 218 de 30/12/1987 do Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992 mostra a perda de força dos médicos também na pós-graduação, em nível de especialização:

Aprovação dos Cursos de Pós-Graduação em Medicina do Esporte e Treinamento Desportivo conforme solicitação do professor Krueel, com a modificação a partir de agosto (1988) mil novecentos e oitenta e oito, que o Curso de medicina seja aberto para outros profissionais além dos médicos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 45).

A partir daí, esse curso de especialização já não poderia mais ser exclusividade dos médicos. Essa perda gradativa da força médica também aconteceu no LAPEX. Petersen (2008) relata que "o laboratório gradativamente foi sendo assumido por professores de educação física e hoje ele é, totalmente,

eu diria assim, é coordenado e quem faz pesquisa lá dentro são os professores de educação física” (PETERSEN, 2008, p. 10).

Essa derrocada dos médicos também estava acontecendo no CBCE, conforme enfocado na seção 1.3., do capítulo 1. Com a justificativa de sanar a falta de reflexão do profissional de EF sobre a pesquisa na área das Ciências do Esporte, a “função primeira do CBCE seria o **incentivo à investigação científica**<sup>198</sup>, nascendo esta de domínio de uma minoria privilegiada, mas, sim, pertencente a todas as áreas atuantes no **campo médico desportivo**” (ATA DE FUNDAÇÃO DO CBCE, 1978, p. 01). O CBCE foi criado, portanto, sob o jugo da Medicina Desportiva. Gaya (2008) relata a dependência estabelecida com a Medicina e o rompimento do CBCE com o controle médico:

Eu fiz parte da primeira e segunda diretoria que rompeu com o poder dos médicos (...). Nós éramos escravos de duas corporações: ou a medicina ou o quartel<sup>199</sup>. Escapava do quartel, caía na medicina. E, curiosamente, quando nós vamos migrando para a parte mais científica, quem assume o comando da Educação Física é a Medicina Esportiva, não é? De Rose, Victor Matsudo, vários outros médicos que começaram a fazer a formação mais científica (GAYA, 2008, p 18).

De acordo com o depoimento de Lino Castellani Filho (2012), os médicos se retiram do CBCE quando perdem o controle (a presidência) da entidade para os professores de EF, algo que passa a ocorrer em maior ou menor intensidade em outros cursos de EF Brasil afora<sup>200</sup>.

---

<sup>198</sup> Grifos reproduzidos conforme consta na ata de fundação do CBCE.

<sup>199</sup> Quando cita a corporação “quartel”, Gaya (2008) se refere à forte influência militar recebida pela Escola nos seus primeiros anos. Esta temática é abordada por Mazo (2005).

<sup>200</sup> A tensão entre médicos e professores de EF não foi exclusiva do CBCE ou da ESEF/UFRGS. Na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), os médicos também compunham o corpo docente e possuíam mais prestígio na estrutura da ENEFD em relação aos professores de EF, “não havia igualdade de tratamento entre professores-médicos e professores com formação unicamente ligada à educação física” (MELO, 1996, p. 74).

O teor dos documentos que compuseram essa categoria de análise permite pensar que foi preciso agregar a imagem e o prestígio de pesquisadores para que os professores de EF da ESEF/UFRGS pudessem vencer o jogo de forças estabelecido com os médicos. O *status* de pesquisador, de quem “faz ciência”, colocou os professores de EF em uma posição de poder suficientemente forte para “resgatar a Educação Física para os profissionais de Educação Física” (BRAUNER, 2004, p. 10). Posição que não foi possível ocupar somente através do *status* da docência.

Destaco, porém, que apesar da “rebelião” estabelecida tanto na ESEF/UFRGS quanto no CBCE em relação ao poder médico, não se procedeu uma inversão da vocação médica no modo de fazer pesquisa em EF. Se por um lado os professores de EF “tomaram o poder” institucional (ESEF e CBCE) por outro não se desvencilharam da racionalidade biomédica no modo de fazer pesquisa. O fim do domínio dos médicos na ESEF/UFRGS e no CBCE não significou o fim da subjugação da EF à racionalidade biomédica e aos conhecimentos produzidos pela Medicina, pois, apesar da resistência dos professores de EF ao poder médico, era justamente o saber médico que os legitimava como pesquisadores. Porém, essa parece ser uma racionalidade biomédica particular, especificamente atrelada ao esporte.

---

Apesar de se tratar de períodos diferentes (na ENEF as tensões estabelecidas entre médicos e não-médicos ocorreu por volta dos anos 1950), o poder médico imperou tanto na ESEF/UFRGS quanto na ENEFD e gerou conflitos.

#### 4.6. “Sonho”<sup>201</sup> do Mestrado

A “era científica do esporte” se materializa no sonho da implantação do mestrado na ESEF/UFRGS. Um sonho cuja concretização já havia sido pensada diversas vezes e que não era somente uma aspiração da Escola. No Boletim da AEEFD n. 07 de 10/03/1975 há uma seção intitulada *ACOMODADOS?...*, na qual o professor Galileu dos Reis Frões já anunciava este sonho e a possível forma de concretizá-lo na área da EF:

Não podemos dar margem a que digam que os professores de Educação Física são “acomodados”. [...] Temos ainda que batalhar para que sejam organizados os cursos de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado em Educação Física (que atualmente é apenas um sonho) para que possamos ter profissionais cada vez mais capacitados. Para que existam esses cursos uma das condições principais é que tenhamos mestres e doutores nas diversas cadeiras específicas de Educação Física para ministrarem as aulas e serem responsáveis por eles. Defendemos aqui a idéia de mandarmos professores de Educação Física para o exterior, a fim de se diplomarem como mestres e doutores para que estes, posteriormente, possam organizar em nosso país os cursos de pós-graduação. Já ouvimos dizer que isso levaria muito tempo e por esse motivo não compensaria, no entanto, revidamos prontamente afirmando que levará muito mais tempo se não começarmos. Se realizarmos o que aqui foi proposto, não daremos então, margem a que alguém possa dizer que somos “acomodados” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975a, p. 02).

Na passagem acima é visível a intenção de “despertar” a Educação Física da “acomodação” através da qualificação de professores para a atuação em cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. A instituição destes cursos dependia da existência de professores de EF com formação em pós-graduação *stricto sensu* e exigia um longo percurso a ser trilhado pela EF.

---

<sup>201</sup> Termo usado por Galileu dos Reis Frões no Boletim da AEEFD n. 07 de 10/03/1975 (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975a).

Petersen (2008, p. 05), em depoimento ao CEME, ilustra esse percurso: “somos uma unidade da universidade, nós temos especialização, bastante experiência com a especialização, mas não basta só isso. Nós temos que partir agora para um pós-graduação *stricto sensu*”. O sonho do mestrado aparece também no Boletim da AEEFD n. 8 de 28/04/1975, na declaração enfática do então diretor da ESEF/UFRGS, professor Jacintho F. Targa:

Tínhamos que passar pela fase dos cursos de especialização antes de caminhar para os de mestrado e doutorado em Educação Física. Vos prometo que não descansarei enquanto não forem instalados esses cursos em nossa Universidade! (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, 1975b, p. 08).

A concretização do mestrado foi pensada e organizada por comissões formadas por professores da Escola em momentos distintos (PETERSEN, 2008). Na Ata da Reunião da Congregação de 18/01/1985<sup>202</sup> há o registro da criação de uma dessas comissões, a Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado em Educação Física, composta pela Dra. Lenea Gaelzer, Dr. Francisco Camargo Netto e Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Essa comissão emitiu o documento intitulado *UFRGS/ESEF/DGR Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física - Relatório da Primeira Reunião*, datado de 28 de março de 1985, que transmite à Escola os seguintes aconselhamentos:

1) – A Congregação, no uso de suas atribuições, através do seu presidente, estimule resoluções que venham definir uma orientação para o próximo quadriênio, no sentido de se ter valorizadas todas as iniciativas do corpo docente que levam ao desenvolvimento do espírito científico e das oportunidades de pesquisa desde a graduação. 2) – Que as decisões, a nível

---

<sup>202</sup> Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1985a, p. 94).

Departamental, tenham em vista o progresso da Educação Física na ciência e a capacitação dos professores para a Pesquisa com prioridade àqueles que estão cursando mestrado e doutorado. 3) – Que a Biblioteca da Escola seja estimulada à realização de programas especiais e estratégias que favoreçam a pesquisa como a divulgação de obras adquiridas ou outras providências que vierem auxiliar no desenvolvimento da pós-graduação. 4) – Que a direção da ESEF, apoiada nas decisões da Congregação, continue no seu esforço pela aquisição material de novas salas e de um pequeno anfiteatro para a realização de encontros, Seminários e Cursos de Alto nível. 5) – Que a Prática Esportiva, estudada pela comissão coordenadora, seja atribuída ao Centro Olímpico com um corpo docente próprio e monitores já que é uma atividade com objetivos voltados a uma população diversificada e que merece uma atenção especial, uma supervisão qualificada e que tem ao longo de vários anos envolvido professores que potencialmente poderiam ser aproveitados a nível de pós-graduação. 6) – Que se inicie o levantamento de órgãos e Instituições com os quais a ESEF venha a realizar convênios, tanto a nível nacional como internacional. 7) – Que haja um levantamento de opinião sobre o Mestrado na ESEF, entre o Corpo docente para se iniciar o processo de conscientização do tema e se analisar as expectativas dos professores sobre o assunto (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1985b, p. 02-03).

De acordo com a comissão, esses aconselhamentos visavam estipular uma série de providências internas necessárias à implantação e ao desenvolvimento da pós-graduação stricto sensu em conformidade com o Artigo 4º da Resolução CFE n.º 05, de 10/03/83<sup>203</sup>:

A implantação de um curso de pós-graduação dever ser precedida da existência de condições propícias à atividade criadora e de pesquisa, aliando-se disponibilidade de recursos materiais e financeiros às condições adequadas de qualificação e dedicação do corpo docente nas áreas ou linhas de pesquisa envolvidas no curso (BRASIL, 1983).

É possível observar na escrita do relatório da primeira reunião o esforço da comissão para preparar a Escola para receber o mestrado. No item de

---

<sup>203</sup> Resolução CFE n.º 05, de 10/03/83. Fixa normas de funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação stricto sensu (BRASIL, 1983). Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Resolucao\\_CFE\\_05\\_1983.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Resolucao_CFE_05_1983.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2014.

número 1 é perceptível a preocupação em estimular a pesquisa desde a graduação, fato que viria a ocorrer em 1987, com a inserção das disciplinas do “fazer científico” no currículo da Escola através da alteração curricular realizada neste ano. No item de número 2, chama atenção a preocupação da comissão com o “progresso da EF na ciência”, demonstrando que ainda havia um caminho a percorrer até a efetivação desse almejado progresso. Nesse item também fica clara a valorização conferida aos professores que já estavam cursando uma pós-graduação *stricto sensu*.

No item de número 5 do relatório, a prática esportiva é colocada em um lugar específico - o Centro Olímpico - e é sinalizada a possibilidade de aproveitamento dos professores com maior formação no futuro curso de mestrado. Ou seja, a prática esportiva ficaria a cargo daqueles professores que não fossem aproveitados para o mestrado. Nos itens 3, 4 e 6 há o esforço em incluir a biblioteca e a direção da Escola no movimento de instituição do mestrado, além de órgãos e instituições que poderiam vir a ser conveniados. O item de número 7 anuncia um levantamento da opinião do corpo docente sobre o mestrado na Escola, que também aparece em outro documento emitido pela mesma comissão e intitulado *UFRGS/ESEF/DGR Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física (1985)*. Nesse documento consta o relatório de reuniões dessa comissão do período de abril e maio de 1985 enviado à Congregação da ESEF/UFRGS. Nesse relatório, a comissão descreve as suas iniciativas para a implantação do mestrado, uma delas foi a pesquisa de opinião que havia sido sugerida no documento anterior:

Com a necessidade de ser levado em consideração o grau de conscientização do corpo docente da Escola para a Pós-Graduação, a nível de Mestrado, a Comissão levantou alguns

indicadores desta conscientização, com a finalidade de ser organizado um instrumento de pesquisas de opinião do corpo docente referente ao tema. Partindo da titulação de cada professor, o instrumento deveria revelar, a produção científica publicada e identificar as dificuldades encontradas pelos professores para se dedicarem à pesquisa, inclusive demonstrar como o professor se situa, no esforço da implantação do Mestrado. Multiplicado o questionário, o mesmo foi distribuído ao corpo docente e está na presente data, sendo recolhido para tabulação, análise e conclusões (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1985c, p. 01).

Essa pesquisa de opinião parecia estar particularmente ligada à compreensão (chamada de conscientização no texto do relatório) dos docentes sobre a importância da pós-graduação em nível de mestrado, sua titulação e produção científica, sua disponibilidade para dedicação à pesquisa. Não parecia ser uma pesquisa realizada para saber se os professores tinham opiniões contra ou a favor da implantação do Mestrado, mas sim interessada no potencial de envolvimento e na possível contribuição dos docentes para a pós-graduação stricto sensu. Portanto, o sonho do mestrado parecia ser compartilhado por todos os integrantes da Escola.

A forma como foram redigidas as Atas da Congregação também passa a impressão de que a implantação do mestrado era uma aspiração do grupo como um todo. Não há registros de pessoas ou grupos posicionados contra a implantação. Tomo como exemplo a ata da Reunião da Congregação de 05/07/1985, que traz o seguinte relato:

A professora Gaelzer disse que agora havia uma proposta, se bem que não definitiva, a respeito do curso de Mestrado. Disse que a proposta surgira naturalmente como decorrência do “Primeiro Seminário de Pesquisa em Educação Física”<sup>204</sup> e

---

<sup>204</sup> Esse seminário foi realizado na Estação Experimental Agronômica da Universidade em Guaíba/RS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1993, p. 03). Cassel (2010, p. 18) também faz referência a esse seminário em seu depoimento ao CEME.



havia partido dos próprios professores da Escola (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1993, p. 02).

Apesar de essa proposta ter partido dos professores, fica evidente na leitura das atas encontradas na Escola o embate travado entre os mesmos para estipular quem comporia o corpo docente do curso de mestrado, quem convidaria esses docentes, se estes seriam professores internos ou externos à Escola, como e quando seria feito o convite<sup>205</sup>. Mas para não correr o risco de cair na “armadilha” de considerar verdadeiro um documento sem cotejá-lo com outros, as informações das atas foram confrontadas com o teor de outros documentos.

Em alguns trechos do depoimento dado ao CEME, Ribeiro (2012, p. 09) descreve o início do mestrado na Escola como “um início complexo, como são todas as coisas na ESEF” e proporciona uma ideia das disputas travadas entre áreas distintas da Educação Física em torno da implantação da pós-graduação stricto sensu:

[...] ao contrário de uma Faculdade de Medicina que eu conheço profundamente, onde só existe uma linguagem, se chama linguagem biológica. [...] A EF é multidisciplinar e as técnicas de pesquisa, as técnicas de ensino de aprendizagem são distintas. E esse é um conflito que existe há muitos anos dentro da ESEF, existe agora, naquela época era pior e havia muita disputa entre essas áreas, uma falta de entendimento (RIBEIRO, 2012, p. 09).

---

<sup>205</sup> Nas atas das reuniões de 22/09/1986 e de 11/11/1985 do Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993 há relatos sobre esses embates. Na ata nº 181 de 02/07/1985 do Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992 há menção de um dos convites: “Professor Paulo Gilberto, chefe do Departamento, comunica que o Professor Elenor Kunz foi contatado por carta para integrar o corpo docente do futuro Mestrado, tendo respondido afirmativamente ao convite” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1992, p. 21).

Ribeiro (2012, p. 10) completa a afirmação acima comentando que: “nesse período, acho que o pós-graduação começou devagar e como toda pós-graduação com suas dificuldades, mas com esse desafio da integração de coisas distintas, muitas disputas políticas, disputas de poder”. No depoimento ao CEME, Gaya (2008) também enfoca as disputas de poder travadas por ocasião da tentativa de criação do mestrado na ESEF/UFRGS, porém, diferente de Ribeiro (2012), aponta tensionamentos entre médicos e professores de EF:

Aí havia a briga: Que mestrado? Levou muito tempo para discutir se o mestrado seria em Medicina Esportiva ou se seria Educação Física. Claro, se fosse Medicina Esportiva, os professores ficavam fora, se fosse Educação Física, os médicos ficavam fora. E a luta era por poder, porque realmente havia lutas políticas poderosas entre essas duas forças. E aí... Ciências do Movimento Humano, exatamente para poder pegar tanto os médicos, quanto os professores (GAYA, 2008, p. 20).

A implantação do mestrado, portanto, também foi alvo das disputas de poder entre os médicos e os professores da Escola (conforme já focado na categoria “Jugo Médico”). Nesse jogo de forças, a instituição do nome Ciências do Movimento Humano foi uma forma de conciliar os interesses tanto dos médicos, quanto dos professores. É possível pensar que essa conciliação se deu em torno do termo “ciência”, pois, para Pinheiro e Luz (2007, p 06), a “ciência nunca teve tanto prestígio social como nesse período, sobretudo nos dias de hoje”.

Molina Neto, Muller e Amaral (2003) destacam o espaço que os programas de pós-graduação ocupam dentre as modalidades de formação permanente, pois “através deles os professores conseguem alcançar um *status* profissional que os habilita para a docência, em nível superior” (MOLINA

NETO; MULLER; AMARAL, 2003, p. 76). Com a implantação do mestrado, portanto, a Escola deixaria de ser somente uma unidade da UFRGS que formava professores de EF, para alcançar o prestígio de uma instituição formadora de docentes para o nível superior de ensino. Além disso, passaria a possuir o *status* de formadora de pesquisadores, que uma vez formados passariam a condição de produtores de conhecimentos legitimados pela ciência. Já os professores de EF poderiam “se fazer cientistas” através do mestrado, galgando uma posição melhor na sociedade do que a sua desvalorizada profissão lhe permitia.

A “menos valia” da EF está presente, portanto, em todas as categorias apresentadas anteriormente. Na dificuldade enfrentada pela Escola em conseguir o repasse de recursos pelo Governo e pela própria UFRGS. Na tentativa dos docentes da ESEF/UFRGS de afirmação no cenário científico, tomando para si o *status* de pesquisador, mais valorizado pela sociedade do que a figura do professor de EF. Na inclusão de disciplinas do “fazer científico” no currículo da Escola de 1987, que visavam à formação do professor-pesquisador, agregando prestígio ao futuro professor de EF. Na perda de força das disciplinas técnico-esportivas no currículo da Escola e na ascensão das disciplinas do “fazer científico”, ditas mais intelectuais. No processo de retomada da Escola do poder médico amparado na legitimidade científica que vinha sendo adquirida pelos professores de EF. Nos esforços para a implementação do mestrado, como uma forma de elevar a Escola ao *status* de “formadora de pesquisadores”. Além disso, o mestrado também pode ser pensado como via de legitimação da Escola como uma unidade da UFRGS, através da pesquisa, já que a Escola havia enfrentado a resistência da

Universidade em federalizá-la por julgá-la sem prestígio, conforme já comentado por Bemvenuti (2010).

A “menos valia” parece incidir duplamente sobre a EF, pois está ligada tanto à desvalorização do papel de professor do ponto de vista da atuação escolar, quanto à imagem do profissional “prático”, amparado por uma formação técnico-esportiva acrítica. Para tentar escapar da “menos valia”, a EF passa a buscar amparo no prestígio da categoria médica e na legitimidade da racionalidade biomédica, que representam a “mais valia”<sup>206</sup> em nossa sociedade.

---

<sup>206</sup> Apesar da expressão “mais valia” ter sido usada por Karl Marx (2013), destaco que, no presente estudo, essa expressão não está ligada à teoria marxista. Ela foi usada em contraponto à expressão “menos valia” proferida por Bemvenuti (2010, p. 20) ao se referir à desvalorização da EF no seu depoimento ao CEME.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs compreender *as condições de possibilidade para a emergência do “fazer científico” na formação inicial em Educação Física da ESEF/UFRGS*. Para contemplar esse objetivo busquei apoio na teorização de Michel Foucault (2008, 2007, 1997, 1979) e na análise documental proposta por André Cellard (2012). Realizei levantamentos nas instalações da ESEF/UFRGS para buscar documentos que se referiam ao período foco desse estudo: 1970 a 1990. A análise abrangeu atas da Escola, ata de fundação do CBCE, boletins da AEEFD, depoimentos do acervo virtual do CEME, documentos da Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física, Regimento do LAPEX, Histórico da ESEF/UFRGS, documentos sobre a incorporação da ESEF pela UFRGS, documentos enviados à Escola por órgãos externos, entre outros. Adicionalmente, busquei amparo nos Catálogos de Cursos de Graduação da UFRGS do ano de 1987 encontrados na Biblioteca Central da UFRGS e no marco regulatório educacional brasileiro disponível *on-line*.

O apoio da genealogia “à moda de Foucault” me proporcionou uma forma particular de compreender a história, que desloca a linearidade dos fatos e não se preocupa em procurar os “culpados” ou os “heróis” dos acontecimentos. Portanto, nesse estudo não houve a pretensão de apontar a(s) pessoa(s), o(s) sujeito(s), responsável(is) por introduzir as disciplinas do “fazer científico” no currículo da ESEF/UFRGS. Também não busquei uma linearidade na apresentação dos fatos que foram emergindo nos documentos encontrados, tampouco procurei estabelecer uma relação direta de causa e

consequência que tenha levado o “fazer científico” para o currículo de formação inicial em EF da Escola.

Em um primeiro, e rápido, olhar, eu havia pensado o marco regulatório educacional brasileiro, mais especificamente a Resolução n. 3/87, e todas as alterações que ocorreram no currículo da Escola no ano de 1987, como o acontecimento propulsor do “fazer científico” na formação inicial em EF da Escola, mas com a apreciação dos documentos fui compreendendo que esse olhar, além de linear, também estava atrelado a uma visão de causa e efeito. A Resolução n. 3/87 impactou a formação inicial em EF, mas não pode ser tratada como o único estopim do “fazer científico” na formação inicial da ESEF/UFRGS, pois para Nikolas Rose (2011),

Caso estejamos vivendo no centro de uma transformação, devemos prestar atenção a esta lição: não olhe para uma única causa, mas tente mapear o modo pelo qual múltiplos deslocamentos permitem que algo novo emergja – algo que não se estabiliza, mas que continua mudando (ROSE, 2011, p. 13).

Assim, apurando o olhar, outros acontecimentos engendrados, conectados entre si, foram emergindo dos documentos. Alguns saltaram aos olhos, outros dispenderam mais tempo e paciência até que fossem percebidos. Alguns desses acontecimentos partem do que já havia sido sinalizado por Bracht (2013), no que se refere à EF de um modo geral, e por Mazo (2000a, 2000b, 2000c, 2000d, 2000e), em relação à EF na ESEF/UFRGS.

Em uma análise macro, voltada para o campo da EF, Bracht (2013) destacou os fatores que levaram à incorporação do “fazer científico” por essa área de conhecimento nas décadas de 1970, 1980 e 1990, período no qual

ocorreu a configuração da EF como um campo acadêmico: Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil; instituição dos laboratórios de fisiologia do exercício; desenvolvimento das Ciências do Esporte; participação da EF no sistema de pós-graduação brasileiro e sua inserção nas universidades.

O Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil apontou a necessidade da pesquisa para o desenvolvimento da EF e do esporte. Para melhorar o nível científico da EF, o Governo Federal do Brasil instituiu incentivos à pós-graduação e investimentos em laboratórios de fisiologia do exercício (BRACHT, 2013, 1998). Esse contexto propiciou o desenvolvimento das Ciências do Esporte e a fundação do CBCE, considerado por Bracht (1998, p. 15) como “produto e produtor da ideia de cientificação” da EF. É possível pensar que esses fatores apontados por Bracht (2013) possam ser compreendidos como os acontecimentos potencializadores da pesquisa como disciplina do “fazer científico” na formação inicial em EF da ESEF/UFRGS em nível macro.

Já Mazo (2000b), em uma análise específica da ESEF/UFRGS, apontou a significativa influência do LAPEX na formação do professor de EF, enquanto primeiro núcleo de pesquisa da Escola. O estudo de Mazo (2000b, p. 15) revela que o Laboratório contribuiu, inclusive, “para uma nova forma de perceber a ciência na Educação Física brasileira, influenciando na mudança do perfil clássico do ensino na ESEF”. De acordo com essa autora, antes da implantação do LAPEX, não havia tradição de pesquisa na ESEF/UFRGS e seu corpo docente privilegiava a formação técnico-esportiva (MAZO, 2000b). A integração dos pesquisadores do Laboratório ao corpo docente do curso de Licenciatura em EF da Escola, no ano de 1978, trouxe, paulatinamente, um

novo perfil para a formação do profissional de EF (MAZO, 2000b). Diante das considerações de Mazo (2000a, 2000b, 2000c, 2000d, 2000e), pude perceber que é possível apontar o Laboratório como condição de possibilidade para a emergência do “fazer científico” no currículo da ESEF/UFRGS.

Sustentada pelos achados desses autores, inspirada pela teorização de Foucault e apoiada pela análise documental proposta por Cellard (2012) foi possível destacar que a emergência do “fazer científico” na formação inicial em EF da ESEF/UFRGS está atrelada a condições próprias de um momento histórico específico, ou seja, a um conjunto interligado de condições de possibilidade particulares. Assim, é possível apontar acontecimentos específicos que envolveram a Escola no período analisado e que funcionaram como “mola propulsora” do “fazer científico” no currículo da ESEF/UFRGS.

Dentre esses acontecimentos destaco inicialmente aquele que ganhou mais vigência a partir da análise dos documentos que compuseram o presente estudo: o esforço pela valorização e pelo reconhecimento da EF. Esse esforço também é visível na bibliografia e não diz respeito somente à ESEF/UFRGS, mas à área da EF brasileira como um todo. Para Lima (2000b, p. 73), a “busca da cientificidade da Educação Física apoia-se na valorização social da Ciência: a crença de que a Educação Física alcançará a sua legitimidade acadêmica e social, revestindo-se de cientificidade”.

A valorização da EF passa pela cientificação da EF, pois o discurso da ciência possui *status* de verdade na sociedade contemporânea. O pesquisador que “faz ciência” é mais valorizado em nossa sociedade do que o docente, especialmente o de EF. Através da cientificação, o professor de EF poderia superar a imagem desvalorizada daquele professor-prático que só ensinava os



alunos a jogar bola, “que tinha músculo na cabeça” (OLIVEIRA, FERREIRA, KROEFF, 2010, p. 13), e ganhar *status* de profissional que não apenas se vale dos conhecimentos científicos, mas tem capacidade e legitimidade para “fazer ciência”.

É possível encontrar ressonâncias do esforço pela valorização da EF em todas as categorias de análise elencadas neste estudo:

- Na mudança do perfil do docente da Escola, que foi impactado pela formação *stricto sensu* adquirida em países da Europa e nos EUA (discutida na categoria “Mais Pesquisador e Menos Prático”). O professor da Escola passou de uma formação baseada em conhecimentos técnico-esportivos, considerados acríticos, para uma formação “mais intelectual” ligada ao “fazer científico”. A produção de conhecimento decorrente de pesquisas passou a conferir *status* ao professor-pesquisador na ESEF/UFRGS.

- Na valorização da ideia da Ciência do Esporte na ESEF/UFRGS pelo vislumbre de uma melhoria na situação econômica da Escola (abordada na categoria “Um Primo Rico, Um Primo Pobre”), já que a mesma vinha constantemente lutando contra a falta de materiais e recursos financeiros. A obtenção de um maior repasse de recursos foi utilizada como justificativa para acelerar a movimentação pela criação de um Departamento de Ciências do Esporte na Escola, bem como, apressar o processo de aprovação do Regimento Interno do LAPEX.

- Na alteração curricular realizada em 1987, que acrescentou as disciplinas do “fazer científico” ao currículo da Escola e indicou uma descontinuidade na forma de pensar a formação do professor de Educação Física (discutida na

categoria “Um Grande Avanço”). A formação do “professor atleta” perdeu força no novo currículo. Mesmo resistindo à separação da formação em EF em licenciatura e bacharelado (instituída pela Resolução n. 3/87), a Escola acrescentou as disciplinas do “fazer científico” ao currículo, que visavam à formação de pesquisadores e estavam relacionadas ao bacharelado.

- Na gradativa desvalorização das disciplinas “práticas” ditas acríicas e a científicas (destacada na categoria “Não Cabe à ESEF Formar Atletas”), evidenciada na seleção de disciplinas do “fazer científico” em detrimento das disciplinas técnico-esportivas. O “saber fazer para ensinar” (DARIDO, 1995, p. 124) foi paulatinamente perdendo força e cedendo espaço para o “fazer científico” no currículo da Escola.

- No empenho demonstrado pela ESEF/UFRGS para a implantação do mestrado (enfocado na categoria “Sonho” do Mestrado). Através da pós-graduação *stricto sensu*, a Escola alcançaria o prestígio de uma instituição formadora de docentes para o nível superior de ensino e o *status* de formadora de pesquisadores. Também por meio do mestrado, os professores de EF poderiam “se fazer cientistas”, passando a ocupar uma posição melhor na sociedade do que a desvalorizada posição de professor.

- No embate estabelecido entre médicos e professores de EF pelo poder na Escola (abordado na categoria “Jugo Médico”). A produção de conhecimentos apoiados em uma racionalidade biomédica, ou seja, no que é considerado científico pela sociedade, legitimaria os professores de EF e os colocaria em uma posição melhor nas dinâmicas das relações de poder estabelecidas com os médicos na Escola. Assim, os professores de EF se colocariam em uma suposta posição de igualdade política em relação aos médicos, pois apesar da

resistência ao poder médico, era justamente o saber médico revestido de cientificidade que os legitimava como pesquisadores. Foi preciso agregar o *status* de pesquisador, de quem “faz ciência”, para que os professores de EF pudessem “se fazer cientistas” e tentassem vencer o jogo de forças com os médicos na Escola.

Todos esses fatores conectados parecem ter tornado possível visualizar a emergência do “fazer científico” sob a forma de duas disciplinas no currículo de 1987 da Escola. Essa emergência produziu e ao mesmo tempo foi produzida pela cientifização da EF. Essa cientifização parece possuir características específicas, é demarcada pela eliminação de um modelo técnico-esportivo e pela assunção de uma racionalidade biomédica no currículo da ESEF/UFRGS. Porém, entendo que, a partir do estudo realizado, a racionalidade biomédica que passou a legitimar o modo de ser professor-pesquisador da Escola também apresenta uma singularidade por estar ligada ao esporte. Arrisco-me, então, a chamá-la neste estudo de “racionalidade biomédica-desportiva”, a qual pode ser vislumbrada na expressão “estamos na era científica do esporte”, pronunciada pelo diretor da Escola, Jacintho F. Targa, por ocasião da aula inaugural do curso de Técnica Desportiva do ano de 1975.

Cabe, então, enfatizar que este estudo apontou as condições de possibilidade para a emergência de algo muito peculiar: um “fazer científico” assentado em uma racionalidade biomédica-desportiva. Essa seria uma “arma” potente para combater o que Bemvenuti (2010, p. 20) denomina a “menos valia da Educação Física”. Amparados na racionalidade biomédica-desportiva, os professores de EF poderiam lutar pela legitimação da Escola como uma

unidade da UFRGS e pela mudança da imagem do profissional “prático” e acrítico para o *status* de professor-pesquisador.

A partir do presente estudo é possível pensar em novos trabalhos que envolvam a temática da racionalidade biomédica-desportiva visualizada na Escola, pois ela não está ligada a uma passagem remota da história, desvinculada do presente, mas a um passado recente, do qual ainda podemos escutar os seus "ecos" no produtivismo acadêmico contemporâneo. É nesse sentido que retomo a discussão que dá início ao primeiro capítulo deste estudo: a excessiva valorização da quantidade da produção científico-acadêmica como um traço marcante da realidade de pesquisadores, estudantes e IES brasileiras imbuídas do “fazer científico”. Para Foucault, a história é uma maneira de lidarmos com o presente, uma forma de considerarmos todas as possibilidades para nossa realidade (LAMAS; SILVA, 2010). Nesse sentido, Rago (2005) aponta que:

Problematizando nossa realidade, Foucault propõe a realização de um diagnóstico que não se limite a mostrar o que somos, mas que aponte para aquilo em que estamos nos tornando. Essa ‘história do presente’ é capaz de distinguir as tênues linhas que separam o passado do presente e o presente da atualidade (RAGO, 2005, p. 263).

A racionalidade biomédica na qual os professores de EF da ESEF/UFRGS foram “capturados” e com a qual se legitimaram como pesquisadores científicos universitários nas décadas de 1970, 1980 e 1990, é a racionalidade prevalente na produção de conhecimento brasileira no atual momento histórico, sobretudo na grande área das Ciências da Saúde, onde a Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina (I, II e III), Nutrição, Odontologia e Saúde Coletiva estão inseridas. Os pesquisadores que assentaram os seus estudos na racionalidade biomédica não por acaso são

aqueles que estão no topo do *ranking* da produção acadêmica dessa grande área. São, portanto, os vencedores da corrida estabelecida pelo produtivismo acadêmico. Para ilustrar essa corrida - e encerrar as considerações finais do presente estudo -, tomo de empréstimo a metáfora utilizada por um dos professores de IES entrevistados por Bianchetti (2009), que se valeu do clássico conto “Branca de neve e os sete anões” para se referir aos colegas que diariamente acessam seu Currículo Lattes, registram os “produtos” do seu “fazer científico” e se perguntam: **“Lattes, Lattes meu, existe alguém mais produtivo do que eu?”** (BIANCHETTI, 2009, p. 11).

## REFERÊNCIAS

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS. Porto Alegre: n. 07, 1965.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 02, 1968.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 04, 1969a.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 05/06, 1969b.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 04/05, 1970.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 01/02, 1972a.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 03/04, 1972b.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 03/04, 1973.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 05, 1974.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 07, 1975a.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 08, 28/04/1975, 1975b.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 08, 23/05/1975, 1975c.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 12, 1975d.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 01, 1977.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre: n. 01, 1978.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Desafios (políticos) para uma associação científica: o CBCE em debate. *RBCE*, v. 30, n. 3, 2009.

ALVES, Adriana. *Adriana Alves (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

ALVES, Vânia Maria. Formação e inserção de docentes no ensino superior: desafios encontrados por neodoutores na implantação da cultura da pesquisa em IES 'emergentes'. *Anais. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 2009.*

ANGELI, Daniela. *Uma análise arqueológica dos discursos do Movimento de Luta Antimanicomial no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

ARAGÃO, Elisabeth Maria; BARROS, Maria Elisabeth Barros de; OLIVEIRA, Sonia Pinto de. Falando de metodologia de pesquisa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 5, n. 2, 2º sem, 2005.

ARAÚJO, Ademar Santos de. A questão do método em Foucault. *Revista Educação On-line PUC-Rio* nº 12, p. 113-127, 2013.

ASSMANN, Selvino José; NUNES, Nei Antonio. Michel Foucault e a genealogia como crítica do presente. *Revista Interthesis*, Florianópolis, v. 4, n. 1, jan./jun., 2007.

AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de; MALINA, André. Memória do currículo de formação profissional em educação física no Brasil. *RBCE*, v. 25, n. 2, p. 129-142, jan. 2004.

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa*. Dissertação (Mestrado) – História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Formação Inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARDINI, Carmela. *Projetando visibilidade às políticas de verdade: uma análise da produção científica sobre a Educação Física na UFPR*. Dissertação (Mestrado) - Educação, Universidade Federal do Paraná, 2007.

BARROS, José Maria de Camargo. Educação Física na UNESP de Rio Claro: bacharelado e licenciatura. *Motriz*, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 71-80, jun. 1995.

BASTOS, Amélia Rota Borges de. *Sendero inclusivo: o caminho da escola peregrina na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais*. Tese (Doutorado) – Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Intelectuais e Universidade: O Ensino Superior no Congresso de Instrução Pública (Rio de Janeiro, 1883-1884)*. *Foro de Educación*, 12(17), pp. 23-44, 2014.

BAUTHENEY, Katia Cristina Silva Forli. *Transtornos de aprendizagem: quando "ir mal na escola" torna-se um problema médico e/ou psicológico*. Tese (Doutorado) – Educação, USP, São Paulo, 2011.

BEMVENUTI, Edson. *Edson Bemvenuti (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

BENITES, Larissa Cerignoni; SOUZA NETO, Samuel de; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, p. 343-360, mai./ago. 2008.

BETTI, Irene C. Rangel; BETTI, Mauro. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. *Motriz*, v. 2, n. 1, jun., 1996.

BETTI, Mauro. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.

\_\_\_\_\_. Educação Física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.3, p.183-97, jul./set., 2005.

BIANCHETTI, Lucídio. 30 Anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: os desafios para uma associação científica e os dilemas dos intelectuais institucionalizados. *RBCE*, v. 30, n. 3, p. 13-30, maio, 2009.

\_\_\_\_\_; VALLE, Ione Ribeiro. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. In: SANDLER, Benno. *XXV Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação, II Congresso Ibero- Americano de Política e Administração da Educação*. Niterói (RJ): ANPAE; São Paulo (SP): PUCSP/FACED/PPGE, 2011. 1 CD-ROM. (Coleção Biblioteca ANPAE, Série Cadernos: n. 11)

BISCHOFF, Alberto Ramos. *Alberto Bischoff (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

BLACK, Arno. *Arno Black (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

BOMBASSARO, Ticiane; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a formação de professores para a disciplina Educação Física em Santa Catarina (1937-1945): ciência, controle e ludicidade na educação dos corpos. *Educação em Revista*, n. 33, p. 111-128, 2009.

BORDINI, Santina Célia. *Discursos sobre sexualidade nas escolas municipais de Curitiba*. Dissertação (Mestrado) – Educação, Universidade Federal do Paraná, 2009.

BOUFLEUER, José Pedro. Pesquisa. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BRACHT, Valter. Epistemologia, Ensino e Crítica: desafios contemporâneos. In: GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; VELOZO, Emerson Luís. *Epistemologia, Ensino e Crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2013.

\_\_\_\_\_. 30 anos do CBCE: os desafios para uma associação científica. *RBCE*, v. 30, n. 3, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação Física & Ciência: Cenas de um casamento (in)feliz. *RBCE*, v. 22, n. 1, 2000.

\_\_\_\_\_. *Educação Física & Ciência: Cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

\_\_\_\_\_. Um pouco de história para fazer história: 20 anos do CBCE. *RBCE*, Número Especial 20 anos de CBCE, set. 1998.

\_\_\_\_\_. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta o “que é Educação Física”? *Movimento*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 1995.



\_\_\_\_\_. Educação Física/Ciências do Esporte; que Ciência é Essa? *RBCE*, v. 14, n. 3, maio, 1993.

BRAMBILLA, Sônia Domingues Santos; STUMPF Ida Regina Chittó. Produção científica da UFRGS representada na Web of Science (2000-2009). *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.17, n.3, p.34-50, jul./set. 2012.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Considerações sobre a qualidade da produção científica da Educação Física brasileira. *RBCE*, v. 21, n. 2, 2000.

BRASIL. *Decreto-Lei n. 53, de 18 de novembro de 1966*. Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências. 1966.

\_\_\_\_\_. *Decreto-Lei n. 1.212, de 17 de abril de 1939*. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. 1939.

\_\_\_\_\_. *Decreto-Lei n. 8.270, de 3 de dezembro de 1945*. Altera disposições do Decreto-Lei n. 1.212, de 17 de abril de 1939. 1945.

\_\_\_\_\_. *Decreto-Lei n. 252, de 28 de fevereiro de 1967*. Estabelece normas complementares ao Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, e dá outras providências. 1967.

\_\_\_\_\_. *Decreto-Lei n. 705, de 25 de julho de 1969*. Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. 1969.

\_\_\_\_\_. *Decreto n. 29.741, de 11 de julho de 1951*. Institui uma Comissão para promover a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 1951.

\_\_\_\_\_. *Decreto n. 62.937, de 02 de julho de 1968*. Dispõe sobre a instituição de grupo de trabalho para promover a reforma universitária e dá outras providências. 1968a.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 1.310 de 15 de janeiro de 1951*. Cria o Conselho Nacional de Pesquisas, e dá outras providências. 1951.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968*. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. 1968b.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Programa de Formação de Recursos Humanos e Fomento à Pesquisa*. 1987a.

\_\_\_\_\_. *Ofício-Circular GAB/DEDMEC/RS n. 54/87*. 1987b.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Parecer CNE/CES n. 215, de 11 de março de 1987*. Dispõe sobre a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo. 1987c.

\_\_\_\_\_. *Parecer CES/CEE n. 89, de 05 de julho de 2011*. Pedido de esclarecimento da PROGRAD/UENP sobre o artigo 36, da Deliberação n.º 01/10-CEE/PR, aprovado em 09 de abril de 2010. 2011.

\_\_\_\_\_. *Portaria CAPES n. 068, de 03 de agosto de 2004*. Define, para efeitos da avaliação da pós-graduação realizada pela Capes, as categorias de docentes dos programas desse nível de ensino. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resolução CFE n. 69, de 02 de dezembro de 1969*. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização dos Cursos de Educação Física. 1969.

\_\_\_\_\_. *Resolução CFE n. 05, de 10 de março de 1983*. Fixa normas de funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação stricto sensu. 1983.

\_\_\_\_\_. *Resolução CFE n. 3, de 16 de junho de 1987*. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). 1987d.

\_\_\_\_\_. *Resolução CNE/CP n. 1, de 18 de fevereiro de 2002*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. 2002a.

\_\_\_\_\_. *Resolução CNE/CP n. 2, de 19 de fevereiro de 2002*. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. 2002b.

\_\_\_\_\_. *Resolução CNE/CSE n. 7, de 31 de março de 2004*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resolução CNS n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos (revoga as seguintes resoluções: 196/96, 404/08 e 303/00). 2012.

BRAUNER, Mário Roberto Generosi. *Mário Brauner (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

BREUNIG Felipe Freddo *et al.* Memórias do Programa de Educação Tutorial da Educação Física da UFRGS (1991-2009). *Anais*. X Salão de Iniciação Científica – PUCRS, Porto Alegre, 2009.

BRUNO, André Gustavo Garcia. Interdições e contradições na política de inclusão de jovens e adultos com deficiência no Estado de Mato Grosso do Sul.

Dissertação (Mestrado). Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Educação, 2006.

CAMARGO NETTO, Francisco. *Francisco Camargo Netto (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

CAMARGO, Rosalia Pomar. *Rosalia Camargo (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

CARMO, Apolônio Abadio do. Licenciado e/ou bacharelado: alguns entendimentos possíveis. *Motrivivência*, UFSC, Florianópolis, n. 1, 1988.

\_\_\_\_\_. *Educação Física: crítica de uma formação acrítica: um estudo das capacidades e habilidades intelectuais solicitadas na formação do profissional de Educação Física*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, 1982.

CARVALHO, Marco Antônio Ávila de. *Centro Natatório da Escola de Educação Física da UFRGS: espaço de transformações*. Trabalho de Conclusão de Curso – Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CARVALHO, Yara Maria de. Pós-Graduação em Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil: uma contribuição ao debate. *RBCE*, v. 14, n. 3, maio, 1993.

\_\_\_\_\_. O mito da atividade física e saúde. São Paulo: Huicitec, 2001.

\_\_\_\_\_; LINHARES, Meily Assbú. *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

CASTANHO, Sérgio. A educação superior no século XXI: comentários sobre o documento da UNESCO. *Interface*, Botucatu, v. 4, n. 7, ago., 2000.

CASTELLANI FILHO, Lino. Pelos Meandros da Educação Física. *RBCE*, v. 14, n. 3, maio, 1993.

\_\_\_\_\_. *Lino Castellani Filho (depoimento, 2012)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2012.

CBCE. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. *Editorial*, volume 2, número 2, 1981.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 (p. 295-316).

CESAR, Maria Rita de Assis. *Da escola disciplinar à pedagogia de controle*. Tese (Doutorado) – Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CHAMLIAN, Helena Coharik. Docência na Universidade: professores inovadores na USP, *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 41-64, março, 2003.

CHEEK, Julianne. Situating postmodern thought. In: *Postmodern and poststructural approaches to nursing research*. London: Sage, 2000.

CHERRYHOLMES, Cleo. Um projeto social para o currículo: perspectivas pós-estruturais. In: SILVA, Tomás Tadeu da. *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Ata da fundação do "Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE"*. Londrina, 1978.

COLL, C. *Psicologia e currículo*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. *Aprendizagem escolar e construção do pensamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.

\_\_\_\_\_. *Posibilidades críticas en el desarrollo de la reforma curricular española*. Mimeo, 1994b.

\_\_\_\_\_. *Diseño curricular base y proyectos curriculares. Cuadernos de Pedagogía*. N. 168, 1989.

COLL, C.; POZO, J.I.; SARABIA, B.; WALLS, E. *Os conteúdos na reforma: ensino aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre, ArtMed, 1998.

COLL, C. et al. *Los contenidos en la reforma. Enseñanza y aprendizaje de conceptos, procedimientos y atitudes*. Madri: Santillana, 1992.

COLL, C.; MARTÍN, E.; MAURI, T.; MIRAS, M. et al. *El constructivismo en el aula*. Madri: Graó, 1993.

COLL, C.; PALACIOS, J. e MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. *Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate*. *Motriz*, v. 16, n. 1, 2010.

COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução á ciência da sociedade*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

COSTA, V.L. *Prática da Educação Física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?* São Paulo: Ibrasa, 1985.

CRUZ, Amanda Pereira de Carvalho. *O Trabalho e a gestão do cuidado em saúde: a construção de uma política nacional em saúde do trabalhador no Brasil – uma análise documental*. Dissertação (Mestrado) – Psicologia, Universidade Federal do Pará, 2011.

CUNHA, Rosâni Kucarz da. *Estado e educação: a Plataforma Lattes como um modelo compacto do dispositivo disciplinar*. Dissertação (Mestrado) – Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2003.

DA COSTA, Lamartine Pereira. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

\_\_\_\_\_. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

\_\_\_\_\_. Uma questão ainda sem resposta: O que é a Educação Física? *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 1996.

DAMASCENO, Luciano Galvão. *A educação física na formação do Colégio brasileiro de Ciências do Esporte*. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

DAÓLIO, Jocimar. O ser e o tempo da pesquisa sociocultural em Educação Física. *RBCE*, v. 29, n. 1, 2007.

\_\_\_\_\_. A representação do trabalho do professor de Educação Física na escola: do corpo matéria-prima ao corpo cidadão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 15, p.181-186, 1993.

DARIDO, Suraya Cristina. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. *Motriz*, v. 1, n. 2, p. 124-128, dez. 1995.

D'AZEVEDO, Helena Alves. *Helena D'Azevedo II (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

DE GÁSPARI, Jossett Campagna. Reconstruindo o lazer a partir de um periódico científico. *Motriz*, v. 11, n. 2, 2005.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DE ROSE, Eduardo Henrique. *Eduardo De Rose (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean *et al.* *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 (p. 127-153).

DIAS SOBRINHO, José. *Avaliação da Educação Superior*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DUCA, Giovâni Firpo Del *et al.* Grupos de pesquisa em cursos de Educação Física com pós-graduação "stricto sensu" no Brasil: análise temporal de 2000 a 2008. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, v. 25, n. 4, p. 607-617, dez. 2011.

FAÉ, Rogério. A genealogia em Foucault. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, set./dez. 2004.

FARIA, Bruno de Almeida; MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. A inovação e o desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social. *Motriz*, Rio Claro, v.18 n.1, p.120-129, jan./mar., 2012.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Reflexões sobre universidade, pesquisa e iniciação científica. *RBPAAE*, v. 19, n. 2, jul./dez., 2003.

\_\_\_\_\_. Autonomia e poder na universidade: impasses e desafios. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 197-226, jan./jun. 2004.

\_\_\_\_\_. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educar*, Curitiba, Editora UFPR, n. 28, p. 17-36, 2006.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. A crise da racionalidade moderna e a Educação Física. *RBCE*, v. 22, n. 1, set. 2000.

FERON, Arthur de Vargas; SILVA, Marcelo Moraes da. A igreja do “diabo” e a produção do conhecimento na Educação Física. *RBCE*, v. 29, n. 1, p. 107-122, set. 2007.

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes; MATTOS, Ana Maria; JOB, Ivone. Revistas Científicas da UFRGS: resgatando o passado para pensar o futuro. *Prisma.Com*, Revista de Ciências e Tecnologia da Informação e Comunicação do CETAC.MEDIA, n. 13, dez., 2010.

FERREIRA, Marcelo Guina. Crítica a uma proposta de educação física direcionada à promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 1997.

FERREIRA NETO, Amarílio. Revista de educação física: Ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de educação física (1932-2002). *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, 2003.

FILIPPINI, Isabella; DIEHL, Vera Regina Oliveira; FRIZZO, Giovani Felipe. Formação de professores de Educação Física da ESEF/UFRGS: balanço após cinco anos da divisão do curso. *Revista Digital EF Deportes*, Buenos Aires, v. 15, n. 144, maio, 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRAGA, Alex Branco. *Exercício da Informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Tese (Doutorado) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

\_\_\_\_ *et al.* Alterações curriculares de uma escola septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em Educação Física da ESEF/UFRGS. *Movimento*, Porto Alegre, Edição Especial ESEF 70 anos, 2010.

FRANKLIN NETO, Felipe. *Um ensaio educacional na casa da esperança: tentativas de estabilizar o instável no autismo*. Dissertação (Mestrado) – Educação, Universidade Federal do Ceará, 2006.

FRIZZO, Giovanni. Divisão da formação em educação física: "crônica de uma morte anunciada". *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, v. 2, n. 2, p. 163-173; ago. 2010.

\_\_\_\_. A produtividade da Educação Física improdutiva. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, 2008.

GANDIN, Luís Armando; PARASKEVA, João M.; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Mapeando a [complexa] produção teórica educacional – Entrevista com Tomaz Tadeu da Silva. *Currículo sem Fronteiras*, v.2, n.1, pp.5-14, jan./jun., 2002.

GARCIA, Cláudio Luiz. Cláudio Garcia (*depoimento, 2004*). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. *Adroaldo Gaya (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

\_\_\_\_. Mas afinal, o que é Educação Física? *Movimento*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 1994.

\_\_\_\_; TORRES, Lisiane; CARDOSO, Marcelo. Dados, interpretações e implicações: acordos e desacordos (2º parte: As questões conceituais). *Movimento*, Porto Alegre, v. 5, n. 9, 1998.

\_\_\_\_; BAUER, S. *et al.* A proposta curricular da UFRGS e a proposta curricular do MEC: uma análise comparativa. In: Simpósio Nacional de Ginástica (9: 1988: Pelotas). Anais: os estilos de ensino no movimento humano. Pelotas: UFPEL, ESEF, Pró Reitoria de Extensão, 1988, p. 63.

\_\_\_\_; GRIN, José C. Fatores estruturais e organizacionais do currículo da ESEF/UFRGS: uma análise crítica. In: Simpósio Nacional de Ginástica (9: 1988: Pelotas). Anais: os estilos de ensino no movimento humano. Pelotas: UFPEL, ESEF, Pró Reitoria de Extensão, 1988, p. 66.

\_\_\_\_; SIMCH, G. *et al.* Análise das disciplinas do novo currículo de Educação Física da UFRGS segundo a visão discente. In: Simpósio Nacional de Ginástica (9: 1988: Pelotas). Anais: os estilos de ensino no movimento humano. Pelotas: UFPEL, ESEF, Pró Reitoria de Extensão, 1988, p. 67.

GHIRALDELLI JR, Paulo. A volta ao que parece simples. *Movimento*, ano 2, n. 2, jun. 1995.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. Nietzsche. Perspectivismo, genealogia, transvaloração. In: MIRANDA, Carlos Eduardo Ortolan. *Dossiê Cult: filosofia contemporânea: Nietzsche, Heidegger, Sartre*. São Paulo: Editora 17, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação física, ciência e saúde: notas sobre o acervo do Centro de Memória do Esporte (UFRGS). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, abr.-jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Informação e documentação em esporte, Educação física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte. *RBCE*, v. 25, n. 1, p. 199-207, set. 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* ESEF 70 anos: o processo de federalização sob o olhar discente. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. esp., p. 11-36, 2010.

\_\_\_\_\_. ESEF 65 anos: entre memórias e histórias. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 201-218, set./dez. de 2005.

\_\_\_\_\_. *O Programa de Educação Tutorial (PET) da ESEF – UFRGS e a formação do profissional em educação física*. In: Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Os “movimentos” da educação física brasileira: o que eles apontam? Criciúma: UNESC, 2002.

GONZALEZ, Fernando Jaime. O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. *Movimento*, v. 10, n. 1, 2004.

\_\_\_\_\_; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. O ensino de epistemologia na (pós)graduação em Educação Física: experiências, dificuldades e desafios na UFES. In: GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; VELOZO, Emerson Luís. *Epistemologia, Ensino e Crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2013.

GUIMARÃES, Reinaldo. Pesquisa no Brasil: a reforma tardia. São Paulo em Perspectiva, 16(4): p. 41-47, 2002.

GUTIERREZ, Washington. *Washington Gutierrez (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. *Histórico da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1971.

HATTIE, J. ; MARSH, H. W. The relationship between Research and Teaching: A Meta-Analysis. *Review of Educational Research*, winter, 1996.

HOENISCH, Julio Cesar Diniz. *Divã de Procusto: Critérios para Perícia Criminal no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado) – Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.



HOEPERS, Idorlene da Silva; FERNANDES, Sônia Regina de Souza. A prática como componente curricular na representação dos estudantes de Licenciatura em Matemática: entre o dito e o feito. *Anais, IX ANPEd Sul*, Caxias, 2012.

HOSKIN, Keith. Foucault under examination: the crypto-educationalist unmasked. In: BALL, Stephen J. (Ed.). *Foucault and education: disciplines and knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul, 1990.

JOB, Ivone. *Educação Física no PPGCMH/UFRGS: uma visão a partir da análise de citações e perfil dos pesquisadores*. Dissertação (Mestrado) - Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006a.

\_\_\_\_\_. Análise bibliométrica das teses de uma comunidade científica em Educação Física com uso do método indiciário. *RBCE*, v. 28, n. 1, 2006b.

\_\_\_\_\_; FREITAS, Karen Ribeiro de. A colaboração na produção de artigos dos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da ESEF da UFRGS entre 2007 a 2009: análise de rede social. *Movimento*, Porto Alegre, Edição Especial ESEF 70 anos, 2010.

KAMINSKI, Leon Frederico; GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo discente em movimento: reivindicações estudantis na Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul (1957-1964). *Motriz*, Rio Claro, v. 16 n. 4, p. 984-994, out./dez., 2010.

KIRK, David. O porquê de investigar: estado atual e tendências futuras nas pesquisas em Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, 2010.

KLEIN, Rejane Ramos. *A reprovação escolar como ameaça nas tramas da modernização pedagógica*. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

KNIGHT, John et al. Deconstructing hegemony: multicultural policy and a populist response. In: BALL, Stephen J. (Ed.). *Foucault and education: disciplines and knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul, 1990.

KRUEL, Luiz Fernando Martins. *Luiz Kruel (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

KUNZ, Elenor. Editorial. *RBCE*, v. 14, n. 3, maio, 1993.

LAMAS, Fernando Gaudereto; SILVA, Ramon Mapa da. Foucault, o Método Histórico-Filosófico de Pesquisa e sua Contribuição para a Metodologia Científica das Ciências Humanas. *Revista de Teoria da História*, ano 1, n. 3, junho, 2010.

LAWSON, H. Beyond positivism: research, practice and undergraduate professional education. *Quest*, v. 42, p. 161-183, 1990.

LICHT, Henrique Felipe Bonnet. *Henrique Licht III (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. *Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul – AEEFD/RS: Subsídios Históricos*. 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71070>>. Acesso em: 01 mai. 2014.

LIMA, Homero Luis Alves de. Pensamento epistemológico da Educação Física Brasileira: das controvérsias acerca do estatuto científico. *RBCE*, v. 21 n. 2, jan./mai., 2000a.

\_\_\_\_\_. Epistemologia, Relativismo e Educação Física. *RBCE*, 21, n. 1, set. 2000b.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A política de pesquisa e a mediocridade possível. *RBCE*, V. 24, n. 2, 2003.

\_\_\_\_\_. Dados, interpretações e implicações. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 1997.

\_\_\_\_\_. Hegemonia e Legitimidade nas Ciências dos Esportes. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 51-72, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Mas, afinal, o que é Educação Física?: a favor da mediação e contra os radicalismos. *Movimento*, ano 2, n. 2, jun. 1995.

LUPTON, Deborah. “Desenvolvendo-me por inteiro”: cidadania, neoliberalismo e saúde contemporânea no currículo de Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, 2003.

LUZ, Madel T.. Prometeu Acorrentado: Análise Sociológica da Categoria *Produtividade* e as Condições Atuais da Vida Acadêmica. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(1), 2005.

\_\_\_\_\_. Educação Física e Saúde Coletiva: papel estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de saúde. In: FRAGA, Alex Branco ; WACHS Felipe. *Educação Física e Saúde Coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

LYRA, Vanessa Bellani; MAZO, Janice Zarpellon. A Escola Superior de Educação Física e o campo da formação de professores do estado sul-riograndense: as origens da formação especializada (1869-1929). *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, Edição Especial, p. 37-60, 2010.

MACHADO, Roberto. Foucault, a ciência e o saber. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007.

MALINA, André; AZEVEDO, Ângela C. B. de; OLIVEIRA, Vitor Marinho de. CBCE: Um coletivo intelectual da Educação Física? Filosofia da práxis, política e ciência em questão. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2007. *Anais...* Recife, Pernambuco, 2007.

MAMANI, Clorinda Nivia Rojas. *As praticas disciplinares e suas mudancas - estudo realizado em uma escola de enfermagem do Peru*. Dissertação

(Mestrado) – Enfermagem, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

MANOEL, Edison de Jesus; CARVALHO, Yara Maria de. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. *Educação e Pesquisa*, v. 37, n. 2, p. 389-406, ago. 2011.

MARCZWSKI, Mauro. *Mauro Marczwski (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

MARTINS, Fabrício Döring; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física Escolar como componente curricular: intenções e impasses. *EFDeportes Revista Digital*, Buenos Aires, ano 13, n. 128, jan., 2009.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAZO, Janice Zarpellon. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 143-167, jan./abr., 2005.

\_\_\_\_\_. Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *RBCE*, v. 22, n. 2, p. 155-166, jan. 2001.

\_\_\_\_\_. Laboratório de pesquisa do Exercício da ESEF/UFRGS: apontamentos para uma história dos seus 25 anos. *Movimento*. Porto Alegre, Edição Especial, ano VI, 2000a.

\_\_\_\_\_. A criação do Laboratório de Pesquisa do Exercício da Escola de Educação Física da UFRGS. *Movimento*, Porto Alegre, Edição Especial, ano VI, 2000b.

\_\_\_\_\_. Depoimentos dos coordenadores e diretores do LAPEX. *Movimento*, Porto Alegre, ano VI, Edição Especial, 2000c.

\_\_\_\_\_. Produção científica do LAPEX. *Movimento*, Porto Alegre, ano VI, Edição Especial, 2000d.

\_\_\_\_\_. Os Laboratórios de Pesquisa do Exercício: algumas considerações. *Movimento*, Porto Alegre, Edição Especial, 2000e.

\_\_\_\_\_; PEREIRA Priscilla Goulart. Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEF-UFRGS. In: DA COSTA, Lamartine (org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFED, 2006.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de; GODOY, Letícia. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da Educação Física (1979- 2007). *RBCE*, v. 30, n. 2, 2009.

MEDEIROS, Rômulo José Dantas. Do senso comum à ciência: para o profissional de Educação Física, uma transição difícil de ser completamente compreendida. *Conexões*, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 2, 2008.

MEDINA, J. P. S. *A Educação física cuida do corpo e "mente"*. São Paulo: Papirus, 1983.

MELO, V. A. A Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MENDES, Cláudio Lúcio. O campo do currículo e a produção curricular na Educação Física nos anos 90. *Revista Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 39-48, jul./dez., 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993.

MOLINA NETO, Vicente. Vicente Molina Neto (*depoimento*, 2005). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

\_\_\_\_ et al. Reflexões sobre a produção do conhecimento em Educação Física e Ciências do Esporte. *RBCE*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 145-165, set. 2006.

\_\_\_\_. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVINÔS, A. N. S. *A pesquisa qualitativa na Educação Física*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, p. 107-139, 2004.

\_\_\_\_. Uma experiência de ensino do futebol no currículo de licenciatura em Educação Física. *Movimento*, ano 2, n. 2, jun. 1995.

\_\_\_\_; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. Identidade e perspectivas da Educação Física na América do Sul: formação profissional em Educação Física no Brasil. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo. *A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

\_\_\_\_; MULLER, Márcio Amaro; AMARAL, Luciano do. O Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS: a visão dos estudantes sobre o seu processo de formação profissional. *RBCE*, v. 24, n. 2, 2003.

MORAES, Luiz Fernando Ribeiro. *Luiz Moraes (depoimento*, 2004). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

MORAIS, Mônica Zavacki de. *Formações rizomáticas da diferença: narrativas para produção da pedagogia surda*. Dissertação (Mestrado) – Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

MOREIRA, Evandro Carlos; TOJAL, João Batista Andreotti Gomes. A formação em programas de pós-graduação strictu sensu em Educação Física: preparação docente versus preparação para pesquisa. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 4, 2009.

MOREIRA, W.W. *Educação Física: uma abordagem fenomenológica*. Campinas: Ed Unicamp, 1991.

MOROSINI, Marília Costa. A Pós-graduação no Brasil: formação e desafios. *RAES – Revista Argentina de Ensino Superior*, ano 1, n. 1, nov., 2009.

MOURA, Cláudia Peixoto. *História das relações públicas: fragmentos da memória de uma área*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

NAHAS, Markus Vinicius; GARCIA, Leandro Martin Totaro. Um pouco de história, desenvolvimentos recentes e perspectivas para a pesquisa em atividade física e saúde no Brasil. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, v. 24, n. 1, p. 135-148, 2010.

NARDI, Henrique Caetano *et al.* Fragmentos de uma genealogia do trabalho em saúde: a genealogia como ferramenta de pesquisa. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(4), jul./ago., 2005.

NASCIMENTO, Artur Roberto do. *Controle gerencial como prática social e organizacional: análise crítica a partir dos paradigmas Neofuncionalista, Interpretativista e Pós-Estruturalista*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, USP, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Flávia Marchi; KLEE, Maria Helena Oehlsclarger. A dança como componente curricular no curso de Educação Física da ESEF/UFPEL. *Revista Didática Sistêmica*, v. especial, n. 1, 2012.

NEIRA, Marcos Garcia. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. *Motriz*, v. 13, n. 3, 2007.

\_\_\_\_\_; NUNES, Mário Luiz Ferrari. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da *et al.* Educação Física e epistemologia: a produção do conhecimento nos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte. *RBCE*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 173-185, jan. 2003.

NOGUEIRA, M. A. Universidade, crise e produção do saber. IN: BERNARDO, M.. *Pensando a Educação*. São Paulo: UNESP, 1989.

NUNES, Cássio Felipe Tejada; MOLINA NETO, Vicente. O processo de federalização da ESEF/UFRGS sob a perspectiva dos professores: o estudo de um caso. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.167-190, mai./ago., 2005.

NUNES, Edson de Oliveira. *Educação Superior no Brasil: estudos, debates, controvérsias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

OLIVEIRA, Douglas Casarotto de. *Uma genealogia do jovem usuário de crack: mídia, justiça, saúde, educação*. Dissertação (Mestrado) - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. *RBCE*, v. 25, n. 2, 2004.

OLIVEIRA, Paulo Gilberto; OLIVEIRA, Elizabeth Teresinha D'andrea de. Paulo de Oliveira e Elizabeth de Oliveira (*depoimento, 2005*). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

OLIVEIRA, Vera Lúcia da Silva; FERREIRA, Vera Maria; KROEFF Maria Alice Garcia. *Vera Oliveira, Vera Ferreira e Maria Kroeff (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE. In: DA COSTA, Lamartine Pereira. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFED, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ciência e Poder Simbólico no Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos, 1994.

\_\_\_\_\_; ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo; FIGUEIREDO; Zenólia Cristina Campos. Formação inicial e currículo no CEFD/UFES. *Pensar a Prática*, v.9, n.2, p.213-230, jul./dez., 2006.

PALAFIX, Gabriel H. Munoz. O que é Educação Física? Uma abordagem curricular. *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 1996.

PARÁISO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 122, maio/ago., 2004.

PARDO, Eliane; RIGO, Luis Carlos. Educação Física como ciência: para sair do século XIX. *RBCE*, v. 22, n. 1, p. 39-51, set. 2000.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evandro Carlos. Influências das alterações legais na formação profissional em educação física. *Motriz*, v. 14, n. 4, 2008.

PESSÔA FILHO, Dalton Müller. Educação Física sim, por que não? *Motriz*, v. 1, n. 2, dez., 1995.

PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. *Ricardo Petersen (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. *Motriz*, v. 16, n. 3, 2010.

RABELO, Denise Lima. *Por uma Genealogia em que a Educação Ambiental é Potência na Formação dos Membros de Comitês de Bacias Hidrográficas*.

Dissertação (Mestrado) – Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

RAGO, Margareth. Libertar a História. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuse: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

RAMOS, César Gustavo Moraes. *Medida de segurança e transtorno anti-social de personalidade: o paradoxo da culpa*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Direito, Ciências Criminais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RAMOS, Tacita Ansanello. *Um estudo genealógico da constituição curricular do curso de licenciatura integrada em Química/Física da Unicamp (1995 a 2011)*. Tese (Doutorado) – Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

RANGEL, Antônio Barbosa. *Antônio Rangel (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

REAL, Gisele Cristina Martins. A prática como componente curricular: o que isso significa na prática? *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v. 2, n. 5, p.48-62, mai./ago., 2012.

REEVES, S; ALBERT, M.; KUPER, A.; HODGES, B.. Why use theories in qualitative research? *BMJ*, 337: 631-634, 2008.

REIS, Jayme Werner dos. *Jayme dos Reis I (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. *Alberto Reppold Filho (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

\_\_\_\_; TORRES, Lisiane; CARDOSO, Marco Aurélio Vaz. A Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Internacionalização da Educação Superior. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, número especial, p. 217-238, 2010.

RIBEIRO, Bruno Alvarenga. Algumas Considerações Sobre o Fazer Científico Realizadas a Partir da Análise dos Modelos de Ciência Propostos por Taylor, Wundt e Watson. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23 (2), 92-97 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

RIO GRANDE DO SUL. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. *Ofício-Circular n. 85/87*. 1987.

RODRIGUES, Luiz Oswaldo Carneiro. Publicar mais, ou melhor? O tamanduá olímpico. *RBCE*, v. 29, n. 1, 2007.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Relação Ensino-Pesquisa: em discussão a formação do Profissional da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.3 n.5 out., 2002.

ROMANI, Jacqueline Pitangui. O Conselho Nacional de Pesquisas e institucionalização da Pesquisa Científica no Brasil. In: SCHWARTZMAN, Simon. *Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*, Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982.

ROSA, Suely; LETA, Jacqueline. Tendências atuais da pesquisa Brasileira em Educação Física: parte 1: uma análise a partir de periódicos nacionais. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, v. 24, n. 1, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Tendências atuais da pesquisa brasileira em Educação Física. Parte 2: a heterogeneidade epistemológica nos programas de pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 25, n. 1, mar. 2011.

ROSE, Nikolas. Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do Biocapital. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida*. Rio Grande: FURG, 2011.

ROTHEN, José Carlos. Os bastidores da reforma universitária de 1968. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 103, p. 453-475, maio/ago. 2008.

SANTIN, Silvino. A respeito de comentários. *Movimento*, ano 2, n. 2, jun. 1995.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. Novas abordagens no campo do currículo. Em Aberto, Brasília, ano 12, n. 58, abr./jun. 1993a.

\_\_\_\_\_. *Poder e conhecimento: a constituição do saber pedagógico*. Trabalho apresentado na XVI Reunião Anual da ANPED, Caxambu, set. 1993b.

SANTOS, Rodrigo Alves dos. *Do Professor de literatura ao formador de leitores críticos de textos literários: um estudo sobre a (re) invenção do professor de língua portuguesa para o trabalho com a leitura literária no novo Ensino Médio*. Tese (Doutorado) – Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SANTOS, Sílvia R.. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica. *Jornal de Pediatria*, vol. 75, n. 6, 1999.

SANTOS, Vera Mendes dos. *Nascimento dos cadernos escolares: um dispositivo de muitas faces*. Dissertação (Mestrado) – Educação e Cultura, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SCHULER, Betina. *VEREDITO - Escola, inclusão, justiça restaurativa e experiência de si*. Tese (Doutorado) – Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Currículo em suas Dobras de Poder, Saber e Verdade: o que escondem e contam dos modos de subjetivação*. Dissertação (Mestrado) - Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.



SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p. 187-192, 2000.

SÉRGIO, Manuel. *Para uma epistemologia da motricidade humana (prolegómenos a uma nova ciência do homem)*. 2º ed., Lisboa: Compendium, 1994.

SILVA, Ana Márcia et al. A formação profissional em Educação Física e o processo político social. *Pensar a Prática*, v. 12, n. 2, ago. 2009.

SILVA, André Calil e; ZAMBONI, Milton José. Educação Física, Esporte e Cultura no Ensino Superior: íntimas relações com o Brasil e a atualidade. *Motriz*, v. 16, n. 4, 2010.

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís; RODRIGUES JÚNIOR, José Carlos. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. *Educação em Revista*, n. 48, p. 37-60, dez. 2008.

SILVA, Élcio Oliveira da. Restrição e extensão do conhecimento nas disciplinas científicas do ensino médio: nuances de uma “epistemologia de fronteiras”. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 4, n. 1, pp. 51-72, 1999.

SILVA, Marcelo Moraes e. *Entre a ilha deserta e o arquipélago: mapeamentos e cartografias das masculinidades produzidas nas aulas de educação física*. Dissertação (Mestrado) – Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008a.

SILVA, Richéli Timm dos Passos da. *Universidade e Atividade de Pesquisa: limites e possibilidades na Potencialização da Responsabilidade Social e Política*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SILVA, Rose Meri Santos da. *O discurso da vulnerabilidade social e os processos de constituição dos sujeitos asemantizáveis*. Dissertação (Mestrado) – Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2008b.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documento de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da educação e pedagogia crítica em tempos pós-modernos*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. *Produzindo narrativas (en)gendrando currículo: subjetivação de professoras e a invenção da ESEF/Pelotas*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 2008.

\_\_\_\_; *et al.* Escola de formação de "professoras": as relações de gênero no currículo superior de Educação Física. *RBCE*, v. 33, n. 4, 2011.

SGUISSARDI, Valdemar. Produtivismo acadêmico. In: OLIVEIRA, Dalila A.; DUARTE, Adriana M. C.; VIEIRA, Lívia M. F.. (Orgs.). *Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente*. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010.

\_\_\_\_. A avaliação defensiva no "modelo CAPES de avaliação" - É possível conciliar avaliação educativa com processos de regulação e controle do Estado? *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 49-88, jan/jun. 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, 2003.

SOARES JÚNIOR, Néri Emilio. *O lugar da pesquisa no currículo da formação inicial dos professores da Educação Física*. Dissertação (Mestrado) - Educação, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2010.

\_\_\_\_. A pesquisa no currículo de um curso de formação inicial dos professores de Educação Física. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-12, jan./abr., 2011.

\_\_\_\_; BORGES, Lívia Freitas Fonseca. A pesquisa na formação inicial dos professores de Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 169-186, abr./jun., 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Circular SBPC/RS n. 05/87*. 1987.

SOCIEDADE DE MEDICINA DESPORTIVA. *Comunicado da Sociedade de Medicina Desportiva*. Convite para o VIII Congresso Brasileiro de Medicina Desportiva e II Simpósio Internacional de Medicina Desportiva. 1987.

SOUZA, Ana Márcia de. A Ciência e a Técnica nas Sociedades Industriais Modernas: uma reflexão sobre a Educação Física. *RBCE*, v. 14, n. 3, maio, 1993.

SOUZA, Antônio Reguete Monteiro de. *Da desumanização e da norma: a construção social das noções de vadio e vagabundo em meio às atribuições da fabricação do Estado-Nação no Brasil (1870-1900)*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Francisco Jean; SOUZA NETO, Samuel de. A Revista Brasileira de Ciências do Esporte e a formação profissional em Educação Física. *Revista Digital EF Deportes*, Buenos Aires, ano 11, n. 103, dez., 2006.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma sociologia da produção científica no campo acadêmico da Educação Física no Brasil. *Motriz*, v. 17, n. 2, p. 349-360, jun. 2011.

SOUZA E SILVA, Rossana Valéria de. *Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisando suas pesquisas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1990.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física na cultura escolar: o que é um componente curricular? *In: CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção*. Vitória, ES: PROTEORIA, 2001.

SOUZA NETO, Samuel de *et al.* A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. *RBCE*, v. 25, n. 2, p. 113-128, 2004.

STIGGER, Marco Paulo. *Marco Stigger (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010a.

\_\_\_\_ *et al.* Revista Movimento: análise dos sentidos e da repercussão de um periódico que "se faz" no campo da Educação Física brasileira. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, Número Especial, p. 113-154, 2010b.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Currículo, formação profissional na educação física & esporte e campos de trabalho em expansão: antagonismos e contradições da prática social. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 1997.

\_\_\_\_; ESCOBAR, *Micheli Ortega*. Mas, afinal, o que é Educação Física?: um exemplo do simplismo intelectual. *Movimento*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 1994.

TANI, Go. Os desafios da Pós-Graduação em Educação Física. *RBCE*, v. 22, n. 1, set. 2000.

\_\_\_\_. Cinesiologia, Educação Física e Esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1996.

\_\_\_\_. Perspectivas da educação física como disciplina acadêmica. *In: Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física*. Volume II. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, p. 02-12, 1989.

TEIXEIRA, André Ferreira. *Resgatando a trajetória do PET-ESEF-UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS/PROPESQ. 1998.

TEIXEIRA, Fabiano Augusto; MARINHO, Alcyane. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. *Motriz*, v. 16, n. 3, 2010.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação, *Lua Nova*, São Paulo, v. 81, p. 215-248, 2010.

TORRES, Lisiane; GAYA, Adroaldo. A produção científica referenciada à Educação Física escolar do PPGCMH/UFRGS. XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v. 20, p. 339-43, set. 2006.

TRUSZ, Rodrigo Augusto; NUNES, Alexandre Velly. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, jan./abr. 2007.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, v. 39, n. 3, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho Universitário. *Circular n. 11/92*. Porto Alegre, 1992.

\_\_\_\_\_. *Catálogo de Cursos de Graduação: Docentes/Disciplinas*, v. 3, 1987a.

\_\_\_\_\_. *Catálogo de Cursos de Graduação: Educação Física 0.045*. Guia Acadêmico, v. 1, 1987b.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. Comissão de Carreira. *Ata da COMCAR n. 02/87*. Porto Alegre, 1987c.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. Comissão de Carreira. *Ata da COMCAR n. 03/87*. Porto Alegre, 1987d.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. Comissão de Carreira. *Ata da COMCAR n. 06/87*. Porto Alegre, 1987e.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Livro de Atas da COMCAR 1971-1977*. Porto Alegre, 1977.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968-1985*. Porto Alegre, 1985a.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993*. Porto Alegre, 1993.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS 1983-1992*. Porto Alegre, 1992.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Livro de Atas do Departamento de Ginástica e Recreação 1976-1986*. Porto Alegre, 1986.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. Departamento de Ginástica e Recreação. Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física. *Relatório da primeira reunião*. Porto Alegre, 1985b.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. Departamento de Ginástica e Recreação. Comissão de Estudos para Implantação do Curso de Mestrado em Educação Física. *Relatório de reuniões do período de abril e maio de 1985*. Porto Alegre, 1985c.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. Departamento de Ginástica e Recreação. *Relatório do Curso de Especialização em Lazer e Recreação de 1982*. Porto Alegre, 1983.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Ofício ESEF n. 232/62*. Porto Alegre, 1962.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Ofício ESEF n. 136/63*. Porto Alegre, 1963.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Educação Física. *Regimento do Laboratório de Pesquisa do Exercício – LAPEX*. Porto Alegre, [S.d.].

\_\_\_\_\_. *Estudos e Proposta sobre a Reformulação do Estatuto da UFRGS*. Porto Alegre, 1987f.

\_\_\_\_\_. *Ofício-Circular n. 034/87-DP*. Porto Alegre, 1987g.

\_\_\_\_\_. *Resolução UFRGS n. 46/88*. Regras para progressão funcional. Porto Alegre, 1988.

UNESCO. *Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción*. Paris, 1998. Disponível em: <[http://www.unesco.org/education/educprog/wche/declaration\\_spa.htm#marco](http://www.unesco.org/education/educprog/wche/declaration_spa.htm#marco)> . Acesso em: 14 mai. 2014.

VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a Relação Ensino-Pesquisa na Formação Inicial em Educação Física. *Motrivivência*, ano XX , n. 30, p. 76-90 Jun., 2008

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. *Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, [34], p. 83 - 94, set./dez., 2009.*

\_\_\_\_\_. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. *A ordem das disciplinas*. Tese (Doutorado) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

VELOZO, Emerson Luís. Educação física, ciência e cultura. *RBCE*, v. 31, n. 3, p. 79-93, mai. 2010.

\_\_\_\_\_. Educação Física e epistemologia: a cientificidade como uma dimensão cultural. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2007. *Anais*. Recife, Pernambuco, 2007.

\_\_\_\_\_; ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo. 10 anos de Colóquios de Epistemologia da Educação Física do CBCE. In: GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; VELOZO, Emerson Luís. *Epistemologia, Ensino e Crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2013.

VILAS BOAS, Crisoston Tertio. *Para Ler Michel Foucault*. 1ª Edição: 1993: Imprensa Universitária da UFOP 2ª Edição: Eletrônica, p. 12-13, 2002.

WACHS, Felipe. *Funções sanitárias projetadas nos currículos da Educação Física: estudo a partir da disciplina de Higiene no ensino de graduação*. Tese (Doutorado) - Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

\_\_\_\_ et al. *Percursos Distintos de Homens e Mulheres na Formação Superior em Educação Física: um estudo de caso a partir das alterações curriculares dos 70 anos de ESEF/UFRGS*. *Currículo sem Fronteiras*, v. 14, n. 1, p. 203-225, jan./abr. 2014.

WALKERDINE, Valerie. Developmental psychology and the child-centred pedagogy: the insertion of Piaget into early education, In: HENRIQUES, Julien et al. *Changing the subject*. London: Methuen, 1984.

WEXLER, Philip. *Social analysis of education: after the new Sociology*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1987.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. *Como aprender e ensinar competências*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro. *Ética e Práticas Sociais Contemporâneas: A Educação Escolarizada e a Constituição do Agente Moral*. Dissertação (Mestrado) – Educação, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004.

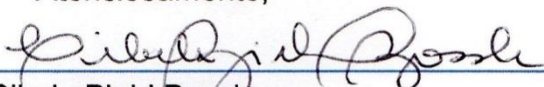
**ANEXO 01 - CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Prezado Diretor Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho,

Eu, Cibele Biehl Bossle, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS, sob a orientação do Prof. Dr. Alex Branco Fraga, venho por meio desta, solicitar autorização para realizar a coleta de dados para a minha tese nas instalações da Escola de Educação Física da UFRGS.

O estudo intitulado *“A emergência da pesquisa como componente curricular na formação inicial em Educação Física da ESEF/UFRGS: um estudo genealógico”* tem como objetivo compreender as condições de possibilidade para a emergência da pesquisa como componente curricular na formação inicial em Educação Física da ESEF/UFRGS no ano de 1987. Para tanto, solicito acesso a documentos oficiais disponíveis nas instalações da Escola, tais como: documentos históricos, depoimentos do Acervo de Entrevistas sobre Esporte e Educação Física do Centro de Memória do Esporte (CEME), currículos, livros de atas, diários de classe, históricos escolares, boletins, ofícios, circulares, regulamentos, projetos de curso, ementas de disciplinas, planos de ensino e demais documentos que possam contribuir com a temática do estudo. Ainda, solicito permissão para fotografar esses documentos. A coleta dos dados será realizada por mim e não acarretará em nenhum prejuízo ao bom funcionamento da ESEF/UFRGS.

Atenciosamente,

  
Cibele Biehl Bossle

De acordo,

  
Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho, Diretor da ESEF/UFRGS

---



**APÊNDICE A:****Locais de Busca por Documentos na ESEF/UFRGS**

1. **Biblioteca Edgar Sperb e Revista Movimento**
2. **Containers**
3. **LAPEX**
4. **CEME**
5. **PPGCMH**
6. **DEFI**
7. **COMGRAD**



## APÊNDICE B:

### Depoimentos do Acervo de Entrevistas do CEME

Nome do depoente/ Função	Endereço eletrônico/PDF	Projeto/Acervo/ temática	Data	Referência/Informações /Citações Importantes
<b>Adriana Alves (2005)</b>  Aluna	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50035/000729654.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50035/000729654.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 07 mai. 2013	Garimpando memórias – ESEF 65 anos	09/03/2005	<b>ALVES, Adriana. <i>Adriana Alves (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.</b>  “O LAPEX, que na minha época também não era aquela estrutura toda que é. (...) para quem está lá dentro hoje acredito que a parte científica seja muito mais forte” (ALVES, 2005, p. 06-07).
<b>Adroaldo Cezar Araujo Gaya (2008)</b>  Docente ESEF/UFRGS Estagiário do LAPEX Diretor LAPEX Aluno	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50043/000729668.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50043/000729668.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 08 jun. 2013	Garimpando memórias – ESEF 65 anos	26/04/2005	<b>GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. <i>Adroaldo Gaya (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</b>  INGRESSOU NA ESEF COMO ALUNO EM 1971.  “O LAPEX na realidade trouxe essa nova visão da pesquisa, da preocupação com a pesquisa. E o De Rose enviou para o Rio de Janeiro um grupo de professores que iam fazer um curso de pesquisadores em educação física. Este curso era feito na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o Dr. Maurício da Rocha. Nesse grupo fui eu, o Guimarães, o Ricardo e mais outros colegas, que formaram o primeiro grupo de alunos que se ligaram à pesquisa aqui na ESEF, no LAPEX. Realmente a coisa mudou bastante, começou a pesquisa, começaram os primeiros trabalhos a serem feitos. O LAPEX era um dos laboratórios equipados do Brasil inteiro, o De Rose, com todo conhecimento que ele tinha e com toda a influência que ele tinha – política também – conseguiu várias coisas para cá. Acho que nesse momento a ESEF muda um pouquinho... De uma questão mais técnica para uma questão mais científica” (GAYA, 2008, p. 05).  COMENTÁRIO SOBRE A PRIMEIRA GRANDE MUDANÇA DO CURRÍCULO (1987, POIS FECHA COM O DEPOIMENTO DO CASSEL): “Quando houve a primeira modificação de currículo, foi uma discussão ampla aqui na Escola, com os estudantes, os professores, várias assembleias, várias reuniões, que se fez a primeira modificação do currículo (...). Essa foi a primeira vez que surgiram cadeiras opcionais/eletivas, o aluno podia escolher as cadeiras. Foi a primeira grande mudança de currículo, e esse movimento eu acho que nunca mais teve outro igual, tamanho envolvimento, os debates...Vinha muito aquela questão: “A minha disciplina, a minha disciplina, não aumenta”. Muito debate! Realmente foi feito coletivamente esse currículo, foi um grande avanço para aquela época (...)” (GAYA 2008, p. 13).  DISPUTA COM OS MÉDICOS: “Eu fiz parte da primeira e segunda diretoria que rompeu com o poder dos médicos (...). Nós éramos escravos de duas corporações: ou a medicina ou o quartel. Escapava do quartel, caía na medicina. E, curiosamente, quando nós vamos migrando para a parte mais científica, quem assume o comando da EF é a Medicina Esportiva, não é? De Rose, Victor Matsudo, vários outros médicos que começaram a fazer a formação mais científica”. RELATO DA TOMADA DO PODER DA EF NO CBCE (GAYA, 2008, p 18).  “A pesquisa foi exatamente quando surgiu o LAPEX, o primeiro centro de pesquisa e a partir daí começou a aparecer a perspectiva dos cursos de especialização e as tentativas sistemáticas de criar o mestrado. (...) Aí havia a briga: Que mestrado? Levou muito tempo para discutir se o mestrado seria em Medicina Esportiva ou se seria Educação Física. Claro, se fosse Medicina Esportiva, os professores ficavam fora, se fosse Educação Física, os médicos ficavam fora. E a luta era por poder, porque realmente havia lutas políticas poderosas entre essas duas forças. E aí...Ciências do Movimento Humano,

				<p>exatamente para poder pegar tanto os médicos, quanto os professores. Claro que a partir daí aconteceu, se multiplicaram os professores doutores e hoje o Programa não tem nenhum médico no corpo docente” (GAYA, 2008, p. 20).</p> <p>PRIMEIRA LEVA DE PROFESSORES MANDADOS PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO PARA OS EUA PARA FAZER MESTRADO – GUIMARÃES, RICARDO E FORTUNA (DA ESEF):  “Foram vinte e dois professores de EF de todo o Brasil que foram para os Estados Unidos e que constituiu a primeira leva de pessoas que voltaram com a incumbência de implantar a pesquisa na EF. (...) E hoje está consolidado, quer dizer, nós temos grandes Universidades, grandes grupos de pesquisa, nossos laboratórios super equipados e boa produção científica. Nós temos professores aí bem conhecidos no Brasil e fora do Brasil também” (GAYA, 2008, p. 21).</p>
<p><b>Alberto Reinaldo Reppold Filho (2008)</b></p> <p><b>Docente ESEF/UFRGS</b>  <b>Diretor ESEF/UFRGS</b>  <b>Aluno</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50016/000729054.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50016/000729054.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 09 jun. 2013.</p>	<p>Garimpando memórias/ ESEF 65 anos</p>	<p>21/06/2004</p>	<p><b>REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. <i>Alberto Reppold Filho (depoimento, 2004)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</b></p> <p>BETÃO – ALUNO DA ESEF NOS ANOS 1980 – “Era a reformulação do currículo dos cursos que acabou culminando com a nova legislação em 87, isso foi durante todos os anos 80 e os estudantes estavam muito preocupados com as questões do currículo, Isso era muito importante para nós” (REPPOLD FILHO, 2008, p. 07).</p> <p>MUDANÇA DO INTERESSE DA PRÁTICA PARA A TEORIA:  “(…) a gente deu mais ênfase na questão teórica e a criação de espaços para aulas teóricas foi muito importante, a própria preocupação com a biblioteca já expressa isso também. Quer dizer, uma preocupação com uma formação intelectual maior do que se tinha antes e, não há dúvida, uma redução do próprio currículo da quantidade das aulas práticas. Eu poderia retratar isso, inclusive no próprio material. Acho que o nosso material hoje, no geral, para os esportes, talvez não seja mais em tanta quantidade e com tanta diversidade talvez como nós tivéssemos antes, porque antes, por exemplo: arco, aros, bastões, aquelas bolas, todos aqueles materiais para atletismo, isso era muito importante porque a prática desempenhava um papel fundamental para nós. Então a gente precisava ter quase que um material para cada duas pessoas ou quase individual e depois isso passou a assumir um papel menor, a tal ponto que várias práticas que a gente fazia naquela época, por exemplo, salto com vara, arremesso de martelo, essas coisas, acho que elas nem existem mais no nosso currículo enquanto práticas sistematizadas”. (REPPOLD FILHO, 2008, p. 14).</p> <p>COMEÇOU A DAR AULA NA ESEF EM 1984 NA ESPECIALIZAÇÃO.</p> <p>LUTA POLÍTICA PARA DESBANCAR OS MÉDICOS – CONSTITUIÇÃO DE CHAPA PARA ELEIÇÃO:  “(…) “participaram técnicos, participaram estudantes e participaram professores e nós tínhamos um projeto que era um projeto coletivo de instituição. E esse talvez tenha sido, na minha experiência particular, a experiência mais rica política que eu pude participar na minha trajetória na ESEF, foi a constituição desse grupo para configurar a ESEF de outra maneira” (REPPOLD FILHO, 2008, p. 24).</p>
<p><b>Alberto Ramos Bischoff (2007)</b></p> <p><b>Técnico-Administrat</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50046/000729747.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50046/000729747.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 23 mai. 2013.</p>	<p>Garimpando memórias/ ESEF 65 anos</p>	<p>12/05/2005</p>	<p><b>BISCHOFF, Alberto Ramos. <i>Alberto Bischoff (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.</b></p> <p>CENTRO OLÍMPICO X ESEF:  O Centro Olímpico “tinha uma situação privilegiadíssima em função de recursos financeiros e a Escola como um todo, tinha uma situação bem delicada. As instalações da Escola eram bem críticas (...)” (BISCHOFF, 2007, p. 07).</p> <p>PROJETOS DE EXTENSÃO COMO FORMA DE ARRECADAÇÃO FINANCEIRA PARA BENFEITORIAS NA ESCOLA (BISCHOFF, 2007, p. 13).</p>
<p><b>Antônio</b></p>	<p>Disponível em:</p>	<p>Garimpando</p>	<p>02/09/</p>	<p><b>RANGEL, Antônio Barbosa. <i>Antônio Rangel (depoimento,</i></b></p>

<p><b>Barbosa Rangel (2008)</b></p> <p><b>Docente ESEF</b></p>	<p>&lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50020/000729069.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50020/000729069.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 02 jun. 2013.</p>	<p>memórias/ ESEF 65 anos</p>	<p>2004</p>	<p><b>2004). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</b></p> <p>“Eles tinham dinheiro e a Escola não tinha” - CENTRO OLÍMPICO X ESCOLA (RANGEL, 2008, p. 14).</p> <p>“Foi criado o LAPEX, De Rose. Aí começou a funcionar a pesquisa e a pesquisa cresceu mais ainda, com a implantação do mestrado. Inicialmente, a especialização também era muito forte já nesta época e depois veio o mestrado e agora o doutorado” (RANGEL, 2008, p. 17).</p>
<p><b>Arno Black (2007)</b></p> <p><b>Docente ESEF Aluno</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50037/000729657.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50037/000729657.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 22 jun. 2013.</p>	<p>Garimpando memórias/ ESEF 65 anos</p>	<p>01/03/ 2005</p>	<p><b>BLACK, Arno. Arno Black (depoimento, 2005). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.</b></p> <p>“Também cresceu o conhecimento, nós tínhamos o laboratório, começamos a explorar mais a fisiologia” (BLACK, 2007, p. 19).</p> <p>1970 – (...) “o regime militar gratificou seis capitais brasileiras com uma nova ESEF. Inclusive com laboratório de pesquisa que o De Rose começou” (BLACK, 2007, p. 12).</p> <p>(...) “a primeira grande mudança na ESEF, foi quando nós nos desvincilhamos dos médicos. Os médicos mandavam na ESEF quando eu fui aluno, os médicos dominavam aqui, o professor Targa era uma raridade, mas é que ele vinha do Exército, ele era general reformado, não sei o que ele era. Era uma raridade, porque normalmente aqui eram os médicos. (...) o primeiro grande passo que a ESEF deu para crescer foi se desvincilhar do jugo médico. Havia só médicos, médicos e médicos aqui, todos...Não eram maus professores, mas atrapalhava a ESEF como ESEF, como uma Escola ligada ao esporte e a educação e todas essas coisas” (BLACK, 2007, p. 18-19).</p> <p><b>FORMAÇÃO PARA SER ATLETA, NÃO PROFESSOR:</b> (...) “nós não éramos treinados para sermos professores, nós éramos treinados para ser atletas e não professor” (p. 27). “A gente dominava tudo (...) judô, boxe, ataque e defesa, basquete, vôlei, atletismo, natação, tênis e ginástica, ginástica olímpica, essas coisas, dominava tudo, quer dizer, não tinha dificuldade. Agora ensinar é outra coisa, ensinar. E, nós não éramos ensinados para ensinar, nós éramos treinados para repetir, nós éramos repetidores daqueles que nos fizeram” (BLACK, 2007, p. 27-28).</p>
<p><b>Cláudio Luiz Garcia (2005)</b></p> <p><b>Técnico Administ</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50013/000729046.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50013/000729046.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 20 mai. 2013.</p>	<p>Garimpando memórias /Federalização-Setores Administrativos</p>	<p>15/06/ 2004</p>	<p><b>GARCIA, Cláudio Luiz. Cláudio Garcia (depoimento, 2004). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.</b></p> <p>(...) “a pouca pesquisa que existia, era feita no laboratório” (...) (GARCIA, 2005, p. 06) – FALANDO DO PERÍODO APÓS SUA ENTRADA NA ESCOLA, 1973.</p> <p><b>PERFIL DO ALUNO NOS ANOS 1970:</b> “O perfil do aluno, era um perfil de aluno mais voltado ao esporte. Quase todos eles praticavam dois ou três esportes. Quem não praticasse dois ou três esportes, não entrava na Escola, porque tinham testes físicos. Esses testes se compunham de teste de atletismo, de salto até, mas tinha também teste de toque de bola. Por exemplo tinha testes para saber movimentos básicos de vôlei, de basquete, de futebol. Tu tinhas que saber natação inclusive, tu tinhas que saber nadar pelo menos um estilo dos dois: crawl ou costas. Então, não era qualquer aluno que entrava aqui. tu tinhas que ter um perfil esportivo” ((GARCIA, 2005, p. 08).</p> <p><b>PERFIL DO PROFESSOR:</b> “Era raro o professor que tinha o curso de mestrado, então, mais um traço do perfil do professor, poucos deles tinham especialização inclusive, a maioria deles tinha só o curso de graduação” (GARCIA, 2005, p. 10).</p> <p>“Começou a se dar ênfase a uma política de pós-graduação, que veio do governo militar. (...) Houve uma política de incentivo à pós-graduação, então, o que começou a acontecer, por exemplo, eu me lembro que no final da década de 70, quando o professor Alduíno e o professor Arno assumiram a Escola, como</p>

				<p>diretor e vice, respectivamente...Por que eles assumiram? Eles vieram da Alemanha com curso de mestrado, que até então era uma coisa fora do comum” (GARCIA, 2005, p. 11).</p> <p>- SAÍDA DOS PROFESSORES PARA FAZER MESTRADO E DOUTORADO (p. 11).</p> <p>- PERFIL DO PROFESSOR – DE UM CONHECIMENTO MAIS TÉCNICO PARA UM CONHECIMENTO MAIS INTELECTUAL (p. 12).</p>
<p><b>Edson Bemvenuti (2010)</b></p> <p><b>Aluno</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/111/000852823.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/111/000852823.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 20 jun. 2013.</p>	<p>Garimpendo memórias/ ESEF 70 Anos - Diretório Acadêmico</p>	<p>23/11/2010</p>	<p><b>BEMVENUTI, Edson. <i>Edson Bevenuti (depoimento, 2010)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</b></p> <p>IMAGEM DO PEFI:  “até na época tinha como até hoje tem, vamos dizer assim, isso ainda é preservado, aquela imagem do professor e da professora de EF como alguém que a parte intelectual não se desenvolve. Só se desenvolve músculo. (...) antigamente, o profissional de Educação Física não pensava. Até hoje vocês devem passar por isso. Vocês andam por aí e dizem que tem Anatomia, os caras se admiram: ‘O que? Anatomia em EF?’. Tem lá Psicologia, Sociologia...’Isso não existe em EF. Para que? Para ensinar os outros a jogar bola, não preciso disso” (BEMVENUTI, 2010, p. 08).</p> <p>FEDERALIZAÇÃO DA ESEF:  (...) “havia certa resistência da UFRGS acolher a EF porque, por tradição, a EF era um curso técnico, antigamente. Depois passou para Escola Superior e esse nosso “ESEF” que temos aí é justamente por isso: frisar o Superior. Então, como iriam trazer a EF? Só iria desprestigiar os outros cursos. Tinha certa resistência tanto por alunos como pela própria Reitoria e professores” (BEMVENUTI, 2010, p 15).</p> <p>(...) “menos valia da EF” (...) (BEMVENUTI, 2010, p. 20).</p>
<p><b>Eduardo Henrique De Rose (2007)</b></p> <p><b>Médico na ESEF/UFRGS</b>  <b>Diretor ESEF/UFRGS</b>  <b>Diretor LAPEX</b>  <b>Docente</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50041/000729664.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50041/000729664.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em:</p>	<p>Garimpendo memórias /ESEF 65 anos</p>	<p>14/04/2005</p>	<p><b>DE ROSE, Eduardo Henrique. <i>Eduardo De Rose (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.</b></p> <p>EM 1971 O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA DECIDIU CRIAR 5 LABORATÓRIOS BRASILEIROS DE MEDICINA DO ESPORTE. DE ROSE ELABOROU UM PROJETO PARA DISPUTAR UM DESSES LABORATÓRIOS PELA ESEF. O PROJETO DA ESEF FOI ESCOLHIDO E “[...] a Escola recebeu uma verba bastante grande para fazer esse laboratório, que era o LAPEX – Laboratório de Pesquisa do Exercício – inaugurado em torno de 73, por aí. Em agosto de 73, professor Targa ainda era professor da Escola, o professor Jayme Werner dos Reis era vice-diretor e eu pedi ao Jayme que me indicasse alguns alunos para eu começar a preparar para trabalhar no laboratório. [...] A equipe básica do LAPEX, no seu início foi composta basicamente pelos professores Antônio Guimarães, Ricardo Petersen, Adroaldo Gaya, Luiz Biazus, Newton Fortuna, pelo Dr. Belmar Andrade, pelo Jorge Pinto Ribeiro” [...] (DE ROSE, 2005, p. 05).</p> <p>LAPEX X Escola – diferenças orçamentárias (p. 08)  Relato de problemas com Bugre Lucena: “E, dentro sempre de um comportamento ético, mas de uma diferença de opinião normal, comum e corrente, o meu grande problema na Escola foi o professor Bugre Lucena, que era vice-diretor, era uma cara muito sincero, muito bacana e ele dizia: ‘Não, médico comigo não tem vez!’ E me chutava de todo jeito que podia, abertamente, não era uma coisa assim política, era uma posição dele, pessoal dele, que eu respeito” (DE ROSE, 2005, p. 08).</p> <p>“Eu penso realmente que a pesquisa em termos de publicação surge com o nascimento do LAPEX e entra muito forte na Escola depois de 1985 e principalmente depois do Mestrado” (DE ROSE, 2005, p.10).</p>
<p><b>Francisco Camargo Netto (2010)</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50041/000729664.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50041/000729664.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em:</p>	<p>Garimpendo memórias /ESEF 65 anos</p>	<p>08/03/2005</p>	<p><b>CAMARGO NETTO, Francisco. <i>Francisco Camargo Netto (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</b></p>

<p><b>Docente ESEF/UFRGS</b> 1º Coord. do Curso de Pós-Graduação</p>	<p><a href="#">3/50055/000733638.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 04 jul. 2013.</p>			<p>“[...] existia a prática, a prova prática para ingressar na Faculdade. Quem não passasse nessa prova ficaria de fora, não fazia nem o vestibular escrito. [...] Por exemplo, numa prova de natação: quem não cruzasse aquela piscina de 25 metros em 30 segundos, mais ou menos isso, não seria aprovado. Então, quem fizesse 30 segundos e 5 décimos ficaria de fora. [...] quem não arremessasse a pelota com a mão direita e esquerda também não seria aprovado. E assim por diante. Veja bem quantas coisas se fazia na época, erradamente, no intuito de qualificar melhor o quadro de alunos. Mas é uma aberração” (CAMARGO NETO, 2010, p. 08).</p> <p>MUDANÇA DO PERFIL DO PROFESSOR DA ESEF: “Um perfil mais pesquisador e menos prático” [...] Tem alguns que tem uma boa qualificação como professor-doutor, mas, frente ao aluno no dia a dia, ele tem muita dificuldade e isso nos leva a creditar que nem sempre tu ser doutor ou pesquisador te dá competência para trabalhar dentro de uma Escola de Educação Física. Mas o jogo é esse” (CAMARGO NETO, 2010, p. 08).</p> <p>MUDANÇA DO CURRÍCULO EM 1987: “O currículo de 66 foi mudado em 87. Em 87 também a transição foi muito bem feita, já com a participação dos novos professores que são os doutores atuais. Mas houve uma mudança bem interessante sem trauma também. [...] naquela época a Escola estava estruturada da seguinte maneira: tinha a direção, o colegiado da instituição, tinha dois departamentos e, nessa época, nós tínhamos o que chamávamos de currículo mínimo, em 66. Tinha as disciplinas básicas obrigatórias a serem desenvolvidas na Escola. Envolvia ginástica, natação, higiene, anatomia, fisiologia, uma série de disciplinas obrigatórias. Nós tínhamos um hall de disciplinas obrigatórias. Podendo ter mais algumas disciplinas fora aquelas. E, quando houve a reforma, o objetivo era tirar essa obrigatoriedade e ter um currículo único para o Brasil todo. O objetivo era respeitar as características regionais. Então se manteve uma estrutura em 87 que dava a oportunidade que o aluno fizesse uma série de disciplinas inovadoras que foram criadas, implantadas, sem perder também algumas daquelas do passado. Inclusive, essa transição foi muito interessante porque também o aluno não ficou prejudicado. Teve reconhecido aquilo que já tinha feito. Ele não tinha que fazer de novo, só foi se adaptando ao novo currículo. [...] foi feito com muita tranquilidade e realmente facilitou muito para a faculdade de Educação Física. Outro aspecto era que, na época, era formar muito mais o professor atleta. E depois passou a se formar um professor generalista, com objetivo de um bom atendimento, mais amplo. Esse foi uma das grandes vantagens desse novo currículo e foi muito bem feito pelos professores, esses que colaboraram bastante” (CAMARGO NETO, 2010, p. 08-09).</p> <p>RELATO SOBRE OS DEBATES QUE RESULTARAM NO FIM DA PROVA PRÁTICA PARA INGRESSO NA ESEF: “Se forjava um indivíduo que fosse um Adonis, um Atlas, um super-homem, vamos dizer assim. Professor de educação física tinha que ser realmente um atleta. Essa era a ideia. Mas o corpo era muito mais valorizado na época. O professor de educação física tinha que vender saúde, vender a ideia da profissão dele através do próprio corpo. Esquecia que podia vender a mesma ideia através da inteligência, do bom trabalho, de uma boa formação cultural” (CAMARGO NETO, 2010, p. 22).</p> <p>PESQUISA NA ESEF: “A pesquisa aconteceu com o De Rose que era o único que tinha uma visão mais abrangente. Depois com os professores mais novos que fizeram mestrado e doutorado e quando nós criamos o curso de mestrado. [...] Em 75 eu criei o primeiro curso de especialização lato sensu da Escola nessa época mais recente, porque antes também houve alguns cursos, mas muito esporádico” (CAMARGO NETO, 2010, p. 23).</p>
<p><b>Helena Alves D’Azevedo II (2010)</b>  <b>Docente</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/50065">http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/50065</a>&gt;. Acesso em: 21</p>	<p>Garimpando memórias</p>	<p>06/05/2010</p>	<p><b>D’AZEVEDO, Helena Alves. <i>Helena D’Azevedo II (depoimento)</i>, 2010. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</b></p> <p>PESQUISA NO CENTRO NATATÓRIO: “Ela é sazonal”</p>

ESEF/UFRGS	jun. 2013.			(D'AZEVEDO, 2010, p. 17).  CENTRO OLÍMPICO X ESCOLA  DISCIPLINAS DEIXANDO DE SER OBRIGATÓRIAS: "Eu acho que a natação foi muito forte na ESEF até o fim da década de 1980 e ela veio caindo. (...) ...acho que foi na direção do Guimarães, que eles decidiram que a natação se tornaria eletiva. Eu quase morri, me deu uma dor aqui (...) Tornou-se eletiva, só fundamentos e o fundamentos era para ensinar os quatro estilos e agora a gente sabe que só ensina dois. Então, vai tudo diminuindo e acho que é isso que faz ficar tão pobre". (D'AZEVEDO, 2010, p. 18-19).
Henrique Felipe Bonnet Licht III (2008)	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50122/000851360.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50122/000851360.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 05 jun. 2013.	Garimpendo memórias /ESEF 65 anos	29/06/2005	<b>LICHT, Henrique Felipe Bonnet. <i>Henrique Licht III (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</b>  "Instalações muito precárias, mas graças à habilidade do De Rose foi sempre vitorioso, sempre criativo. Tinha muitas amizades ele gradativamente foi instalando o LAPEX e consolidando a nível nacional e internacional" (LICHT, 2008, p. 11).
Jaime Werner dos Reis I (2010)  Docente ESEF/UFRGS	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50062/000745220.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50062/000745220.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 13 jun. 2013.	Garimpendo memórias/ Centro Olímpico	2004	<b>REIS, Jayme Werner dos. <i>Jayme dos Reis I (depoimento, 2004)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</b>  "Essa estrutura toda que o Centro Olímpico montou aqui era para, em benefício da Escola. A gente queria montar aqui o melhor centro esportivo assim do sul do país. A gente quase conseguiu. Aí a piscina começou a ser a galinha dos ovos de ouro. Fonte de renda" (REIS, 2010, p. 17).
Jorge Pinto Ribeiro (2012)  Médico, Estagiário do LAPEX, Docente ESEF/UFRGS Diretor do LAPEX	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56135/000860390.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56135/000860390.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 05 jun. 2013.	Garimpendo memórias/ LAPEX; Pós-Graduação	18/06/2012	<b>RIBEIRO, Jorge Pinto. <i>Jorge Pinto Ribeiro (depoimento, 2012)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2012.</b>  INICIA NA ESEF EM 1975 COMO ESTAGIÁRIO DO LAPEX A CONVITE DO DE ROSE e indicado pelo Jaime Werner dos Reis. "Sendo médico e LAPEX sendo uma área exatamente multiprofissional havia naquele momento uma geração de alunos de Educação Física e também de alunos de Medicina que começavam a trabalhar naquele meio" (RIBEIRO, 2012, p. 01).  DE ROSE ENVIOU ESTUDANTES PARA ESTÁGIOS EM LABORATÓRIOS INTERNACIONAIS (P.05).  JPR – ESTAGIOU EM: ROMA, COLÔNIA, ESTOCOLMO E JYVÄSKYLÄ (FINLÂNDIA). "Então foram quatro estágios curtos, para me expor a várias formas de avaliação de atletas e de pesquisa. Eu diria que esses estágios se pode dividir em duas experiências distintas: a primeira experiência tinha a avaliação de atletas, que seria em Roma e em Colônia, e a segunda experiência de pesquisa fundada em Fisiologia do Exercício" (RIBEIRO, 2012, p. 05).  EM 1980 FOI CONTRATADO COMO PROFESSOR DA ESEF E FOI TRABALHAR NO LAPEX (P. 07).  SAÍDA DA EQUIPE DO LAPEX DE 1981 ATÉ 1985 PARA ESTUDAR NO EXTERIOR – "é um período que o LAPEX esvaziou porque muita gente saiu ao mesmo tempo" (RIBEIRO, 2012, p. 07-08).  NO INÍCIO DO LAPEX HAVIAM SOMENTE PESSOAS SEM FORMAÇÃO ACADÊMICA (P. 04-05), MAS COM O RETORNO DO JP RIBEIRO, DE ROSE, GUIMARÃES, PETERSEN E FORTUNA DO EXTERIOR (DOUTORADO) ISSO MUDA: "Mas quando nós voltamos, nós reestruturamos o LAPEX e aí já em outro cenário. Já em um cenário com pessoas com formação acadêmica completa (...)" (RIBEIRO, 2012, p. 08).  RIBEIRO FOI DIRETOR DO LAPEX DE 1986 ATÉ 1992 (p. 10).  INÍCIO DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSO 1989 –

				<p>“Foi um início complexo, como são todas as coisas na ESEF, ao contrário de uma Faculdade de Medicina que eu conheço profundamente, onde só existe uma linguagem, se chama linguagem biológica (...). A EF é multidisciplinar e as técnicas de pesquisa, as técnicas de ensino de aprendizagem são distintas. E esse é um conflito que existe há muitos anos dentro da ESEF, existe agora, naquela época era pior e havia muita disputa entre essas áreas, uma falta de entendimento. Acho que hoje as pessoas que lideram são capazes de entender a multidisciplinaridade e se respeitar, mas isso continua sendo um desafio para a EF” (RIBEIRO, 2012, p. 09).</p> <p>“Bom, nesse período, acho que o pós-graduação começou devagar e como toda pós-graduação com suas dificuldades mas com esse desafio da integração de coisas distintas, muitas disputas políticas, disputas de poder. A disputa de poder é muito boa porque gera alternância de poder, mas na ESEF particularmente, isso atingiu limites que não são compatíveis com a Universidade porque ultrapassou os limites da academia e entrou na político partidária e isso é muito ruim” (RIBEIRO, 2012, p. 10).</p>
<b>Lino Castellani Filho (2012)</b>	Disponível em: < <a href="http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67787/000874057.pdf?sequence=1">http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67787/000874057.pdf?sequence=1</a> >	Garimpendo memórias/ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte	25/07/2012	<p><b>CASTELLANI FILHO, Lino. <i>Lino Castellani Filho (depoimento, 2012)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2012.</b></p> <p>INÍCIO DO CBCE VINCULADO AOS MÉDICOS (MATSUDO) E À IDEIA DE CIÊNCIA BIOMÉDICA. PRIMEIRAS DIRETORIAS – PERFIL BIOMÉDICO. GESTÃO DA CELI DEMARCOU A RUPTURA DO CBCE COM A COMPREENSÃO DA CIÊNCIA COMO BIOMÉDICA E INÍCIO DAS HUMANIDADES. MÉDICOS SE RETIRAM DO CBCE QUANDO PERDEM O CONTROLE (A PRESIDÊNCIA) DA ENTIDADE.</p>
<b>Lúcia Maria Nery Rosito (2010)</b>  <b>Técnica-administ.</b>	Disponível em: < <a href="http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50064/000745222.pdf?sequence=1">http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50064/000745222.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 21 jun. 2013.	Garimpendo memórias/ Centro Olímpico	05/05/2010	<p><b>ROSITO, Lúcia Maria Nery. <i>Lúcia Rosito (depoimento, 2010)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</b></p> <p>CENTRO NATATÓRIO X ESCOLA O CENTRO NATATÓRIO TINHA DINHEIRO, ASSIM COMO HOJE “o pós é o primo rico da ESEF” (ROSITO, 2010, p. 10)</p>
<b>Luiz Fernando Martins Krueel (2010)</b>  <b>Docente ESEF/UFRGS</b>	Disponível em: < <a href="http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/118/000852422.pdf?sequence=1">http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/118/000852422.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 05 jun. 2013.	Garimpendo memórias/ Centro Olímpico	06/05/2010	<p><b>KRUEEL, Luiz Fernando Martins. <i>Luiz Krueel (depoimento, 2010)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</b></p> <p>CENTRO OLÍMPICO X ESCOLA CENTRO OLÍMPICO TINHA UMA DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA BEM MAIOR QUE A DA ESEF (p. 12).</p>
<b>Luiz Fernando Ribeiro Moraes (2007)</b>  <b>Docente ESEF/UFRGS</b>	Disponível em: < <a href="http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50014/000729047.pdf?sequence=1">http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50014/000729047.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 21 jun. 2013.	Garimpendo memórias /ESEF 65 anos	07/07/2004	<p>PERFIL DOS PROFESSORES NA ÉPCA EM QUE ELE ERA ALUNO: (...) “eles eram muito pouco reflexivos sobre a prática que faziam. Era uma prática do desporto, era uma repetição do desporto, uma repetição do treinador. Se faz, se executa, mas não se reflete sobre ela, sobre qual é a importância dela” (MORAES, 2007, p. 06).</p> <p>PESQUISA NA ESEF/UFRGS: (...) “a pesquisa ela começou quando eu era aluno da Escola, início dos anos 70 – que é o início do LAPEX. (...) As primeiras ideias de pesquisa vieram daí, do LAPEX (MORAES, 2007, p. 12).” (...) “a pesquisa vai um pouco por esse lado da formação que tinha como finalidade uma questão profissional, de progressão funcional e profissional, dentro da Universidade e para nós, para mim, que estava entrando era uma forma de poder fazer um concurso e ganhar pontos no concurso” (MORAES, 2007, p. 12-13). “Tem gente que está envolvida diretamente com a pós-graduação, aí tem que fazer pesquisa, tem que publicar, então, eu diria que nós ainda nos dividimos, entre os que fazem pesquisa e os que não fazem pesquisa, os que publicam e os que não publicam” (...) (MORAES, 2007, p. 13).</p>

				APARTIR DO CASSEL COMO DIRETOR A ESEF PASSA A SE INTEGRAR MAIS DENTRO DA UFRGS, ANTES “a ESEF só estava na Universidade, mas ela não fazia parte da Universidade” (MORAES, 2007, p. 16).
<b>Marco Paulo Stigger (2010a)</b>  <b>Docente ESEF/UFRGS Técnico-Administrat. Aluno</b>	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50076/000758223.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50076/000758223.pdf?sequence=1</a> >	Garimpendo memórias/ Centro Olímpico	03/05/2010	<b>STIGGER, Marco Paulo. <i>Marco Stigger (depoimento, 2010). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010a.</i></b>  - “Basicamente, todo mundo era aprender a fazer. Era uma pedagogia de: tu sabes fazer, vai saber ensinar. (...) Não me lembro de debate pedagógico naquela época. Não existia o debate acadêmico. Era aprender a fazer. O bom cara era o bom executante” (STIGGER, 2010a, p. 04) - (FALANDO DA FORMAÇÃO DELE NA ESCOLA – 1975-1977).  - CENTRO OLÍMPICO X ESCOLA  - “Não sei se o laboratório tem alguma demanda sobre intervir na política científica da Escola. Mas eu acho que não. Ele é muito mais que um prédio. É um prédio que tem a função precípua de dar condições do professor fazer pesquisa” (STIGGER, 2010a, p. 19).
<b>Mário Cesar Cassel (2010)</b>  <b>Diretor ESEF/UFRGS 1984-1988, Docente ESEF/UFRGS</b>	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50058/000734874.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50058/000734874.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 05 jun. 2013.	Garimpendo memórias/ Diretorio Acadêmico	04/05/2005	<b>CASSEL, Mário Cesar. <i>Mário Cassel (depoimento, 2005). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</i></b>  MUDANÇA DO CURRÍCULO EM 1987 – CURRÍCULO MAIS ABERTO COM DISCIPLINAS OPTATIVAS. A JUSTIFICATIVA: ALUNOS NÃO SE FORMAVAM POR NÃO CONSEGUIR REALIZAR AS DISCIPLINAS ESPORTIVAS COMO NATAÇÃO E SALTO COM VARA (CASSEL, 2010, p. 12).  CENTRO OLÍMPICO X ESCOLA  ORGANIZAÇÃO DA NOVA BIBLIOTECA  MUDANÇA/MELHORIA DO ORÇAMENTO DA ESCOLA EM 1986 E OCUPAÇÃO DE ESPAÇO/REPRESENTATIVIDADE NA UNIVERSIDADE – CINCO MEMBROS NO CONSELHO DA UNIVERSIDADE (p. 16).  REUNIÃO EM UMA ÚNICA COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO, POIS HAVIA INTERESSE EM COLOCAR CURSO DE MESTRADO NA ESCOLA (p. 17).  INSTITUIÇÃO DE COMISSÃO PARA ESTUDAR A VINDA DO MESTRADO INTEGRADA POR LÊNIA GAELZER, PETERSEN, GUIMARÃES, DE ROSE, CAMARGO NETO (p. 17-18).  APROVAÇÃO DO MESTRADO EM 06/12/1988 PELA CÂMARA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (p. 18).  EM 1987 O CURSO PASSOU PARA 04 ANOS E PASSOU A SER ABERTO – O ALUNO FAZIA O CURRÍCULO (p. 18).  EM 1988 FORAM EXTINTAS AS PROVAS PRÁTICAS PARA INGRESSO NA ESCOLA – PRIMEIRO VINHAM AS PROVAS PRÁTICAS DEPOIS AS TEÓRICAS E SE PERDIA MUITO ALUNO (p. 18).  1985 – SEMINÁRIO SOBRE PESQUISA EM EF E CIÊNCIA DO ESPORTE “como um pré-requisito para pensarmos nosso mestrado” (CASSEL, 2010, p. 18).
<b>Mário Roberto Generosi Brauner (2007)</b>  <b>Docente ESEF/UFRGS</b>	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50030/000729643.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50030/000729643.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em: 06 jun. 2013.	Garimpendo memórias /ESEF 65 anos	24/11/2004	<b>BRAUNER, Mário Roberto Generosi. <i>Mário Brauner (depoimento, 2004). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.</i></b>  “Desde muito tempo, a Escola teve algumas divisões políticas, já faz muito tempo que existe toda uma resistência contra os médicos e nós tivemos aqui médicos importantes como professores, alguns chegaram a exercer cargos administrativos. Quem criou o laboratório aqui, o LAPEX, foi o De Rose que chegou à direção; alguns militares também foram diretores, alguns médicos foram diretores, então, eu acho que o professor



				<p>Bugre Lucena, foi um dos pioneiros no movimento de tentar resgatar a EF para os profissionais de EF" (BRAUNER, 2004, p. 10).</p> <p>FOCO DA ESCOLA DIRIGIDO PARA PÓS-GRADUAÇÃO E NÃO MAIS PARA A GRADUAÇÃO:  “(…) a escola teve um ‘boom’ aí de capacitação dos professores, no início dos anos 90”. RELATO DOS PROFESSORES SAINDO DO BRASIL PARA DOUTORADO. “E o que tem acontecido com o pessoal que volta, normalmente eles mudam de área, eles ficam com o pé muito longe da graduação, voltam, fazem seus projetos e até é uma maneira de crescer profissionalmente, academicamente, mas cada vez mais a graduação está em mãos de professores substitutos (…)” (BRAUNER, 2004,p. 15).</p>
<p><b>Mauro Marczwski (2010)</b></p> <p><b>Aluno ESEF</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/110/000852187.pdf?sequence=1">http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/110/000852187.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 20 jun. 2013.</p>	<p>Garimpendo memórias /ESEF 70 Anos – Federalização</p>	<p>19/11/2010</p>	<p><b>MARCZWSKI, Mauro. <i>Mauro Marczwski (depoimento, 2010). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</i></b></p> <p>FOI ALUNO ANTES DA FEDERALIZAÇÃO</p> <p>“E as provas práticas então, eram: havia corrida, individual com voleibol, individual com bola de basquete, individual com bola de futebol, exercício de força, de coordenação, provas de natação, então, era exatamente, para dizer assim, uma sequência de toda parte esportiva, daquilo que seria cobrado no decorrer das futuras aulas” (MARCZWSKI, 2010, p. 05).</p> <p>RELATOU QUE, NA ÉPOCA EM QUE ERA ALUNO, OS PROFESSORES DIZIAM QUE A FEDERALIZAÇÃO IRIA MUDAR A ESCOLA PARA MELHOR: “Primeira coisa a questão funcional eles passariam a ser professores e funcionários de um órgão federal, a questão material: teriam verbas maiores, a ESEF teria condições de crescer como escola em questão de espaço físico de aproveitamento desse espaço físico” (...) (MARCZWSKI, 2010, p. 12).</p> <p>ESEF DANDO MENOS ÊNFASE PARA A TÉCNICA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS: “Eu às vezes percebo, ele vai apitar uma partida e não sabe apitar, ele não sabe segurar um apito, mas como é que a ESEF não ensinou ele? Não ensinou a regra do jogo? Eu acho que fugiu um pouquinho essa área, e entrou para uma área mais acadêmica da pesquisa, da busca do novo, nós não, nós tínhamos que saber a regra toda do basquete, toda do vôlei (...) (MARCZWSKI, 2010, p. 13).</p> <p>(...) “a diferença que a gente sente hoje é que tínhamos que entrar quase como atletas, o atleta era bem vindo na ESEF na ocasião” (MARCZWSKI, 2010, p. 14).</p>
<p><b>Paulo Gilberto de Oliveira e Elizabeth Teresinha D’andrea de Oliveira (2008)</b></p> <p><b>Paulo: Docente ESEF/UFRGS Diretor ESEF/UFRGS Aluno</b></p> <p><b>Elizabeth: Docente ESEF/UFRGS Aluna</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50057/000734871.pdf?sequence=1">http://www.lum.e.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50057/000734871.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 22 jun. 2013.</p>	<p>Garimpendo memórias /ESEF 65 anos</p>	<p>18/01/2005</p>	<p><b>OLIVEIRA, Paulo Gilberto; OLIVEIRA, Elizabeth Teresinha D’andrea de. <i>Paulo de Oliveira e Elizabeth de Oliveira (depoimento, 2005). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</i></b></p> <p>PAULO É O “CARIOCA”</p> <p>PAULO - “Hoje em dia, a parte prática é muito menor, é mínima. Eu tive, por exemplo, atletismo, judô, remo, natação, basquete, vôlei, futebol, boxe, todos os esportes praticamente a gente tinha. A parte teórica era menor” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008, p. 07).</p> <p>PAULO - “A Escola começou a ser muito teórica. Terminaram muito as matérias práticas” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008, p. 28).</p> <p>ELIZABETH – “O pessoal todo está querendo fazer pesquisa, aí eles vão colocar seus alunos a fazer pesquisa, eles vão fazer pesquisa e o orientador coloca o nome porque a pesquisa é dele e eu me pergunto: ‘Quem é que vai dar aula?’” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008, p. 29).</p> <p>PAULO FALANDO DA ÉPOCA EM QUE ERAM ALUNOS DA ESEF – “Na nossa época, era exageradamente prática. (...) A</p>

<p><b>Ricardo Demétrio de Souza Petersen (2008)</b></p> <p><b>Diretor ESEF/UFRGS</b>  <b>Diretor LAPEX</b>  <b>Docente ESEF/UFRGS</b>  <b>Estagiário LAPEX</b>  <b>Aluno</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lum.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50028/000729639.pdf?sequence=1">http://www.lum.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50028/000729639.pdf?sequence=1</a>&gt;</p>	<p>Garimpendo memórias / LAPEX; Direção; Pós-Graduação</p>	<p>10/11/2004</p>	<p>nossa parte teórica ficou devendo muito..." (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008, p. 29).</p> <p><b>PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. <i>Ricardo Petersen (depoimento, 2004)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</b></p> <p>ENVOLVIMENTO COM A ESEF QUANDO ERA ALUNO - JAIME W. DOS REIS INDICOU O PETERSEN PARA O DE ROSE PARA "participar de um curso de formação de pesquisadores no Rio de Janeiro, no Laboratório do Doutor Maurício leal Rocha, porque, naquele momento, estava sendo criado o LAPEX. Então o Doutor De Rose precisava de alguns alunos da escola e alguns médicos que participaram da criação do LAPEX" (PETERSEN, 2008, p. 04).</p> <p>DEPOIS DE FORMADO PERMANECEU TRABALHANDO NO LAPEX E DEPOIS ASSUMIU COMO PROFESSOR SUBSTITUTO (P. 05).</p> <p>FOI O PRIMEIRO PHD DA ESCOLA EM 1984.</p> <p>DIRETOR CASSEL PEDIU QUE PETERSEN MANDASSE O PROJETO PARA O CURSO DE MESTRADO – FOI CRIADA UMA COMISSÃO PARA IMPLANTAÇÃO DO MESTRADO: "Era o professor Jorge Ribeiro, o professor Francisco Camargo Neto, a professora Lênea Gaelzer, esses professores, porque todos nós tínhamos ou nível docência ou doutorado. A professora Lênea e o professor Camargo tinham nível docência e o professor Jorge Pinto Ribeiro tinha doutorado, eu tinha doutorado também. Bom, e essa comissão não funcionou muito bem. Acabamos implantando o mestrado não mais na gestão do professor Cassel, mas na gestão do professor De Rose, professor Carioca. O Paulo Gilberto que era o diretor, o carioca. Então foi implantado o mestrado. Fui presidente da comissão, conseguimos implantar o mestrado em 1989. Bom, e daí, eu acho que isso foi um marco importante para a escola. Porque nós passamos a fazer parte da pós-graduação <i>stricto sensu</i> da universidade. [...] o projeto do mestrado e a implantação do mestrado motivaram muito as pessoas a saírem para fazer o doutorado" (PETERSEN, 2008, p. 07).</p> <p>MOTIVAÇÃO PARA CRIAÇÃO DO MESTRADO: TRADIÇÃO DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO E "Além disso, na minha opinião, o laboratório, o LAPEX, foi sempre um grande motivador. Eu, por exemplo, achava que não poderia mais trabalhar no laboratório se eu não tivesse uma formação para a pesquisa. Então por isso que eu fui fazer também o meu mestrado. E outros professores o Guimarães, por exemplo, o Fortuna que estava envolvido com o laboratório diretamente, outros colegas que estiveram no laboratório participaram da criação. Também fizeram mestrado e doutorado. [...] Já tinham condições de ter um programa de mestrado e isso nos levou a propor esse programa. Quer dizer, eu vejo que foi um crescimento quase que natural da Escola. Nós somos uma unidade da universidade, nós temos especialização, bastante experiência com a especialização, mas não basta só isso. Nós temos que partir agora para um pós-graduação <i>stricto sensu</i>" (PETERSEN, 2008, p. 05).</p> <p>LAPEX – "o laboratório foi um grande fator de motivação para a pós-graduação" (PETERSEN, 2008, p. 09).</p> <p>..."essa ênfase para a pesquisa, isso foi com o LAPEX" (PETERSEN, 2008, p. 09).</p> <p>..."o laboratório gradativamente foi sendo assumido por professores de educação física e hoje ele é, totalmente, eu diria assim, é coordenado e quem faz pesquisa lá dentro são os professores de educação física" (PETERSEN, 2008, p. 10).</p> <p>DIFICULDADES ORÇAMENTÁRIAS DA ESCOLA: "Porque antes era assim, queimava a lâmpada na escola, tinha que mandar pedir para a universidade e aí tu entrava na fila. Demorava às vezes um mês, dois meses, três meses, para vir alguém trocar as lâmpadas" (PETERSEN, 2008, p. 16).</p>
--	---	--	-------------------	---

				<p>“Foram cinco ou seis alunos convidados para trabalhar no laboratório e que eram alunos, vamos dizer assim, que faziam pesquisa e o resto nem entrava no laboratório” (PETERSEN, 2008, p. 17).</p> <p>“Os testes não tinham nenhum embasamento científico, era o que os professores na época achavam” (PETERSEN, 2008, p. 18).</p>
<p><b>Rosalia Pomar Camargo (2007)</b></p> <p><b>Bibliotecária ESEF/UFRGS</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50045/000729671.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50045/000729671.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 05 mai. 2013.</p>	<p>Garimpendo memórias /Escola de Educação Física</p>	<p>04/05/2005</p>	<p><b>CAMARGO, Rosalia Pomar. <i>Rosalia Camargo (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.</b></p> <p>MUDANÇA DA BIBLIOTECA PARA O PRÉDIO NOVO EM 1987 (p. 05). DIFICULDADES EM CONSEGUIR DINHEIRO PARA A BIBLIOTECA (p. 06). DOAÇÕES DE LIVROS, VERBA DE MULTAS USADAS PARA COMPRAR LIVROS E PROJETOS PARA CONSEGUIR VERBA JUNTO À UNIVERSIDADE (p. 07).</p>
<p><b>Vera Lúcia da Silva Oliveira, Vera Maria Ferreira e Maria Alice Garcia Kroeff (2010)</b></p> <p><b>Alunas</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/196/000852699.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/196/000852699.pdf?sequence=1</a>&gt;. Acesso em: 09 jun. 2013.</p>	<p>Garimpendo memórias /ESEF 70 Anos – Federalização</p>	<p>12/11/2010</p>	<p><b>OLIVEIRA, Vera Lúcia da Silva; FERREIRA, Vera Maria; KROEFF Maria Alice Garcia. <i>Vera Oliveira, Vera Ferreira e Maria Kroeff (depoimento, 2010)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.</b></p> <p>Todas iniciaram como alunas na ESEF em 1968.</p> <p>Vera Maria Ferreira – “O preconceito era grande. Ainda hoje o professor de EF é considerado como aquela pessoa que não teve capacidade de fazer outro curso. (...) Então vai cursar EF. Também se ouvia na época, que tinha músculo na cabeça. Enquanto os outros tem cérebro, ele tem músculo...Esse tipo de coisa. (...) só para concluir a ideia: em 1976 eu fui procurar um mestrado em educação para fazer uma reflexão sobre a EF. O meu tema era a EF. O tema não foi aceito. Ou seja, não era importante. Ai eu pensei: ‘Bom, eu vou provar que sou gente para entrar’. Então eu fiz pedagogia. (...) Infelizmente para ter autoridade para falar de EF, tive de estar referendada pelo curso de Pedagogia, só aí vem o reconhecimento, mas as disputas ficam maiores. É uma briga muito grande e árdua. No entanto, embora temos que considerar que entramos numa Escola que nos requisitou enquanto atletas, porque os testes físicos que fizemos em várias modalidades nos pediam um índice, senão não conseguimos entrar” (OLIVEIRA; FERREIRA; KROEFF, 2010, p. 13-14).</p>
<p><b>Vicente Molina Neto (2008)</b></p> <p><b>Docente ESEF/UFRGS</b> <b>Diretor ESEF/UFRGS</b> <b>Diretor do LAPEX</b> <b>Coordenador do PPGCMH</b> <b>Aluno</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50044/000729670.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50044/000729670.pdf?sequence=1</a>&gt;</p>	<p>Garimpendo memórias /ESEF 65 anos</p>	<p>28/04/2005</p>	<p><b>MOLINA NETO, Vicente. <i>Vicente Molina Neto (depoimento, 2005)</i>. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</b></p> <p>FOI ALUNO NA ESEF DE 1972 ATÉ 1975 E INICIOU COMO PROFESSOR EM 1990.</p> <p>PROVA PRÁTICA PARA INGRESSO NA ESEF: “Arremesso de pelota, ritmo, natação, prova de corrida de fundo, salto em altura, salto em distância. Era uma série de provas” (MOLINA NETO, 2008, p. 07).</p> <p>“Então, quando nós entramos aqui, a ESEF toda, era preparada exatamente para que o sujeito aprendesse as técnicas corporais. Mas eram instalações muito precárias” (MOLINA NETO, 2008, p. 08).</p> <p>“A pesquisa começa com 76 ou 75. 76 com o início do LAPEX, com a medição das dobras cutâneas. Isso é o início da pesquisa. Aqui se media dobra cutânea de tudo quanto era jeito, era engraçado até. Mas, na nossa época, era científico aquilo, era...Tu vê, era e continua sendo. Mas isso quer dizer que era a moda científica da época. Era medir VO2 na esteira, aquela antiga que está lá no LAPEX e dobra cutânea. O resto não existia nada e era uma minoria que fazia”. (MOLINA NETO, 2008, p. 09).</p> <p>PERFIL DO ALUNO QUANDO INGRESSOU COMO ALUNO NA ESCOLA: “E era aquele perfil assim do sujeito que tinha alguma afinidade com o esporte. Era um sujeito que já tinha uma</p>

				<p>vivência esportiva em algum lugar, em alguma instituição e que então, vinha para a Escola de Educação Física para legitimar esse perfil que ele já tinha e adquirir um pouco mais. Naquela época, a gente era preparado para ser técnico desportivo, ir para as escolas formar times [...]” (MOLINA NETO, 2008, p. 09).</p> <p>SENTIU A MUDANÇA DO PERFIL DO ALUNO QUANDO INGRESSOU COMO PROFESSOR: “Depois, quando eu comecei a dar aula aqui, a gente já via alguns alunos com muita informação, com um nível cultural bastante alto, não só aquele vinculado à cultura esportiva, mas com outras possibilidades” (MOLINA NETO, 2008, p. 10).</p> <p>PERFIL DOS PROFESSORES QUANDO ERA ALUNO: “Eram correspondentes ao que se exigia na época dos professores de educação física. Eram pessoas que dominavam muito bem as especificidades das suas disciplinas. Então assim, o professor de natação era um exímio nadador, o professor de ginástica era um exímio ginasta” (MOLINA NETO, 2008, p. 10).</p> <p>“[...] no final dos anos 70, houve vários concursos para os professores e ela começou a mudar esse perfil, acompanhou, de certa forma, as mudanças que a educação física foi sofrendo em nível nacional. Então isso tudo que a literatura, da história da educação física, da reflexão crítica que foi feita nos anos 80, que se passou, aconteceu aqui na Escola de Educação Física [...]. A ESEF começava a mudar, a pesquisa começou a captar um novo perfil de alunos. Os alunos começaram a ter outros interesses que não eram, que não era só dar aula de educação física nas escolas. Mas também havia outras possibilidades, isso os professores e alunos também” (MOLINA NETO, 2008, p. 13).</p> <p>A PESQUISA NA ESEF: “[...] ela começa a se realizar com o Laboratório de Pesquisa do Exercício” (MOLINA NETO, 2008, p. 13).</p> <p>SOBRE O DIAGNÓSTICO DE EF NO BRASIL DO LAMARTINI PEREIRA DA COSTA: “Foi estudo em todas universidades, uma pesquisa de caráter nacional. Nessa pesquisa, nesse levantamento, ele fez uma constatação: até aquele momento não há pesquisa nas Escolas de EF, não há intercâmbio. E a medicina esportiva que era o padrão de pesquisa, ela era muito rudimentar. [...] nesse livro mesmo, ele começa a antecipar a criação de alguns laboratórios de pesquisa do exercício e ele diz lá que isso poderá alavancar a pesquisa na EF. Que de fato veio a ocorrer. [...] A história do Laboratório de Pesquisa do Exercício, dentro da ESEF, vai ser um organismo científico. [...] quem capitaneava isso [...] era o médico Eduardo De Rose” (MOLINA NETO, 2008, p. 14).</p>
<p><b>Washington Gutierrez (2008)</b></p> <p><b>Docente ESEF</b></p>	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50071/000752340.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50071/000752340.pdf?sequence=1</a>&gt;</p>	<p>Garimpendo memórias/ Diretório Acadêmico</p>	<p>04/06/2005</p>	<p><b>GUTIERRES, Washington. <i>Washington Gutierrez (depoimento, 2005). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIAS DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.</i></b></p> <p>Associação dos Especializados em Educação Física é a antiga APEF (WASHINGTON, 2008, p. 07).</p>

## APÊNDICE C:

### Atas da ESEF/UFRGS

Ata/Data	Onde foi registrada	Informações relevantes
Ata n. 131/72.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	- Explanação do Dr. De Rose (convidado especial) sobre o "funcionamento do futuro 'Laboratório de Estudo do Exercício', que deverá ser instalado na ESEF com verbas básicas do DED. A congregação, ouvido o exposto, resolve criar o Departamento de Pesquisa e Laboratório de Estudo do Exercício, ficando o prof. De Rose encarregado de apresentar regimento próprio" (p. 39). - Convênio da AEEFD com a ESEF (p. 39).
Reunião Conjunta da Congregação e Conselho Departamental de 09/03/1977.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	"O prof. Bugre pediu a palavra e expôs sua idéia de que a Medicina Desportiva estaria tomando conta dos esportes com suas técnicas de condicionamento, etc... À Educação Física caberia a ginástica de colegiais, os jogos estudantis, etc... e os esportes estariam passando cada vez mais para as mãos da Medicina Desportiva" (p. 42).
Reunião da Congregação de 19/03/1980.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	Disputas sobre a nomeação/destituição da comissão dos cursos de pós-graduação.
Reunião da Congregação de 31/03/1980.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	Disputas sobre a nomeação/destituição da comissão dos cursos de pós-graduação.
Reunião da Congregação de 28/08/1981.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	CONVÊNIO DO LAPEX COM ASSOCIAÇÃO CRISTA DE MOÇOS: funcionários, associados e atletas da ACM seriam atendidos em programas de avaliação funcional e os recursos oriundos dessa prestação de serviços seriam "aplicados preferencialmente no laboratório em função dos altos custos operacionais dos equipamentos lá existentes" (p. 72B).
Reunião da Congregação de 07/11/1983.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	- Formação da comissão encarregada por analisar o "Projeto de Regimento Interno do LAPEX" (p. 83B).
Reunião da Congregação de 21/11/1984.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	- Exame do Projeto de Regimento Interno do LAPEX.
Reunião da Congregação de 26/11/1984.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	- Análise dos artigos do Projeto de Regimento Interno do LAPEX.
Reunião da Congregação de 18/01/1985.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	- Criação da Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado em EF: Dra. Lenea Gaelzer, Dr. Francisco Camargo Netto e Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen (p. 94B). - Criação da Comissão de Estudos para Implantação do novo currículo do Curso de Licenciatura em EF: Dr. Francisco Camargo Netto, professores Acely Stroher Escobar, Antônio Carlos Stringhini Guimarães e Dina Santiago Correa e um acadêmico a ser designado (p. 94B). - Exame do Projeto de Regimento Interno do LAPEX.
Reunião da Congregação de 21/05/1985.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	- Relato da Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado. - O professor Ricardo Petersen apresentou uma pesquisa de opinião entre os professores da Escola sobre a implantação do mestrado (p. 97). - Relato da Comissão de Estudos do Novo Currículo (p. 98B).
Reunião da Congregação de 27/05/1985.	Livro de Atas da Congregação e do Corpo Docente 1968	- Relatório das atividades da "Comissão de Implantação do Novo Currículo" (p.98B). - Apreciação do andamento do projeto do Regimento Interno do LAPEX (p. 99B).
Reunião da Congregação de 05/07/1985.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado em EF – relato do andamento: "A professora Gaelzer disse que agora havia uma proposta, se bem que não definitiva, a respeito do curso de Mestrado. Disse que a proposta surgira naturalmente como decorrência do "Primeiro Seminário de Pesquisa em Educação Física" e havia partido dos próprios professores da Escola" (p. 02).
Reunião da Congregação de 16/08/1985.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Indicação de uma Comissão de Estudos para a criação de um Departamento de Ciências do Esporte (p. 04B). - Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado em EF – relato do andamento.
Reunião da Congregação de 11/11/1985.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Instituto de Fisiologia da Escola Superior de Esportes de Colônia (Alemanha) mostrava interesse em manter intercâmbio com Escola. - Autogestão dos departamentos. - Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado em EF – relato do andamento. Mestrado centrado apenas em uma área. Disputas sobre convite de professores para integrar o corpo docente do Mestrado. Previsão de início do curso no segundo semestre de 1986 ou primeiro semestre de 1987. - A comissão de estudos para a criação de um Departamento de Ciências do Esporte apresentou relatório e comunicou que a Escola receberia repasses maiores de recursos se criasse esse departamento. Havia o interesse do Ministério da Educação em fazer de POA um "centro de excelência" em

		pesquisas de ciências do esporte (p. 06).
Reunião da Congregação de 22/09/1986.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Comissão de Estudos para Implantação do Mestrado – disputas internas sobre quais professores seriam convidados e convite de professor da Faculdade de Educação.
Reunião da Congregação de 29/04/1987.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Reunião especial para análise do projeto do Curso de Mestrado. - Aprovação do projeto pela Congregação.
Reunião da Congregação de 25/05/1987.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Convênio com Colônia – primeiro professor alemão em POA.
Reunião da Congregação de 05/06/1987.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Discussão sobre a continuidade ou não dos testes práticos para o ingresso na Escola. - Estudo do regimento interno do LAPEX.
Reunião da Congregação de 04/08/1987.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Últimas providências tomadas em relação ao projeto do Curso de Mestrado e aprovação do mesmo pela Congregação. - “O professor Guimarães alertou a Congregação para a necessidade de reestudo na sistemática empregada pela Escola no desenvolvimento dos cursos de pós-graduação “lacto sensu”. Argumentou que muito dos conteúdos desenvolvidos pelos cursos de especialização agora, com a implantação do novo currículo a partir desse ano, estavam sendo ministrados nas novas disciplinas do curso de Licenciatura em Educação Física e que portanto havia a necessidade de compatibilização entre a Licenciatura e as especializações” (p. 19). - “O professor Zílio, coordenador da Comissão de Carreira em Educação Física, sugeriu a realização de uma reunião geral do corpo docente com o intuito de analisar a implantação do novo currículo, levantamento de eventuais problemas surgidos com disciplinas e sugestões visando a resolução dos mesmos” (p. 19).
Reunião da Congregação de 11/11/1987.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Primeiro Encontro Nacional da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da EF. - Parecer da Câmara Especial de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRGS sobre o projeto de mestrado. - Reestudo sobre provas práticas.
Reunião da Congregação de 02/06/1988.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- O presidente informou que o projeto do Curso de Mestrado em EF fora aprovado pela Câmara Especial de Pós-Graduação e Pesquisa no dia 31/05. (p. 23B) - Convênio com Colônia. - Votação do relatório final da comissão de estudos sobre os testes físicos (que era contrário à continuação da aplicação dos testes). Votação foi favorável à extinção dos testes após discussão (p. 25). - Nomeação de professor responsável pela publicação de revista pela Escola (p. 26b).
Reunião da Congregação de 11/07/1988.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Publicação de revista científica pela Escola (p. 31).
Reunião da Congregação de 02/08/1988.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Revista científica da Escola (p. 31b).
Reunião da Congregação de 30/09/1988.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Crise orçamentária da UFRGS (p. 35B). - Convênio com Colônia.
Reunião da Congregação de 09/12/1988.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Aprovação final pela Câmara Especial de Pós-Graduação da UFRGS do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano (p. 43B).
Reunião da Congregação de 16/12/1988.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	REALIZAÇÕES DO MANDATO DO CASSEL: Diretor Mário Cesar Cassel relatou, dentre as realizações de seu mandato, que a alteração do currículo do curso de Licenciatura em EF, concretizado em 1987, “colocou a Escola à frente da quase totalidade de co-irmãs pelo Brasil afora” (p. 49). Encaminhamentos para o Curso de Mestrado.
Reunião da Congregação de 25/09/1989.	Livro de Atas da Congregação ESEF/UFRGS 1985-1993	- Professores saindo para doutorado.
n. 146 – 05/04/1983	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de	“Professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães encaminha cópia de um artigo que foi submetido para publicação no periódico americano “Swimming Technique” (p. 01).

		Desportos ESEF/UFRGS	
n. 147 19/04/1983	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Colegiado aprova projeto encaminhado pelo professor Luiz Biazus, título: Estudo Comparativo de testes ergométricos pelo método 'on line' com indivíduos sedentários" (p. 01 b).
n. 149 24/05/1983	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	Professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães envia artigo científico para a revista Medicine and Science in Sports (p. 02 b).
n. 150 01/06/1983	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	Pedidos de redução de carga horária para atividades de pesquisa (p. 03 b).
n. 155/83 16/08/1983	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Colegiado aprova projeto de pesquisa encaminhado pelo professor Acely Strosher Escobar com o título Projeção do filme com referência de correção pré-prática na Aprendizagem de uma Habilidade de Voleibol" (p. 06).
n. 156/83 19/08/1983	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Professor Luiz Biazus encaminha cópia do artigo "Determinação de Lactato através de "Método Micrométrico" submetido à publicação" (p. 07).
n. 167 16/09/1984	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	Professor Escobar comunica que apresentou o relatório da pesquisa realizada na ESEF e aprovada pelo Colegiado do Departamento de título: Um instrumento de medida para avaliar a aprendizagem do arremesso à cesta em basquetebol (p. 12).  [...] "Professora Diva sugere que o colegiado aprecie o fato de que determinados professores que foram contratados exclusivamente para o LAPEX, não atuem na Prática Desportiva" (p. 12 b).
n. 168 26/10/1984	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Professor Adroaldo comunica que terminou a pesquisa sobre Prática Desportiva" (p. 13).
n. 170 12/11/1984	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Com relação à sugestão da professora Diva, sobre os professores contratados exclusivamente para o LAPEX, ficou resolvido pelo chefe de departamento com o ciente do Colegiado de que não há possibilidade legal de executar a solicitação" (p. 14).
n. 171 26/11/1984	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Ofício circular número seis de oitenta e quatro do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina que sediará de quatro a nove de dezembro do corrente ano o "II Circuito Regional de Pesquisa em Educação Física e Desportos"" (p. 14B).
n. 181 02/07/1985	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Professor Paulo Gilberto, chefe do Departamento, comunica que o Professor Elenor Kunz foi contactado por carta para integrar o corpo docente do futuro mestrado, tendo respondido afirmativamente ao convite" (p. 21).
n. 183 03/10/1985	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Professor Jorge Pinto Ribeiro apresenta projeto de pesquisa e pedido de apoio aos órgãos de auxílio à pesquisa" (p. 22).
n. 185 27/11/1985	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"03 - Professor Eduardo Henrique De Rose solicita monitores ou bolsista para pesquisa. 04 - Foram aprovados pelo Colegiado os Cursos de Pós-Graduação à Nível de Especialização em Treinamento Desportivo e Ginástica de Academias [...]" (p. 24).
n. 186 02/12/1985	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"Os pedidos de Bolsa de Estudos no País, dos professores Ricardo Demétrio de Souza Petersen e Antônio Carlos Stringhini Guimarães foram referendados pelo Colegiado" (p. 24).
n. 187 19/12/1985	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	"a) professor Eduardo Henrique De Rose apresenta projeto dos Cursos de Extensão denominados Técnicas Operacionais em Laboratórios de Avaliação Funcional e Ciclo de Conferências em Medicina do Esporte. b) Colegiado aprova Curso de Extensão Universitária denominado Técnicas Operacionais em Laboratórios de Avaliação Funcional, com período de realização de maio a

			<p>novembro de mil novecentos e oitenta e seis (1986). c) Colegiado aprova o Curso de Especialização de Ciências em Medicina do Esporte, porém solicita que os coordenadores da COMCAR/EFI e Pós-Graduação ESEF sejam informados do horário do mesmo, visto o curso ser realizado diurnamente” (p. 25).</p> <p>“Foi também aprovado por unanimidade pelo Colegiado o Curso de Extensão em Condicionamento Físico apresentado pelo professor Fortuna” (p. 25).</p>
n. 196 09/07/1986	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>“Foi aprovada pelo Colegiado a prorrogação da pesquisa e redução da carga horária para o II semestre de mil novecentos e oitenta e seis (1986) do professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães, tendo o Colegiado resolvido que os professores em pesquisa devem apresentar um relatório semestral” (p. 31).</p>
n. 197 07/08/1986	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>“Alterações Currículo da Escola ESEF: Colegiado sugere troca de disciplinas entre os dois Departamentos, ficando a disciplina no Departamento em que o professor esteja lotado” (p. 31).</p>
n. 218 30/12/1987	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>“Aprovação dos Cursos de Pós-Graduação em Medicina do Esporte e Treinamento Desportivo conforme solicitação do professor Krueel, com a modificação a partir de agosto (1988) mil novecentos e oitenta e oito, que o Curso de medicina seja aberto para outros profissionais além dos médicos” (p. 45).</p> <p>“Aprovação de redução de horário 50% cinquenta por cento para pesquisa do professor De Rose” (p. 45).</p>
n. 227 11/10/1988	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>Pedido de redução de carga horaria do prof. Alberto Reppold Filho por estar realizando pesquisa - concedido.</p>
n. 233 13/03/1989	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>“Pedido de aprovação do Curso de medicina do Esporte e Ciências do Movimento Humano do ano de mil novecentos e oitenta e nove oferecido a profissionais da área da saúde, mediante comprovação de Diploma de Graduação, foi aprovado com cinco votos a favor e uma abstenção. O professor Krueel votou a favor da aprovação do Curso, mas é contrário ao professor de educação Física não receber o título de Especialista em Medicina do Esporte, mesmo fazendo todas as disciplinas oferecidas no Curso que concede esse título” (p. 54B-55).</p>
n. 246 05/12/89	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>Notícia do Ofício-Circular n.134 de 1989 da PROPESP, que encaminha Programa de Bolsas de Iniciação Científica. Somente professores com titulação mínima de mestre poderia ter seus alunos incluídos no programa.</p>
n. 247 22/12/1989	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>Aprovação dos relatórios dos seguintes cursos de extensão: Treinamento de Alto Nível em Natação; Técnicas Operacionais em Laboratório de Avaliação Funcional; Medicina do Esporte.</p> <p>Aprovação de projeto de especialização em Medicina e Ciências do Esporte.</p> <p>Pedidos de afastamento de professores para cursar mestrado e doutorado.</p>
n. 248 28/12/1989	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>Escassez de verbas – polêmica sobre a cobrança de taxas para cursos no Centro Olímpico.</p> <p>Relatório do curso de extensão em Condicionamento Físico.</p> <p>Relatório do seminário do curso de Formação Profissional em EF.</p> <p>“Diante da emoção que possuía o orador...” (p. 72).</p>
n. 249 09/04/1990	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>Diante das reclamações dos alunos em relação ao excesso de exercícios de aulas práticas ministradas por um professor da Escola, o professor Cassel comentou: “a pesar da filosofia diferenciada em cada modalidade esportiva, não cabe à Escola Superior de Educação Física formar “atletas” o que seria encargo das academias” (p. 73-73B).</p> <p>Comissão Didática.</p>
n. 251 20/04/1990	-	Livro de Atas do Colegiado do Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>Pedido de afastamento do prof. Jorge Pinto Ribeiro para participar do American College of Spots Medicine como apresentador de tema livre.</p> <p>Curso de Extensão em voleibol.</p> <p>Notícia sobre reunião geral de professores com a comissão de Carreira para avaliação do currículo implantado em 1987.</p>
n. 252 27/04/1990	-	Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>Visita do Reitor da UFRGS e participação da reunião.</p> <p>Relato de escassez de verbas.</p> <p>Problemas materiais enfrentados pela Escola.</p>
n. 258 11/12/1990	-	Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	<p>“O Professor Alberto comunicou sua participação no Seminário de Pesquisa em Educação física realizado pela Universidade Federal de Santa Maria, destacando o ótimo nível dos trabalhos desenvolvidos por essa instituição, citando que o exemplo sirva para nossa Escola” (p. 101).</p> <p>“O Professor Krueel aproveitou a oportunidade para comunicar que, neste ano, a Escola saiu do último lugar que vinha ocupando em cursos de extensão realizados pela área biológica, ficando com o segundo lugar, perdendo somente para a Faculdade de Medicina” (p. 101B).</p>



n. 261 20/12/1990	– Departamento de Desportos ESEF/UFRGS	ESCOLA X LAPEX pelos recursos dos cursos de extensão.
Ata n. 02/87	Atas da COMCAR (COMGRAD)	“A seguir, o prof. Alduíno comunicou ter enviado à IIª Câmara um ofício (nº 03/87) alertando para pequenas correções na resolução 01/86 que altera o novo currículo”.
Ata n. 03/87	Atas da COMCAR (COMGRAD)	“Foi lembrado pelo acadêmico Luiz Gustavo a ideia de fazer-se uma reunião geral da ESEF no final do semestre para uma avaliação da implantação do atual currículo, A proposta foi aprovada” (2ª página).
Ata n. 06/87	Atas da COMCAR (COMGRAD)	“j) O coordenador relatou sua participação numa reunião na Delegacia Regional do MEC sobre problemas na implantação do novo currículo dos cursos de Licenciatura em Educação Física. Esclareceu ter ficado com a ideia de que os membros da Delegacia do MEC entendem que as escolas de Educação Física devem optar por Bacharelado ou Licenciatura e que as escolas da grande Porto Alegre deviam buscar um acordo de tal forma que duas oferecessem Licenciatura e outras duas Bacharelado. Na ocasião o professor Alduíno manifestou-se contrário a ideia e entendeu que cada instituição deveria fazer aquilo que melhor atendesse aos seus interesses, inclusive oferecendo Licenciatura e Bacharelado se julgasse oportuno. k) O prof. Alduíno falou da reunião de coordenadores de COMCARs e chefes de departamentos como Grupo de Trabalho das Licenciaturas da UFRGS realizada na Reitoria para uma tomada de posição sobre as ideias existentes no CFE quanto a uma possível alteração de currículo em todos os cursos de Licenciatura do Brasil (p. 2 e 3)”. Metodologia da pesquisa é EFI 205
Ata n. 1, 2, 3 e 4	Atas da COMCAR - CEME	Nas primeiras atas do livro de atas da COMCAR do CEME fica explícita a preocupação da Escola em “enquadrar-se nas determinações da Universidade” (ATA COMCAR n. 2, 28/01/1971, folha 02) - FEDERALIZAÇÃO
Ata n. 212	Atas da COMCAR - CEME	Trabalho apresentado pelo prof Jacinto Targa no congresso Internacional de Educação Física de Jivaskila, Finlândia – Avaliação diagnóstica para os candidatos às escolas de EF. (ATA COMCAR n. 212, agosto, 1976).

## APÊNDICE D:

### Boletins da AEEFD

Número/Data do Boletim da AEEFD do RS	Local onde foi encontrado	Redator/Diretor de Divulgação	Informações relevantes
n. 07 24/10/1965	CEME	Prof. Washington Gutierrez	OFÍCIO AO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO: 2- Federalização da ESEF: Segundo exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Escola deveria ser transformada em Autarquia ou Fundação. O colendo Conselho Estadual de Educação opinou por fundação. O sonho real de todos, entretanto, é a Federalização. Continuam os entendimentos com a Universidade do Rio Grande do Sul para sua agregação. Encarecemos a V. Excia. a necessidade de um apoio nesse sentido e empenho na continuação das obras da Escola paralisadas há três (3) anos (p. 01).
n. 01 de 03/05/1966	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Washington Gutierrez	- Congresso Mundial em Madri. Tema geral: aspectos sociológicos da EF. Um dos temas fundamentais: A investigação científico-sociológica na EF. - Discussões sobre o decreto presidencial que regulamenta o artigo 22 da LDB.
n. 03 de 20/09/1967	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Washington Gutierrez	Primeira página do boletim: "Pesquisas no setor da EF". Cultura física e circuito-treino nas escolas de grau médio: "As Escolas de Educação Física devem realizar pesquisas e observações no sentido de analisar mais profundamente as técnicas e os princípios preconizados pelos sistemas culturistas, de forma a definir quais os recomendáveis e quais os contra-indicados" (p. 01-02).
n. 02 de 1968	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Washington Gutierrez	"[...] recomendação do Congresso de nº 40, vasada nos seguintes termos: 'As Escolas de educação Física deverão empenhar-se no sentido de criar institutos de Desportos, Ginástica e recreação a eles anexos, com a finalidade de estimular pesquisas científicas, concentrar atletas para a preparação desportiva e realizar cursos de aperfeiçoamento ou extensão cultural'" (p. 03).  "É preciso que nossas Escolas e entidades de classe se unam com as ideias de renovação que estejam mais de acordo com as necessidades atuais do País, para que a Educação Física seja cada vez mais prestigiada" (p. 03).  "Nossa Escola nasceu no dia 06 de maio de 1940" (p. 03).
n. 04 de 18/08/1969	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Florianio Monteiro	NOTÍCIAS SOBRE O IV CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE EFI: "Parece que um dos temas principais do mesmo será 'A valorização da Educação Física e dos Desportos'" (p. 06).
n. 05/06 de 1969	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Florianio Monteiro	SUGESTÕES APRESENTADAS PELA AEEFD DO RS PARA O PLANO NACIONAL DE EFI, DESPORTOS E RECREAÇÃO:  2- "Estimular os educandários a realizarem campanhas de valorização da Educação Física para os pais de alunos e a comunidade em geral, por meio de palestras, cartazes, artigos nos periódicos locais, de modo a criar uma conscientização da necessidade da mesma, não só para a saúde, como também para o melhor sucesso nos estudos e na vida prática" (p. 01).  16- "Conceder bolsas de estudo, através da CAPES ou da Campanha Nacional de EFI, para cursos de pós-graduação em Técnica Desportiva e Medicina Especializada em EFI e Desportos

			<p>em Escolas de EFI do País que se propuserem realizar esses cursos com eficiência [...]” (p. 03).</p> <p>18- “Necessidade de federalizar as Escolas de Educação Física estaduais, municipais e particulares que não recebem os devidos recursos para funcionarem eficientemente, de preferência integradas em universidades” (p. 03).</p> <p>23- “Estimular nas Escolas de Educação Física que se propõem realizar pesquisas científicas sobre pedagogia, psicologia, fisiologia, fisioterapia, cinesiologia e outras ciências relacionadas com os desportos, a Educação Física e a Recreação, bem como realizar pesquisas sobre testes e provas práticas que se destinem a verificação e avaliação dos resultados da Educação Física” (p. 04).</p> <p>“<u>FEDERALIZAÇÃO DA ESEF</u> – Finalmente, depois de quase uma quinzena de anos de luta, a nossa Escola foi federalizada e integrada na Universidade Federal do R. G. S. por decreto assinado pelos 3 Ministros Militares e o Dr. Tarso Dutra, Ministro de Educação e Cultura. Parabéns aos professores, alunos e funcionários. A Escola entra agora numa nova fase” (p. 06)</p>
n. 01 de 02/03/1970	CEME	—	“Presidente da AEEFD, prof. Targa, pleiteia centro de Medicina Desportiva para a ESEF” (p. 01).
n. 02 de 30/05/1970	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	----	<p>PRIMEIRA PÁGINA: “Chegou a vez da Educação Física a batalha está ganha”:</p> <p>Notícia do início do funcionamento da Escola de EF da universidade de Santa Maria e Universidade de Passo Fundo (p. 02).</p>
n. 04/05 de 1970	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Profa. Zelira Eichenberg	ESEF NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RS (p. 04) – “Finalmente, em consequência do decreto de federalização em outubro de 1969, passou a nossa Escola a integrar a UFRGS, em 16 de Setembro, tendo sido feita a entrega da mesma pelo Exmo. Sr. Governador do Estado ao Magnífico Reitor Prof. Dr. Eduardo Faraco, com a honrosa presença do Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, Senador Jarbas Passarinho. Foi uma linda festa, com belas demonstrações dos alunos da ESEF. Mais uma vez nossos parabéns à ESEF! Abre-se assim um novo capítulo de nossa Escola, que já completou 30 anos...e que há mais de vinte vinha pleiteando sua federalização” (p. 04).
n. 01/02 de 30/11/1972	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Antônio C. Mendes Ribeiro	<p>Trabalho apresentado pelo Prof. Jacintho F. Targa no Congresso Científico do Desporto dos Jogos Olímpicos de Munique/1972: “MOTOR-TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOL” (p. 01).</p> <p>AEEFD demonstra insatisfação com o descaso do MEC e DED em relação ao Congresso Científico do Desporto em Relatório encaminhado ao Reitor da UFRGS (p. 03).</p> <p>Novas escolas de EF em Cruz Alta e Bagé (p.08).</p>
n. 03/04 de 1972	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Antônio C. Mendes Ribeiro	<p>Resumo do trabalho apresentado pelo Prof. Jacintho F. Targa no Congresso Científico do Desporto dos Jogos Olímpicos de Munique/1972: “Aprendizagem Motora na Educação Física Desportiva das Escolas” (p. 01)</p> <p>Relação de revistas especializadas conveniadas à AEEFD – nacionais e internacionais</p>
n. 01/02 de 15/02/1973	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Antônio C. Mendes Ribeiro	Notícias do III Encontro de Professores de EF realizado no RJ: finalidade – congregar os professores de Ef num movimento de defesa dos interesses da classe (p. 01).
n. 03/04 de 1973	Biblioteca Edgar	Dir. Div. Prof. Antônio	Notícias do II Congresso de Medicina Desportiva

	Sperb ESEF/UFRGS	C. Mendes Ribeiro	e I Jornada Internacional de Medicina Desportiva. ESEF foi representada por Eduardo De Rose, Luiz Settineri, Itamar Sofia do Canto com coordenação do diretor da ESEF e presidente da AEEFD Jacintho F. Targa. "Registramos com satisfação que foi um conclave que conseguiu reunir os interesses de médicos e professores de EF" (p. 04).
n. 04 de 1974	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Galileu dos Reis Frões	Federação das Associações de Professores de EF encaminhou ao Ministério do Trabalho o projeto de criação dos Conselhos Federal e Regionais dos Titulados em EF.
n. 07 de 10/03/1975	CEME	Prof. Galileu dos Reis Frões	" <u>ACOMODADOS?...</u> - Não podemos dar margem a que digam que os professores de Educação Física são "acomodados". [...] Temos ainda que batalhar para que sejam organizados os cursos de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado em Educação Física (que atualmente é apenas um sonho) para que possamos ter profissionais cada vez mais capacitados. Para que existam esses cursos uma das condições principais é que tenhamos mestres e doutores nas diversas cadeiras específicas de Educação Física para ministrarem as aulas e serem responsáveis por eles. Defendemos aqui a idéia de mandarmos professores de Educação Física para o exterior, a fim de se diplomarem como mestres e doutores para que estes, posteriormente, possam organizar em nosso país os cursos de pós-graduação. Já ouvimos dizer que isso levaria muito tempo e por esse motivo não compensaria, no entanto, revidamos prontamente afirmando que levará muito mais tempo se não começarmos. Se realizarmos o que aqui foi proposto, não daremos então, margem a que alguém possa dizer que somos "acomodados" (p. 02).
n. 08 de 1975 – 28/04/75	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Galileu dos Reis Frões	" <u>ALGUNS ASPECTOS DA PROBLEMATICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFRGS</u> " (p. 02).  "Acontece que a Universidade está estrangulada, com um orçamento que dá apenas para as suas necessidades mínimas de funcionamento, não podendo portanto dispor de verbas próprias para isso. É o dilema em que ela se encontra" (Boletim da AEEFD n. 8 de 28/04/1975, p. 04).  "Estamos na era científica do esporte" (p. 08)  "Tínhamos que passar pela fase dos cursos de especialização antes de caminharmos para os de mestrado e doutorado em Educação Física. Vos prometo que não descansarei enquanto não forem instalados esses cursos em nossa Universidade!" (p. 08).
n. 08 de 1975 – 23/05/75	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Galileu dos Reis Frões	Notícia fúnebre.  A Ética Profissional na Educação Físico-Desportivo-Recreativa – aponta a necessidade de traçar normas de conduta do professor de EF e trata do bom exemplo que o mesmo devia dar aos alunos em escolas e clubes.
n. 10 de 01/09/1975	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Washington Gutierrez	- NOTÍCIAS SOBRE A CAMPANHA PATROCINADA PELA REDE GLOBO, UNIBANCO E REDE BRASIL SUL DE COMUNICAÇÕES DENOMINADA MEXA-SE – "Campanhas promocionais dessa natureza são estímulo para continuarmos lutando para implantar o gosto pelo esporte, pelas atividades físicas em geral, e pela recreação" (p. 02).  - Código de Ética do Educador Físico-Esportivo-Recreativo:

			2. "Manter-se atualizado sobre os últimos acontecimentos científicos [...]" (p. 3).
n. 12 de 1975.	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Washington Gutierrez	- Notícias da Faculdade de EFI de Bagé: Promoção da I Jornada Técnico-Científica em EFI (entre outras). - Notícias sobre a viagem do prof. Alceu Vernieri Vaz ao México e EUA: Alceu destacou 3 aspectos da EFI americana, dentre elas a pesquisa científica (p. 3).
n. 03 de 27/08/1976	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Washington Gutierrez	Principais pontos da entrevista com o diretor da ESEF/UFRGS em dezembro de 1975: 1. Principais acontecimentos: (...) Inauguração das novas instalações do laboratório de Pesquisa do Exercício. (...) Realização do curso de especialização em Medicina Desportiva em moldes mais atualizados. (...) 7. Planos para o futuro: Pretendemos no próximo ano passar a funcionar o Curso de Especialização, que será requisito para o futuro Mestrado na área de EF, Recreação e Saúde Escolar. (...) O LAPEX foi contemplado com uma verba que permitirá ampliar suas instalações atuais, já insuficientes para abrigar a aparelhagem recebida. (...) Reformulação do currículo do Curso Superior (atribuições da Comissão de Carreira).  8. PRINCIPAIS PROBLEMAS PREOCUPAÇÕES E DIFICULDADES (DIFICULDADES MATERIAIS DA ESCOLA) – "A Escola, apesar de ter uma área de cerca de 12 hectares, ainda não pode construir instalações adequadas" – falta de salas de aula, falta de campos de futebol gramados e iluminados, falta de iluminação no Estádio de Atletismo, piscina térmica inacabada, falta de quadras cobertas, falta de auditório para conferências e cursos. (p. 04).  "Avaliação diagnóstica para os candidatos às escolas de Educação Física", trabalho apresentado pelo professor Jacintho F. Targa no Congresso Internacional de Educação Física de Jivaskila, Finlândia (p. 05).
n. 1 de 1977	Biblioteca Edgar Sperb ESEF/UFRGS	Prof. Washington Gutierrez	Notícias do IV Encontro Nacional de Professores de EFI: - Conclusões da 1ª Câmara sobre o tema: Formação de Professores de EFI: (entre outras conclusões): As Escolas de EFI deverão solicitar de seus acadêmicos trabalhos e experiências de nível científico (p. 02). - Conclusões da 5ª Câmara: Anteprojeto de lei que dispõe sobre a criação dos conselhos nacional e regionais dos titulados em EF.
n. 01 15/04/78	CEME	Prof. Washington Gutierrez	Notícia da crônica de título "Pobre Educação Física" de Antônio Boaventura da Silva em resposta ao Decreto 6.503 de 13/12/1977 que tornava a EF facultativa em todos os graus, em diversos casos específicos. Ex: aluna que tem prole.